

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA SIRLEIDY DE LIMA CORDEIRO

**ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO E *FRAMES* NO DISCURSO
JORNALÍSTICO**

RECIFE

2014

MARIA SIRLEIDY DE LIMA CORDEIRO

ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO E *FRAMES* NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos textuais-discursivos de práticas sociais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Falcone de Azevedo

RECIFE

2014

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

C794e Cordeiro, Maria Sirleidy de Lima
Encapsulamento anafórico e *frames* no discurso jornalístico / Maria
Sirleidy de Lima Cordeiro. – Recife: O Autor, 2015.
198 f.: il., fig.

Orientador: Karina Falcone de Azevedo.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2015.

Inclui referências, apêndice e anexo.

1. Linguística. 2. Jornalismo – linguagem. 3. Análise do discurso. 4.
Referência (Linguística). 5. Anáfora (Linguística). I. Azevedo, Karina
Falcone (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2015-58)

MARIA SIRLEIDY DE LIMA CORDEIRO

Encapsulamento Anafórico e Frames no Discurso Jornalístico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA, em 6/2/2015.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Profª. Drª. Karina Falcone de Azevedo
Orientadora – LETRAS - UFPE

Profª. Drª. Suzana Cortez Leite
LETRAS - UFPE

Profª. Drª. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
DEPARTAMENTO DE LETRAS - UFPB

Aos meus pais, Severino e Ivonete,
pela dedicação, confiança, ensinamentos e amor incondicional.
Meus maiores incentivadores!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça da vida, pela proteção e bênçãos concedidas.

Aos meus pais, Severino e Ivonete, pela confiança e pelo amor incondicional.

As minhas irmãs, Silvânia e Silvaneidy, e a minha tia, Severina, por me apoiarem e depositarem confiança e carinho.

A Élida, minha amiga e irmã de coração, pelo sentimento maior que ultrapassa os laços de sangue e nos une como irmãs. Obrigada pela maravilhosa e abençoada convivência da qual compartilhamos experiências e somamos alegrias e conquistas.

A minha amiga, Claudia César, pelas conversas e momentos divertidos, por torcer pelo meu sucesso e estar sempre me incentivando.

Aos meus amigos do PPGL, Felipe, Gabriela, Rebeca, Adriano, em especial a LÍlian e Vinícius. Obrigada por me proporcionarem muitas alegrias, conversas, encontros acadêmicos e não acadêmicos e, principalmente, pela amizade que foi sendo construída entre nós.

Aos meus amigos do apartamento 302B, os quais me acolheram em Recife com carinho e que contribuíram para a realização deste sonho. Em especial a Jaciel Freitas, por me incentivar e escutar meus relatos de alegria e de desespero.

A Karina Falcone, minha querida orientadora, pelas leituras atentas e orientações precisas, por ter acreditado em mim e neste trabalho. Obrigada pelo carinho, atenção, disponibilidade e pelos preciosos momentos de reflexão.

A Cinthya Melo, minha adorável mestra e primeira incentivadora, responsável pelo surgimento desta pesquisa, quem me acompanhou e contribuiu, em vários momentos importantes na realização deste estudo, e quem dedica a mim tanto amor, dedicação e atenção. Obrigada por tudo!

Aos professores do PPGL, especialmente a Beth Marcuschi, Medianeira Souza, Nelly Carvalho, Virgínia Leal, Benedito Bezerra e Dóris Cunha, pelos excelentes profissionais que são, pela simplicidade e pelos ensinamentos que levarei para a vida.

A professora Suzana Cortez, pelas preciosas sugestões na qualificação e pela atenção e disponibilidade.

A professora Marianne Cavalcante por aceitar o convite e integrar a banca de defesa dando contribuições muito importantes para este estudo.

A todos os funcionários da PPGL da UFPE, em especial a Jozaías Santos e a Diva Albuquerque pela constante disposição e boa vontade nos atendimentos burocráticos.

Ao CNPq por ter me concedido uma bolsa de estudo durante a realização do mestrado, sem essa ajuda não seria possível uma dedicação exclusiva à pesquisa.

“O discurso sobre as coisas é que cria as coisas em si”

Nietzsche

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar o encapsulamento anafórico na formação de *frames* valorativos, observando como os nomes-núcleos utilizados para compor o sintagma nominal no encapsulamento anafórico constroem a retomada textual e acionam sentidos sobre as manifestações no Brasil em 2013. Para isso, nossa investigação está fundamentada sob as bases da Linguística Textual, da Linguística Cognitiva e da Análise Crítica do Discurso. O foco desta pesquisa recai sobre o encapsulamento anafórico, um processo referencial que se configura como um importante fator de construção de sentidos e inferências da referenciação, enfatizando seus processos sociocognitivos. O encapsulamento é constituído por um sintagma nominal (demonstrativo + nome-núcleo) o qual retoma uma porção textual anteriormente descrita (CONTE, 2003), desempenhando uma função cognitivo-discursiva que constrói sentidos, ajuda na progressão temática, empacota as informações velhas e, ainda, (re)categoriza estas informações apresentando novas predicções para o discurso (FRANCIS, 2003; KOCH, 2004a; MELO, 2008). Essa função cognitivo-discursiva do sintagma nominal além de sumarizar as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, pode acionar *frames* valorativos que contribuem para a formação de ideologias e de opiniões públicas, as quais podem guiar o leitor para o entendimento tópico do texto, categorizando-o ou recategorizando-o e, ainda, constrói relações de sentido entre as porções do texto. A metodologia utilizada possui caráter essencialmente analítico e interpretativo com base na abordagem qualitativa. O *corpus* foi coletado no jornal Folha de S. Paulo de divulgação pública *on line*. É importante ressaltar que a propensão por esse veículo de comunicação justifica-se pelo alto índice de circulação desse jornal no país. A escolha do *corpus* no domínio jornalístico justifica-se pelo fato de tal domínio possibilitar a investigação e a análise do funcionamento do encapsulamento anafórico em situações comunicativas socialmente situadas e públicas, em que os aspectos sociais e cognitivos se materializam em escolhas linguísticas, sejam elas no plano lexical ou textual-discursivo. Os resultados das nossas análises apontam para o fato de que os sintagmas nominais do encapsulamento, não só encapsulam as partes precedentes como também formam *frames* com uma carga de ideologias que reflete julgamentos valorativos.

Palavras-chave: Referenciação. Encapsulamento anafórico. *Frames*. Sentido. Inferenciação.

ABSTRACT

This study aims at analyzing the anaphoric encapsulation in the construction of evaluative frames, observing how the cores-names used to compose the noun phrases in the anaphoric encapsulation enable text recovery and meaning making concerning popular manifestations in Brazil in 2013. To achieve so, our research was based on Text Linguistics, Cognitive Linguistics and Critical Discourse Analysis. The research focused on anaphoric encapsulation, a reference process that is configured as an important factor of construction of meaning and inferences of the reference, particularly its nature as a sociocognitive process. Anaphoric encapsulation is constituted by a noun phrase (demonstrative + name) that resume a previously described textual portion (CONTE, 2003) performing a cognitive-discursive function that builds meanings and help in thematic progression of the text as it gathers old information and (re)categorizes them, presenting them with new predications for discourse (FRANCIS, 2003; MELO, 2008). This cognitive-discursive function besides to summarize the information contained in previous-support segments of text, can trigger evaluative frames that contribute to the formation of ideologies and public opinion, which might lead the reader to a topic understanding of the text, categorizing it or recategorizing it, establishing meaningful relations between portions of the text. Method is essentially analytical and interpretative based on a qualitative approach. *Corpus* was collected from the online newspaper *Folha de S. Paulo*. The high rate of circulation of the newspaper in the country justifies its selection. Journalistic field was chosen based on the fact that it enables research and analysis of anaphoric encapsulation in socially situated communicative situations, in which the social and cognitive aspects are materialized by linguistic choices, either on the lexical plan or textual-discursive. The results of our analyzes point to the fact that the noun phrases of the tunnel, not only encapsulate the preceding parts as well as form frames with a load of ideologies that reflects axiological positions. Our results point to the fact that noun phrases of anaphoric encapsulation not only encapsulate the preceding portions of text, they also form frames invested with ideologies that reflect axiological positions.

Keywords: Reference. Anaphoric encapsulation. Frames. Meaning. Inference.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. REFERENCIAÇÃO, PERCURSOS INFERENCIAIS E ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO	19
1.1 Aspectos da referenciação e as atividades inferenciais	19
1.2 Anáforas diretas	24
1.3 Anáforas indiretas	28
1.4 Encapsulamento anafórico	33
2. FORMAÇÃO DE <i>FRAMES</i> NO PROCESSO DO ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO	45
2.1 <i>Frames</i> na perspectiva de Barsalou.....	45
2.1.1 Componentes fundamentais dos <i>frames</i>	47
2.1.2 Condicionantes dos <i>frames</i>	50
2.2 <i>Frame</i> e o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico: um ancorador de ideologia.....	52
3. O CONTEXTO E A INTERFACE SOCIOCOGNITIVA ENTRE IDEOLOGIA E ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO	59
3.1 Breves considerações sobre o percurso do cotexto ao contexto sociocognitivo....	60
3.2 O papel do modelo de contexto na reprodução da ideologia	65
3.3 Contexto e encapsulamento anafórico na construção de sentidos	70
4. DISCURSO JORNALÍSTICO: ANALISANDO O ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO NA FORMAÇÃO DE <i>FRAMES</i>.....	73
4.1 Aspectos metodológicos	73
4.2 Analisando os dados quantitativos	75
4.3 Manifestações no Brasil: analisando os encapsulamentos anafóricos sobre o evento	78
4.3.1 Retomadas anafóricas da categoria de análise evento	79
4.4 Manifestantes: analisando os encapsulamentos anafóricos sobre os atores sociais.....	92

4.4.1 Retomadas anafóricas da categoria de análise atores sociais	93
CNSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICE 1 - Tabela geral dos textos coletados no jornal Folha de S. Paulo com encapsulamentos anafóricos.....	111
ANEXO 2 – <i>Corpus</i> ampliado	114

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por base a Linguística Textual, envolve a Análise Crítica do Discurso e a Linguística Cognitiva para investigar o encapsulamento anafórico no discurso jornalístico sobre as Manifestações no Brasil no ano de 2013. O foco desta pesquisa recai sobre um processo da referenciação cujo sintagma nominal possui a função cognitivo-discursiva de encapsular as informações precedentes do texto, numa abordagem sociocognitiva.

Para Conte (2003), Francis (2003), Koch (2004a, 2005, 2006) e Melo (2008), o encapsulamento anafórico constitui-se como um processo de referenciação que constrói relações de sentido e de progressão tópica-textual. Pela definição de Conte (2003, p. 177),

encapsulamento anafórico é um recurso coesivo muito importante pelo qual um sintagma funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. [...] ele é claramente dependente do cotexto, segundo o qual funciona como um princípio organizador na estrutura discursiva e faz a sumarização mais curta de uma porção discursiva precedente.

Neste trabalho, expomos um estudo que analisa a anáfora encapsuladora, formada pelo sintagma nominal, pronome demonstrativo e um nome-núcleo encapsulador, pelo viés textual-discursivo e sociocognitivo. O sintagma nominal, ao encapsular a porção de texto anterior, aponta para a formação de *frames* mediados pela interação social construindo valores e versões sobre as manifestações no Brasil. O que ocorre é que o nome-núcleo do sintagma nominal pode enquadrar situações socialmente situadas, as quais mobilizam experiências sociais, históricas e culturais, individuais e coletivas, assim como, acionam inferências para a construção de *frames*.

Para Barsalou (1992), os *frames* possuem conjuntos de atributos e valores e abrangem uma variedade de informações descritivas pelas quais as pessoas conseguem representar cognitivamente alguns conceitos, englobando noções funcionais, avaliativas, etc. E é a partir do nome-núcleo do sintagma nominal que diversos sentidos podem ser construídos e acessados, constituindo *frames* diferenciados na compreensão dos leitores.

Considerando esses aspectos, este trabalho buscou responder a seguinte questão: **como os itens lexicais que constituem o sintagma nominal no encapsulamento anafórico**

ativam *frames* com valores e atributos formadores de opiniões no discurso jornalístico sobre as manifestações no Brasil em 2013?

A questão parte da hipótese de que o sintagma nominal utilizado para encapsular as porções anteriormente descritas no texto servem para organizar, enquadrar, (re)categorizar modelos mentais (VAN DIJK, 2012) construídos no contexto. Sendo assim, o leitor pode acessar e construir concepções de “verdade” dos fatos acontecidos na sociedade, uma vez que estas “verdades”, muitas vezes aceitas pela sociedade, manipulam e direcionam as opiniões públicas contra ou a favor sobre as manifestações no Brasil. Desse modo, o domínio jornalístico exerce influência na formação de opinião pública sobre tais manifestações por meio do nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico, pois de acordo com Falcone (2008, p. 72), “este domínio reproduz valores estabilizados por preconceitos e estereótipos”.

Em face dessas reflexões, elegemos, portanto, os seguintes objetivos para nossa investigação:

OBJETIVO GERAL

- Analisar o encapsulamento anafórico na formação de *frames* valorativos sobre as manifestações no Brasil em 2013, no jornal Folha de S. Paulo *online*, observando o sintagma nominal utilizado para encapsular a porção textual precedente e construir sentidos sobre tais manifestações.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Categorizar os sintagmas nominais utilizados nos encapsulamentos anafóricos sobre as manifestações no Brasil, identificando as possibilidades de sentido e de progressão tópico-textual.
- Analisar o encapsulamento anafórico como um processo de referenciação, numa abordagem sociocognitiva, que aciona *frames* valorativos que contribuem para a formação de ideologias e de opiniões públicas.

Assim, esta pesquisa se faz relevante como mais uma contribuição para os estudos da Linguística Textual associada à Análise Crítica do Discurso e à Linguística Cognitiva. No âmbito linguístico, proporciona uma contribuição no estudo dos processos de textualização e

produção de sentido, por investigar um processo referencial cuja função cognitivo-discursiva é encapsular as informações precedentes sob a forma de uma expressão nominal garantindo a coerência e a coesão do texto; e por ser um propulsor axiológico, é capaz de expressar julgamentos valorativos no discurso jornalístico. Além disso, oportuniza uma ampliação teórica e prática sobre o papel do encapsulamento anafórico na formação de *frames* no domínio jornalístico considerando o nome-núcleo do sintagma nominal como uma âncora que norteia o sentido e realiza uma rede lexical de relações de significação que são estudados nos escopos da cognição e da sociocognição (MARCUSCHI, 2003, 2004).

No âmbito social, esta pesquisa contribui com a investigação do funcionamento da língua no domínio jornalístico, pois, segundo Van Dijk (1994), os discursos contidos na mídia podem construir normas e valores que legitimam as ideologias de um grupo social específico. Como também afirmou Marcuschi (2007, p.168), “é muito difícil informar sem manipular”. Assim, vê-se que os gêneros textuais do domínio jornalístico são ações discursivas que enquadram situações linguísticas socialmente situadas e, ao mesmo tempo, são poderosas formas de manipulação e coerção social. Conforme Falcone (2008), os gêneros jornalísticos legitimam os discursos e controlam o modo como esses discursos são veiculados. Nessa perspectiva, compreende-se que tais gêneros tendem a repassar para a sociedade algumas concepções valorativas das elites dominantes.

É importante ressaltar que este estudo se aplica, ainda, ao propósito de contribuir para o fortalecimento das práticas de produção e interpretação textuais que envolvem produtor-texto-leitor, como também, sensibilizar os leitores a acessar os discursos da mídia de forma mais crítica.

Esta pesquisa faz uso de uma metodologia qualitativa. O *corpus* constituiu-se de sessenta e oito textos coletados do jornal Folha de S. Paulo entre o mês de junho e meados do mês de julho de 2013. Durante esse período de tempo, o jornal exibiu diariamente publicações sobre as manifestações no Brasil. Por conseguinte, a escolha do *corpus* no domínio jornalístico justifica-se pelo fato de tal domínio possibilitar a investigação e a análise do funcionamento do encapsulamento anafórico em situações comunicativas socialmente situadas e públicas.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, traçamos uma trajetória teórica que parte dos pressupostos da referenciação (MARCUSCHI, 2007; KOCH, 2011; MONDADA; DUBOIS, 2003) e enfatiza

as anáforas diretas e indiretas chegando até o nosso objeto de pesquisa, o encapsulamento anafórico.

No segundo capítulo, apresentamos uma discussão sobre o nome-núcleo do sintagma nominal, mostrando que o nome-núcleo encapsulador aciona *frames* que introduz objetos de discurso e (re)categoriza o tópico textual-discursivo. Para este trabalho, adotamos o conceito de *frame* na perspectiva de Barsalou (1992), que o considera como um conjunto de atributos, valores e condicionamentos que ancora ideologias e visões de mundo.

No terceiro capítulo, versamos sobre o contexto e a interface sociocognitiva entre ideologia e encapsulamento anafórico, seguindo a perspectiva sociocognitiva postulada por Van Dijk (2012). Nesse capítulo, mostramos que os modelos de contexto elaboram e orientam as relações entre a sumarização das porções textuais no nome-núcleo do sintagma nominal e as ideologias, uma vez que o sintagma nominal, com função cognitivo-discursiva, vai encapsular porções textuais precedentes e evidenciar ideologias.

No quarto capítulo, apresentamos os textos e os fragmentos mais relevantes das nossas análises, enfatizando o modo como o jornal Folha de S. Paulo encapsulou as informações sobre o **evento** e sobre os **atores sociais** nas manifestações no Brasil.

Por fim, apresentamos as considerações finais sobre as análises, retomando e relacionando questões teóricas que nortearam a discussão deste trabalho com os dados analisados, isto é, com as questões práticas. Além disso, trazemos alguns pontos de reflexão para futuras discussões.

Caracterização do corpus

Nos meses de junho e julho de 2013, o Brasil foi palco das maiores manifestações públicas já realizadas nesse início do século XXI. Inicialmente, as manifestações se desenvolveram com o objetivo de contestar o aumento de vinte centavos na tarifa do transporte público. Logo depois, a população brasileira agregou a essa reivindicação várias outras solicitações como melhorias na educação, na saúde, na segurança pública, demonstrando grande intolerância à corrupção e indignação em relação à gestão pública.

Nesse cenário, as manifestações ganharam o apoio de milhares de brasileiros demonstrando que o país está ampliando sua atuação nas reivindicações sociais. As

mobilizações foram gestadas pelas redes sociais. As plataformas digitais tornaram-se espaços fundamentais para o ativismo, uma vez que procuram difundir e compartilhar informações sobre protestos, articulações políticas, mobilizações, etc. Conforme Rodrigues (2013), as informações que guiaram as manifestações eram oriundas das redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, a partir de *fan pages* nas quais as pessoas categorizavam o movimento como “o gigante acordou”, “vem pra rua”, entre outros.

Numa breve retrospectiva na história do Brasil, Nogueira (2013) aponta outras manifestações populares dessa magnitude que já aconteceram no Brasil, como o movimento “Diretas já”, no qual a população brasileira clamava pela realização das eleições diretas para Presidente da República. Tal movimento reivindicava o fim do Regime Militar, implantado em 1964 por um golpe de Estado, que contava com o apoio de uma parte da população civil. Conforme Nogueira (2013), em 1992, outras manifestações ocorreram no Brasil pedindo o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello. A população queria a saída dele devido aos fortes indícios de corrupção do seu governo. O movimento dessa época ficou conhecido como “Caras Pintadas” pelo fato de os manifestantes pintarem em seus rostos faixas com as cores da bandeira do Brasil.

As manifestações que aconteceram nos meses de junho e julho de 2013 no Brasil ressurgiram com uma grande força juvenil, parecidas, em parte, com o movimento de 1983 e dos “caras pintadas” de 1992, inovando-se na forma de organização e de articulação de suas mobilizações. As manifestações de 2013 foram tão complexas que muitos pesquisadores ficaram instigados a explicá-las. Sobre essas manifestações, Santos¹ (2013) postula que:

[...] as manifestações que vêm ocorrendo nos últimos dias mostram a necessidade de entender um outro “Brasil”, com suas três narrativas e temporalidades [...] A primeira corresponde às oligarquias latifundiárias, às elites políticas restritas e racistas que remonta à colônia. A segunda é a da reivindicação, da democracia participativa que conduziu à Constituição de 1988, ao impeachment do Presidente Collor de Mello em 1992, às políticas públicas, especialmente na saúde e educação. A terceira tem apenas dez anos de idade e diz respeito às vastas políticas de inclusão social adotadas pelo Presidente Lula da Silva que levaram a uma significativa redução da pobreza, à criação de uma classe média com elevado pendor consumista, ao reconhecimento da discriminação racial contra a população afrodescendente e indígena.

¹ Texto intitulado de “O preço do progresso” de Boaventura de Sousa Santos. Disponível em <http://democraciaejustica.org/cienciapolitica3/node/1064>. Acesso em 19 de junho de 2014. Não possui numeração.

Santos (2013) nos chama a atenção para o fato de o quanto é importante analisar as manifestações no Brasil para construirmos pontos de vista que formem consciências críticas para compreender e interpretar as circunstâncias política, histórica, social e cultural que impactam na construção da identidade de um povo e de seus discursos.

Nessa perspectiva, suscitou-nos a curiosidade para observar o encapsulamento anafórico nos gêneros noticiosos sobre as manifestações de 2013 e os *frames* construídos a partir dos discursos midiáticos, a fim de estudar as interpretações que perpassaram os discursos deste momento e que podiam criar e dividir opiniões. O caminho escolhido foi debruçarmos-nos nos processos de referenciação, mais especificamente nos estudos das anáforas encapsuladoras, perceptíveis nos textos do domínio jornalístico.

Desse modo, achamos interessante observar como o domínio jornalístico utiliza o sintagma nominal para encapsular as informações anteriormente descritas no texto sobre as Manifestações no Brasil de 2013 e, ao mesmo tempo, direcionar julgamentos valorativos, características e sentidos sobre tais manifestações. Van Dijk (2012a) afirma que os discursos contidos na esfera jornalística apresentam essencialmente as ações e representam as opiniões das elites política, econômica e social do poder.

1. REFERENCIAÇÃO, PERCURSOS INFERENCIAIS E ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO

Este capítulo versa sobre o processo de referenciação textual anafórico e, em especial, sobre o encapsulamento anafórico. Expomos alguns pressupostos teóricos relevantes para a construção do discurso, da ação e da interação social que alicerçam a referenciação e seus objetos de discurso: língua, texto, atividade inferencial e progressão referencial.

1.1 Aspectos da referenciação e as atividades inferenciais

A referenciação é uma atividade de construção, categorização, recategorização e retomada de referentes textuais fundada em atividades inferenciais relacionadas aos enquadres tópicos que se realizam no discurso (MONDADA E BUBOIS, 2003; MONDADA, 1997; MARCUSCHI, 2003; 2004; KOCH; CUNHA-LIMA, 2004; KOCH, 2005). Nessa perspectiva, a referência é dinâmica e pode ser inferida numa relação contextual, denominada discursivamente como **objetos de discurso**, como nos aponta Mondada (1994, p. 17):

[...] objeto de discurso interessa ter em conta a imbricação das práticas cognitivas e sociais nas operações de referenciação, onde a referência é construída pela atividade enunciativa e orientada em primeiro lugar para a dimensão intersubjetiva no seio da qual ela é negociada, instaurada, modificada, ratificada.

Nessa perspectiva, um objeto de discurso está ligado às estratégias de referenciação por pronominalização e por nominalização² numa relação intrínseca com a construção de sentidos, envolvendo aspectos contextuais³ por meio de atividades inferenciais.

A referenciação é uma atividade discursiva (MARCUSCHI, 2007; KOCH, 2011; MONDADA; DUBOIS, 2003) e engloba recursos de retomada lexical anafórica que ajudam na progressão temática, na progressão referencial e na construção e reconstrução de objetos de discurso. Sendo assim, a referenciação se constitui como um processo dinâmico, cujos objetos são construídos discursivamente numa relação mediada entre os discursos e o mundo. Como afirmado por Marcuschi (2007, p. 90), “o mundo comunicado é sempre fruto de um agir

² Por este trabalho tratar-se do encapsulamento anafórico cujo nome-núcleo é axiológico, iremos adotar a estratégia de referenciação por nominalização.

³ Utilizaremos a expressão **contexto** para nos referir ao texto e contexto concomitantemente.

comunicativo ou de uma ação discursiva e não de uma identificação de realidades discretas, objetivas e estáveis”. Desse modo, a referenciação é uma atividade criativa de construção de referentes e de percepções das coisas do mundo que se constitui num processo discursivo.

As pistas de acesso para a construção do sentido estão, de alguma forma, sempre ancoradas no contexto. Por esta razão, os sintagmas nominais irão exercer a função textual-discursiva de guiar o leitor às expectativas e interesses de determinados grupos sociais com o intuito de construir objetos de discurso direcionados para a construção de opiniões, constituindo-se como um endereço cognitivo para ser retomado e (re)categorizado (KOCH, 2011). Então, referindo-se a essa questão, assim como Mondada (1994), Marcuschi (2003) considera que a referenciação é uma perspectiva teórica a qual liga questões cognitivas e envolve aspectos sobre categorização e construção de referentes tanto para se compreender o funcionamento da língua como também a organização dos textos e seus discursos.

A natureza epistemológica dos objetos de discurso apresenta-nos quatro pressupostos teóricos sob os quais a referenciação está apoiada. São eles:

- (1) a concepção de língua;
- (2) a concepção de texto;
- (3) a concepção de atividade inferencial;
- (4) a concepção de progressão referencial.

Na perspectiva da referenciação, **língua** é um fenômeno cultural, histórico e cognitivo que é sensível aos contextos e as ações interativas (MARCUSCHI, 2008). Para Clark (1996), a língua é um conjunto de ações conjuntas construídas a partir de ações individuais. Logo, a língua é uma ação social em que o indivíduo é visto como sujeito atuante nas ações interativas.

Em decorrência da perspectiva teórica de língua, a concepção de **texto** é a de Beaugrande (1997), que o vê como um evento comunicativo no qual a compreensão, a produção discursiva e as relações sociais são tidas como um ato de enxergar novos enunciados a partir de enunciados dados. Assim, as concepções de língua e de texto são atividades linguísticas que se ocupam das manifestações enunciativas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas e em determinadas condições de produção (KOCH, 2011).

Diante dessas concepções teóricas, a **atividade inferencial** (inferenciação) é fruto de uma atividade referencial situada em processos enunciativos que ocorrem em atividades de

textualização. Nessa perspectiva, os processos inferenciais são resultantes de uma variabilidade de fatores que envolvem a coerência, a progressão tópica, os conhecimentos de mundo, os conhecimentos enciclopédicos, entre outros. A atividade inferencial atribui sentidos às palavras numa atividade cognitiva situada. Para Marcuschi (2007, p.88),

dizer que algo é isso ou aquilo é dizer com base num raciocínio desenvolvido numa atividade inferencial, ou seja, com base na inserção num contexto de uma ação discursiva. Os processos referenciais, quando vistos como atividades inferenciais, são **a negação do determinismo sem ser a introdução do subjetivismo nem do perspectivismo**. [grifos nossos]

Diante dessa perspectiva postulada por Marcuschi (2007), compreendemos que os processos referenciais, quando visto como as atividades inferenciais, não são signos decodificados em níveis determinados (sintático, semântico, pragmático) nem individualizados, mas sim, uma atividade dinâmica e discursiva cuja construção de sentido será mediada pelos sujeitos em situações socialmente situadas. Logo, a construção de sentido ocorre por processos de associações e de cálculos cognitivos guiados por ações desencadeadas por um conjunto de saberes de natureza histórica, social e cultural que estão na base das categorias e dos conceitos. Nesse caso, a inferenciação é entendida como uma projeção de natureza sócio-contextual, e não como uma operação lógica em sentido estrito, porque para o enunciado ser entendido por mais de um indivíduo, ele deve permitir a projeção de sentidos (MARCUSCHI, 2000; 2003; 2007).

Nas atividades de compreensão e na construção de sentidos, a inferenciação se dá como uma ação de explicação ou de preenchimento de lacunas que conecta informações explícitas com informações implícitas, como é o caso das anáforas. Vale ainda lembrar que os processos inferenciais são resultantes de vários aspectos que envolvem progressão referencial, coerência, formação de *frames*, conhecimentos de mundo, entre outros. Assim, veremos, em capítulos posteriores, que esses aspectos norteiam as análises do *corpus*.

A atividade inferencial nos põe de frente com a questão da instabilidade e da estabilidade dos objetos de discurso. Mondada e Dubois ([1995] 2003) consideram que os objetos de discurso, pelos quais os sujeitos compreendem o mundo, não são preexistentes nem dados, porém, são elaborados nas atividades discursivas, transformando-se a partir dos contextos. Nessa perspectiva, a variabilidade de fatores que podem incidir em uma atividade

inferencial articula-se à instabilidade e à estabilidade dos objetos de discurso no aspecto linguístico e conceitual, uma vez que os mesmos serão constituídos discursivamente no texto.

Isso quer dizer que o item lexical possui uma instabilidade conceitual *a priori*. No entanto, ao ser escolhido para a tessitura de um texto, esse item lexical poderá ter uma estabilidade ou instabilidade na ação discursiva e na produção de sentidos. Para Mondada e Dubois (2003) a instabilidade e estabilidade são construídas a partir de produções sociodiscursivas dos sujeitos situadas histórica e culturalmente. Nessa perspectiva, podemos dizer que o sentido de um item lexical pode ser estabilizado numa relação dinâmica sociodiscursiva em que os conhecimentos enciclopédicos, culturais e de mundo associam-se e estabilizam o sentido do item lexical no discurso.

Outro processo muito importante para a referenciação é a **progressão referencial**, pois diz respeito à dinâmica de introduzir, retomar ou (re)ativar referentes textuais e formar as cadeias referenciais⁴. Para Koch (2013), a progressão referencial consiste na construção e reconstrução de objetos de discurso em que os referentes são construídos de acordo com nossos óculos sociais, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. Assim, a organização dos referentes é um processo dinâmico e resultante de um ponto de vista que o autor ativa ao longo do processamento textual.

Koch (2011, p. 83) pontua três operações básicas que envolvem a progressão referencial. São elas:

- (1) **ativação** – um referente textual até então não mencionado é introduzido passando a preencher um nódulo (“endereço cognitivo”) na rede conceptual do mundo textual;
- (2) **reativação** – um nódulo já produzido é novamente ativado na memória de curto termo por meio de uma forma referencial, de modo que o referente textual permanece saliente;
- (3) **de-ativação** – ativação de um novo nódulo deslocando a atenção para um outro referente textual e desativando-se o referente que anteriormente estava em foco.

⁴ As cadeias referenciais são processos auxiliares para a compreensão do texto em que o sentido pode ser encontrado por meio de processos inferenciais e associados a identificação e a retomada de referentes no fluxo discursivo (RONCARATI, 2010).

Nessas operações de progressão referencial, os referentes podem ser modificados, desativados, reativados, construídos ou reconstruídos. Isso quer dizer que a progressão referencial além de possibilitar manutenção de referentes no discurso, pode, também, projetar um novo referente que se encontra implícito. Nessa direção, entendemos haver âncoras cognitivas (ou um endereço cognitivo, (KOCH, 2011)) no texto que servem de base para a interpretação dos referentes apoiados em caminhos inferenciais sociocognitivos.

Assim, a progressão referencial caracteriza-se por uma relação de retomada e (re)ativação de informações que, por sua vez, é calculada por caminhos inferenciais e intermediada por conhecimentos enciclopédicos, linguísticos, sociais, históricos, culturais e contextuais, de maneira associativa ou correferencial. Conforme Marcuschi (2005), em geral, a relação de correferência estabelece uma equivalência semântica e, sobretudo, uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente e a relação associativa existe nas relações de modelos mentais em que não é fácil estabelecer distinções claras e rígidas entre conhecimentos conceituais armazenados na memória e conhecimentos semânticos lexicalizados, pois essas fronteiras são tênues e não há um sistema que se dê naturalmente. Ainda sobre a progressão referencial, Koch (2011, p. 84) observa que:

[...] a noção de remeter diz respeito a um movimento textual em que se dão relações não necessariamente correferenciais. Assim, o fato de se progredir mediante a atividade de remeter não envolve uma retomada, já que retomar é uma atividade particular de remissão que subentende continuidade referencial, implicando algum tipo de relação direta, seja de identidade material (caso de correferenciação), seja de não-identidade material (caso da associação).

Em face disso, entendemos que no processamento textual a progressão referencial é uma ação interativa e sociocognitiva visto que interliga atividades textual-discursivas de **referir, remeter e retomar**. Koch (2011, p. 84) estabelece a seguinte relação entre esses termos:

- (1) a retomada implica remissão e referenciação;
- (2) a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada;
- (3) a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada.

Na progressão referencial, as atividades de referir, remeter e retomar se constituem como mecanismos de construção de objetos de discurso os quais colaboram para a estabilidade ou instabilidade de sentido no texto. Koch (2011) afirma que, sucintamente,

referir é uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; **remeter** é uma atividade de processamento indicial na co-textualidade; e **retomar** é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial seja numa relação de identidade ou não. Essas atividades fundamentam, de modo dinâmico, a referenciação uma vez que a progressão referencial vai relacionar os objetos de discurso, não se importando se os mesmos objetos são recorrentes ou não.

Portanto, um referente pode ser retomado de maneira explícita ou implícita estabelecendo uma relação de correferência ou de não-correferência. No caso da atividade inferencial não-correferencial, são os conhecimentos de mundo, conhecimentos enciclopédicos, históricos, sociais e culturais que mobilizam as informações para se chegar ao referente retomado ou remetido.

Baseando-nos nessas considerações, expomos, em seguida, as anáforas diretas e indiretas envolvidas no processo de atividade referencial com correferencialidade e não-correferencialidade.

1.2 Anáforas diretas

Segundo Marcuschi (2001, p. 219), “originalmente, o termo “anáfora”, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase”. É nesse sentido que a anáfora, na abordagem clássica, era entendida, apenas, como a retomada de um referente explícito, ora por repetição do item lexical ora por pronomes (geralmente representada por pronomes pessoais do caso reto ou do caso oblíquo). Nessa concepção, a anáfora apresenta uma relação direta e de correferência (pronominal ou nominal) com o referente anteriormente citado no texto. Vejamos o exemplo (1):

(1) Geraldo Alckmin (PSDB) criticou nesta sexta-feira a manifestação contra o aumento das tarifas de transporte [...] **Ele** disse não saber se a manifestação teve cunho partidário e que a polícia iria investigar "a origem" do protesto.

Fonte: jornal Folha de S. Paulo

No exemplo (1), ilustrando a noção clássica, vemos de maneira explícita um caso de correferência em que o pronome **Ele** recupera o referente **Geraldo Alckmin**, introduzido

anteriormente sem acrescentar nenhuma informação. Para Milner (2003a), a anáfora pronominal não é nada mais que a combinação da correferência e da retomada [...] a anáfora é diretamente interpretável a partir do contexto linguístico.

Milner (2003a) ainda afirma que a anáfora pronominal estabelece uma relação simétrica de correferência uma vez que o pronome não contém nenhuma informação não-linguística. Sendo assim, para a interpretação ser possível o leitor não precisa fazer muitos esforços cognitivos⁵ e nem acessar seus saberes contextuais, pois o referente vai estar explícito e de fácil acesso para ser retomado.

De acordo com Marcuschi (2001, p. 220),

[...] essa visão clássica e linear da anáfora não considera o problema da referenciação textual em toda a sua complexidade, pois nem sempre há congruência entre a anáfora e seu antecedente, nem toda anáfora recebe uma interpretação do contexto de uma atividade de simples atribuição de referente.

A noção clássica da anáfora não apresenta os encadeamentos referenciais de maneira dinâmica, visto que o elemento anafórico retoma o referente por meio de suas formas correferenciais diretamente ligado a uma âncora presente no cotexto.

Por outro lado, isso não significa dizer que se pode (re)ativar o referente com qualquer sintagma nominal ou pronome. Pelo contrário, há restrições na anáfora direta, sobretudo as restrições no âmbito semântico em que um sintagma deve ter equivalência semântica para ser substituído por outro. E no que se refere à anáfora pronominal, tem de haver um antecedente explícito no texto. Ainda sobre essa questão, Marcuschi (2001, p. 219) apresenta a noção de anáfora direta:

[...] as anáforas diretas retomam referentes previamente introduzidos, ou seja, estabeleceriam uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Parece haver uma equivalência semântica e sobretudo uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente.

⁵ Ao falarmos de esforço cognitivo estamos nos referindo a teoria de Sperber e Wilson (1986), a qual a relevância é o equilíbrio entre efeitos cognitivos e esforço de processamento. Para esses autores: (a) Quanto maior o esforço interpretativo demandado por um enunciado, tanto menos pertinente é esse enunciado; (b) Quanto mais um enunciado produz efeitos, tanto menos é o esforço cognitivo. Nessa perspectiva, a compreensão parte do sentido do enunciado linguisticamente explícito no texto, mas vai além dele pela inferência, tendo por base o contexto cognitivo.

De acordo com Marcuschi (2001), a anáfora direta atua como uma espécie de reativação do referente de maneira direta, como um substituto do elemento retomado. Vejamos o exemplo (2):

(2) Cerca de **4.000 manifestantes** fizeram uma passeata pela região de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo, na noite dessa sexta-feira, retornaram para o largo da Batata ao término do protesto contra o aumento das tarifas de ônibus. **O grupo** chegou a fechar a marginal Pinheiros mais cedo.

Fonte: jornal Folha de S. Paulo

Neste exemplo, vemos uma anáfora direta nominal cujo sintagma nominal **o grupo** é a expressão anafórica do referente **4.000 manifestantes**. Ambos são correferentes porque se referem aos mesmos atores sociais e apresentam-se explícitos no texto. Como se pode notar, houve manutenção referencial com variação lexical e continuidade do sentido do texto, visto que a substituição do elemento anaforizado reativa uma referência feita anteriormente. Isto é, o sintagma nominal **o grupo** está reativando **4.000 manifestantes**, pois existe entre ambos uma equivalência semântica diretamente interpretável pelo cotexto⁶ linguístico. Vejamos na definição de Milner (2003, p. 94-95) essa relação de anáfora direta:

Ocorre uma relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B não é interpretável a não ser na medida em que ela retoma - inteira ou parcialmente - A. Essa relação existe quando B é um pronome no qual a referência virtual não é estabelecida a não ser pela interpretação de um "N" que o pronome "repete". Ela existe igualmente quando B é um "N" em que o caráter definido - isto é, o caráter de identidade do referente - depende exclusivamente da ocorrência, no contexto, de um certo N" - com efeito, geralmente, o mesmo do ponto de vista lexical.

Sobre essa definição, é necessário discutir a relação direta que o autor atribui às unidades A e B. Quando A é um nome e B é um pronome (no caso da anáfora pronominal), o pronome **B** necessariamente vai se referir ao referente **A**. Vimos isso no exemplo (1), quando **Geraldo Alckmin (A)** foi retomado pelo pronome **Ele (B)**. Em outras palavras, o pronome **B** está repetindo o referente **A** sem alterar ou ampliar o seu sentido.

Por outro lado, quando a anáfora direta é nominal, o referente **B** busca identificar o mesmo sentido a partir do conteúdo e da equivalência semântica da expressão anaforizada **A**.

⁶A noção de cotexto é uma visão da fase inicial das pesquisas sobre o texto, em que o contexto era visto apenas pelo entorno do próprio texto (Koch, 2011).

É o que ocorre no exemplo (2): Cerca de **4.000 manifestantes (A)** fizeram uma passeata [...] **O grupo (B)** chegou a fechar [...]. O anaforizante **B** estabelece uma correferência de sentido com o sintagma nominal **A**, visto que essa cosignificação é uma interpretação que se refere ao cotexto. Então, nesses casos, Milner (2003) afirma que é condição necessária a relação entre a anáfora e um **antecedente textual**, isto é, a relação entre A e B deve existir ancorada no cotexto. Explicando a perspectiva de Milner (2003), Marcuschi (2001, p. 221) postula que:

[...] a argumentação de Milner é a mesma da maioria dos autores que adotam essa posição, isto é, um termo, seja ele um nome ou um SN definido, quando tem autonomia referencial, pode referir independentemente do contexto textual. Já o pronome não pode atuar assim, porque não tem autonomia referencial. (...) Se entre A e B existir uma relação semântica prévia, independente do texto, devem A e B, nesse caso, ser no mínimo sinônimos ou, no caso ideal, uma repetição do mesmo termo. Para o caso de pronomes, deve ocorrer um antecedente como ponto de ancoragem interpretativa, já que pronomes não tem autonomia referencial.

Para Marcuschi (2001), a argumentação de Milner (2003) é restrita conceitualmente porque um sintagma nominal pode ter autonomia referencial e não depender apenas do texto, já que os processos de referenciação e inferenciação irão ancorar os conhecimentos contextuais. Dessa forma, percebemos que a definição de anáfora elaborada por Milner exige uma identidade referencial definida, isto é, **A é igual a B**. Nesse sentido, A e B devem ter, no mínimo, uma equivalência semântica, ou até mesmo uma repetição do próprio sintagma nominal. Portanto, A e B são dependentes do texto e B depende fundamentalmente de A. Observemos, na figura (1), a esquematização da anáfora direta elaborada por Kleiber, Scnecker e Ujma apresentada no trabalho de Marcuschi (2007c):

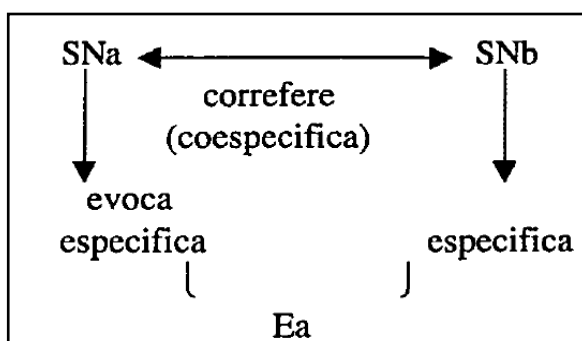


Figura 1. Esquematização da anáfora direta elaborada por Kleiber, Scnecker e Ujma (1991, p. 221)

Para esse esquema, o autor explica que um **SNa** (um sintagma nominal na função de antecedente) evoca e especifica um referente. Já no **SNb** (um sintagma nominal ou um

pronome) apenas coespecifica e correfere. A sigla **Ea** indica que a especificação é apenas uma, visto que se trata de uma **reativação** do referente. Dentre essas informações, baseados nos estudos de Marcuschi (2001), podemos constatar os seguintes aspectos mais recorrentes nas anáforas diretas:

- (1) nas anáforas diretas, o referente pode ser reativado explicitamente;
- (2) não há alterações discursivas nem referenciais no referente;
- (3) embora haja progressão referencial, o grau de elementos contextuais e interpretativos é mínimo, isto é, o referente é facilmente retomado e identificado com as indicações do próprio texto.

Como se pode constatar, a anáfora direta é de natureza referencial e de equivalência semântica visto que estabelece uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente, como também é mais fácil de ser recuperada e identificada na progressão referencial. Desse modo, esse tipo de anáfora vai tratar de uma reativação de referente em que o que está contido no texto é suficiente.

Para dar continuidade ao nosso trabalho, discorreremos sobre as anáforas indiretas visto que elas ampliam os conceitos de anáforas (clássicas) e tem como base a abordagem discursiva e a sociocognitiva, como veremos adiante.

1.3 Anáforas indiretas

Como mencionado anteriormente, a anáfora indireta é um fenômeno mais complexo do que a anáfora direta, já que necessita e depende de uma série de processos cognitivos e inferenciais que são decisivos na atividade de textualização e construção de sentido. A anáfora indireta é construída no processo discursivo e é uma estratégia de progressão referencial que (re)categoriza os referentes anteriormente citados e, ao mesmo tempo pode ser entendida como uma (re)ativação de referentes implícitos que se ancoram no texto e no universo contextual.

A anáfora indireta não retoma nem pontualmente, nem explicitamente os elementos anteriores, ou seja, a anáfora indireta trata-se de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente explícito, cuja ocorrência pressupõe associação e inferenciação

(Koch, 2011). Esse tipo de anáfora depende de uma interpretação de um objeto âncora localizado no texto que desencadeie informações estocadas em nossa memória por meio dos aparatos cognitivos e contextuais. No trabalho de Marcuschi (2001), há uma definição de anáfora indireta proposta por Schwarz (2000), na qual a autora afirma que:

[...] no caso da anáfora indireta trata-se de expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que tem duas funções textuais: a introdução de novos referentes (ate aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global (Schwarz, 2000, p. 49 *apud* Marcuschi, 2001, p. 223).

Nessa mesma perspectiva, há uma esquematização da anáfora indireta elaborada por Kleiber, Schnedecker e Ujma (1991), no estudo de Marcuschi (2001), que merece ser exposta. Vejamos a figura (2):

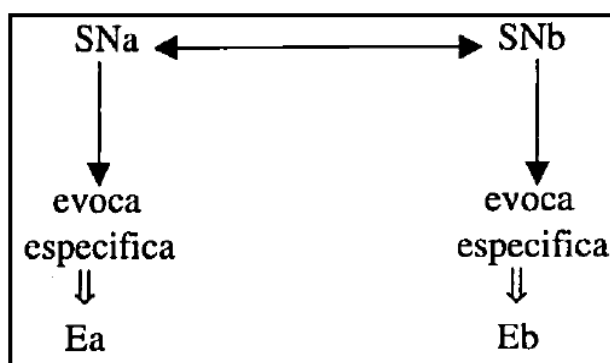


Figura 2. Esquematização da anáfora indireta elaborada por Kleiber, Schnedecker e Ujma (1991, p. 222)

Nesse esquema, o **SNa** **evoca e especifica** um referente representado na figura por **Ea**; e o **SNb** também **evoca e especifica** um referente representado na figura por **Eb**. Sendo assim, o **SNb** é o elemento anafórico; o **Ea** e o **Eb** estabelecem uma relação referencial baseadas em processos discursivos e cognitivos por algum tipo de associação semântica para ser interpretado por processos inferenciais.

Para Marcuschi (2001), tal definição é provisória porque o elemento anafórico **não** se limita apenas aos sintagmas nominais e às informações para a retomada, nem se restringe apenas ao que está explícito anteriormente no texto. Marcuschi propõe uma ampliação nessa noção, argumentando que os itens pronominais também podem se configurar como elementos anafóricos e que a **ativação de novos referentes** é projetada na estrutura linguística a partir de uma âncora textual que motiva relações inferenciais retrospectivas e contextuais. Com esta

ampliação teórica, embora não chegue a ser uma mudança substancial conforme afirma Marcuschi (2001), as anáforas indiretas ganham um acréscimo e há um aumento nos tipos de anáforas indiretas. Vejamos a definição de Marcuschi (2001, p. 224) sobre as anáforas indiretas:

no caso da anáfora indireta trata-se de expressões definidas [*e expressões pronominais*] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões [*ou informações constantes*] da estrutura textual precedente [*ou subsequente*] e que tem duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global. (grifos do autor)

O elemento anafórico não estabelece uma relação de correferência, mas funciona como uma âncora que é decisiva para a interpretação do elemento anafórico. Dessa forma, a interpretação de uma anáfora indireta, diferentemente da anáfora direta, dá-se como a construção discursiva de um novo referente.

As anáforas indiretas se mostram como elementos não-correferenciais, orientadas por processos inferenciais bem como por elementos contextuais e situacionais. Assim, as anáforas indiretas apresentam-se como uma maneira de observar a relação associativa e implícita entre o referente e a expressão exibida no texto.

De modo geral, o que podemos observar é que as anáforas indiretas possuem uma relação entre o elemento anafórico e a âncora, uma vez que essa âncora ativa e indica, a partir do item lexical, informações tanto conceituais quanto semânticas. Para Koch (2011, p. 109-110), há três classificações de anáforas indiretas. São elas:

- (1) do tipo semântico – baseadas no léxico;
- (2) do tipo conceitual – baseadas no conhecimento de mundo (esquemas);
- (3) do tipo inferencial – inferencialmente baseadas.

As estratégias cognitivas perpassam estes três tipos de anáforas indiretas. No tipo semântico, os conhecimentos são baseados no léxico; no tipo conceitual, os conhecimentos são baseados em conhecimentos de mundo, enciclopédicos e em modelos mentais; e por fim, o tipo inferencial. Nesse último tipo, há uma espécie de interligação com os demais, pois as inferências estabelecem uma relação de coerência informacional ao longo do texto que são ativadas por meio do item lexical de maneira explícita ou implícita que, por sua vez, são baseados nos conhecimentos de mundo, enciclopédicos e contextuais armazenados na mente.

Para melhor ilustrar os tipos de anáforas indiretas (AIs), apresentamos o *continuum* anafórico das AIs, o qual mostra em forma de diagrama que a âncora pode ser **semântica** (por meio do item lexical), **conceitual** (por meio de esquemas cognitivos) ou **inferencial** (por meio de mecanismos textuais). Resta lembrar que este diagrama é elaborado por Marcuschi (1991) e é uma versão ampliada da esquematização produzida por Kleiber, Schnedecker e Ujma (1991).

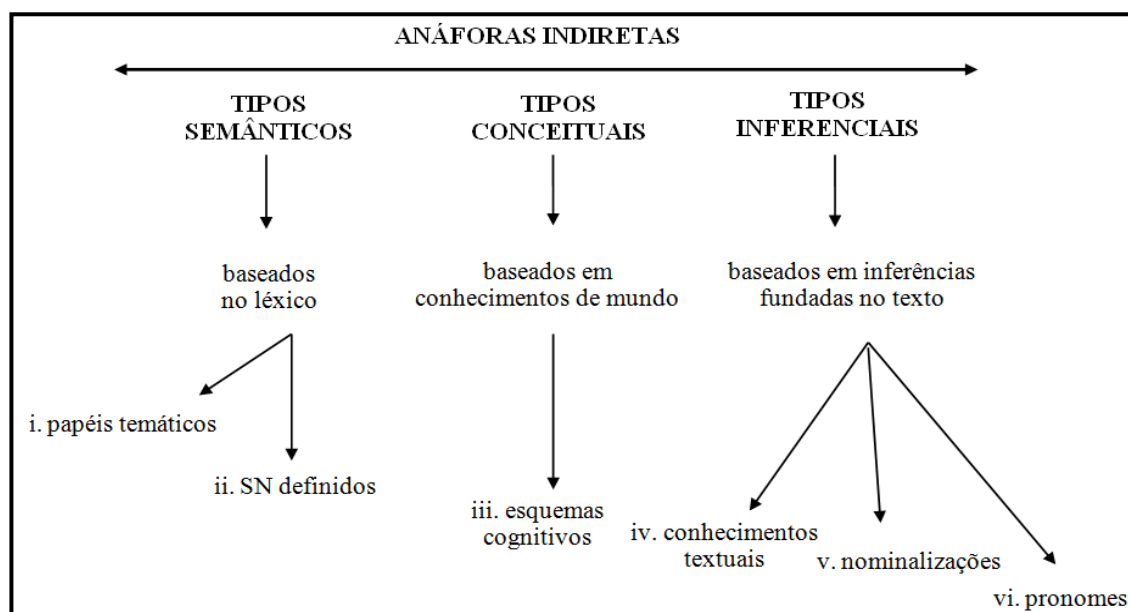


Figura 3. *Continuum* das anáforas indiretas (Marcuschi1991, p.244)

Nessa esquematização, na figura (3), Marcuschi (2001) postula que as anáforas indiretas estão subdivididas em tipos semânticos, tipos conceituais e tipos inferenciais. Nos tipos semânticos, as anáforas indiretas são:

- a) **baseadas em papéis temáticos dos verbos** em que os verbos possuem uma estrutura sintática e semântica, que por vezes, estabelecem uma relação inferencial mais fácil de recuperar a informação do elemento anafórico;
- b) **baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais definidos**, nesse caso, as relações referenciais se dão por meio das meronímias, hipo/hiperonímias e nos compostos lexicais. Assim, o elemento anafórico mantém uma

relação de associação de maneira explícita já que a equivalência semântico-referencial dos sintagmas nominais definidos é fácil de ser interpretada.

Nos tipos conceituais, as anáforas indiretas são:

- c) **baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais**, nesse caso, as anáforas indiretas são ancoradas em modelos mentais usualmente chamados de *frames*, cenários, esquemas, scripts, etc. Dessa forma, o item lexical projeta informações implícitas armazenadas em nossa memória, de modo que, os esquemas cognitivos (*frames*) ancoram o elemento anafórico (o referente) e tendem a gerar novos referentes de ordem cognitivo-discursiva dando progressão referencial e continuidade de sentido ao texto. Por conseguinte, as anáforas indiretas, baseadas nesse subtipo, “não são ligadas necessariamente a itens lexicais específicos, mas podem ser ativados por eles” (Schwarz, 2000 *apud* Marcuschi 2001, p. 228).

Nos tipos inferenciais, as anáforas indiretas são:

- d) **baseadas em inferências ancoradas no modelo de mundo textual**, nesse caso, a atividade cognitiva para agir com as anáforas é maior do que com os subtipos anteriores, visto que ativa determinados conhecimentos de mundo e informações variadas que se ancoram no universo textual. Assim, as estratégias inferenciais serão mobilizadas e maximizadas pelo conjunto de conhecimentos textuais;
- e) **baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações**, ocorre uma relação direta entre as anáforas com algum verbo ou nominalizações de porções textuais inteiras. Em geral, esse subtipo **não** se caracteriza como anáfora direta porque não retoma nem refere pontualizadamente o referente, conforme Marcuschi (2001).
- f) **baseadas por pronomes introdutores de referentes**, nesse subtipo, os pronomes têm um comportamento distinto do conceito da anáfora direta, uma vez que os pronomes, comumente, tendem a retomar ou substituir o elemento anafórico sem acrescentar nenhuma informação nova. Por outro lado, na perspectiva da anáfora indireta, o caso é diferente, porque quando o referente é retomado por pronomes acontecem novas ativações de referentes com bases em informações prévias que aparecem no discurso.

Uma vez comentado cada subtipo de anáfora indireta, é importante apontarmos que os subtipos **a**, **c** e **d** são os mais relevantes para a construção deste estudo sobre o encapsulamento anafórico, pois os papéis temáticos, os esquemas cognitivos (*frames*) e as inferências ancoradas no modelo de mundo textual exercem uma relação intrínseca com o conceito e com a função do encapsulamento anafórico na construção de sentidos no discurso.

1.4 Encapsulamento anafórico

Trata-se de um processo de referenciação cujo sintagma nominal tem a função cognitivo-discursiva de encapsular as informações da porção textual já explicitada anteriormente e de construir relações de sentidos no texto. Autores como: Conte (2003), Koch (2004a, 2006, 2011) e Melo (2008) asseveram que o nome-núcleo que compõe o sintagma nominal no encapsulamento anafórico apresenta o modo como se deve acessar as informações dos enunciados encapsulados, como também, organiza o tópico discursivo, cria, categoriza e recategoriza referentes discursivos ao longo do discurso. É por essa perspectiva que vamos abordar o encapsulamento neste trabalho.

Entretanto, para aprofundarmos a nossa discussão sobre o encapsulamento anafórico, cabe destacar, em ordem cronológica, um pequeno esboço de concepções e estudos realizados na direção do que se tem discutido sobre o funcionamento desse processo de textualização e construção de sentidos. São eles:

1. **Porzig⁷(1934), numa perspectiva semântica**, desenvolveu uma noção de campo semântico que foi fundada sobre as relações de sentido entre pares de palavras ou lexemas sintagmaticamente conectados. Porzig (1934) apresenta a importância da relação sintagmática entre um substantivo e um verbo, ou um substantivo e um adjetivo. Para o autor, os dois lexemas são unidos por um significado-relação essencial, ou seja, dificilmente se poderia explicar o significado do verbo "latir", sem

⁷ PORZIG, W. Wesenhafte Bedeutungsbeziehungen. In: **PBB (Beiträge zur Geschichte der deutschen Sprache und Literatur)** 58. 70 -97, 1934.

mencionar "cão" ou ainda de "loira", sem mencionar "cabelo" (PORZIG⁸ *apud* LAIFA);

2. **Ewald Lang (1973), numa perspectiva textual**, propôs o termo *einordnungsinstanz*. Este termo foi denominado para explicar um fenômeno textual diferente em que uma sentença final produz integração semântica de proposições não relacionadas (LANG, 1973 *apud* CONTE, 2003, p. 184);
3. **Moirand (1975)⁹, numa perspectiva de análise dialógica do discurso**, afirma que, em termos de escrita, a **nominalização** ajuda o escritor a avançar o sentido do discurso, facilitando, assim, a sequência das proposições. Nesse caso, o enunciado anteriormente descrito fica sujeito a um comentário no enunciado seguinte. Tal nominalização abrange, basicamente, toda ou parte de um enunciado que precede, enfatizando, assim, a unidade da mensagem entendida pelo escritor. A esse processo de nominalização, dá-se o nome de **anáfora conceptual** porque envolve o uso do demonstrativo, predeterminante e necessário para a evocação de um "objeto de pensamento" na mente do escritor e do leitor, por memorização de um contexto anterior. No discurso escrito, a anáfora conceptual ocorre nos processos de argumentação;
4. **Halliday e Hasan (1976), numa perspectiva textual**, apresentaram a **noção de função coesiva dos nomes genéricos**. De acordo com os autores, os nomes genéricos *o homem, a coisa, a gente*, etc, estão na fronteira entre coesão gramatical e lexical (determinante + nome geral). Dessa forma, a coesão lexical acontece por membros

⁸ Em Porzig (1934) vemos, nestes lexemas sintagmaticamente conectados, a noção do encapsulamento, uma vez que uma palavra pode encapsular um sentido, isto é, ao mencionar a palavra "loira" o sentido de "cabelo" será encapsulado.

⁹ Partes do texto de Moirand (1975), em francês, que enfatiza a **nominalização/ anáfora conceptual**: sur le plan de l'expression écrite, **la nominalisation** aide le scripteur à avancer dans le discours, facilitant ainsi l'enchaînement des propositions. Le procédé semble ici assez proche du mécanisme que l'on a décrit sous le nom de « coordination » (la terminologie vient ici de C. Bally) : un énoncé une fois posé se transforme en thème et l'énoncé qui suit est un commentaire à propos du précédent. [...] La reprise nominalisée d'un verbe, qui reprend en fait le tout ou une partie de l'énoncé qui précède, soulignant ainsi l'unité du message encode par le scripteur. l'anaphore renvoyant à un segment du texte relativement court. Il semblerait ici que ce soit l'inverse, la nominalisation, « coiffant », sur le plan conceptuel, l'énoncé de référence, jouant ainsi un rôle du hyperonyme plutôt que de parasyonyme. [...] Nous donnons le nom **d'anaphore conceptuelle** à cette procé dure de nominalisation qui implique l'utilisation du démonstratif ce (ou de un tel), prédéterminants nécessaires au rappel d'un « objet de pensée » présent dans l'esprit du scripteur et du lecteur, par mémorisation d u contexte antérieur. Dans le discours écrit, l'anaphore conceptuellel elève pour nous des procédés d'argumentation. [grifos nossos]

superordenados (hiperônimos) agindo como sinônimos dos itens a eles subordinados (hipônimos) e a coesão gramatical acontece por funcionar como itens de referência anafórica;

5. **Lyons (1977), na perspectiva da linguística descritiva**, utilizou o termo **encapsulamento** para se referir ao fenômeno lexical de inclusão sintagmática. De acordo com esse autor, por exemplo, a ideia expressa em “latir” (‘to bark’) encapsula o sentido de “cachorro” (‘dog’). Tal fenômeno já fora apontado por Porzig (1934);

6. **Conte (1980; 1981¹⁰; 1996/ 2003), numa perspectiva textual**, apresenta o termo **encapsulamento anafórico**. De acordo com a autora, encapsulamento anafórico é um recurso coesivo pelo qual um sintagma funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. O sintagma nominal anafórico é construído com um nome geral como núcleo lexical e tem uma clara preferência pela determinação demonstrativa. Pelo encapsulamento anafórico, um novo referente discursivo é criado sob a base de uma informação velha; ele se torna o argumento de predicções posteriores. Como um recurso de integração semântica, os sintagmas nominais encapsuladores rotulam porções textuais precedentes; aparecem como pontos nodais no texto. Quando o núcleo do sintagma nominal anafórico é axiológico, o encapsulamento anafórico pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor. Finalmente, o encapsulamento anafórico pode também resultar na categorização e na hipostasiação * (“hypostasis”) de atos de fala e de funções argumentativas no discurso (CONTE, 2003, p.177);

7. **Francis (1986¹¹; 1994/2003), numa perspectiva sistêmico-funcional**, apresentou um trabalho em 1986 com o título de “*Anaphoric Nouns*” (nomes anafóricos), ou seja, nomes gerais com alto potencial anafórico. Esse autor começou a copilar listas de nomes que sumariam informações (CONTE, 2003, p.180). Gill Francis em seu trabalho, “Rotulações do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais”

¹⁰ CONTE, Maria-Elizabeth. **Text deixis und Anapher**. Kodikas/ Code 3. p.121 – 132, 1981.

_____. **Condizioni di coprenza**. Ricerche de linguística testuelle. Firenze: La Nuova Italia. 1988.

¹¹ FRANCIS, Gill. **Anaphoric Nouns**. Birmingham; English Language Research (Discourse Analysis monograph, 11).

classifica esses nomes gerais de **rótulos**, dentre esses, destacamos aqui, o retrospectivo, segundo o qual serve para encapsular ou empacotar uma extensão do discurso anteriormente descrita. O critério maior para identificar um grupo nominal anaforicamente é que não há nenhum grupo nominal particular a que ele se refira, isto é, não é uma repetição ou uma recategorização (por meio de um sinônimo, por exemplo) de um elemento precedente. Em vez disso, ele é **representado como equivalente** à oração ou orações anteriormente descritas. O rótulo retrospectivo se justifica pela substituição de uma ou mais orações do texto, pois se refere a uma extensão do discurso, operando uma sumarização do dizer e, ao mesmo tempo, indicando ao leitor exatamente a extensão do discurso que deve ser interpretada. Sendo assim, fornece o esquema referencial dentro do qual o argumento subsequente é desenvolvido (FRANCIS, 2003);

8. **Koch (2004a, 2011), numa perspectiva textual e sociocognitiva**, afirma que as expressões nominais referenciais desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas, dentre elas, destaca-se a de **encapsulamento (sumarização) e rotulação**. Essa função cognitivo-discursiva sumariza as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob a forma de uma expressão nominal e transformando-as em objetos de discurso. Os elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto precedente, possibilitam a sua (re) ativação na memória do interlocutor, ou seja, a alocação ou focalização na memória ativa (ou operacional) deste; por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização dos referentes, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa. A interpretação dessas anáforas exige ao receptor a capacidade de interpretação de informações adicionais. **Melo (2008), também numa perspectiva textual e sociocognitiva**, postula que o encapsulamento anafórico constrói atividades de referenciação, nas quais o sentido indicado pelo sintagma nominal encapsulador apresenta um modo de compreensão, uma possibilidade interpretativa que é inferida por uma construção inferencial por evidências sociocognitivas, a partir do conteúdo anteriormente expressado.

Na trajetória apresentada, observamos que existe uma relação de construção de sentido que tanto corresponde ao cotexto, como expõe elementos contextuais, materializados pelas escolhas dos itens lexicais nos processos de referenciação. Para este estudo, interessa-

nos especificamente ancorar as nossas discussões nas concepções teóricas textuais e sociocognitiva que envolvem o encapsulamento anafórico, postuladas por Conte (2003), Francis (2003), Koch (2004a, 2011) e Melo (2008).

Para se chegar a esse termo, várias categorizações foram utilizadas para explicar tal processo de referenciação. Ao fazer uma retrospectiva nas nominações atribuídas ao encapsulamento anafórico, observamos que Moirand (1975) o classifica de nominalizações ou anáfora conceptual; Halliday e Hasan (1976) o denominam de nomes genéricos; Francis (1986; 1994/2003) o chama de rótulos; Koch (2004a) o aborda como sumarização/encapsulamento; Conte (1980; 1981; 1996/2003) e Melo (2008) adotam o termo encapsulamento anafórico. No âmbito teórico, evidenciamos algumas perspectivas, dentre elas destacamos: Moirand (1976), numa perspectiva de análise do discurso; Conte (1980; 1981; 1996/2003) e Ewald Lang (1973), numa perspectiva textual; Francis (1986; 1994/2003), numa perspectiva sistêmico-funcional; e ainda, Koch (2004a) e Melo (2008), numa perspectiva textual e sociocognitiva.

O encapsulamento anafórico é um processo de referenciação que constrói relações de sentido e de progressão tópica-textual. De acordo com Conte (2003), o encapsulamento anafórico é constituído preferencialmente por um pronome demonstrativo (PD) + um nome núcleo, que sinaliza a retomada de uma porção textual anteriormente descrita no texto.

Vale lembrar que esse **sintagma nominal** do encapsulamento anafórico é preferencialmente composto por um pronome demonstrativo devido ao seu intrínseco poder dêitico, ou seja, de apontar e sinalizar a porção textual anaforizada e devido, também, a afinidade existente entre os termos avaliativos (nome-núcleo encapsulador) e os pronomes demonstrativos (CONTE, 2003). Francis (2003) também postula que os rótulos retrospectivos são, por vezes, precedidos de um dêitico específico como: *este*, *esse* e *aquele*. Ainda sobre essa questão, de acordo com Zamponi (2001, p. 145),

o demonstrativo traz o novo seja porque introduz um referente no discurso, seja porque situa um referente em um novo universo de consciência. Assim, o sintagma nominal demonstrativo (SND) não serve para marcar a continuidade pura e simples de uma menção anterior, mas ele leva sempre o novo no sentido de marcar seja a saliência do referente, seja uma modificação do estatuto temático.

Portanto, o pronome demonstrativo é importante na composição do sintagma nominal porque exerce uma função localizadora que remete a uma porção textual

anteriormente descrita e, também, tem a tendência de apontar as informações diluídas no texto. Ambas as funções mostram que o pronome demonstrativo aparece no momento de identificar a parte retomada e, ao mesmo tempo, de prospectar uma fase mais avançada na argumentação do texto. É nesse processo que encontramos o diferencial do encapsulamento anafórico, em comparação aos outros tipos de anáforas. O sintagma nominal, na função cognitivo-discursiva de encapsulamento, empacota uma grande ou pequena **porção textual**, anteriormente descrita, criando um novo referente; e **não** retomando ou recategorizando **um referente pontual/o mesmo referente**.

Por conseguinte, ao identificar um sintagma nominal com função cognitivo-discursiva de encapsulamento anafórico, é importante observar tanto o pronome demonstrativo quanto o nome núcleo, pois o pronome demonstrativo vai apontar para a porção contextual anaforizada e o nome núcleo vai funcionar, com características avaliativas, como um ponto de partida para dar sequência ao tópico textual. Desta forma, o encapsulamento anafórico constitui-se como um processo referencial que se configura como um importante fator de construção de sentidos e inferências, justificando o seu estudo no processo de referenciação e de textualização.

De tudo isso que foi exposto, podemos apresentar o trabalho de Conte (1996), Francis ([1994] 2003), Koch (2004a, 2006, 2011) e o de Melo (2008) como pontos de partida e de articulação para o desenvolvimento de nossas discussões. Observemos o conceito de Conte (2003, p. 177):

Encapsulamento anafórico é um recurso coesivo pelo qual um sintagma funciona como **uma paráfrase¹² resumitiva de uma porção precedente do texto**. O sintagma nominal anafórico é construído com um nome geral como núcleo lexical e tem uma clara preferência pela determinação demonstrativa. Pelo encapsulamento anafórico, um novo referente discursivo é criado sob a base de uma informação velha; ele se torna o argumento de predicções posteriores. Como um recurso de integração semântica, os sintagmas nominais encapsuladores rotulam porções textuais precedentes; aparecem como pontos nodais no texto. Quando o núcleo do sintagma nominal anafórico é axiológico, o encapsulamento anafórico pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor. (grifos nossos)

Nessa definição, o encapsulamento anafórico é pautado nas informações do texto, uma vez que a autora postula que se trata de “**uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto**”. Dessa forma, o encapsulamento realiza uma retomada da porção

¹² Não pretendemos discutir as teorias da paráfrase e nem as suas formas de ocorrência nesta pesquisa.

textual que mantém ou muda a continuidade do sentido do texto, uma vez que o **sintagma nominal** (elemento encapsulador) empacota as informações de maneira mais próxima possível com o que foi dito anteriormente.

Koch (2004a, p.70) afirma que o sintagma nominal na função cognitivo-discursiva de encapsulamento “sumariza as informações-suporte contidas em segmentos textuais contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob forma de uma expressão nominal e transformando-a em objetos de discurso”. Assim, podemos compreender que o nome-núcleo escolhido para compor o sintagma nominal no encapsulamento anafórico está relacionando ao sentido das informações anteriormente descritas, o qual, por sua vez, conduz os leitores à interpretação e à compreensão dos conteúdos discursivos, apresentando um modo de compreensão da porção anaforizada (KOCH, 2006).

Diante disso, o sintagma nominal com função cognitivo-discursiva de encapsulamento anafórico constitui-se como um processo de referenciação o qual empacota as informações velhas e (re)categoriza estas informações apresentando novas predicções para o discurso (FRANCIS, 2003; KOCH, 2004a, 2006, 2011; MELO, 2008), por meio de dois caminhos percorridos pelos nomes-núcleos do sintagma nominal, são eles:

- i. retomada anafórica por meio de nomes-núcleos que recaem sobre o **dito**, isto é, recaem sobre nomeações e categorizações de forma aparentemente ‘**neutra**’
- ii. retomada anafórica por meio de nomes-núcleos que recaem sobre o **modo de compreensão** do que foi **dito**, isto é, recaem sobre nomeações e categorizações de forma axiológica e com função predicativa.

A partir dessas retomadas anafóricas, os nomes-núcleos dos sintagmas nominais encapsulam as informações-suporte construindo sentidos cujos percursos referenciais e inferenciais materializam-se como um modo de compreensão das informações anteriormente descritas que expressam julgamentos valorativos (KOCH, 2004a, 2006; MELO, 2008). Conforme Koch (2004a), os nomes-núcleos veiculam informações relevantes às quais põem em ação atividades cognitivas que exigem a capacidade de interpretação e de informação adicional.

Na retomada anafórica (i) que recaem sobre o **dito**, os nomes-núcleos são construídos a partir das sentenças anteriores texto por meio de nomeações e categorizações de forma aparentemente ‘**neutra**’. Isso significa dizer que as informações precedentes são de base textual, isto é, estão **necessariamente no texto** e os nomes-núcleos encapsulam porções textuais de maneira mais próxima possível do que foi dito anteriormente, sem alteração de sentido entre as partes do texto. Vejamos o exemplo (3):

(3) **De Alphaville, o enclave de classe média alta, a Pirituba, o bairro pobre da zona oeste. De Perdizes, a região de classe média na zona oeste, a Poá, a cidade operária nas franjas do ABC paulista.**¹³ São **nesses locais** nada homogêneos que moram 13 das 19 pessoas detidas anteontem nas manifestações contra o aumento das tarifas [...]

Fonte: jornal Folha de S. Paulo

Nesse exemplo (3), temos o nome-núcleo **locais**, este que recai sobre o que foi dito de forma aparentemente ‘**neutra**’ (Koch, 2006). Sendo assim, o sintagma nominal, **nesses locais**, encapsula a porção textual **De Alphaville, o enclave de classe média alta, a Pirituba, o bairro pobre da zona oeste. De Perdizes, a região de classe média na zona oeste, a Poá, a cidade operária nas franjas do ABC paulista** e, ao mesmo tempo, nomeia uma extensão do discurso que estabelece uma relação de sentido muito próxima com a porção precedente, ou seja, retoma uma parte do texto facilmente identificada com a intenção de progredir o tópico discursivo, criando um novo referente, mas sem alteração de sentido. Esse exemplo (3), de acordo com Francis (2003) são “rótulos retrospectivos em ambientes lexicais compatíveis”.

Na retomada (ii), os nomes-núcleos recaem sobre o **modo de compreensão** do que foi **dito** de forma axiológica e com função predicativa (CONTE, 2003; KOCH, 2006). Nessa perspectiva, o nome-núcleo do sintagma nominal empacota as informações anteriormente descritas acrescentando algo novo situado no velho, com julgamentos valorativos e é inferido a partir de informações do texto e por meio de conhecimentos socialmente compartilhados. Vejamos o exemplo (4) referente à retomada (ii):

¹³ Exemplo retirado da reportagem da Folha de São Paulo. Título da reportagem: Perfil dos detidos vai de Poá a Alphaville, publicado no dia 13/06/2014.

(4) Como as manifestações não têm líderes assumidos nem organicidade, o trabalho de infiltração fica prejudicado e **todo o trabalho de inteligência do Exército está focado nas redes sociais, 24 horas por dia.**

É com base **nesse monitoramento** que o Comando do Exército avalia que não há como tranquilizar o ministro e o presidente de que o pior já passou.¹⁴

Fonte: jornal Folha de S. Paulo

Como podemos ver, o nome-núcleo **monitoramento** é uma explicitação ampla da porção textual: **trabalho de inteligência do Exército está focado nas redes sociais, 24 horas por dia.** Outras opções de nomes-núcleos poderiam ter sido escolhidas, no exemplo (4), e que estariam mais próximas do que foi dito anteriormente, como por exemplo: **nessa atividade, nesse projeto.**

Nesse exemplo (4), o sintagma nominal **nesse monitoramento** representa, além da categorização da porção antecedente do texto, destacado em negrito, a capacidade de interpretação de informação adicional que é ancorado por uma associação de ideias e, ao mesmo tempo, possui uma função predicativa com julgamentos valorativos (KOCH, 2004a, 2006, 2011).

Observemos outro exemplo (5), para melhor ilustrar a retomada (ii), citado por Francis (2003):

(5) Os motoristas de táxi londrinos levaram uma surra aristocrática na última edição de sua revista Taxi. O conde de Winchilsea e Nottingham, parceiro liberal-democrata e leal defensor dos taxistas, escreveu com palavras entusiasmadas sobre o comercio em geral, mas bombardeou **aqueles motorista que se recusam a pegar passageiros no bairro do Parlamento porque não gostam dos destinos.** Por causa **desta atitude estúpida e impensada,** está se tornando cada vez mais difícil continuar a lutar contra os mini-taxis, fuzila o conde.

Fonte: Francis ([1994] 2003), p.219.

Nessa ocorrência apresentada por Francis (2003), constatamos que a expressão **desta atitude estúpida e impensada** retoma a porção textual anteriormente descrita recaindo sobre

¹⁴ Exemplo retirado do jornal da Folha de São Paulo. Título: Exército monitora crise por meio das redes sociais, publicado no dia 22/06/2014.

o **modo de compreensão** do que foi **dito** (KOCH, 2006), pois o sintagma nominal, **atitude estúpida e impensada**, possui julgamentos valorativos e é inferido a partir das informações da porção textual anteriormente descrita. Dessa forma, houve uma organização associativa entre o sentido das informações marcadas em negrito no texto e o sintagma nominal. Essa associação é estabelecida e construída por aspectos contextuais, isto é, por meio de processos inferenciais e referenciais os quais criam um novo referente textual que, por sua vez, passará a nortear o leitor para a construção de pontos de vista que o autor indicar (KOCH, 2004a, 2006, 2011; MELO, 2008).

Ainda, no tocante à retomada (ii), o nome-núcleo do sintagma nominal retoma o sentido das informações anteriormente descritas por meio de inferências e âncoras referenciais as quais dão acesso a um referente construído cognitivamente e, ao mesmo tempo, correlacionam as reformulações de elementos textuais parcialmente novos que se inserem na informação velha (MARCUSCHI, 2008; 2004; 2003; 2001). Melo (2008) apresenta o encapsulamento anafórico a partir de caminhos inferenciais baseados por modelos mentais e *frames*, por elementos contextuais e pelo conjunto de saberes de natureza social, histórica, ideológico e cultural, socialmente situados.

Então, de acordo com essas considerações, o encapsulamento anafórico constitui-se como um processo de referenciação do qual o sintagma nominal é construído a partir de processos inferenciais baseados em aspectos sociocognitivos que ultrapassam a relação parafrástica e estabelece uma equivalência semântica cujas possibilidades de sentido são interligados entre a linguagem, o mundo e os níveis cognitivos em contextos de enunciação.

Dessa forma, o sintagma nominal do encapsulamento anafórico se configura como um processo de referenciação que indica uma possibilidade interpretativa e evidencia um modo de apresentação do referente, em que os nomes-núcleos do sintagma nominal sinalizam o **modo de compreensão** do que foi **dito** de forma axiológica e com função predicativa (KOCH, 2004a, 2005; CONTE, 2003). Vejamos outro exemplo (6)¹⁵ retirado do *corpus* da pesquisa para ilustrar a retomada (ii):

¹⁵ Exemplo retirado do jornal da Folha de São Paulo. Título: Protestos em Série, publicado no dia 14/06/2014.

(6) É verdade que as manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo conturbam a cidade. Vou um pouco mais longe e afirmo que há algo de egoísta nos protestos, já que impingem a todos as reverberações de uma agenda que não é consensual.

Uma sociedade democrática, entretanto, precisa aprender a conviver com **esse contratempo**. A alternativa, que é impedir a realização de atos públicos ou de condicioná-los ao beneplácito das autoridades [...]

Fonte: jornal Folha de S. Paulo

Ao observarmos o exemplo da retomada (ii), entendemos que o sintagma nominal **esse contratempo** não está apenas retomando o sentido da porção anaforizada, uma vez que o nome-núcleo **contratempo** exerce a função cognitivo-discursiva de sumarizar as informações precedentes e de apresentar um modo de compreensão da porção anaforizada que expressando um julgamento valorativo. Sendo assim, o encapsulamento anafórico se configura como um caso de inferências por evidências esquemáticas, associativas e avaliativas, cujo caráter social dos processos cognitivos envolvidos serão estabelecidos em uma relação de reordenação de sentido entre partes contextuais.

Como podemos ver, o sintagma nominal **esse contratempo** além de encadear as informações da porção anterior do texto, também estabelece uma construção inferencial de sentidos, a partir de um conjunto de saberes de natureza social, histórica e cultural. Desse modo, o sentido é revelado e reformulado na ação discursiva, em que o nome-núcleo **contratempo** aciona *frames* valorativos que podem expressar julgamentos valorativos, em um caminho inferencial construído por uma inferência sociocognitiva, definida por uma dada interação socialmente situada.

A partir dessas perspectivas sociocognitivas e discursivas, enfatizamos o nome-núcleo do sintagma nominal, visto que esse nome-núcleo empacota a porção encapsulada criando um novo referente que encadeia a informação velha às futuras informações (FRANCIS, 2003), e, assim, o encapsulamento anafórico proporciona a progressão tópica referencial e textual. Deter-nos-emos a essa questão do nome-núcleo que compõe o sintagma nominal no próximo capítulo.

De tudo que foi exposto, podemos, enfim, afirmar que o encapsulamento anafórico é um processo de referência em que o nome-núcleo do sintagma nominal se configura como um fértil ***lócus textual-discursivo-cognitivo*** que aciona *frames* e expressa julgamentos valorativos.

No próximo capítulo apresentaremos uma discussão acerca da ativação de *frames* a partir do sintagma nominal no encapsulamento anafórico, mostrando como o nome-núcleo do sintagma nominal pode acionar um conjunto de atributos e valores que ancora ideologias e visões de mundo.

2. FORMAÇÃO DE *FRAMES* NO PROCESSO DO ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO

Como já foi mencionado anteriormente, daremos ênfase neste capítulo ao **nome-núcleo** do **sintagma nominal** no encapsulamento anafórico.

Entendemos que o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico retoma o objeto de discurso e ao mesmo tempo (re)categoriza e (re)organiza o tópico discursivo. Dessa forma, compreendemos que o nome-núcleo ativa modelos cognitivos em nossa memória, tais como *frames* que podem acionar julgamentos valorativos determinando atributos e valores em relação ao conteúdo exposto na porção anaforizada.

Neste trabalho, interessa-nos abordar o modelo cognitivo intitulado de *frames*, em consonância com a discussão do encapsulamento anafórico no discurso jornalístico sobre as Manifestações no Brasil em 2013. A razão disso está no fato dos *frames* serem ancoradores de ideologias¹⁶ e de visões de mundo baseados nos conhecimentos intersubjetivos das experiências sociais, e ainda constituírem-se na interação social e no decorrer de processos inferenciais sociocognitivos. Vale destacar que para este estudo adotamos o conceito de *frame* de Barsalou (1992), sobre o qual iremos tecer nossas considerações.

2.1 *Frames* na perspectiva de Barsalou

É sob a perspectiva de *frame* de Barsalou (1992) que acreditamos organizarem-se os conhecimentos contextuais e as relações conceituais que envolvem o sintagma nominal do encapsulamento e a porção textual anaforizada.

Entretanto, temos a consciência da complexidade dos estudos sobre os *frames* e da longa trajetória teórica e histórica pela qual esse conceito tem passado. Podemos destacar os estudos de Gregory Bateson (1972), Minsky (1974), Rosch e Mervis (1975), Fillmore (1977), Deborah Schifffrin (1987), Deborah Tannen (1985), Lakoff (2004) e Salomão (2009), pela relevância teórica discutida em diversas áreas da linguística.

Para Barsalou (1992, p. 21), “os *frames* providenciam a representação fundamental do conhecimento na cognição humana”. Os *frames* podem ser considerados como uma forma

¹⁶ O conceito de ideologia será discutido no próximo capítulo.

de fazer referência às nossas representações mentais e aos nossos conhecimentos de mundo, visto que as pessoas armazenam seus conhecimentos a partir das experiências de vida e relacionam um conhecimento a outros. Os *frames* também abrangem uma variedade de informações descritivas pelas quais as pessoas conseguem representar cognitivamente alguns conceitos, englobando noções funcionais, avaliativas, etc.

No campo das discussões sobre *frames*, Barsalou (1992) faz uma crítica à teoria dos protótipos de Rosch e Mervis (1975) e também a Ashcraft (1987) e Hampton (1979), que usaram como modelo a representação de **lista de traços**. Vejamos no quadro (2) os exemplos trazidos pelo autor para esclarecer a lista de traços:

PÁSSARO	MAÇÃ	MEIA
Penas Asas Bico Pernas Pés Olhos Rabo Cabeça Unhas Ovíparo Ninho Voo Gorjeio Comem vermes	Sementes Doces Comestíveis Haste Polpa Pele Suculenta Redonda Dá em árvore	Para vestir Aquece Cobre o pé Cobre os dedos De tecido De algodão De lã Colorida Feita aos pares

Quadro 2. Lista de traços retirado de Barsalou (1992, p. 22)

Nesse quadro (2), Barsalou (1992) mostra que em uma e outra categoria, os traços acabam se isolando, uma vez que elas não se relacionam mutuamente. Barsalou (1992) afirma que não se pode atribuir aos traços propriedades de serem suficientes e necessários, pois tais listas de traços são reduzidas às representações e aos campos semânticos. De acordo o autor, “as pessoas não costumam armazenar as representações por traços de componentes independentes um do outro, pelo contrário, as pessoas têm amplo conhecimento sobre as relações entre eles” (BARSALOU, 1992, p. 27).

Como oposição à lista de traços, como representação semântica, o autor aponta que “os *frames* contém conjuntos de valores e atributos que fornecem soluções naturais para o problema das listas de traços” (BARSALOU, 1992, p. 28). Barsalou (1992) também afirma que os *frames* possuem características específicas e funcionais. São elas:

- (1) desempenham um papel central na construção de categorias *ad hoc* do planejamento;
- (2) desempenham um papel central na representação e na organização da memória;
- (3) oferecem um meio natural de dar conta da variabilidade contextual nas representações conceituais.

Nessa direção, os *frames* não são considerados como componentes rígidos cujas configurações são independentes, mas sim, como estruturas dinâmicas com componentes relacionais, flexíveis e dependentes do contexto.

2.1.1 Componentes fundamentais dos *frames*

De acordo com Barsalou (1992), os *frames* contêm três componentes fundamentais:

- (1) conjunto de atributos e valores;
- (2) invariantes estruturais;
- (3) condicionantes.

Vejamos na figura (4) uma esquematização do conjunto de atributos e valores do *frame* **manifestação**¹⁷:

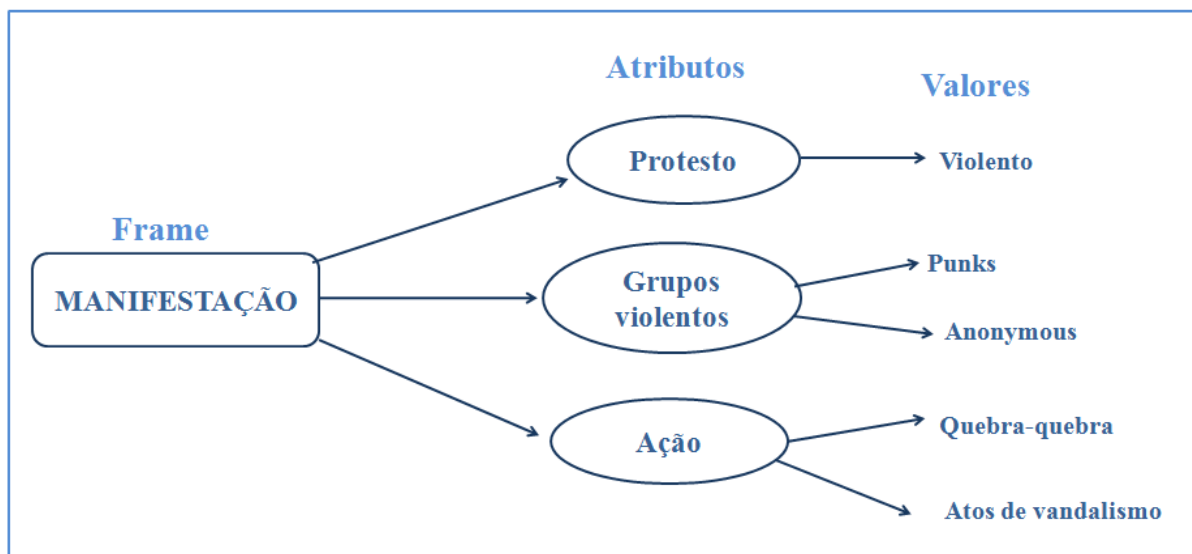


Figura 4. Esquematização de atributos e valores no *frame* **manifestação**

¹⁷ Todos os esquemas com exemplos de *frame* expostos no terceiro capítulo desta dissertação foram construídos a partir de um texto retirado do jornal Folha de S. Paulo, publicado no dia 09/06/2013. Parte desse texto será apresentado nesse capítulo, no item condicionamentos de *frames* o texto completo encontra-se no anexo 1.

Nesse exemplo, vemos que há uma inter-relação entre os componentes. O atributo é uma concepção que descreve alguns aspectos de uma categoria e os valores são conceitos subordinados de um atributo (BARSALOU, 1992). Dessa forma, o *frame* **manifestação** está associado aos valores **violentos** que, por sua vez, se tornam características do atributo **protesto**. E para cada atributo, muitos são os valores que podem aparecer. No exemplo são apresentados dois valores para cada atributo.

Para o autor, a definição de valor é seguida da definição de atributo, pois o valor herda informações conceituais dos seus atributos. Assim, no caso do *frame* **manifestação** o atributo **protesto**, por exemplo, herda o valor **violento**. Logo, esses valores designam sentidos adicionais aos respectivos atributos e, numa relação referencial discursiva, constroem características que vão sendo organizadas e estabilizadas na memória dos leitores, como, por exemplo, **protesto violento**.

Vale salientar que, para Barsalou (1992), dentro de um *frame*, cada atributo pode ser associado ao seu próprio *frame*, apresentando atributos mais específicos. O autor frisa que os limites entre *frames* e atributos são elásticos e as variantes culturais podem assumir um importante papel na formação do *frame*, uma vez que seus atributos podem ser avaliativos, quantificadores, etc. Assim, o exemplo ilustra essa perspectiva mostrando que o *frame* **movimentos populares** está dentro do *frame* **manifestações**, e seus respectivos atributos são considerados como visões de mundo e avaliações sobre este acontecimento social. Vale lembrar que o *frame* **movimentos populares** já é um atributo de **manifestações**, e tal atributo ainda possui outros atributos aspectuais. Vejamos a figura (5):



Figura 5. Esquematização da construção de atributos do *frame* **manifestação**

Para Barsalou (1992, p. 33), as pessoas frequentemente **criam** novos atributos para os componentes. Portanto, dependendo do propósito com que construímos os *frames*, eles podem ter atributos variados e podem ser adaptados a novos contextos. Por isso, com o tempo, esses atributos vão se organizando na nossa memória e estabilizando conceitos, inclusive de forma idiossincrática.

Então, a maneira como organizamos as informações e estabilizamos os conceitos na memória é relevante para a compreensão dos fatos que acontecem em nossa sociedade. Por conseguinte, se duas pessoas representam uma categoria com atributos diferentes, consequentemente, elas irão entender de forma diferente essa mesma categoria. Assim, entendemos que os *frames* expressam julgamentos valorativos sobre determinados conceitos e, por esse aspecto, descrevem o que ocorre com a possibilidade de variabilidade de preenchimento do sintagma nominal no encapsulamento anafórico.

Os *frames* também contêm atributos nucleares que, conforme Barsalou (1992, p. 34), “são designados como fatores de sistematicidade dos atributos”. Quando um *frame* entra em ação, os atributos nucleares são ativados no contexto de uso. Por exemplo, quando o *frame* **manifestação** é ativado, entram em ação alguns conceitos como **reivindicações**, **protestos**, **movimentos**, **vandalismo**, etc, que constituem-se como atributos nucleares do *frame* **manifestação**. Tais atributos são os que mais facilmente memorizamos, uma vez que eles se tornam integrados na nossa memória social em função de sua estabilização discursiva

(BARSALOU, 1992). Nessa perspectiva, os *frames* não só ativam um conjunto de atributos em qualquer circunstância como sempre correlacionam um conceito a outro. Entretanto, a sistematicidade dos atributos muda de acordo com o tempo e em função dos contextos.

No que se referem às invariantes estruturais, as informações em um *frame* não ocorrem independentemente. Ao contrário do que propõe a lista de traços, as informações são conceitualmente relacionadas aos contextos e às outras informações. Não se trata de discutir hierarquias ou propriedades fixas da lista de traços, mas de percebê-la de maneira dinâmica e em função das nossas experiências e do contexto em que estamos inseridos. Para o *frame* **manifestação**, por exemplo, o atributo **movimentos** não é independente do atributo **protesto** e nem do atributo **vandalismo**, uma vez que eles se correlacionam e também podem ser considerados como aspectos de um conceito o qual descreve uma categoria. Assim, “os atributos dos *frames* não são pontos independentes, mas, em geral, são associados correlacionalmente e conceitualmente” (BARSALOU, 1992, p. 35).

Contudo, é importante salientar que muitas das relações entre os atributos de um *frame* não são apenas de coocorrência, mas refletem informações sobre uma série de aspectos. Por exemplo, sem a ênfase a atos violentos no *frame* **manifestação** não poderíamos construir uma imagem negativa sobre o *frame* **manifestação**. Os atributos acionados no *frame* **manifestação** constituem-se como informações importantes para a compreensão e a organização desse *frame* na nossa memória discursiva. Algumas dessas relações são, conforme Barsalou (1992), **espaciais**, **causais**, **temporais**, **intencionais**, etc. Assim, os aspectos e os sentidos de determinados fenômenos sociais podem variar dependendo de como os concebemos. Por esta razão, a importância de estudarmos com atenção as escolhas lexicais que engendram o sintagma nominal no encapsulamento anafórico, principalmente quando usado em textos noticiosos midiáticos, sobretudo em circunstâncias como a das Manifestações Populares no Brasil em 2013.

2.1.2 Condicionantes dos *frames*

Como foi mencionado anteriormente, os atributos de um *frame* podem mudar de acordo com o passar do tempo e em função do contexto. Logo, essas circunstâncias são chamadas condicionamentos de um *frame*. Para Barsalou (1992), além de os condicionantes fazerem parte da composição de um *frame*, eles evidenciam que as relações são de tal modo

ordenadas que nós as organizamos em nossas memórias de forma interdependente. Existem condicionantes de atributos, de valores, de contextos e de otimizações. Vejamos:

1. **condicionantes de atributos:** “são regras que determinam os valores globais do atributo” (BARSALOU, 1992, p. 37). Conforme Barsalou (1992), a presença dos atributos num *frame* não é nem obrigatória nem determinante, **é probabilística**. Isso quer dizer que, em todo contexto, diferentes subconjuntos de atributos são ativos em um *frame*, dependendo do modelo específico e do contexto que o envolve. Nesse caso, as evidências culturais, históricas e ideológicas colaboram para a formação de um *frame* e estabelecem relações com **uma margem de flexibilidade**. No entanto, em geral, os *frames* ativam atributos com sentidos bem próximos. Por exemplo, no *frame* **manifestação**, podemos dizer que os atributos são: **protestos, movimentos, mobilizações**. Porém, não podemos dizer que **romaria** e **peregrinações** são atributos do *frame* **manifestação**;
2. **condicionantes de valores:** enquanto os atributos condicionam globalmente, os condicionamentos de valores são locais. Por exemplo, a relação entre os valores **pacífico** ou **violento**, permite especificar uma característica do atributo **protesto**. Nesse caso, ao escolher qualquer uma dessas características, o autor vai tecer valores intrínsecos aos acontecimentos socialmente situados e vai construir *frames* diferenciados para a compreensão dos leitores. Para Barsalou (1992, p. 39), “os condicionantes de valores não são condições necessárias nem valores verdade, **mas relações de preferência**. Assim, ao escolher-se um item lexical para compor aquela característica, provavelmente estará escolhendo excluir o outro”;
3. **condicionantes contextuais:** ocorrem quando um aspecto de uma situação condiciona outro, tal como condicionantes físicos na natureza. Os condicionantes contextuais refletem convenções culturais e o contexto¹⁸ tanto pode condicionar os atributos como os valores (BARSALOU, 1992, p.39);
4. **condicionantes de otimizações:** enquanto os condicionantes contextuais refletem situações culturais e físicas, os condicionantes de otimizações incidem nos objetivos, intenções e interesses (BARSALOU, 1992, p. 39). Por exemplo, se o autor de um

¹⁸ Iremos aprofundar a questão do contexto no próximo capítulo.

texto posicionar-se contra um determinado acontecimento socialmente situado, ele deve enfatizar, em seu texto, os pontos negativos e violentos os quais refletem medo e indignação da sociedade.

Por todos esses condicionantes aspectuais é que Barsalou (1992) considera os *frames* como um modelo cognitivo capaz de ativar vários conceitos sobre determinadas situações socialmente situadas e ainda capazes de construir outros através de combinações de atributos, valores e contextos. Sendo assim, os *frames* configuram-se como um complexo campo de combinações conceituais possíveis podendo caracterizar em nossa memória todos os tipos de categorias: animadas, objetos, localizações, eventos físicos, mentais e outros.

Desse modo, o sintagma nominal do encapsulamento anafórico aciona *frames* cujos atributos e valores atuam como norteadores de julgamentos valorativos e de sentidos. Conte (1996) já apontara para a questão axiológica do núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico. Vejamos a relação disso com os *frames*.

2.2 *Frame* e o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico: um ancorador de ideologias

As perspectivas expostas até o momento nos levam a entender que o nome-núcleo do sintagma nominal viabiliza a formação de *frames*, baseando-se numa relação constitutiva entre a materialidade textual e os aspectos sociais cujas bagagens sócio-histórica-cultural e cognitivas dos leitores são fatores co-criadores dos sentidos. Dessa forma, o nome-núcleo do sintagma nominal aciona *frames* que expressam julgamentos valorativos e ancoram ideologias. Portanto, a partir dos *frames* acionados pelo nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico, um acontecimento social pode ser categorizado e avaliado, como negativo ou positivo, a depender da composição do sintagma nominal e do contexto.

De acordo com Van Dijk (2000, p. 33), ideologias “são conjuntos de ideias específicas e, portanto, objetos mentais”. Nessa perspectiva, a ideologia tem um viés sociocognitivo que além de cumprir a função de defender os interesses particulares de grupos, possui a tarefa de, cognitivamente, expressar julgamentos valorativos e visões de mundo sobre as representações sociais de alguns grupos e, por consequência, organizar uma produção discursiva contra ou a favor de tais grupos. Portanto, são nessas atividades discursivas que,

em maior ou menor grau, apresentam-se algum tipo de viés ideológico. É pelo aspecto ideológico das atividades discursivas que vemos o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento como um propulsor axiológico capaz de formar opiniões públicas orientadoras de representações sociais. Ressaltamos que esse conceito de ideologia no encapsulamento anafórico será discutido no próximo capítulo.

Segundo Melo (2008), o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento é formado por um léxico-predicativo que possui um papel central para nortear o sentido e a construção de pontos de vista diversos. Mas ele não atua de forma independente nem autônoma na produção de significações e na progressão temática. Isto ocorre em virtude dos itens lexicais ativarem experiências individuais, coletivas, conhecimentos de mundo e enciclopédicos sempre socialmente situados. Dessa forma, o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento é considerado como formador de *frames* que englobam atributos e valores com seus respectivos condicionantes. Sendo assim, o nome-núcleo do sintagma nominal é utilizado para sumarizar os argumentos anteriormente apresentados e projetar informações avaliativas e prospectivamente orientadas (FRANCIS, 2003; CONTE, 2003; MELO, 2008).

Nessa perspectiva, Marcuschi (2004, p. 269) também aponta que “o léxico é manipulado para a produção de sentido”. Dessa forma, cada nome-núcleo utilizado para compor o sintagma nominal poderá resultar em um sentido, seja mais próximo do que foi **dito** anteriormente, seja apresentando um **modo de compreensão** da porção anaforizada. Isto ocorre devido ao nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento relacionar sentidos que, a depender da argumentação do texto, ativa *frames* que expressam julgamentos de forma aparentemente ‘neutra’ ou de forma axiológica e predicativa (CONTE, 2003; KOCH, 2004a, 2006, 2011; MELO, 2008).

Marcuschi (2004) também nos diz que o item lexical é como uma rede de relações conjunta que envolve aspectos sociais, culturais e cognitivos para a produção de sentido socialmente situado. Como se pode observar, o nome-núcleo do sintagma nominal exerce a função de encapsular as porções anteriormente descritas no texto e serve para organizar, enquadrar, (re)categorizar modelos mentais construídos no contexto. Assim, a partir do nome-núcleo do sintagma nominal, o leitor pode acessar e construir concepções de “verdades” dos fatos acontecidos na sociedade uma vez que estas “verdades”, muitas vezes aceitas pela sociedade, contêm relações de poder que condizem com as ideologias dos grupos dominantes.

Na união das concepções teóricas de Conte (1996, 2003), Francis (1994, 2003), Marcuschi (2003, 2004), Koch (2004a, 2006, 2011) e Melo (2008) em face da noção de construção de “verdades” que explanamos aqui, o nome-núcleo pode ativar *frames* que evidenciam e expressam julgamentos valorativos não só sobre a porção textual anaforizada, como também sobre as perspectivas ideológicas dos grupos dominantes que tendem a ancorar e influenciar as opiniões públicas. Nesse julgamento é que a ideologia perpassa o sintagma nominal do encapsulamento, pois segundo Van Dijk (2003), uma das práticas mais importantes e condicionadas pelas ideologias¹⁹ é o uso da linguagem e do discurso.

Dando continuidade à observação dos *frames* no nome encapsulador, vejamos o exemplo (7)²⁰ abaixo:

(7) Segundo a Polícia Militar, os manifestantes atearam fogo em caixas de madeira em três pontos da 23 de Maio, quebraram placas de sinalização, invadiram o terminal Bandeira e picharam ônibus. Houve ainda atos de vandalismo contra ao menos uma banca de jornal na avenida Paulista. Parte das bancas foram destruídas e revistas e jornais foram espalhados pela calçada.

Essas manifestações são em protesto contra o aumento das tarifas do transporte público em São Paulo. 9 manifestantes chegaram a fechar por cerca de 5 minutos a pista local marginal Pinheiros, no sentido Castello Branco, na tarde deste sábado (8). Usando máscaras e carregando cartazes, os participantes da manifestação estenderam uma faixa bloqueando o tráfego na região da estação Berrini da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). A Polícia Militar interveio e liberou a pista minutos depois. [...]

A manifestação, organizada pelos grupos Anonymous, punks e Movimento Mudança Já, foi divulgada nas redes sociais, em que os grupos sugerem também uma campanha de boicote que consiste em pagar as passagens de ônibus, trem ou metrô com notas de R\$ 20 e R\$ 50, com o intuito de deixar a bilheteria sem troco e "passar de graça".

[...]

Fonte: jornal Folha de S. Paulo

Ao lermos esse texto e identificarmos o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico, vemos que além da porção textual retomada, há outros objetos de

¹⁹ Trataremos de aprofundar essa discussão sobre ideologia no próximo capítulo, como já mencionamos anteriormente.

²⁰ Texto retirado do Jornal Folha de S. Paulo no dia 09/06/2013.

discurso, ativados pelo nome-núcleo, que contribuem para um julgamento negativo e violento sobre as Manifestações no Brasil em 2013, tais como: **protesto, bloqueando o tráfego e atos de vandalismo**. Dessa forma, a partir do nome-núcleo do sintagma nominal **manifestações**, o leitor pode acionar *frames* que serão confirmados na retomada anafórica, como: **atos de vandalismo, atearam fogo em caixas de madeira em três pontos da 23 de Maio, jornais espalhados pela calçada, quebraram placas de sinalização**, etc., expressando e evidenciando na construção do texto as ações e os atos de violência das Manifestações.

A cadeia referencial vai ativando atributos e valores ao nome-núcleo do sintagma nominal e ao mesmo tempo vai ancorando características nas estruturas complexas de nossas mentes. Nesse processo, as experiências compartilhadas socialmente vão se organizando cognitivamente e acionando *frames*, os quais expressam julgamentos valorativos sobre determinados fatos socialmente situados.

No caso do exemplo (7) citado acima, o modo como o evento das Manifestações no Brasil de 2013 é construído discursivamente, evidenciando apenas os aspectos negativos, pode ajudar no julgamento valorativo do leitor sobre as Manifestações, uma vez que, conforme Van Dijk (2008), a manipulação cognitiva representa papel significativo para o estabelecimento de ideologias. Assim, para muitos leitores que não têm acesso a outro veículo de informação ou não formulam concepções críticas sobre o porquê dessas manifestações, aquele acontecimento socialmente situado apresentado pelo jornal será tomado como uma “verdade”. Vejamos a esquematização na figura (6) baseada no texto acima, da formação de um *frame* no encapsulamento anafórico.

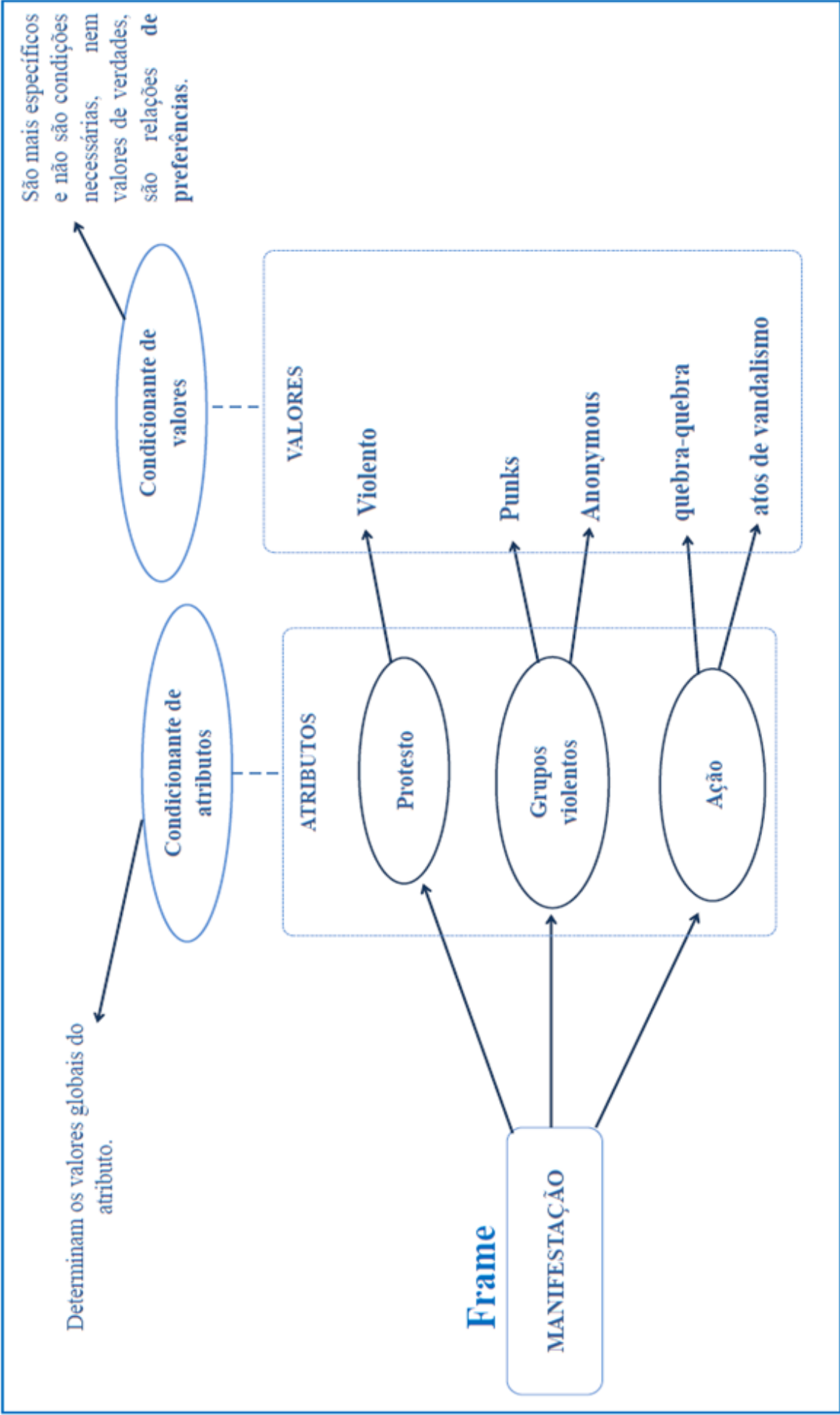


Figura 6. Esquematização da formação de um *frame* no encapsulamento anafórico. Elaboração nossa.

Na figura (6), o termo **manifestação** ocupa a posição do nome-núcleo no sintagma nominal e a partir dele são acionados *frames*; **protesto**, **grupos violentos** e **ações** são os atributos do *frame*; **violento**, **punks**, **quebra-quebra** e **atos de vandalismo** são os valores dos atributos. Há, também, os condicionantes de atributo que se configuram como atributos mais globais do que os condicionantes de valores. Esses condicionantes de valores são mais específicos e propiciam relações de preferência em relação aos atributos. Por exemplo: a partir do nome-núcleo **manifestação** ativamos *frames* cujo atributo **protesto** aciona o valor **violento**; e é pela dinamicidade e ativação dos *frames* que podemos atribuir e legitimar os valores encapsulados no nome-núcleo do sintagma nominal. Para Barsalou (1992), os condicionantes de valores são escolhas, preferências dos sujeitos ao lexicalizarem as informações.

É importante esclarecer que um *frame* apresenta uma multiplicidade de atributos e valores que expressam julgamentos valorativos para uma compreensão negativa ou positiva sobre eventos e os atores. Fizemos essas classificações de atributos e valores de acordo com o texto exemplificado (7), ilustrando que o *frame* é ativado a partir dos atributos e valores intrínsecos a construção do *frame* no texto. Esses atributos e valores são resultantes de conhecimentos socialmente partilhados pelos membros de uma sociedade e por esta razão Barsalou (1992) considera os *frames* como um mecanismo altamente produtivo, uma vez que um pequeno número de componentes de um *frame*, organizados na memória, podem desenvolver um número ilimitado de novos conceitos, com outros atributos e valores que vão se conectando e criando novas concepções e opiniões públicas sobre determinados acontecimentos sociais.

Dessa forma, consideramos que cada item lexical da figura (6) pode ativar um *frame* cada vez mais específico com seus atributos e respectivos valores, pois há uma constante integração entre os *frames*, seus atributos, seus valores e seus condicionantes.

A partir dessas informações, entendemos que os *frames* atuam recursivamente e podem produzir *frames* dentro de *frames*. Para Barsalou, (1992) os *frames* capturam a constância e a variabilidade de conceitos no tempo e no espaço. Dessa forma, o conceito de **manifestações** está explicitamente na porção textual anaforizada, mas depende de outros elementos como os atributos e os valores para construir um conceito específico e não global sobre as manifestações.

Nessa perspectiva, relacionar *frames* com encapsulamento anafórico é preocupar-se com o modo da construção do objeto de discurso e com a estabilidade ou instabilidade que

esse objeto tem na memória discursiva do leitor, uma vez que o objeto de discurso relaciona elementos contextuais para subsidiar a construção do velho-novo para dar sentido ao texto. Assim, nossa preocupação se reporta não apenas com a coesão e com a progressão tópica textual que o sintagma nominal do encapsulamento anafórico contém no texto, mas também com o modo de apresentação de tal sintagma nominal, visto que o nome-núcleo pode acionar *frames* valorativos de discursos ideológicos os quais podem nortear a compreensão e os pontos de vista do leitor.

A aproximação entre ideologia e contexto no encapsulamento anafórico será discutida como uma atividade sociocognitiva inerente às práticas discursivas, conforme veremos no capítulo seguinte.

3. O CONTEXTO E A INTERFACE SOCIOCognITIVA ENTRE IDEOLOGIA E ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO

A partir de uma concepção sociocognitiva, o modelo de contexto configura-se como uma interface entre a ideologia e o sintagma nominal do encapsulamento anafórico. Assim, precisamos apresentar a noção de modelos mentais para alicerçar teoricamente esse processo, pois de acordo com Van Dijk (2012), a compreensão das situações e eventos específicos acontece por meio de **modelos mentais**. Um modelo mental é uma impressão intersubjetiva de uma situação na memória episódica, que é parte da memória de longo termo. As estruturas dos modelos mentais configuram-se como esquemas cujas categorias são muito gerais como: espaço (tempo lugar); participantes (e suas atuações); um evento, ações, etc. Desse modo, a representação mental da situação comunicativa apresenta-se como um modelo mental específico que é chamado de **modelo de contexto** ou simplesmente **contexto**.

Nessa perspectiva sociocognitiva postulada por Van Dijk, compreendemos que o conceito de contexto apresenta um viés cognitivo que se diferencia das teorias tradicionais. Nesse caso, a principal distinção entre essas teorias é que a noção de contexto, numa teoria tradicional, apresenta o discurso como um aspecto diretamente influenciado pelos **entornos** sociais como: cultura, classe social, idade, geografia, conhecimentos históricos, etc. Contudo, além desses entornos, os contextos, na proposta sociocognitiva de Van Dijk, contêm uma teorização tanto social, quanto cognitiva, pois a sociedade e a cognição estão numa constante relação constitutiva.

Sob essas elaborações sociocognitivas construídas nos modelos de contextos é que Van Dijk (2000) concebe a ideologia. Para esse autor, “a reprodução das ideologias dependem do modelo de contexto e das estruturas semânticos do discurso” (VAN DIJK, 2000, p. 292). Dessa forma, os modelos de contexto também se constituem pelas crenças e conhecimentos das pessoas as quais elaboram categorias valorativas que definem outros aspectos cognitivos, bem como permitem a interação entre grupos sociais. À vista disso, Van Dijk (2000, p. 21) afirma que “as ideologias podem ser compreendidas como as bases das representações sociais compartilhadas por membros de um grupo”.

Diante dessa relação entre modelo de contexto e ideologia, vemos a importância dessas concepções nesse estudo, pois são nessas perspectivas que a construção do sentido do discurso vai materializar-se na escolha do sintagma nominal do encapsulamento anafórico

legitimando ideologias por meio de performances sociocognitivas, como: inferências, *frames*, seleção do sintagma nominal, conhecimentos compartilhados, etc.

3.1 Breves considerações sobre o percurso do cotexto ao contexto sociocognitivo

No âmbito da Linguística Textual, a concepção de contexto vem evoluindo e se configurando como um elemento importante ao longo dos estudos sobre o texto. Koch (2011; 2012) afirma que o contexto, na fase inicial da Linguística de Texto, era visto como uma análise transfrástica, ou seja, como o **ambiente ou entorno textual**, o chamado **cotexto**. Paralelamente a isso, temos a noção de texto como uma sequência ordenada de frases, cuja coerência e retomada dos referentes eram elementos que estavam presentes no interior do texto. Nessa perspectiva, o contexto era compreendido apenas pelas estruturas gramaticais e textuais, ou seja, era limitado às palavras, sentenças e períodos do texto.

Van Dijk (2012) mostra que, pela primeira vez, nos estudos da Pragmática com Austin (1962), Searle (1969) e Grice (1975), as condições contextuais realçaram o papel social da linguagem e passaram a compor as descrições dos atos de fala e as ações dos enunciados em situações de interlocução. Desse modo, o contexto da Pragmática proporcionou uma base sólida para os estudos linguísticos, visto que apresentou propriedades de relevância²¹ para as situações comunicativas e englobou aspectos locais e sociais para a produção de textos. Assim, conforme Van Dijk (2012, p. 37), o contexto na perspectiva da Pragmática “adapta sua interação discursiva aos ‘entornos’ socioculturais e cognitivos do momento”.

A partir da década de 60, houve uma expansão na concepção de contexto proporcionada pelos estudos do discurso e, mais tarde, pelos estudos da Psicologia Cognitiva, esses campos teóricos apresentaram alguns *insights* sobre ‘o contexto cognitivo do discurso’. No entanto, no campo da Psicologia Cognitiva, o aspecto cognitivo era dentro de uma perspectiva de mente socialmente isolada (VAN DIJK, 2012). Já nos estudos da Análise

²¹ A Teoria da Relevância parte do modelo inferencial de Grice (1975) e das discordâncias quanto a esse modelo pragmático. Essa teoria é baseada na concepção de Sperber e Wilson (1986) em *Relevance: Communication and Cognition*, nessa perspectiva, Sperber e Wilson (1986) desenvolveram uma teoria pragmático-cognitiva, a qual a relevância é o equilíbrio entre efeitos cognitivos e esforço de processamento. Isso quer dizer, resumidamente, que quanto mais efeitos contextuais e menos esforço cognitivo, maior a Relevância, e quanto menos efeitos contextuais e mais esforço cognitivo, menor a Relevância.

Crítica do Discurso, não se tem nenhum conceito de **contexto**; na verdade, o que se pressupõe “são formas variadas de determinismo social, de acordo com os quais o discurso é controlado diretamente pelas forças sociais” (VAN DIJK, 2012, p. 24). Contudo, apesar de não possuir um conceito de contexto, vemos, em pesquisas e análises da Análise Crítica do Discurso, a evidência atribuída aos aspectos contextuais.

Como discute Van Dijk (2012), muitas áreas de conhecimento atribuem relevância ao contexto, tais como a Análise Crítica do Discurso, Psicologia Cognitiva, Sociologia, Literatura, Semiótica e Artes, Estudos do Discurso, Etnografia, Antropologia, Ciências da Computação e em variados campos de estudo da Linguística. Van Dijk (2012, p. 9) afirma que, na maioria das vezes, esse contexto é mencionado no sentido de “ambiente circunstante, pano de fundo de caráter social, político ou econômico, mas quase nunca ao sentido específico do contexto do texto ou da conversa”.

Nesse cenário de estudos e distintas áreas de conhecimento, Van Dijk (2012) faz algumas considerações sobre o contexto na perspectiva de ancorar condições, circunstâncias de compreensão que situa o fenômeno estudado. E a partir dessas discussões, compreende-se um avanço teórico e conceitual, porque o conceito de contexto era limitado ao interior do texto e se expande para os ‘entornos’ sociais englobando outros conhecimentos além do linguístico.

Então, diante disso, compreende-se que a grande parte das ciências sociais e humanas teceram algumas considerações de como o contexto, ou melhor, o **entorno** social, histórico, político, econômico, geográfico e cultural, interage com o texto, tendo como propósito preencher as lacunas na atividade discursiva. Além desse entorno, houve também o advento das ciências cognitivas fornecendo modelos cognitivamente plausíveis e motivados, abarcando diversas capacidades da mente humana (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004). Desse modo, paulatinamente, vê-se a configuração de um ‘novo’ contexto que tanto se incorpora aos elementos internos do texto, aos aspectos relevantes para as situações comunicativas, quanto àqueles aspectos externos ao texto (conhecimentos enciclopédico, sociointeracional, compartilhado, histórico, cultural, etc), que por esquemas e modelos cognitivos são processados na memória para fazerem sentido e serem compreendidos. Logo, esse ‘novo’ contexto é denominado de **contexto sociocognitivo**.

Koch (2011, p. 24) explica que,

a cada momento da interação, esse contexto **[sociocognitivo]** é alterado, ampliado, obrigando, assim, os parceiros a se ajudarem aos novos contextos que vão se originando sucessivamente [...] Poder-se-ia, inclusive, postular que o contexto cognitivo engloba todos os demais tipos de contexto, já que o contexto, como a situação comunicativa imediata²² ou mediata²³, bem como as ações comunicativas e interacionais realizadas pelos interlocutores passam a fazer parte do domínio cognitivo de cada um deles, isto é, têm uma representação em sua memória, como acontece com o contexto sócio-histórico-cultural. [grifos nossos]

Assim, a compreensão sobre o contexto na perspectiva sociocognitiva é dinâmica, flexível e armazena todos os tipos de conhecimentos na memória dos atores sociais. Desse modo, compreendemos que as situações socialmente situadas são construídas, categorizadas e recategorizadas nas mentes das pessoas como construtos intersubjetivos, em que o contexto não apenas controla o discurso, como também, interfere e o transforma (VAN DIJK, 2012a; KOCH, 2012).

Nessa perspectiva, Van Dijk (2012) afirma que, na abordagem sociocognitiva, o contexto é:

1. construto subjetivo dos participantes ou definições das situações interacionais ou comunicativas;
2. construto de experiência única, ou seja, as definições subjetivas da mesma situação comunicativa são únicas e diferentes para cada ator social;
3. modelo mental que representam as propriedades relevantes do entorno comunicativo na memória episódica;
4. um modelo mental construído nas experiências interacionais;
5. esquemático, apresentando categorias compartilhadas, convencionadas e dotadas de uma base cultural, que facultam uma interpretação rápida dos eventos comunicativos;
6. capaz de controlar a produção e a compreensão do discurso;
7. dinâmico, isto é, atualizado e adaptado ao discurso e a interação socialmente situada;
8. formado, simultaneamente, por características subjetivas (pessoais) e sociais (compartilhadas socialmente por grupos de pessoas);

²² O contexto imediato é configurado no momento da atividade interacional e são regidas pelas constantes adequações da situação circunscrita (KOCH, 2012).

²³ O contexto mediato diz respeito ao momento social, político ou cultural, no qual o texto está inserido (KOCH, 2012).

9. amplamente planejado, já que as pessoas têm lembranças acumuladas dos eventos comunicativos semelhantes aos que já aconteceram e, com isso, conseguem antecipar alguns esquemas e categorias gerais;
10. ligado às funções pragmáticas, uma vez que permite que os atores sociais adaptem o seu discurso aos entornos socioculturais e cognitivos do momento;
11. considerado não texto, visto que aparece de maneira implícita nos textos ou na própria fala, sendo que, em geral, sinaliza e indica indiretamente as circunstâncias específicas;
12. relacionado à relevância pessoal e interacional por meio das interpretações das situações pelos participantes;
13. introduzido em interações situadas momentâneas (microcontextos), e em situações históricas e sociais totalizadoras (macrocontextos);
14. egocêntrico, tipicamente centrado pelos pronomes ideológico nós *versus* eles;
15. na perspectiva semântica, refere-se aos aspectos da referenciação, na perspectiva pragmática, refere-se a adequação da situação comunicativa;
16. adequado aos níveis e dimensões de um texto ou fala quanto a entonação, seleção lexical, a sintaxe, a distribuição de turnos, etc.
17. culturalmente variável.

Isso nos permite afirmar que na concepção sociocognitiva, com base em Van Dijk (2012), o contexto deixa de ser um ‘entorno’ ou situação social, e configura-se como um **modelo mental** que envolve tal ‘entorno’, tal situação social e outros tipos de conhecimentos (históricos, enciclopédicos, etc.). Por isso, o contexto sociocognitivo é concebido na atividade discursiva, uma vez que os componentes do contexto intervêm na interação comunicativa sob a forma de *frames* e modelos cognitivos específicos os quais estão sujeito à interpretação intersubjetiva dos construtos sociais nos quais estão inseridos.

Nessa mesma concepção, Koch (2012) postula que a maior parte dos contextos é recuperada pelo contexto cognitivo dos interlocutores por meio de estratégias **cognitivas**, com as inferências e com a busca da relevância; pelos **elementos sociointeracionais**, e pelo conjunto de decisões concernentes à **textualização**. Por isso que a análise textual, com o contexto sociocognitivo, não é baseada unicamente no enunciado linguístico explícito, mas também nos elementos sociointeracionais e cognitivos que determinam a produção de linguagem e a dinamicidade de cada nova situação de enunciação. Portanto, o contexto traz

uma memória discursiva dos atores sociais, porque “toda e qualquer manifestação de linguagem ocorre no interior de determinada cultura, cujas tradições, usos, costumes, rotinas devem ser obedecidas e perpetuadas” (KOCH, 2012, p. 81).

Para termos uma ideia de como ocorre essa inter-relação entre texto e contexto sociocognitivo, mostramos a seguir um trecho de uma reportagem²⁴, na tentativa de ilustrar a (re)categorização de um modelo de contexto no plano processual de uma produção discursiva. Vejamos o exemplo (8):

(8) A imagem da repressão policial contra os jovens escolarizados despertou setores conservadores da classe média, que sofrem de insegurança crônica quanto, ainda que timidamente, dos moradores da periferia, já familiarizados com a violência da instituição. Nesse momento, os protestos atingem patamar semelhante ao do início da campanha das Diretas, acima de 70%, conferindo-lhe legitimidade.

Se **esse apoio amplo** torna as manifestações heterogêneas como a realidade de São Paulo por outro lado podem levá-las a um grau de complexidade intragável – como a representatividade por espelho, não refletindo apenas demandas, mas, principalmente, o desequilíbrio, as diferenças e os conflitos sociais típicos de uma cidade mal tratada e desigual. [...]

Fonte: jornal Folha de S. Paulo

Diante do que foi exposto anteriormente, e ilustrado pelo exemplo (8) acima, vemos que para entendermos o encapsulamento anafórico **esse apoio amplo**, o modelo de contexto orientou essa retomada, uma vez que o sintagma nominal **esse apoio amplo** está apresentando uma possibilidade interpretativa de informações anteriormente descritas. Em outras palavras, podemos dizer que o modelo de contexto além de ajudar na interpretação da retomada anafórica, interfere na construção dos modelos cognitivos, uma vez que o jornal apresenta uma construção intersubjetiva da porção anterior como **apoio amplo**.

Logo, as informações-suporte no texto sinalizaram uma retomada anafórica e uma projeção de um ‘novo’ sentido ao texto, dando a ideia de que essas informações partem de um

²⁴ Parte de uma reportagem do jornal Folha de S. Paulo, publicada no dia 20/06/2013, como o título: Manifestações refletem crises de representação e representatividade.

conhecimento compartilhado da sociedade, o que, na verdade, está expressando julgamentos valorativos do jornal. Por conseguinte, os leitores podem ser influenciados a construir seu modelo de contexto de acordo com essas informações sobre as manifestações e esses modelos de contextos passam a ser considerados como "co-construções situados e dinâmicos, cujas ações dos interlocutores continuamente se reconfiguram" (FALCONE, 2008, p. 55).

É sob essa abordagem sociocognitiva que o contexto é compreendido, pois de acordo com essas concepções, vemos uma articulação entre a cognição, o discurso e o contexto. Isso quer dizer que, o conjunto das propriedades da situação socialmente situada estará organizado na memória dos atores sociais e, que por sua vez, será sistematicamente estruturada e trazida para a interpretação de um enunciado e, conseqüentemente, influenciará na construção de sentidos do discurso. Então, com essa articulação, é possível explicar os nexos de produção e interpretação que se estabelecem entre a sociedade e o discurso (VAN DIJK, 2012).

3.2 O papel do modelo de contexto na reprodução da ideologia

Ao discutirmos uma perspectiva sociocognitiva, vemos a relevância que o modelo de contexto possui na relação entre práticas sociais/discursivas e ideologias. Como vimos anteriormente, na proposta de Van Dijk (2012, p. 107), os modelos de contextos são um tipo especial de modelo mental da experiência cotidiana, isto é, “os modelos de contexto organizam os modos como nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global”. Assim, os modelos de contextos são produções intersubjetivas elaborados na memória episódica das pessoas, a partir de diferentes aspectos de uma situação socialmente situada cujos aspectos serão enfatizados e tornar-se-ão relevantes na produção discursiva.

Desse modo, não há uma relação direta entre as situações socialmente situadas e os discursos, mas sim uma relação mediada e indireta em que há interpretações dos atores sociais sobre tais situações sociais. Contudo, vale ressaltar que os atores sociais possuem compreensões diferentes sobre determinado fato acontecido na sociedade, entretanto, tais diferenças podem ser negociadas e combinadas com outros aspectos compartilhados de seus modelos de contextos, favorecendo a interação entre grupos sociais.

De acordo com Van Dijk (2012), as situações comunicativas podem ser muito complexas, mas os atores sociais traduzem tal informação complexa em poucas categorias

esquemáticamente organizadas, na memória de trabalho, e constroem modelos de contextos mais gerais de compreensão; cruciais para a atuação na vida cotidiana. Portanto, podemos dizer que a estrutura, a dinamicidade e as ações intersubjetivas dos modelos de contexto fazem com que possamos planejar uma atuação, uma compreensão, um julgamento valorativo sobre determinados momentos e tornar distintos momentos em situações semelhantes.

É sob essa organização de modelos de contextos que os atores sociais utilizam os sintagmas nominais do encapsulamento anafórico para influenciar a compreensão do discurso. Para Van Dijk (2000, p. 245) “o discurso permite que os atores formulem conclusões, geralmente baseadas em experiências, observações; podem descrever acontecimentos passados e futuros; podem descrever e prescrever ações e crenças”. Isso significa dizer que o modo de compreender, descrever, valorizar, categorizar os acontecimentos de uma situação social é um processo de discursivização do mundo, por meio da linguagem (KOCH; MARCUSCHI, 1998). Portanto, é a partir dessa discursivização que acreditamos no controle da produção do discurso pelo modelo de contexto.

Van Dijk (2012) afirma que os modelos de contexto controlam o discurso partindo da categoria mais ampla (como: eventos, experiências, notícias, etc.) a qual é expressa pelas estruturas semânticas globais, e chega até as categorias mais específicas e locais do discurso (como: sintática, seleção lexical, fonética, gráfica). São sob esses aspectos que os modelos de contexto controlam e organizam o conjunto de informações e as estratégias discursivas, para conseguir o sentido desejado. Logo, o discurso e a compreensão (intersubjetiva) do mesmo influencia o modelo mental dos receptores, como também, atuam nas relações sociais as quais são avaliadas com base no que fazem ou dizem (VAN DIJK, 2012).

Nessa perspectiva, a produção do discurso perpassa os modelos de eventos, os modelos de contextos até a produção estratégica da fala e da escrita. Para Van Dijk (2012, p. 147),

os modelos de eventos suprem a informação para o ‘conteúdo’ do discurso, isto é, *aquilo* que é dito, e os modelos de contexto controlam como as coisas ditas na situação em curso: contamos a ‘mesma’ experiência de modos diferentes aos nossos amigos em casa e ao policial na delegacia de polícia. Naturalmente, as experiências precedem a situação comunicativa em que falamos sobre essas mesmas experiências. Isso significa que, embora os controles exercidos pelos modelos de eventos (situações) e pelos modelos de contextos sejam muitas vezes bastante independentes, os modelos de eventos podem influenciar não só o conteúdo ou o significado do discurso, mas também os modelos de contexto simultâneos que controlam seu estilo ou sua estratégia interacional.

Desse modo, compreendemos que o modelo de evento existe antes do modelo de contexto e se configura como um modelo mais amplo, uma vez que o falante pode decidir o que é relevante numa situação socialmente situada. Isso quer dizer, por exemplo, que quando um jornal estrutura as linhas de uma reportagem, ele seleciona algumas estruturas semânticas globais e alguns itens lexicais os quais condizem com os grupos de conhecimento sociocultural, conhecimento local de grupos, conhecimentos ideológicos, cujos aspectos influenciam o modelo de contexto dos receptores da reportagem. Por exemplo, as publicações em um jornal sobre as manifestações no Brasil podem influenciar os modelos de contextos dos leitores dependendo da maneira como foram escritas (estrutura semântica global e local); o que (atos, atores, movimento) está sendo mais enfatizado; como e quais grupos sociais estão com visibilidade negativa ou positiva na mídia. Na compreensão das informações publicadas, os leitores estão construindo e reconstruindo seus modelos de contexto ao mesmo tempo que formam concepções e opiniões públicas do qual o discurso trata (VAN DIJK, 2012).

Por conseguinte, a maneira como é organizada o discurso jornalístico pode construir e (re)definir diferentes modelos que temos armazenados na memória. Conforme Van Dijk (1994), os discursos contidos na mídia podem construir normas e valores que legitimam as ideologias de um grupo social específico e Marcuschi (2007a, p.168) postula ainda que “é muito difícil informar sem manipular”. Assim, compreendemos que os discursos jornalísticos são formas discursivas que enquadram situações linguísticas socialmente situadas e são poderosas formas de manipulação e coerção social, pois tendem a utilizar estratégias textuais-discursivas e processos referenciais que influenciam no processamento do discurso controlado pelos modelos de contexto, bem como, repassam para a sociedade as ideologias e as concepções axiológicas de determinados grupos.

No âmbito dessa discussão, Van Dijk (2012) elabora um esquema que apresenta alguns componentes e processos relevantes da produção do discurso controlado pelos modelos mentais. Vejamos o esquema da produção do discurso na figura (7):

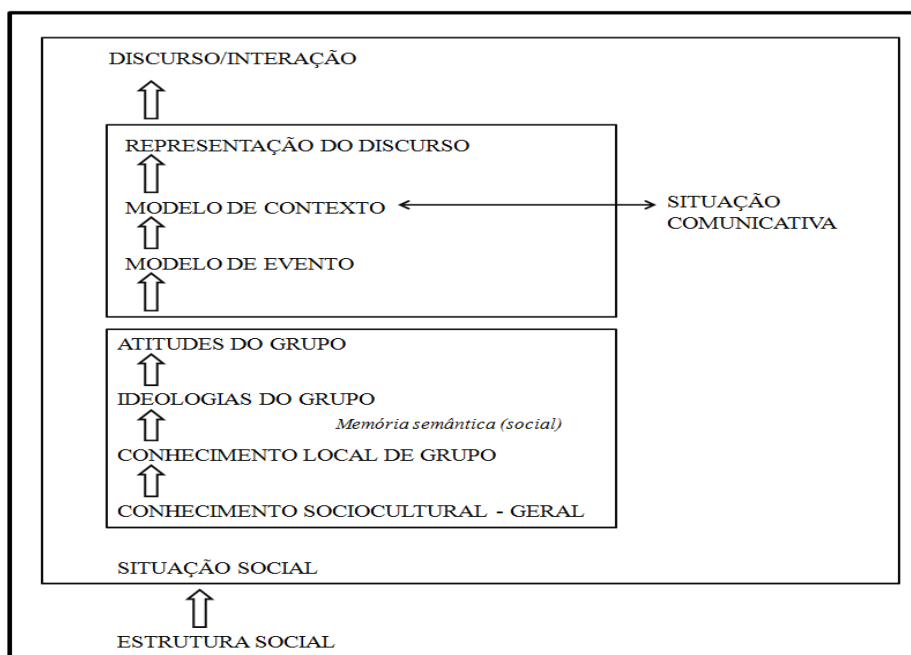


Figura 7. Esquema da produção do discurso (VAN DIJK, 2012, p.148)

Nesse esquema, compreendemos que o processamento do discurso está articulado com uma série de conhecimentos que permite e orienta a produção e a compreensão dos textos e das falas (VAN DIJK, 2012). Nessa perspectiva, a maneira como dizemos ou falamos é (re)definida pelos diferentes modelos que temos armazenados em nossa memória e está intrinsecamente relacionada com o discurso e a ideologia, pois os modelos de evento e de contextos reproduzem ideologia.

Segundo Van Dijk (2000, p. 268), “sem a noção de contexto seria impossível explicar como as ideologias podem influenciar não só o que dizemos, mas como o fazemos”. Dessa forma, os conhecimentos e as crenças pessoais e sociais são fundamentais para a formação e atualização dos modelos de contexto. Assim, compreendemos que “as ideologias implicam características, polarizações, lutas, conflitos e estas relações se projetam, precisamente sobre as relações sociais dentro de contextos” (VAN DIJK, 2000, p. 281) e, logo, as ideologias perpassam as categorias dos modelos de contexto e chegam ao discurso.

De acordo com Van Dijk (1997, p. 112),

as ideologias são modelos conceituais básicos de cognição social, partilhados por membros de grupos sociais, construídos por seleções relevantes de valores socioculturais e organizados segundo um esquema ideológico representativo da autodefinição de um grupo. Para além da função social que desempenham ao defender os interesses desses grupos, as ideologias tem a função cognitiva de organizar as representações sociais

(atitudes, conhecimentos,) do grupo, orientando, assim, as práticas sociais relativas ao grupo e, também as produções escritas e orais dos seus membros.

Nessa perspectiva, a noção de ideologia é vista como propriedade cognitiva dos atores sociais, uma vez que as crenças e os comportamentos compartilhados por grupos organizam as cognições sociais. Desse modo, os modelos de contexto legitimam algumas características sociais como valores, identidades, julgamentos, crenças que são expressas na escrita ou na fala e, conseqüentemente, influenciam as opiniões públicas e reproduzem ideologias.

Vale salientar que ao situar a ideologia numa perspectiva cognitiva, ela não parte de uma perspectiva cognitiva isolada socialmente, pelo contrário ela está articulada com os aspectos sociais. Para Van Dijk (2005), a ideologia é articulada numa tríade entre sociedade, discurso e cognição social. À vista disso, o autor enfatiza que

as ideologias formam os quadros básicos organizadores das cognições sociais partilhadas pelos membros de grupos sociais, organizações ou instituições. Nesse aspecto, as ideologias são tão cognitivas como sociais. (VAN DIJK, 2005, p.118)

Então, nessa abordagem, a ideologia se configura numa perspectiva sociocognitiva em que a cognição é uma atividade construída tanto individual, por ser elaborada em processos de pressuposição, inferenciação, etc.; quanto social, por ser elaborada em processos de interação social em que as atividades são negociadas e coordenadas entre os atores sociais.

É com base nessas interações que vemos eclodir as ideologias no discurso. Para Falcone (2004), as ideologias são entendidas com valores e conceitos construídas em sociedade e os grupos se articulam, em torno dessas afinidades, e assim compartilham e reelaboram suas crenças e conhecimentos. Dessa forma, podemos dizer que as ideologias compõem os modelos de contexto, bem como, não servem apenas para atribuir ações sociais a determinados grupos, mas sim podem funcionar como as reguladoras e propulsoras das ações que determinam tal grupo social, sendo assim, “todos os modelos de contexto são ideologicamente influenciados” (VAN DIJK, 2000, p. 302).

3.3 Contexto e encapsulamento anafórico na construção de sentidos

Ao associarmos os modelos de contexto ao encapsulamento anafórico, estamos apresentando a relevância que o contexto sociocognitivo detém no processo de referenciação e inferenciação. À vista disso, os modelos de contexto podem ancorar informações para as retomadas anafóricas inferenciais, assim como, podem garantir a construção da coerência e do sentido dos elementos textuais discursivos.

Para Van Dijk (2012), os modelos de contexto conseguem explicar as informações que não estão explícitas, recontextualizando-as e combinando-as com outros modelos de contexto. Assim, o contexto na concepção sociocognitiva configura-se como uma rede de relação intersubjetiva o qual é ampliado, alterado e ajustado às situações sociais e vai se adequando sucessivamente a novos contextos para nos ajudar na compreensão e na produção de sentidos.

O modelo de contexto também é baseado nas experiências cotidianas que são acionadas na memória episódica durante a interação entre os interlocutores, visto que as informações que não estão explícitas no discurso precisam de uma integração a fatos não-linguísticos, por meio de processos de inferenciação. Dessa forma, a função dos modelos de contexto, conforme Van Dijk (2012), permite e condiciona a compreensão e a produção dos discursos. Sendo assim, a compreensão do discurso envolve inúmeros fatores controlados pelos modelos de contexto e baseados em processos inferenciais de conhecimentos.

Conforme, Van Dijk (1997, p. 119),

[...] a informação (conhecimentos ou opiniões) que se encontra organizada em modelos contextuais influencia a forma como os modelos de acontecimentos e de ações serão formulados no discurso real. Os modelos de contexto definem também o ponto de vista e a perspectiva – bem como as opiniões que lhes estão associadas – a partir dos quais os acontecimentos de um modelo serão descritos a nível discursivo, explicando, desta forma, as implicações fundamentalmente ideológicas da posição social.

Nesse sentido, o modelo de contexto exerce um controle abrangente sobre o processo de produção e compreensão do discurso, o qual opera na produção de um texto (falado ou escrito) e nas práticas sociais discursivas mediadas pela cognição e pela linguagem. Por conseguinte, o modelo de contexto é visto como um conjunto de elementos que integra um esquema organizado, que engloba lugar e momento da enunciação; interlocutores e seus

papéis comunicativos, sociais, etc. Logo, o encapsulamento anafórico é um processo de referenciação que se relaciona, em um processo interativo, entre os modelos de contexto e os elementos do texto para a construção de sentidos.

Essa interação une os conhecimentos armazenados na memória (construídos pessoalmente e socialmente) à materialidade linguística, pela escolha do nome-núcleo do sintagma nominal. Uma vez que o nome-núcleo do sintagma nominal estabelece uma relação de sentido, muitas vezes avaliativas, entre as informações da porção textual, entre os conhecimentos de mundo, crenças e os modelos de contextos. Assim, o encapsulamento anafórico construirá objetos de discurso por meio do nome-núcleo do sintagma nominal, gerando sentidos discursivos ao texto e aos acontecimentos socialmente compartilhados.

Conforme Van Dijk (2012), a escolha do item lexical mostra a identidade social, as relações enquanto participantes, as emoções, os valores, as opiniões e atitudes, os conhecimentos e os tipos de situações (in)formais ou institucionais. Por isso, a escolha do sintagma nominal para encapsular as porções anteriormente descritas no texto serve para organizar, enquadrar, (re)categorizar os sentidos do discurso. Desse modo, concordamos com a ideia de que a escolha de um item lexical “é atribuir à opinião certas intervenções que são inferências de um contexto não dito” (MARCUSCHI, 2007a, p. 159). Nessa perspectiva, a escolha do nome-núcleo do sintagma nominal é influenciada pelo modelo de contexto, e ao mesmo tempo, tal nome-núcleo pode acionar *frames* com julgamentos valorativos, contra ou a favor, sobre um determinado acontecimento socialmente situado.

Segundo Van Dijk (2012, p. 32) “o contexto influencia de algum modo uma palavra, um trecho, um sentido, um acontecimento, ou torna possível para eles certa interpretação”. Assim, compreendemos que a maneira como o discurso jornalístico encapsula e (re)categoriza as informações precedentes do texto constroem e reconstroem objetos de discurso os quais são condizentes com os modelos de contexto do jornal. Sob essa concepção Van Dijk (2012, p. 249) postula que

a perspectiva ou ponto de vista é um dos modos clássicos de acordo com os quais os acontecimentos podem ser descritos, relativamente à localização dos falantes ou receptores, e desse modo controlados por variáveis contextuais. Assim, nos relatos da mídia sobre uma ação policial contra uma manifestação, pode-se sinalizar a posição do jornalista como a de quem está ‘do lado da’ polícia ou ‘do lado dos’ manifestantes, o que dá origem a descrições da polícia em termos de ‘indo’ até os manifestantes ou ‘vindo até eles’.

Nessa perspectiva, a composição do nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico está de acordo com a visão de mundo e com as concepções ideológicas que o jornal procede a um acontecimento, uma vez que ele categoriza e recategoriza os dizeres em maior ou menor grau de manipulação e julgamentos valorativos. Marcuschi (2007a, p.168) assevera que “as estratégias jornalísticas para relatar opiniões não são mera questão de estilo, pois as palavras são instrumentos de **ação** e não apenas de comunicação”. Em face dessa perspectiva, os discursos contidos na mídia se materializam em escolhas linguísticas que enquadram situações linguísticas socialmente situadas e, ao mesmo tempo, funcionam como poderosas estratégias de manutenção ou manipulação de argumentos, gerando pontos de vista diversos na interpretação do leitor.

Segundo Van Dijk (2012; 2012a), a produção do discurso na redação de um jornal já tem à sua disposição um modelo provisório de contexto do qual constam a exclusão ou informações alternativas na descrição dos acontecimentos. Isso quer dizer que o discurso jornalístico estrutura o texto de maneira que os acontecimentos socialmente situados são reproduzidos e julgados com uma carga valorativa que estabiliza preconceitos e estereótipos. Nessa concepção, Cordeiro (2011, p. 77) afirma que “o jornalista, ao descrever e/ou narrar os fatos, nomeia, qualifica e designa-os com as palavras que mais convêm aos seus propósitos e aos da linha editorial da empresa em que trabalha”. Logo, ao realizar a construção de objetos de discursos e de estabilizar sentidos diversos no texto, por meio dos modelos de contexto e da seleção do nome-núcleo do sintagma nominal, por exemplo, o discurso jornalístico refrata os acontecimentos socialmente situados com atribuições valorativas as quais são condizentes com a respectiva perspectiva ideológica do jornal, mesmo de maneira sutil e indireta.

Assim, podemos dizer que o encapsulamento anafórico é um processo referencial que, por meio da seleção do item lexical utilizado para compor o sintagma nominal, relaciona, em uma interação constitutiva, os referentes discursivos ao longo da enunciação e os modelos de contexto. Portanto, os modelos de contexto influenciam na escolha da composição do sintagma nominal que, por sua vez, vão exercer um papel norteador para a construção da significação, indicando uma possibilidade interpretativa da parte encapsulada, bem como, podem conduzir o leitor a ver os acontecimentos sociais de um determinado ângulo que expressa e favorece um julgamento valorativo institucional no domínio jornalístico.

No próximo capítulo, apresentaremos as nossas análises, mostrando o modo como o jornal Folha de S. Paulo encapsulou as informações sobre o **evento** e sobre os **atores sociais** nas Manifestações no Brasil de 2013.

4. DISCURSO JORNALÍSTICO: ANALISANDO O ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO NA FORMAÇÃO DE *FRAMES*

Neste capítulo, discorreremos sobre as análises que envolvem o encapsulamento anafórico no domínio jornalístico sobre as manifestações no Brasil no ano de 2013. Ao fazer uso do encapsulamento anafórico, o jornal estabelece relações de sentidos que se apoiam tanto no texto quanto nos modelos de contextos, norteando o leitor em relação ao tópico textual-discursivo e à argumentação construída no discurso jornalístico.

As nossas análises estão fundamentadas nos referenciais teóricos explicitados nos capítulos anteriores e que perpassam a produção do texto e do discurso. Buscamos mostrar, neste capítulo, que a composição do nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico constrói relações de sentidos que se apoiam tanto no texto quanto num conjunto de saberes sociais, culturais e ideológicos, expressando julgamentos valorativos que podem manipular ou não o leitor de forma positiva ou negativa quanto ao tópico discursivo e à porção encapsulada.

Apresentaremos também, neste capítulo, a metodologia desse estudo, a fim de esboçar o percurso metodológico da pesquisa e sua trajetória de construção.

4.1 Aspectos metodológicos

Este trabalho faz uso de uma metodologia qualitativa e utiliza uma abordagem teórica e interpretativa com base em fundamentos teóricos da Linguística Textual, para abordar questões de referenciação; da Análise Crítica do Discurso, para discutir a formação de ideologias; e da Linguística Cognitiva, numa abordagem Sociocognitiva, para discorrer acerca da elaboração dos modelos de contextos e da ativação dos *frames* valorativos. Contudo, este estudo também faz recorrência à quantificação, secundariamente, para melhor organização interpretativa dos dados coletados. Para Neves (1996), “os métodos qualitativos e quantitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos” (NEVES, 1996, p.2). Nessa perspectiva, isso significa dizer que o material analisado não se detém apenas aos dados estatísticos ou em maior quantidade, pois a análise

interpretativa busca enfatizar e relacionar, qualitativamente, os conceitos teóricos com os práticos de modo que eles pareçam consistentes e plausíveis.

Quanto ao tipo de pesquisa, configura-se como documental, pois conforme Godoy (1995) a pesquisa documental é apropriada para as investigações que se realizam em um dado tempo e espaço, bem como para o pesquisador que analisa materiais escritos como: jornal, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, etc. Nessa perspectiva, a seleção dos textos publicados no jornal Folha de S. Paulo se caracteriza como procedimento relevante para a realização desse estudo.

O *corpus* é formado por reportagens, notícias, entrevistas, depoimentos, artigos de opinião, editoriais²⁵, etc, totalizando sessenta e oito textos. Esses gêneros foram selecionados do jornal Folha de S. Paulo e coletados desde 07 de junho de 2013 até 08 de julho de 2013, período em que o evento mobilizou várias publicações no domínio jornalístico e provocou maior atenção na população brasileira. A propensão por esse veículo de comunicação justifica-se pelo fato de ele ser considerado o jornal de maior tiragem e circulação em todo o país²⁶. Após a coleta do *corpus*, adotamos as seguintes etapas metodológicas de pesquisa:

1. coleta dos textos sobre as Manifestações no Brasil de 2013 (ANEXO 1);
2. seleção dos textos que continham encapsulamentos anafóricos (APÊNDICE 1);
3. distinção dos textos quanto aos gêneros que continham encapsulamentos anafóricos (APÊNDICE 1);
4. levantamento quantitativo dos textos que utilizaram o encapsulamento anafórico (ver esses dados numéricos na tabela (3) abaixo, no item 4.2);
5. quantificação de ocorrências do encapsulamento anafórico por gêneros, (ver esses dados numéricos na tabela (3) abaixo, no item 4.2);
6. após o levantamento e as quantificações, separamos os textos que apresentaram retomadas anafóricas sobre **o evento** (ver os textos na tabela (1) abaixo);

²⁵ Adotamos as nomenclaturas dos gêneros textuais tais quais as utilizadas pelo jornal Folha de S. Paulo.

²⁶ Informação obtida pelo Índice Verificador de Circulação (IVC) de veículos impressos e digitais (<http://www.ivcbrasil.org.br>), e da Associação Nacional de Jornais (ANJ).

Tabela (1): Textos com os encapsulamentos anafóricos sobre o evento

TEXTOS	DATA	GÊNEROS TEXTUAIS
Dilma cancela viagem ao Japão e marca reunião emergencial	21/06/2013	Notícia
Objetivo de manifestações é nova forma de democracia	08/07/2013	Entrevista
Muito além das catracas	28/06/2013	Artigo de opinião
Promotor se desculpa após incitar PM a ser violenta	10/06/2013	Reportagem

Fonte: Dados coletados no jornal Folha de S. Paulo

7. na tabela (2), separamos os textos que apresentaram retomadas anafóricas sobre **os atores sociais** nas manifestações no Brasil em 2013 (ver os textos abaixo);

Tabela (2): Textos com os encapsulamentos anafóricos sobre os atores sociais

TEXTOS	DATA	GÊNEROS TEXTUAIS
Haddad defende ação da PM para tirar protestos de vias	10/06/2013	Reportagem
Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e a paulista	12/06/2013	Notícia
Ato contra tarifa une punks a ativistas do paz e amor	16/06/2013	Reportagem

Fonte: Dados coletados no jornal Folha de S. Paulo

Com os procedimentos metodológicos elencados para a pesquisa, buscamos analisar os dados coletados, correlacionando-os com o encapsulamento anafórico na formação de *frames* valorativos na cobertura sobre as manifestações no Brasil em 2013 no discurso jornalístico.

4.2 Analisando os dados quantitativos

Antes de apresentarmos as análises das categorias **atores sociais** e o **evento**, de como o discurso jornalístico encapsula as informações contextuais sobre os **atores sociais** e sobre o **evento**, queremos exibir dados quantitativos relevantes de encapsulamentos anafóricos encontrados no nosso *corpus*. Vejamos a tabela (3):

Tabela (3): Geral de ocorrências de encapsulamento anafórico por gêneros textuais

	Gêneros textuais	Total de textos coletados (período de 07 de junho de 2013 até 08 de julho de 2013)	Quantitativo de textos com encapsulamentos anafóricos	Total de ocorrências de encapsulamentos anafóricos nos textos
1º	Carta do leitor	7	1	2
2º	Entrevista	4	4	10
3º	Depoimento	1	1	2
4º	Artigo de opinião	5	5	12
5º	Editorial	8	5	10
6º	Análise	7	7	12
7º	Reportagem	21	21	31
8º	Notícia	15	7	8
	TOTAL	68	51	87

Fonte: Dados coletados no jornal Folha de S. Paulo. Elaboração nossa.

A tabela (3) se refere à ocorrência quantitativa dos textos coletados do jornal Folha de S. Paulo no período de 07 de junho de 2013 a 08 de julho de 2013 sobre as manifestações no Brasil. Como podemos ver, foram coletados: **7** textos do gênero carta do leitor, **4** textos do gênero entrevista; **1** texto do gênero depoimento, **5** textos do gênero artigo de opinião, **8** textos do gênero editorial, **7** textos do gênero análise, **21** textos do gênero reportagem e **15** textos do gênero notícia, totalizando **68** textos coletados.

Nos textos coletados foram encontrados: **1** texto do gênero carta do leitor com **5** encapsulamentos anafóricos, **4** textos do gênero entrevista com **10** encapsulamentos anafóricos, **1** texto do gênero depoimento com **2** encapsulamentos anafóricos, **5** textos do gênero artigo de opinião com **12** encapsulamentos anafóricos, **5** textos do gênero editorial com **10** encapsulamentos anafóricos, **7** textos do gênero análise com **12** encapsulamentos anafóricos, **21** textos do gênero reportagem com **31** encapsulamentos anafóricos e **7** textos do gênero notícia com **8** encapsulamentos anafóricos. Então, totalizou **51** textos com **87** encapsulamentos anafóricos.

Diante dos dados numéricos vemos que o domínio jornalístico utiliza com bastante frequência esse processo de referenciação em seus textos para construir, na atividade discursiva, os objetos de discurso por meio de processos inferenciais e da referenciação. É oportuno salientar que os gêneros apresentaram uma média de quase dois encapsulamentos anafóricos por texto, exceto o gênero entrevista que contabilizou dois vírgula cinco (2,5) encapsulamentos por texto.

Os encapsulamentos encontrados foram analisados conforme os caminhos percorridos pelos nomes-núcleos do sintagma nominal, sendo eles: **(i)** retomada anafórica por meio de nomes-núcleos que recaem sobre o **dito**, isto é, recaem sobre nomeações e categorizações de forma aparentemente ‘**neutra**’; **(ii)** retomada anafórica por meio de nomes-núcleos que recaem sobre o **modo de compreensão** do que foi **dito**, isto é, recaem sobre nomeações e categorizações de forma axiológica e com função predicativa. Tais percursos inferenciais e referenciais construídos pelos nomes-núcleos dos sintagmas nominais foram discutidos por Conte (2003), Francis (2003); Koch (2004a, 2006, 2011) e Melo (2008) e apresentados na discussão teórica desta pesquisa.

Portanto, os percursos inferenciais, as retomadas anafóricas e as (re)categorizações, construídos por meio do encapsulamento anafórico, mostram-nos que a partir do nome-núcleo do sintagma nominal pode-se acionar *frames* os quais expressam julgamentos valorativos e estabilizam discursivamente os acontecimentos socialmente situados. Desse modo, tal sintagma nominal atua como um norteador argumentativo o qual demonstra possibilidades de sentido, de progressão tópica e pode indicar atividades cognitivas que exige a capacidade de interpretação e de informação adicional sobre o foi dito anteriormente, de forma aparentemente ‘**neutra**’ ou de forma axiológica e com função predicativa (CONTE, 2003; KOCH, 2004a, 2006).

4.3 Manifestações no Brasil: analisando os encapsulamentos anafóricos sobre o evento

Sabemos que o sintagma nominal possui a função cognitivo-discursiva de encapsular as informações anteriormente descritas e indicar construções ideológicas sobre o referente, por meio de inferenciação e da seleção lexical do nome-núcleo do sintagma nominal. Desse modo, compreendemos que o domínio jornalístico utiliza o encapsulamento anafórico, como um processo de referenciação, para tentar conduzir o leitor a ver as Manifestações no Brasil de 2013 por um determinado ângulo.

Para Mondada e Dubois (2003, p. 33), “uma categoria lexical impõe um ponto de vista, um domínio semântico de referência a concorrer com outras categorias sugeridas, produzindo sentido a partir do contraste com o precedente”. No caso deste estudo, o sintagma nominal não só possui a função cognitivo-discursiva de encapsular as informações da porção textual anteriormente descritas, como também, possui a função de expressar um julgamento valorativo e acionar *frames* das situações socialmente situadas, de forma positiva ou negativa.

Desse modo, a maneira como o nome-núcleo do sintagma nominal é utilizado pelo domínio jornalístico pode apresentar as manifestações de 2013 à sociedade como um acontecimento bom ou ruim, pacífico ou violento, legítimo ou ilegítimo, assim, o domínio jornalístico tende a criar versões dos acontecimentos socialmente situados. Essas construções discursivas e também ideológicas levam muitos leitores a acreditarem no nome-núcleo escolhido para compor o sintagma nominal, visto que ele empacota as informações da porção textual anteriormente descritas e direciona os pontos de vista.

Portanto, a maneira como o sentido do sintagma nominal está sendo tecido no texto pode ser mais parecido com o que foi dito anteriormente ou pode se configurar em um modo de compreensão que apresenta julgamento axiológico da porção textual antecedente (KOCH, 2004a, 2006; MELO, 2008). Por conseguinte, o sentido construído por meio do sintagma nominal tende a ser visto como a forma “real” ou “verdadeira” das informações citadas anteriormente.

Vejam, a seguir, os exemplos (9), (10) (11) e (12) coletados no jornal Folha de S. Paulo no período de 07 de junho de 2013 até 08 de julho de 2013 para fins de análise das ocorrências de encapsulamento anafórico retomando as informações sobre a categoria **evento**.

4.3.1. Retomadas anafóricas da categoria de análise “evento”

Exemplo (9)

Dilma cancela viagem ao Japão e marca reunião emergencial²⁷

Segundo assessores, governo está ‘atônito’; ela deve decidir hoje pela manhã se faz ou não pronunciamento

Ontem, a presidente manteve contato com governadores e prefeitos de cidades onde houve protestos

A presidente Dilma Rousseff decidiu cancelar sua viagem ao Japão e a Salvador e convocou reunião de emergência hoje pela manhã com sua equipe para avaliar a situação do país diante da onda de manifestações.

Na reunião, a presidente vai fazer um balanço dos protestos e analisar se faz ou não um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV.

Dilma determinou que seus principais ministros estejam hoje em Brasília. Guido Mantega (Fazenda), que viajou ontem à noite a São Paulo, também foi chamado e vai retornar pela manhã para seu gabinete na capital do país.

Assessores presidenciais disseram ontem reservadamente que o governo estava “atônito” e “perplexo” com as manifestações em todo o país, mas monitorava a evolução dos protestos para tomar medidas de emergência em caso de necessidade.

Segundo auxiliares, o governo estava também “preocupado” com o impacto das manifestações sobre os investidores internacionais e na imagem do país no exterior.

Esse temor decorre em particular do fato de o país estar sediando a Copa das Confederações, atraindo atenção da mídia internacional. Além disso, o governo enfrenta no mesmo momento turbulências na área econômica, com a cotação do dólar em alta e o Banco Central sendo obrigado a fazer intervenção no mercado cambial.

Dilma ficou reunida no Planalto até as 20h30, depois que os manifestantes já não ameaçavam mais chegar ao local – eles concentravam seus ataques ao Itamaraty, seguindo depois para o Palácio da Alvorada.

[...]

As porções textuais **Ontem, a presidente manteve contato com governadores e prefeitos de cidades onde houve protestos; Assessores presidenciais disseram ontem reservadamente que o governo estava “atônito” e “perplexo” com as manifestações em todo o país, mas monitorava a evolução dos protestos para tomar medidas de emergência em caso de necessidade e Segundo auxiliares, o governo estava também “preocupado” com o impacto das manifestações sobre os investidores internacionais e**

²⁷ Texto publicado em 21/06/2013, pelo Jornal Folha de S. Paulo.

na **imagem do país no exterior** são encapsuladas pelo nome-núcleo do sintagma nominal como **temor**. O fato de o jornal usar os termos **atônito** e **perplexo** está sinalizando a escolha do item lexical **temor** para a retomada anafórica. Essa escolha evidencia **uma possibilidade interpretativa** para enfatizar como o governo se encontra diante do evento e acrescenta à informação-suporte a ideia de espanto/medo que o governo tem em relação às manifestações e, ainda, assinala posteriormente a possibilidade de ser criada uma imagem, provavelmente negativa, do país por causa das manifestações.

Os itens lexicais **atônito**, **perplexo** e **preocupado** funcionam como uma âncora referencial, a qual dá acesso ao sentido construído no sintagma nominal. Aqui temos uma possibilidade interpretativa da porção anaforizada que se fundamenta numa elaboração discursiva com base em relações de sentidos já construídos e mencionados anteriormente no texto. Isso significa dizer que os três termos servem de guias para caracterizar as manifestações como um evento negativo e preocupante.

Embora a âncora referencial **preocupado** sinalize e auxilie uma suavização no sentido do discurso jornalístico, logo depois, com o sintagma nominal **esse temor**, vemos como tal discurso é modificado, pois além de indicar com mais ênfase uma caracterização de medo, implica avaliação e um julgamento valorativo sobre o que foi retomado, apontando ideologias do jornal frente ao evento.

O jornal categorizou o evento enfatizando um sentido de apreensão, ao encapsular as informações-suporte precedentes como **temor**. Para o sentido não ser construído de forma negativa, seria necessária a substituição do nome-núcleo do sintagma nominal por outros nomes encapsuladores. Vejamos, abaixo, outro item lexical compondo o sintagma nominal no encapsulamento anafórico, como **cuidado**, por exemplo. Desse modo, suavizaria o sentido do discurso e a valoração negativa sobre o evento e seus desdobramentos.

Segundo auxiliares, o governo estava também “preocupado” com o impacto das manifestações sobre os investidores internacionais e na imagem do país no exterior.

Esse cuidado decorre em particular do fato de o país estar sediando a Copa das Confederações, atraindo atenção da mídia internacional.

Como vemos, a escolha do sintagma nominal vai depender do **modo** como se quer que sejam interpretados os enunciados encapsulados, resultando assim em uma possibilidade interpretativa sobre o conteúdo anterior. A escolha do jornal pelo sintagma nominal **esse temor** configura-se como um novo referente que reformula a informação velha e ativa um julgamento valorativo na sequência da ação discursiva. Vemos isso em dois itens lexicais posteriores ao encapsulamento: **turbulências** e **ameaçavam**.

A substituição do nome-núcleo por outro, no encapsulamento anafórico, além de poder oferecer um julgamento valorativo da porção anaforizada, acarreta em uma mudança de sentido que interfere na continuidade temática do texto. Então, cada nome-núcleo utilizado para compor o sintagma nominal pode ocasionar compartilhamentos ideológicos socialmente situados.

O nome-núcleo **temor** aciona *frames* que ativam porções textuais anteriormente descritas, as quais vão se estabelecendo como atributos e valores, como por exemplo: **medo, pavor, perigo, receio**. A partir do nome-núcleo, *frames*, atributos e valores não só rotulam as porções anaforizadas como estão (re)categorizando o evento e o sentido sobre as manifestações no Brasil. Se analisarmos o significado do nome-núcleo **temor**, vemos que o sentido desse sintagma é relacionado a receio, susto, medo, pavor, terror; sentimento que pode ser considerado por algo perigoso ou estranho. Por isso, a associação de sentidos promovidos pelo *frame*, a partir do nome-núcleo **temor**, nos leva a compreender que a maneira como estamos organizando em nossa memória as informações sobre as manifestações é de um fato que suscita temor à sociedade.

Vejamos o exemplo (10) extraído do jornal Folha de S. Paulo com os encapsulamentos anafóricos retomando as informações sobre o evento.

Exemplo (10):

OBJETIVO DE MANIFESTAÇÕES É NOVA FORMA DE DEMOCRACIA, DIZ SOCIÓLOGO ITALIANO²⁸

SOCIÓLOGO ITALIANO CRITICA PRESIDENTE DILMA E DIZ QUE PROTESTOS VOLTARÃO EM “NOVAS ONDAS E NOVAS FORMAS”

Entrevista Paolo Gerbaudo

Folha – O sr. estudou manifestações impulsionadas pelas redes sociais em países como Egito, Espanha e Turquia. O que elas têm em comum com os protestos no Brasil?

PG – **Da Primavera Árabe ao Occupy Wall Street, os ativistas se definem como integrantes de movimentos de praças. Eles veem às praças e ruas como pontos de encontro da sociedade para protestar contra as instituições. O caso brasileiro é mais complexo, porque envolveu várias cidades, mas também houve a ocupação de lugares que simbolizam a nação, como o Congresso.** A noção de povo é a chave para entender **esses novos movimentos.**

[...]

Folha – No Brasil, militantes com bandeiras de partidos foram expulsos de vários protestos.

PG – Isso é muito porque os manifestantes querem ser vistos como uma onda única. No Egito, os militantes de partidos também foram impedidos de mostrar suas bandeiras na praça. Só permitiam o uso da bandeira nacional. Como eles dizem representar toda a nação, são contra todos os elementos que podem dividir as pessoas na luta contra um inimigo comum, representado pelo aparato repressivo do Estado. Em geral, eles dizem que não há ideia de esquerda ou de direita, o que existe são ideias boas e ideias ruins. Sonham com uma política sem partidos políticos.

Folha – Qual é o significado disso?

PG – É um discurso populista. Isso emerge em alguns momentos na história que Antonio Gramsci [1891-1937] chamava de “interregnum”. É quando um sistema de poder está em colapso, mas seu sucessor ainda não se formou. Nesses momentos, aparecem o que Gramsci chamava de sintomas mórbidos. Fenômenos estranhos, criaturas monstruosas e difíceis de serem decifradas. Hoje, as criaturas estranhas são **esses movimentos populares.**

No exemplo (10), o sintagma nominal **esses novos movimentos** encapsula a porção textual **Da Primavera Árabe ao Occupy Wall Street, os ativistas se definem como integrantes de movimentos de praças. Eles veem às praças e ruas como pontos de**

²⁸ Texto publicado em 08/06/2013, pelo Jornal Folha de S. Paulo.

encontro da sociedade para protestar contra as instituições. O caso brasileiro é mais complexo, porque envolveu várias cidades, mas também houve a ocupação de lugares que simbolizam a nação, como o Congresso.

Inicialmente, podemos pensar que o sintagma nominal **esses novos movimentos** faz uma retomada anafórica pontual do referente **movimentos de praças**. Todavia, ao analisarmos toda a porção anaforizada, percebemos que o sintagma nominal **esses novos movimentos** aglutina o modificador **novo** antes do termo **movimento**. Isso nos faz entender que a porção textual encapsulada que indica o modificador **novo** é a seguinte: **O caso brasileiro é mais complexo, porque envolveu várias cidades, mas também houve a ocupação de lugares que simbolizam a nação, como o Congresso.**

Assim, vemos que o autor do texto dá um enfoque inovador às manifestações ocorridas nesta época no Brasil, pois com o modificador “**novos**”, a informação anaforizada rotula e classifica as manifestações no Brasil como um movimento diferenciado dos outros, chamados de movimentos de praças. Por esta razão, um novo referente discursivo é criado sob a base das informações precedentes, com a introdução e a recategorização do referente **evento**, visto que além de retomar a porção textual citada anteriormente, acrescenta um julgamento valorativo com função predicativa **esses novos movimentos**. Isso nos mostra que, nesse caso, a retomada anafórica recai sobre o que foi **dito** anteriormente, no entanto, com o modificador ‘**novo**’ vemos um julgamento valorativo das informações anteriormente descritas. Assim, os sintagmas **novos movimentos** sumarizam as informações de forma predicativa, expressando julgamentos valorativos e oportunizando a ativação de *frames* valorativos.

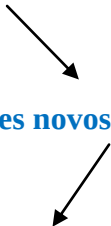
Interessante é o que acontece com a expressão **esses movimentos populares**. Embora tal expressão seja formada por sintagma nominal (demonstrativo + nome), ela não exerce a função cognitivo-discursiva de encapsulamento anafórico porque não insere nem cria um novo referente ao tópico discursivo. Nesse caso, o jornal utiliza **esses movimentos populares** para retomar o que foi descrito anteriormente numa sequência predicativa **sintomas mórbido, fenômenos estranhos, criaturas monstruosas e criaturas difíceis de serem decifradas**, no entanto, mantendo o mesmo tópico discursivo citado anteriormente. Isso significa dizer que o referente foi recategorizado, e a ele foi acrescentado novos atributos informacionais, mas há a manutenção do mesmo referente.

Então, diante dessas considerações, compreendemos que é a partir da sumarização das informações precedentes no texto que o sintagma nominal pode exercer função cognitivo-discursiva de encapsulamento e criar um novo referente (CONTE 2003, KOCH, 2004a). O encapsulamento anafórico constitui-se como um processo de referenciação, o qual pode ativar *frames* e utilizar os modelos de contexto para construir uma relação de sentidos entre as porções textuais.

Vejamos, abaixo, uma cadeia referencial estabelecendo relações de sentido entre o sintagma nominal **com** função cognitivo-discursiva de encapsulamento anafórico **esses novos movimentos**, e outro sintagma nominal **sem** função cognitivo-discursiva de encapsulamento **esses movimentos populares**.

PG – Da Primavera Árabe ao Occupy Wall Street, os ativistas se definem como integrantes de movimentos de praças. Eles veem às praças e ruas como pontos de encontro da sociedade para protestar contra as instituições. O caso brasileiro é mais complexo, porque envolveu várias cidades, mas também houve a ocupação de lugares que simbolizam a nação, como o Congresso. A

esses novos movimentos



Fenômenos estranhos, criaturas monstruosas e difíceis de serem decifradas. Hoje, as criaturas estranhas são **esses movimentos populares**.

De acordo com essa cadeia referencial, compreendemos que as informações tecidas no texto e as relações de sentido permitem que o referente **evento** seja retomado sem alteração de sentido, dando continuidade a progressão tópica do mesmo referente. Isso significa dizer que o fluxo de informações ainda se mantém na mesma direção argumentativa e o sintagma nominal **esses movimentos populares**, mesmo com variação lexical, está funcionando como um organizador do tópico discursivo que recategoriza e sintetiza o assunto tratado anteriormente. O exemplo (10) nos mostra que as relações de sentido estabelecidas entre as porções textuais mantêm o mesmo referente e o tópico discursivo enfatizando as informações que fazem desse movimento diferente dos outros que já aconteceram.

Como podemos ver, nesse encadeamento textual-discursivo, são tecidos na argumentação do texto atributos e valores os quais ativam, cognitivamente, a forma como **esses novos movimentos** sociais devem ser compreendidos pelo povo brasileiro. Portanto, no exemplo (10), o evento é retomado e ao mesmo tempo é recategorizado pelo modificador **novos**, uma vez que ao encapsular as informações precedentes com o sintagma nominal **esses novos movimentos**, atribui-se características e julgamentos valorativos que (re)categorizam o evento, manifestações no Brasil, ativando *frames* de um evento **inovador e diferenciado**.

Vejamos no exemplo (11), outro texto extraído do jornal Folha de S. Paulo com o encapsulamento anafórico retomando as informações sobre o evento.

Exemplo (11)

MUITO ALÉM DAS CATRACAS²⁹

A sabatina Folha/UOL com membros do Movimento Passe Livre foi uma boa ocasião para conhecer melhor o pensamento dos que, para sua própria surpresa, iniciaram **uma onda de manifestações capaz de ir muito além da questão do transporte público gratuito**.

A **essa bandeira** - e praticamente a nada mais - os dois entrevistados dedicaram suas intervenções. Empenhavam-se em ostentar um movimento desatrelado de partidos políticos e em resguardar sua autonomia.

Em alguns aspectos, todavia, podem-se notar os limites de tão notável purismo reivindicativo. Se se trata de dar expressão ao que os militantes consideram um direito essencial --o transporte gratuito se equipara, nessa visão, à educação e à saúde--, impõe-se o problema de como assegurá-lo na prática.

[...]

No exemplo (11), o sintagma nominal **essa bandeira** encapsula a porção textual **uma onda de manifestações capaz de ir muito além da questão do transporte público gratuito** e configura-se como retomada anafórica que apresenta uma possibilidade interpretativa das informações precedentes e de base contextual a partir de processos inferenciais e por meio de aspectos sociocognitivos. Trata-se de empacotar as informações anteriormente descritas acrescentando algo novo situado no velho, com julgamentos valorativos a partir de informações do texto e dos conhecimentos socialmente compartilhados.

²⁹ Texto publicado em 28/06/2013, pelo jornal Folha de S. Paulo.

Ao observarmos o sintagma nominal **essa bandeira**, vemos que não se trata apenas de um resumo das informações descritas, há também o caráter associativo e contextual envolvido nesse nome-núcleo. Pois, além de introduzir um novo referente promovendo a progressão referencial, compreendemos que o sintagma nominal **essa bandeira** é influenciado por um modelo de contexto para simbolizar um propósito de luta, para os manifestantes. Conforme Van Dijk (2012), modelos de contextos são produções intersubjetivas elaborados na memória episódica das pessoas, os quais são capazes de controlar a produção e a compreensão do discurso.

O sintagma nominal **essa bandeira** encapsula a porção anteriormente descrita e exhibe questões indicando a argumentação para um tipo de símbolo, que por sua vez é uma maneira de representar o movimento que contém perspectivas **além da questão do transporte público gratuito**. Assim, o nome-núcleo do sintagma nominal **bandeira** se refere a um símbolo cujo propósito é de designar ideologias, lutas políticas e sociais que vão além da questão do transporte público gratuito.

Vale salientar que o sintagma nominal **essa bandeira** recai sobre o **modo de compreensão** do que foi **dito**, ou seja, apresenta uma possibilidade interpretativa e evidencia um modo de apresentação da compreensão da porção anteriormente descrita, ativando outros conhecimentos contextuais e deixando o texto mais informativo e mais dinâmico quanto à argumentação. Portanto, esse tipo de encapsulamento, apresentado no exemplo (11), explicita os julgamentos valorativos sobre as manifestações, assim como age com a função de anunciar argumentações colocadas após o sintagma nominal.

Notemos que para construirmos tal sintagma nominal, as informações não estão necessariamente no texto, isto é, há uma correlação e associações de informações que mobilizam nosso conhecimento enciclopédico, nossas visões de mundo, nossos modelos de contexto. Isso significa dizer que o nome-núcleo **bandeira** o qual compõe sintagma nominal se constrói pelas informações contextuais e pelas âncoras referenciais do texto. Por isso, no momento de selecionarmos algum nome-núcleo, escolhemos aquele que nos parece relevante para a situação socialmente situada. Assim, o sentido do sintagma nominal **essa bandeira** é construído na ação discursiva e evidencia uma possibilidade interpretativa da porção anaforizada de forma axiológica (KOCH, 2006).

Dessa forma, o sintagma nominal empregado com função cognitivo-discursiva de encapsular, também possibilita colocar em evidência uma caracterização do evento, cujas particularidades são evidenciadas pelos modelos de contexto do domínio jornalístico. O

nome-núcleo **bandeira**, pelo que podemos observar, empacota as informações das porções textuais precedentes, rotula o modo como é compreendida a porção textual anaforizada e, ainda, projeta predicções futuras (MELO, 2008). Nessa perspectiva, a porção textual anaforizada funciona como uma âncora para demonstrar os modelos de contexto, os processos inferenciais e a construção de sentidos por aspectos sociocognitivos.

Com base nos processos inferenciais e referenciais, o nome-núcleo **bandeira**, de acordo com o texto acima, nos aciona *frames* cujos atributos se referem à **onda de manifestações** e ativam os valores que vão **além dos transportes públicos** e que estão **desatrelados de partidos políticos**. Assim, diante das informações do texto, compreendemos que um novo referente é criado, configurando-se em um objeto **de** discurso estabelecido na atividade discursiva, o qual envolve aspectos linguísticos e contextuais que ativam atributos e valores construídos pelos entrevistados e participantes do movimento.

Entretanto, é necessário lembrar que no exemplo (11), o jornal ora intercala essas informações dos participantes do movimento, ora arquiteta parágrafos se posicionando contra tal movimento. Depois do sintagma nominal **essa bandeira**, o jornal intercala as orações dizendo: **e praticamente a nada mais**, e no próximo parágrafo continua argumentando e encapsulando informações que tendem a sintetizar e diminuir os propósitos do movimento. Assim, depois de apresentar o sintagma nominal com as informações das porções textuais precedentes, e intercalar as orações com declarações valorativas, o jornal volta a enunciar a ideia de que o movimento é desatrelado de partidos político, e logo em seguida, retoma a argumentação diminuindo e sintetizando, novamente, o evento.

Então, isso significa dizer que, nesse texto, o jornal apresenta dois discursos: o primeiro, evidencia o que os participantes do evento dedicaram-se a apresentar sobre o movimento, enfatizando ser um movimento além do transporte público e desatrelado do transporte público. O segundo discurso condiz com outro posicionamento, o qual aponta um **purismo reivindicativo** e tende a limitar os propósitos e as ideias do evento.

Por conseguinte, o nome-núcleo do sintagma nominal além de acionar *frames* evidenciando (re)categorizações e rotulações, pode ancorar ideologias e guiar o leitor às expectativas e interesses do que o jornal expõe no texto. Desse modo, nesse exemplo (11), notamos que as relações de sentido entre as partes precedentes não são totalmente recuperáveis no texto, pois há algumas informações que são presumíveis e recapturadas pelos modelos de contexto. Vale destacar também que, no decurso do texto, *frames* são acionados e

podem indicar ao leitor distintos posicionamentos ideológicos sobre as manifestações no Brasil.

Portanto, como processo de referenciação, o encapsulamento anafórico estabelece relações associativas e inferenciais de retomadas anafóricas na progressão referencial do texto e, ainda, pode encapsular as informações das porções textuais precedentes por meio de informações que são presumíveis pelo contexto, de forma axiológica e projetando informações que indicam limitações dos propósitos do evento.

Vejamos no exemplo (12), outro texto extraído do jornal Folha de S. Paulo. Esse exemplo merece destaque, pois além do sintagma nominal encapsular as informações precedentes sobre o evento, há, no texto, categorizações e recategorizações sobre os atores sociais.

Exemplo (12):

PROMOTOR SE DESCULPA APÓS INCITAR PM A SER VIOLENTA

TEXTO PUBLICADO POR ROGÉRIO ZAGALLO CHAMA MANIFESTANTES DE 'BUGIOS'³⁰

O promotor Rogério Zagallo, da 5ª Vara do Júri de São Paulo, publicou texto no Facebook, na sexta-feira, com xingamentos a manifestantes do Movimento Passe Livre e incitando a violência.

Ontem, ele apagou o comentário, pediu desculpas e disse à Folha que foi apenas um desabafo.

"Estou há duas horas tentando voltar para casa, mas tem um bando de bugios revoltados parando a Faria Lima e a Marginal Pinheiros. Por favor alguém pode avisar a Tropa de Choque que essa região faz parte do meu Tribunal do Júri e que se eles matarem esses filhos da puta eu arquivarei o inquérito policial", diz o texto.

"Que saudades do tempo em que **esse tipo de merda** era resolvida com borrachada nas costas dos medras (sic)", continua. Zagallo afirmou ontem que publicou o texto, mas que só mal-intencionados achariam que as declarações são sua opinião.

[...]

³⁰ Texto publicado em 10/06/2013, pelo Jornal Folha de S. Paulo.

Nesse exemplo (12), o sintagma nominal **esse tipo de merda** encapsula as informações anteriormente descritas **Estou há duas horas tentando voltar para casa, mas tem um bando de bugios revoltados parando a Faria Lima e a Marginal Pinheiros**. Além de encapsular essa porção textual, tal sintagma nominal apresenta uma possibilidade interpretativa da porção anaforizada e acrescenta um julgamento valorativo enfático e pejorativo às manifestações no Brasil.

O sentido indicado pelo sintagma nominal **esse tipo de merda** apresenta um modo de compreensão, uma possibilidade interpretativa que é inferida por uma construção inferencial por evidências sociocognitivas e expressa um julgamento valorativo (MELO, 2008). Nessa perspectiva, os nomes-núcleos empregados para compor o sintagma nominal resultam de visões de mundo cujas bagagens sócio-histórico-cultural e cognitivas atuam como fatores co-criadores dos sentidos construídos na interatividade discursiva.

Nesse caso, o sintagma nominal **esse tipo de merda** é a expressão nominal que melhor se adapta ao projeto de descrever e interpretar as manifestações. Visto que os sintagmas nominais que utilizamos para compor o encapsulamento anafórico não são aleatórios, estão de acordo com os nossos modelos de contexto e com as informações que temos armazenadas em nossa memória, as quais são decorrentes dos nossos conhecimentos enciclopédicos e de mundo. Logo, **esse tipo de merda** foi o sintagma nominal mais relevante e que mais se adaptou a essa situação socialmente situada.

Isso nos mostra que, nessa retomada anafórica, o nome-núcleo sinaliza um **modo de compreensão** do que foi **dito** de forma axiológica e com função predicativa, pois o julgamento valorativo construído na atividade discursiva é carregado de interpretações e julgamentos valorativos, o que afeta na argumentação do texto e pode nortear a opinião dos leitores sobre evento. Observemos que o sintagma nominal, além de retomar uma porção textual anteriormente descrita, funciona como um encadeador de julgamentos valorativos o qual evidencia uma rotulação, uma (re)categorização e uma avaliação da porção textual anaforizada. Então, o sintagma nominal **esse tipo de merda**, do exemplo (12), indica o modo como as manifestações são apresentadas à sociedade, pois tal expressão nominal configura-se como um xingamento o qual reporta a voz de uma autoridade jurídica, um promotor.

É necessário salientar que nesse exemplo o sintagma nominal **esse tipo de merda** se refere ao evento, no entanto, as informações por ele enfatizadas são sobre algumas ações dos atores sociais nas manifestações. Tal sintagma nominal aciona *frames* que ativam discursos ideológicos e expressam julgamentos valorativos que norteiam a compreensão do leitor. Ao

observarmos os itens lexicais **tipo de merda**, compreendemos que a partir dele, *frames* e atributos do *frame* são ativados, como por exemplo: **xingamentos ao Movimento Passe Livre**, cujos valores, em uma relação dinâmica, também estão sendo acionados, como por exemplo: **um bando de bugios revoltados, paralisação de principais avenidas e filhos da puta**.

Notemos que o sintagma nominal **esse tipo de merda** aciona *frames* cujos atributos e valores são pejorativas e tendem a desacreditizar as manifestações no Brasil do ano de 2013, como também, as ações dos manifestantes. No exemplo (12), os *frames* que são acionados constantemente a partir do nome-núcleo, **tipo de merda**, ativam conhecimentos compartilhados e elaboram modelos de contextos os quais podem consolidar ou inovar as nossas visões de mundo sobre o evento.

Por isso, as informações que temos acesso no domínio jornalístico podem construir e influenciar a elaboração de modelos de contextos sobre as manifestações no Brasil de 2013, visto que “o sentido é sempre algo construído e não dado” (MARCUSCHI, 2007, p. 99). Por conseguinte, nesse exemplo (12), o nome-núcleo do sintagma nominal nos mostra a sumarização da porção textual e a construção do novo referente discursivo que está sendo estabelecida no discurso e mediada pela interação associativa e inferencial dos aspectos linguísticos, sociais, culturais e cognitivos.

Outro elemento que nos chamou a atenção nesse exemplo (12), foi a cadeia referencial dos atores sociais das manifestações de 2013, a qual está retomando, categorizando e recategorizando os manifestantes dos eventos com uma variação lexical dinâmica. Desse modo, compreendemos que a seleção dos itens lexicais e o encadeamento discursivo podem influenciar o leitor a construir julgamentos valorativos de acordo como que o jornal está veiculando.

Vejamos na figura (8) a cadeia referencial sobre os manifestantes do evento, construída a partir do exemplo (12):

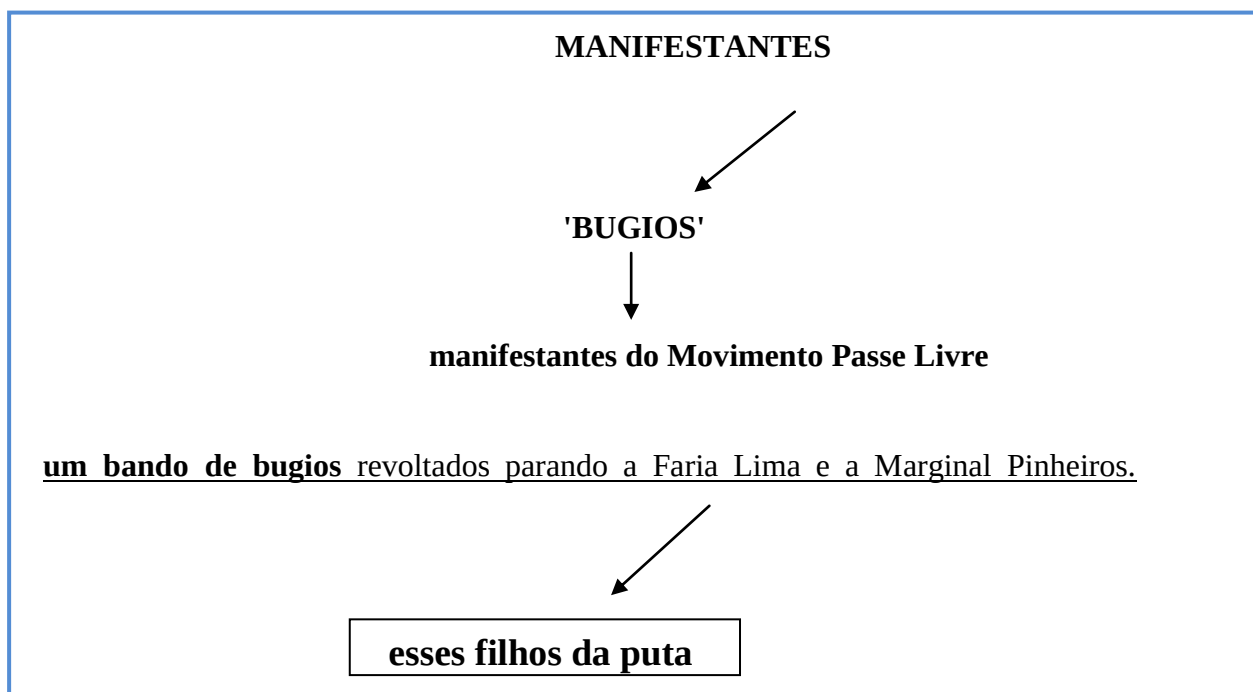


Figura 8. Cadeia Referencial sobre os manifestantes das manifestações. Fonte: Folha de S. Paulo. Elaboração nossa.

Ao observarmos a figura (8), vemos a construção de uma cadeia referencial e a ênfase de informações negativas sobre os atores das manifestações. Nesse exemplo (12), as informações sobre os manifestantes ancoram aspectos que são direcionados ao evento na atividade discursiva. Desse modo, os itens lexicais: **bugios**, **manifestantes do Movimento Passe Livre**, **um bando de bugios**, **esses filhos da puta**, e a porção textual: **um bando de bugios revoltados parando a Faria Lima e a Marginal Pinheiros** constroem uma cadeia referencial com uma variação lexical bastante versátil atribuindo aos atores e ao evento informações e predicções que acionam *frames* valorativos com sentido negativo. Pois, o termo: bugios, por exemplo, possui o sentido de macacos; outro exemplo: filhos da puta, esse termo além de muito pejorativo, configura-se, popularmente, como xingamentos muito grosseiros.

Assim, nessa cadeia referencial, podemos dizer que as retomadas anafóricas feitas por um item lexical ou por uma expressão nominal deixa o texto mais dinâmico e informativo. Isso significa dizer que os manifestantes foram retomados e (re)construídos durante todo o texto com categorizações e recategorizações as quais enfatizam xingamentos que se tornam visíveis e recorrentes na progressão tópica e na argumentação do texto, e ao mesmo tempo acionam predicções e julgamentos valorativos ao **evento**.

Portanto, diante do encadeamento textual-discursivo entre o sintagma nominal **esse tipo de merda** e a cadeia referencial, vemos como o sintagma nominal exerce a função cognitivo-discursiva de encapsular uma extensão do discurso anteriormente descrita, cria um novo referente discursivo sob a base das informações contextuais, evidenciando rotulações e características sobre as manifestações no Brasil, bem como, enfatizando categorizações sobre os manifestantes do evento. Em vista disso, as rotulações, categorizações e recategorização, encontradas nesse texto, apresentam uma construção social e cognitiva da realidade na ação discursiva, corroborando a assertiva de Marcuschi (2007, p. 98), quando o autor diz “as categorias não são dadas nem naturais, mas construídas discursivamente”.

Voltamos a salientar que o sintagma nominal **esse tipo de merda** recai sobre um modo de compreensão, ou seja, recai sobre nomeações e categorizações de forma axiológica e com função predicativa sobre o **evento**, visto que ativa conhecimentos de mundo e enciclopédicos, deixa o texto mais informativo e apresenta uma possibilidade interpretativa estabelecida por percursos inferenciais construído em uma interação social por meio de aspectos sociocognitivos (CONTE, 2003; KOCH, 2004a, 2006; MELO, 2008). Nessa perspectiva, tal sintagma nominal, exercendo a função cognitivo-discursiva de encapsulamento anafórico, cria um novo referente discursivo baseado na informação velha e expressa um julgamento valorativo no tópico discursivo, uma vez que a atividade discursiva está agregando informações e sentidos novos ao discurso, assim como, está estabelecendo conexões de ordem social e cognitiva com o leitor.

4.4 Manifestantes: analisando os encapsulamentos anafóricos sobre os atores sociais

Nesse item vamos discutir um processo de referenciação utilizado pelo Jornal Folha de S. Paulo para encapsular as informações sobre os **atores sociais** nas manifestações de 2013 no Brasil. Para Mondada (2007), a maneira como dizemos aos outros as coisas do mundo é decorrência de nossa atuação linguística sobre o mundo. Nessa perspectiva, os sintagmas nominais, com função cognitivo-discursiva de encapsulamento, referentes aos atores sociais são construídos em uma prática discursiva, cognitiva e culturalmente situada que pode direcionar o leitor para o entendimento tópico do texto que o discurso jornalístico propõe.

Esses sintagmas nominais além de organizarem a progressão tópica textual, relacionam o processo referencial aos modelos de contexto compartilhados pelos leitores.

Dessa forma, vemos a importância que o modelo de contexto assume na formação desse processo referencial, pois segundo Van Dijk (2012, p.32) “o contexto influencia de algum modo uma palavra, um trecho, um sentido, um acontecimento, ou torna possível para eles certa interpretação”. Nessa perspectiva, o jornal, ancorado nas informações contextuais, indica uma possibilidade interpretativa da parte encapsulada, bem como, (re)categoriza estas informações apresentando novas predicções para o discurso.

Vejamos, a seguir, os exemplos (13), (14) e (15) coletados no jornal Folha de S. Paulo no período de 07 de junho de 2013 até 08 de julho de 2013 para fins de análise das ocorrências de encapsulamento anafórico retomando as informações sobre a categoria **atores sociais**.

4.4.1 Retomadas anafóricas da categoria de análise “atores sociais”

Exemplo (13):

HADDAD DEFENDE AÇÃO DE PM PARA RETIRAR PROTESTOS³¹

O prefeito Fernando Haddad (PT) impôs uma condição para dialogar com os manifestantes que já fizeram dois protestos contra a alta das tarifas de transporte em São Paulo: diz que eles precisam "mudar de estratégia" e "renunciar à violência".

Na quinta-feira, **os manifestantes quebraram a entrada de estações na Paulista, após confronto com a PM.**

"Uma pessoa eleita tem que estar aberta ao diálogo, mas o pressuposto disso é a renúncia à violência. Esses atos são incompatíveis com o debate", afirmou.

[...] 

Em suma, encontramos nesse exemplo (13) os seguintes aspectos:

- ✓ um sintagma nominal com função cognitivo-discursiva de encapsular as informações precedentes;

³¹ Texto publicado em 10/06/2013, pelo Jornal Folha de S. Paulo.

- ✓ retomada anafórica que recai sobre o **dito**, isto é, recai sobre uma nomeação e categorização de forma aparentemente ‘**neutra**’, baseada numa relação associativa entre o nome-núcleo do sintagma nominal e a porção textual anaforizada;
- ✓ retomada anafórica dos elementos textuais facilmente identificáveis;
- ✓ um encapsulamento que se constitui como um processo referencial que dá ênfase ao que se pretende evidenciar na progressão temática e na argumentação do texto;
- ✓ um sintagma nominal que coloca em foco referencial as ações violentas dos manifestantes.

Diante dessas informações, vemos que o sintagma nominal **esses atos** encapsula as informações anteriormente descritas enfatizando as ações dos manifestantes, e ao mesmo tempo revelando alguns aspectos violentos dos mesmos. Podemos dizer ainda que o sintagma nominal **esse atos** projeta uma informação predicativa às ações dos manifestantes, ativando uma porção de texto anteriormente descrita e insere um novo referente ao discurso, proporcionando a condição de associarmos os atos dos manifestantes às atitudes violentas.

Nesse exemplo (13) o sintagma nominal **esses atos** está retomando a porção textual **os manifestantes quebraram a entrada de estações na Paulista, após confronto com a PM**. Notemos que o nome-núcleo do sintagma nominal **atos** utilizado para encapsular o sentido das porções textuais, anteriormente descritas, possui significados que nomeia uma extensão do discurso e contém relação associativa entre o nome-núcleo e as informações precedentes.

Entretanto, é preciso frisar, que nesse caso, embora o sintagma nominal encapsule as informações das porções anteriores de maneira bem parecida, é introduzido um novo referente discursivo, evidenciando os aspectos violentos dos manifestantes, tanto na porção anaforizada **quebraram a entrada de estações na Paulista**, quanto no discurso do prefeito Fernando Haddad, quando expõe: **o prefeito Fernando Haddad (PT) impôs uma condição para dialogar com os manifestantes [...] diz que eles precisam "mudar de estratégia" e "renunciar à violência"**. Dessa forma, o encapsulamento anafórico configura-se como um processo de referenciação em que o sintagma nominal se materializa em uma expressão

nominal, a qual relaciona a ação realizada pelos manifestantes e o discurso do prefeito Fernando Haddad, expressando julgamentos valorativos sobre os fatos socialmente situados.

Assim, as informações das porções textuais precedentes são encapsuladas por um sintagma nominal que, além de criar um novo referente e deixar o texto mais coeso, possibilita enquadrar os atores sociais em um modelo de contexto que condiz com a descrição informacional do discurso do prefeito Fernando Haddad e com o discurso do jornal.

O exemplo (13) apresenta a retomada anafórica por meio do nome-núcleo '**atos**' que recai sobre o que foi **dito** (KOCH, 2006), o qual coloca em foco as informações sobre a **atuação** dos manifestantes. Nesse caso, o *frame* ativado pelo nome-núcleo além de retomar a porção textual anteriormente descrita desencadeia atributos, como por exemplo: **atuação dos manifestantes**. Isso nos mostra que dependendo do nome-núcleo do sintagma nominal acionamos *frames* diversos e distintos. Desse modo, os leitores podem ser influenciados a construir seu modelo de contexto de acordo com tais informações sobre os manifestantes.

Por conseguinte, a partir do nome-núcleo **atos** acionamos *frames* cujos atributos indicam atitudes negativas e violentas, como **quebraram a entrada de estações na Paulista, confronto com a PM**. Conforme Barsalou (1992), os atributos se tornam relevantes, pois com o passar do tempo tais atributos são memorizados de forma até idiossincrática.

Nessa perspectiva, os atributos acionados a partir do *frame* são construídos na atividade discursiva do exemplo (13) e tendem a indicar aos leitores a ideia de que os manifestantes estão com um comportamento agressivo, uma vez que esses atributos estão sendo enfatizados na argumentação do texto. Observemos também que ao evidenciar essas ações, o jornal está reproduzindo ideologias e criando valores que legitimam a atuação dos atores sociais nas manifestações de 2013 como atitudes violentas.

Vejamos no exemplo (14), outro texto extraído do jornal Folha de S. Paulo com o encapsulamento anafórico retomando as informações sobre os atores sociais.

Exemplo (14):

ATO CONTRA TARIFA UNE PUNKS A ATIVISTAS DO 'PAZ E AMOR'³²

Com flores amarelas e brancas nos cabelos, um grupo se reunia aos pés da escadaria do Theatro Municipal de São Paulo na última quinta-feira.

No topo da escada, conversava uma turma de cortes moicanos, jaquetas pretas com símbolos anarquistas e toucas cobrindo todo o rosto.

Do outro lado, jovens com bandeiras e camisetas amarelas, tênis e cabelos desgrehados pintavam cartazes.

Eram da juventude do PSOL e estavam próximos de militantes do PT e do PSTU, parecidos --ao menos nas roupas.

Não muito longe, meninos do Anonymous, hackers que protestam invadindo sites do poder público, irritavam-se com a ostentação partidária.

“Tenho vontade de rasgar as bandeiras. Os caras estão fazendo propagandas. Só não rasgo para não criar briga no movimento”, dizia um deles, um estudante de 26 anos que se identificou como Fênix.

Foi do Theatro Municipal que **essas trupes diversas** saíram em marcha. Uniram ali suas diferenças para lutar contra ao menos uma coisa em comum: o aumento na tarifa dos transportes públicos.

[...]

Como podemos observar, no exemplo (14), o sintagma nominal está encapsulando algumas porções textuais anteriormente descritas. Vejamos que em **essas trupes diversas**, há: um pronome demonstrativo + um nome-núcleo + um nome modificador/quantificador. Nessa composição, o nome modificador/quantificador está junto ao nome-núcleo, nesse caso, **diversas** indica uma quantificação e enumeração dos grupos anteriormente descritos e caracteriza o termo **trupes**.

Isso significa dizer que o sintagma nominal **essas trupes diversas** além da função cognitivo-discursiva de sumarizar as informações precedentes criando um novo referente, promove o modo como o jornal compreende o perfil dos manifestantes nas manifestações e, ainda, articula, com o modificador/quantificador, possibilidades de evidenciar uma predicação já feita anteriormente de forma resumida e com julgamentos valorativos. Assim, a composição do sintagma nominal no encapsulamento anafórico direciona o encadeamento

³²Texto publicado em 16/06/2013, pelo Jornal Folha de S. Paulo.

tópico e promove indicativos para a ativação de *frames* que expressam julgamentos valorativos.

Apesar de o sintagma nominal **essas trupes diversas** apresentar a retomada anafórica por meio do que foi **dito**, isto é, por meio de uma categorização que retoma e nomeia uma extensão do discurso com um sentido mais próximo do que foi expresso. O sintagma nominal **essas trupes diversas** está ancorando características aos manifestantes e orientando o foco argumentativo na progressão tópica de forma axiológica.

Embora encapsule uma extensão do discurso, aparentemente, com um sentido mais próximo do que foi expresso, vemos na porção anaforizada do texto julgamentos valorativos, pois o sintagma nominal **essas trupes diversas** reativa e retoma referências sobre os manifestantes, as quais realçam características físicas como: **cortes moicanos, cabelos desgrenhados**; enfatizam os tipos de roupas como: **jaquetas pretas com símbolos anarquistas e toucas cobrindo todo o rosto; jovens com bandeiras e camisetas amarelas e tênis**. Outro fator que é muito mencionado na caracterização dos manifestantes é a questão deles serem jovens associados ou a partidos políticos ou a algum movimento social como, por exemplo: **juventude do PSOL, do PT e do PSTU, meninos do Anonymous, hackers**. É preciso frisar, também, as ações como: **protestam invadindo [...], irritavam-se [...]**; essas ações tornam-se marcas e pistas verbais que ligam os atores sociais aos seus respectivos atos, além de apresentar o modo como o jornal apresenta os atores das manifestações no Brasil de 2013.

O sintagma nominal **essas trupes diversas** demonstra que o caráter diverso que se atribui ao movimento, já que havia no grupo de manifestantes, segundo o jornal, algumas pessoas que lutavam por motivos partidários como: **juventude do PSOL e estavam próximos de militantes do PT e do PSTU**; outros, por motivos anarquistas como: **uma turma de cortes moicanos, jaquetas pretas com símbolos anarquistas**; e ainda havia outros manifestantes que “aparentemente” não sabiam o motivo de estarem naquelas manifestações como: **jovens com tênis e cabelos desgrenhados pintando cartazes**. Dessa forma, compreendemos que o jornal enfatiza um conjunto de características que arquitetam, na ação discursiva, sucessivas informações que tendem a caracterizar os atores sociais como um grupo heterogêneo com diferentes propósitos e distintas concepções ideológicas.

Se analisarmos o significado do item lexical **trupe**, vemos que o sentido desse sintagma é relacionado a conjunto de pessoas, grupos de comediantes, etc.. Nessa perspectiva, o nome-núcleo funciona como um resumo das porções textuais anaforizadas, o qual retoma

uma sequência de julgamentos valorativos dos grupos mencionados anteriormente. Assim, o sentido de **trupe** mantém uma relação de dependência temática e semântica com o texto, interligando as diferentes subpartes dos tópicos anteriores. Por conseguinte, a retomada anafórica recai sobre o que foi **dito** e baseia-se numa relação de associações facilmente identificada nas porções textuais anteriormente descritas, mas apresenta um quantificador que enfatiza o caráter diverso e distinto dos **atores** das manifestações.

No que se refere ao modelo de contexto, compreendemos que, nesse caso, o sintagma nominal **essas trupes diversas** organiza os modos como o discurso está posto no texto. Além disso, tal modelo de contexto ancora uma construção intersubjetiva da porção anterior, bem como legitima algumas características físicas e sociais dos manifestantes na memória episódica.

Contudo, vemos que a partir do sintagma nominal **essas trupes diversas** acionamos *frames* cujos atributos e valores **não** concedem aos manifestantes posicionamentos de prestígio, nem de poder, nem tão pouco os propiciam credibilidade na ação discursiva. Pelo contrário, esse sintagma nominal ativa a ideia de que os manifestantes possuem características distintas e socialmente criticadas, visto que eles são aliados a **movimentos anarquistas**, a **partido políticos** e a outros movimentos.

Portanto, a partir do sintagma nominal **essas trupes diversas** podemos acionar atributos como **grupos heterogêneos** e relacionar tais atributos aos valores: **juventudes do PSOL, militantes do PT e do PSTU, meninos do Anonymous, hackers**. Conforme Barsalou (1992) os valores estabelecem relações de preferências com os atributos. Nessa perspectiva, o sintagma nominal ativa *frames* cujos atributos e valores se tornam visíveis no decurso do texto e por meio de atividades inferenciais.

Diante dessas considerações, vemos que o sintagma nominal **essas trupes diversas** possui a função cognitivo-discursiva de encapsular as informações em um processo de referenciação, o qual cria um novo referente discursivo sob a base de uma informação velha e de aspectos sociocognitivos, bem como, estabelece uma relação de sentido entre as porções textuais precedentes. Pois, além de enfatizar o caráter diverso das questões que os manifestantes reivindicavam, o que foi posto em destaque e anaforizado, por esse veículo de comunicação, foi o realce dos aspectos negativos dos manifestantes e a sequência de informações que os descredibilizam, uma vez que descrevem algumas características físicas (porque evidenciam roupas e cortes de cabelo) e atitudinais (porque evidenciam ações, como:

protestam invadindo [...], irritavam-se [...]) que tendem a prejudicar a imagem desses manifestantes.

Vejamos no exemplo (15), outro texto extraído do jornal Folha de S. Paulo com o encapsulamento anafórico retomando as informações sobre os atores sociais.

Exemplo (15):

CONTRA TARIFA, MANIFESTANTES VANDALIZAM CENTRO E A PAULISTA³³

As ruas da região central de São Paulo viveram ontem um clima de guerra durante o mais violento protesto contra a alta da tarifa do transporte coletivo, que durou mais de cinco horas.

O ato resultou em uma série de confrontos entre manifestantes e policiais militares e em maior proporção do que nos dois protestos anteriores, na semana passada.

O dia terminou com saldo de 20 detidos, **ônibus parcialmente incendiados, vitrines de lojas e de bancos quebradas e ao menos duas estações de metrô (Brigadeiro e Trianon-Masp) depredadas.**

Os manifestantes lançaram pedras e paus contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta. Segundo a polícia, grupos atiraram até coquetéis molotov.

A Folha presenciou a agressão contra um PM que tentava evitar que o prédio do Tribunal de Justiça fosse pichado.

Essa atuação violenta foi organizada pelos manifestantes do Movimento Passe Livre, que se diz apartidário.

[...]

Como podemos ver o sintagma nominal **essa atuação violenta** está encapsulando as porções textuais: **ônibus parcialmente incendiados, vitrines de lojas e de bancos quebradas e ao menos duas estações de metrô (Brigadeiro e Trianon-Masp) depredadas. Os manifestantes lançaram pedras e paus contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta. Segundo a polícia, grupos atiraram até coquetéis molotov. A Folha presenciou a agressão contra um PM que tentava evitar que o prédio do Tribunal de Justiça fosse pichado.** Notemos que ao compor o sintagma

³³ Texto publicado em 09/06/2013, pelo Jornal Folha de S. Paulo.

nominal com o nome-núcleo **atuação** e o modificador **violenta**, além de sumarizar a porção do texto anteriormente descrita, criando um novo referente, apresenta uma possibilidade interpretativa que é inferida por uma construção inferencial por aspectos inferenciais sociocognitivos e expressa um julgamento valorativo sobre as atitudes violentas dos manifestantes.

Nesse caso, o exemplo (15) corresponde a um encapsulamento anafórico que se configura como uma retomada anafórica que recai sobre **um modo de compreensão** das informações anaforizadas com categorizações de forma axiológica e com função predicativa, cujo caráter social e cognitivo envolvido vão ser estabelecidos em uma relação de reordenação de sentido entre partes contextuais. Sendo assim, o sintagma nominal **essa atuação violenta** encapsula as informações das porções textuais anteriores, sobre a atuação dos atores sociais, demonstrando o que se pretende enfatizar sobre os **manifestantes**.

É importante frisar uma atenção especial para o nome-núcleo e o modificador, uma vez que a composição do sintagma nominal vai depender do modelo de contexto. Assim, a **atuação violenta** é uma construção intersubjetiva da porção anterior para indicar que a forma como os atores sociais protestavam era violenta e negativa, bem como apontar e atribuir aos manifestantes um julgamento valorativo desfavorável.

O nome-núcleo e o modificador **atuação violenta** acionam *frames* que são associados aos atos de violência, de rebeldia, de badernas, etc.. Dessa forma, o sintagma nominal estabelece relações de sentido que rotula e avalia os manifestantes com aspectos agressivos e violentos, pois o *frame* acionado a partir do nome-núcleo e do modificador **atuações violentas**, de acordo com o texto, é de um movimento cujas **formas de ações e atuações** são de **grupos violentos**.

Assim, **formas de ações/atuações** e **grupos violentos** configuram-se como os atributos dos *frames*, e **ônibus parcialmente incendiados, vitrines de lojas e de bancos quebradas, estações de metrô depredadas, os manifestantes lançaram pedras e paus contra a PM, grupos atiraram até coquetéis molotov** são os valores, que de acordo com Barsalou (1992) os valores herdam informações dos respectivos atributos. São sob esses sucessivos argumentos construídos no texto, que a escolha do jornal pelo sintagma nominal **essa atuação violenta** aponta para o modo como o jornal interpreta, na atividade discursiva, a atuação dos manifestantes envolvidos nas manifestações no Brasil de 2013.

Portanto, o encadeamento textual-discursivo contido no sintagma nominal, e principalmente no nome-núcleo, aciona *frames* com atributos e valores que indicam o modo de como compreender o sentido das porções precedentes e ainda expressam julgamentos valorativos sobre os atores das manifestações. Em face disso, a escolha para a composição do nome-núcleo se torna muito importante para a formação de *frames* e para a construção de sentido.

Vejamos, abaixo, algumas substituições do nome-núcleo por outros, como: **essas atitudes, essa conduta dos manifestantes** e ainda, **essa maneira de protestar**.

O dia terminou com saldo de 20 detidos, **ônibus parcialmente incendiados, vitrines de lojas e de bancos quebradas e ao menos duas estações de metrô (Brigadeiro e Trianon-Masp) depredadas**.

Os manifestantes lançaram pedras e paus contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta. Segundo a polícia, grupos atiraram até coquetéis molotov.

A Folha presenciou a agressão contra um PM que tentava evitar que o prédio do Tribunal de Justiça fosse pichado. Cercado, ele apontou uma arma para os manifestantes.

Essas atitudes / Essa conduta dos manifestantes / Essa maneira de protestar foi organizada pelo Movimento Passe Livre, que se diz apartidário.

Como vemos, a substituição do nome-núcleo aponta outras possibilidades de sentido que também se associam com a porção textual anteriormente descrita, e encadeiam concepções ideológicas as quais (re)categorizam a atuação dos atores sociais de maneira menos enfática a agressividade. Dessa forma, a escolha do nome-núcleo para compor o sintagma nominal depende do modelo de contexto, visto que caracteriza situações sociais que podem ser vistas como formas “verdadeiras” de compreender a atuação dos participantes nos acontecimentos da sociedade.

Então, o sintagma nominal utilizado para encapsular as informações sobre os atores das manifestações, além de estar ancorado em informações contextuais e por aspectos inferenciais sociocognitivos, marca a ligação das porções textuais criando um novo referente e direcionando o leitor quanto ao sentido que se quer fazer na construção dos fatos sobre os atores das manifestações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as considerações finais, convém fazermos uma retomada geral das análises para responder a questão que norteou esta pesquisa, apresentada na introdução. As análises mostram que o encapsulamento anafórico constitui-se como um processo de referenciação de grande versatilidade linguística, visto que o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento não se configura como uma representação dos acontecimentos do mundo, mas sim, configura-se como uma construção discursiva que pode, a partir dele, acionar *frames* valorativos sobre os acontecimentos socialmente situados.

Seguindo esses aspectos, vimos que o sintagma nominal exerce uma função cognitivo-discursiva de encapsulamento, de sumarização e de articulação entre a compreensão do mundo e a materialidade linguística de um texto, bem como, apresenta-se como um processo de referenciação de retomada textual, de construção de sentidos, que pode guiar o leitor às informações que o jornal enfatiza sobre as **manifestações**, o evento; e sobre os **manifestantes**, os atores sociais, com uma sugestiva intenção de evidenciar, nos textos, as ações e os grupos violentos.

Na categoria **evento**, os sintagmas nominais como, por exemplo: **esse temor**, **esses novos movimentos**, **essa bandeira** e **esse tipo de merda** mostraram-nos que eles foram construídos na ação discursiva pelo jornal Folha de S. Paulo, encadeando informações anteriormente descritas, disseminando avaliações sobre tal evento e, dessa forma, promovendo indicativos para a ativação de *frames* a partir do nome-núcleo que expressa julgamentos valorativos negativos e violentos sobre as manifestações no Brasil de 2013 no domínio jornalístico.

Assim, a partir dos nomes-núcleos, como: **temor**, **novos movimentos**, **bandeira**, **tipo de merda**, acionamos *frames* cujos atributos e valores são construídos nos textos analisados, e estabelecem uma relação de sentidos por meio de atividades inferenciais. A partir desses nomes-núcleos ativam-se *frames* cujos atributos e valores foram: **xingamentos grosseiros**, **fenômenos estranhos**, **medo e pavor**.

Como exposto nas análises, o sintagma nominal **esse tipo de merda**, por exemplo, acrescentou peculiaridades muito importantes ao texto, uma vez que não é um sintagma nominal comumente apresentado no domínio jornalístico, nem tão pouco é relacionado a pessoas da esfera jurídica, como um promotor; ocorrência apresentada no *corpus* desta

pesquisa referente aos manifestantes reportando a voz de um promotor. Nesse caso, encontramos um representante da profissão que detém poder no âmbito social e político, associado a uma expressão de xingamento aos manifestantes. Dessa forma, o sintagma nominal **esse tipo de merda** aponta o **modo** como se deve acionar a compreensão dos enunciados encapsulados e, conseqüentemente, indica o **modo** como está sendo construído as informações sobre as manifestações no Brasil. Vale salientar também que o sintagma nominal **esse tipo de merda** encapsula as informações por meio de inferências e por aspectos sociocognitivos.

Na categoria **atores sociais**, os sintagmas nominais, como por exemplo: **esses atos, essa atuação violenta, essas trupes diversas**, demonstraram que os nomes-núcleos orientam a direção argumentativa do texto, englobando um conjunto de valores que influenciam os modelos de contexto e as visões de mundo dos leitores sobre os **manifestantes**. A vista disso, os atributos e valores acionados, a partir dos nomes-núcleos, foram: **ações violentas, grupos heterogêneos, juventudes do PSOL, militantes do PT e do PSTU, meninos do Anonymous, hackers, atos de violência, de rebeldia, de badernas**. Diante disso, vimos que tais atributos e valores indicaram e expressaram julgamentos valorativos negativos sobre os **atores sociais** das manifestações no Brasil de 2013.

Portanto, os encapsulamentos anafóricos construídos numa prática discursiva, cognitiva e culturalmente situada, constituem-se como um processo de referenciação cujos sintagmas nominais podem direcionar o leitor a compreender os **atores sociais**, de acordo com as informações encapsuladas e apresentadas pelo jornal. Em face disso, podemos dizer que, de modo geral, os sintagmas nominais, principalmente os nomes-núcleos, utilizados nos textos do jornal Folha de S. Paulo, encapsularam as informações porções textuais acionando *frames* valorativos os quais expressam julgamentos valorativos sobre a atuação dos **atores sociais** nas manifestações no Brasil de 2013.

Por conseguinte, os nomes-núcleos utilizados para compor os sintagmas nominais colocaram em foco argumentativo as informações mencionadas anteriormente e, ainda, recaíram sobre o que estariam mais próximas do que foi **dito**, bem como recaíram sobre um modo de compreensão que enfatiza rotulações e (re)categorizações de forma axiológica e com função predicativa. Desse modo, o domínio jornalístico utiliza tal processo de referenciação para encapsular as informações contextuais e, ao mesmo tempo, direcionar as opiniões dos leitores sobre os **atores** das manifestações no Brasil.

Contudo, o jornal também nos mostrou que a construção do sentido do texto elaborado pelo discurso jornalístico sobre o **evento** está relacionada com a composição e a seleção dos nomes-núcleos do sintagma nominal no encapsulamento anafórico. Pois, o nome-núcleo aciona *frames* com atributos e valores ativados na atividade discursiva, seja pela porção do texto facilmente identificada com a intenção de abordar as informações com um sentido bem próximo do que foi **dito** cujas nomeações e categorizações foram apresentadas de forma aparentemente ‘**neutra**’; seja por associações de ideias que explicitam **avaliações** e **julgamentos valorativos** por meio de inferências e aspectos sociocognitivos baseada em âncoras referenciais as quais dão acesso a um referente construído cognitivamente.

É necessário lembrar que o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico além de enquadrar as informações das porções textuais anaforizadas, apresentou associações inferenciais dos elementos contextuais, visto que criou um novo referente discursivo acrescentando algo novo situado no velho e, ainda, acionou *frames* valorativos com função predicativa. Dessa forma, vimos que o encapsulamento anafórico no domínio jornalístico configurou-se como um processo de referenciação cujo sintagma nominal exerceu a função cognitivo-discursiva de encapsular as informações precedentes, expressando julgamentos valorativos e evidenciando uma imagem negativa e violenta sobre o **evento** e sobre os **atores sociais** das manifestações de 2013.

Portanto, o sintagma nominal tanto pode enfatizar as ações e os grupos violentos encapsulando as porções de texto facilmente identificadas, quanto pode direcionar particularidades e posicionamentos ideológicos, evidenciando os julgamentos valorativos e as relações de poder que são descritos por meio de inferências e aspectos sociocognitivos. Assim, as informações socialmente situadas, no percurso do texto, são encadeadas de tal modo que os fatos são transformados em “verdades”, no entanto, tais “verdades”, muitas vezes aceitas pelos leitores, evidenciam atributos e valores que tendem a desacreditar e descontextualizar os principais propósitos e reivindicações das manifestações no Brasil. Então, o encapsulamento anafórico além de estabelecer a coesão e construção de sentidos no discurso jornalístico, constitui-se como um processo referencial do qual o sintagma nominal aciona *frames* expressando julgamentos valorativos.

Em suma, os resultados dessa pesquisa, com base nos objetivos descritos na introdução, indicam que o sintagma nominal do encapsulamento anafórico cria um novo referente discursivo, promove a progressão tópica referencial e estabelece uma relação de sentido dinâmica e inferencial aos objetos **de** discurso, no texto e no discurso. O sintagma

nominal, nesse processo de referenciação no domínio jornalístico, além de encapsular as informações precedentes, apontou para outras funções cognitivo-discursivas, como: (1) **função de acionar *frames*** e (2) **função valorativa**, pois, a partir do nome-núcleo do sintagma nominal acionamos *frames* cujos atributos e valores legitimam ideologias e expressam julgamentos valorativos, por meio de performances sociocognitivas, como: inferências, esquemas, *frames*, seleção do item lexical, conhecimentos compartilhados, etc.

Essa pesquisa também nos mostrou que: **(1)** o estudo do encapsulamento anafórico se constitui como um processo de referenciação que constrói sentidos no domínio jornalístico sobre as manifestações no Brasil; **(2)** os nomes-núcleos utilizados para compor os sintagmas nominais podem criar características negativas, expressar julgamentos valorativos e acionar atributos e valores sobre as manifestações no Brasil de 2013, por meio de formações de *frames*; e **(3)** as anáforas encapsuladoras, nos processos de referenciação, apresentam marcas contextuais que garantem, implicitamente e explicitamente, o encadeamento dos sentidos e a pressuposição de inferências sob as bases da Linguística Textual e da Linguística Cognitiva, numa abordagem Sociocognitiva.

Ressalta-se ainda, a partir desse estudo que realizamos, o indicativo de que mais pesquisas devem ser realizados sobre esse processo referencial pois, de acordo com Mondada (2007), a maneira como dizemos aos outros as coisas do mundo é decorrência de nossa atuação linguística sobre o mundo. E sendo assim, para estudo futuro, vemos a possibilidade de investigar o encapsulamento anafórico em outros contextos de uso reais e autênticos da língua segundo os quais podem também legitimar ideologias e julgamentos valorativos.

Por conseguinte, compreendemos que o nome-núcleo do sintagma nominal no encapsulamento anafórico se materializa linguisticamente como um ***lócus textual-discursivo-cognitivo*** para a marcação e a indicação de julgamentos valorativos e da pluralidade interpretativa pertinente aos estudos sobre referenciação, contextos, *frames* e construção de sentidos.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1962.
- BARSALOU, L.W. Frames, Concepts, and Conceptual Fields. In: Lehrer, A. & Kittay, E.F. (Eds). **Frames, Fields, and Contrasts. New Essays in Semantic and Lexical Organization**. Hillsdale, New Jersey: Laurence Erlbaum Ass. Publishers, 1992, pp. 21-74.
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**, 2a ed., Northvale, New Jersey, Jason Aronson Inc., 1972.
- BEAUGRANDE, Robert de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. Norwood, New jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.
- CORDEIRO, Rafaela Queiroz Ferreira. **A construção discursiva dos eventos pela mídia: o processo de nomeação e a representação do discurso outro**. 2011. 199 p. Dissertação em Linguística – Departamento de Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.
- CLARK, H. **Using language**. Cambridge: Cambridge University of Chicago Press, 1996.
- FALCONE, K. **O acesso dos excluídos ao espaço discursivo do jornal**. Publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. 2004.
- _____. **(Des)legitimação: ações discursivo-cognitivas para o processo de categorização social**. 2008. 682 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- FILLMORE, C. J. Scenes-and-frames semantics, linguistic structures processing. In: ZAMPOLLI, A. (Ed.). **Fundamental studies in computer science**. Amsterdam: North Holland Publishing, p.55-88, 1977.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: **Referenciação**. Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.
- GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. Punk: Cultura e Arte. **Varia historia**, Belo Horizonte , v. 24, n.40, jul/dez. 2008,p.747-770. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v24n40/24.pdf>> Acesso em 12 de Julho 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas S.A, 2007.
- GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Rev. adm. empres.** [online]. 1995, vol.35, n.2, pp. 57-63. ISSN 0034-7590.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: P. Cole e J. Morgan (eds.), **Syntax and semantics**, vol. 3: Speech acts: 68 – 134. New York: Academic Press, 1975.

HALLIDAY, M. A.K. and R. Hasan (1976), *Cohesion in English*, London: Longman.

KOCH, I.G.V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.** , vol.14, no. especial, p.169-190, 1998.

_____.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.

_____. **Introdução à lingüística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: **Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari**. NEGRI, L., FOLTRAN, J., OLIVEIRA, R. Pires de. (org.). São Paulo: Contexto, 2004b. p. 244-62.

_____. Rotulação: uma estratégia textual de construção do sentido. **Calidoscópio**. Vol. 4, n. 2, p. 85-89, mai/ago 2006.

_____. A construção Sociocognitiva da Referência. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (Orgs.). **Lingüística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 95-108.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 7a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2ª. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3.ed., 8ª impressão. São Paulo: Contexto, 2013.

LAIFA, Li. Cross linguistic collocation differences and English vocabulary teaching. **Celea Journal**, v. 4, p. 62- 69, 2007.

LAKOFF, G. **Don't Think of an Elephant!** Berkeley, Chelsea Green, 2004

MARCUSCHI, Luiz Antonio (1999). Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. **XVII Jornada do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE)**, Fortaleza, 01-04 de setembro de 1999. (Mimeo).

_____. Quando a referência é uma inferência. In: CONFERÊNCIA NO GEL (Grupos de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), 2000, UNESP- SP. **Anais...** 2000.

_____. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: **Revista Letras**. Curitiba. Editora da UFPR, n. 56, p. 217-258, jul./dez. 2001.

_____. Gênero e Léxico na Produção Textual. In: SIMPÓSIO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: INTERSEÇÕES, 2003a, PUC Minas – Coração Eucarístico, Belo Horizonte-MG. **Anais...** 2003. De 1 a 3 de Outubro de 2003. Mimeo.

_____. O Léxico: Lista, Rede ou Cognição Social?. In: Negri; Maria José Foltran e Roberta Pires de Oliveira (orgs.). **Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 263-284.

_____. Atividades de Referenciação, Inferenciação e Categorização na Produção de Sentido. In: **Cognição, linguagens e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: **Fenômenos da linguagem: reflexos semânticas e discursivas**. Lucerna, 2007a. p. 146-168.

_____. Do Código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: **Cognição, linguagens e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b.

_____. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MELO, C. T. **Anáfora indireta esquemática pronominal: uma anáfora coletiva genérica e coletiva restritiva**. 2001. 149p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

_____. **A construção da sinonímia por encapsulamento anafórico**: Uma perspectiva sócio-cognitiva. 2008. 131p. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: **Referenciação**. Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2003a.

MINSKY, M. A. **A Framework for Representing Knowledge**. Artificial Intelligence Memo 306, MIT AI Lab, 1974.

MOIRAND, Sophie. Le rôle anaphorique de la nominalisation dans la presse écrite. In: **Langue française..** Textes et discours non littéraires. pp. 60-78. N°28, 1975.

MONDADA, L. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir. Approche linguistique de La construction des objets de discours*. Lausanne - Université de Lausanne, Faculté de Lettres. Thèse pour obtenir le grade de docteurs en lettres, 1994, 671 p.

_____. Processus de categorisation et construction discursive de categories. In: DUBOIS, D. (Org.). **Categorisation et cognition: de la perception au discours**. Paris: Editions Kime, p. 291-313. *Spontaneous Text*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1997, p.239-267.

_____.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: **Referenciação**. Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração [online]. São Paulo, 1996, vol.1, n.3, pp. 1-5.

NOGUEIRA, SILVIA GARCIA. A Geração 2.0 “faz a hora”, vai às ruas e sacode o país. In: **Jornadas de junho: repercussões e leituras**. [Livro eletrônico]. Cidoval Moraes de Sousa; Arão de Azevedo Souza. - Campina Grande: EDUEPB, 2013.

RODRIGUES, Adriana Alves. Redes sociais e manifestações: mediação e reconfiguração na esfera pública. In: **Jornadas de junho: repercussões e leituras**. [Livro eletrônico]. Cidoval Moraes de Sousa; Arão de Azevedo Souza. - Campina Grande: EDUEPB, 2013.

ROSCH, E. H.; MERVIS, C. B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, v.7, p. 573 – 605, 1975.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. **Calidoscópio**, São Leopoldo: UNISINOS, v. 7, n. 3, p. 171-182, set.-dez. 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O preço do progresso. **DJPC – Democracia, Justiça e Controle Público**. Portal e página virtual que congrega o Observatório da Justiça Brasileira (OJB), o Projeto Democracia Participativa (PRODEP) e o Centro de Referência do Interesse Público (CRIP), 2013. Disponível em <http://democraciaejustica.org/cienciapolitica3/node/1064>. Acesso em 19 de junho de 2014.

SCHIFFRIN, D. **Discourse Markers**. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

SEARLE, J. **Speech acts: an essay in the philosophy of language**. Cambridge University Press, 1969.

TANNEN, D. 1985. Frames and Schemas in Interaction. In: **Quaderni di Semantica**. 1985, p. 326-335.

VAN DIJK, T. A. **Discurso, Poder y Cognición Social**. Cali, Editorial Facultad de Humanidades, 1994.

_____. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, E. **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1997.

_____. Ideología. Una Aproximación Multidisciplinaria. Barcelona, Gedisa Editorial, 2000.

_____. **Ideologia y discurso**. Barcelona: Ariel, 2003.

_____. **Discurso, notícia e ideologia**. Porto, Campo das Letras, 2005.

_____. **Discurso e Contexto: uma abordagem sociocognitiva**; tradutor: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Discurso e poder**. Teun A. Van Dijk; Judith Hoffnagel; Karina Falcone (Orgs.), 2ª. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012a.

ZAMPONI, Graziela. O determinante demonstrativo em sintagmas nominais. In: **Caderno de Estudos linguísticos 41**, Campinas: Julho/Dezembro, 2001, p 141-47.

APÊNDICE 1

**TABELA GERAL DOS TEXTOS COLETADOS NO JORNAL FOLHA DE S. PAULO
COM ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO**

TÍTULO	DATA DA PUBLICAÇÃO	GÊNERO
Tarifa zero significa abrir mão de investimentos	13/06/2013	Análise
Gays, trabalhadores e até mães de manifestantes aderem ao protesto	17/06/2013	Análise
Movimento está divorciado dos políticos tradicionais	17/06/2013	Análise
Atônitos, governos não conseguem entender atos	18/06/2013	Análise
Após queda da tarifa, qualidade dos ônibus é colocada em xeque	23/06/2013	Análise
Manifestações refletem crises de representação e representatividade	20/06/2013	Análise
Silêncio de presidente resume ausência de ação dos políticos	21/06/2013	Análise
Passe Livre	10/06/2013	Artigo de opinião
Por que estamos nas ruas	13/06/2013	Artigo de opinião
Tarifa zero, um delírio?	21/06/2013	Artigo de opinião
É viável zerar a tarifa do transporte público?	22/06/2013	Artigo de opinião
Muito além das catracas	28/06/2013	Artigo de opinião
Protestos	08/06/2013	Carta do leitor
A PM começou a batalha na Maria Antônia	13/06/2013	Depoimento
Protestos em série	14/06/2013	Editorial
Agentes do caos	15/06/2013	Editorial
O que eles querem	17/06/2013	Editorial

Incógnita nas ruas	19/06/2013	Editorial
Não é só pelo dinheiro	29/06/2013	Editorial
Linha, mata, ouviu policial apedrejado	13/06/2013	Entrevista
É necessário ter preparo para não reagir	15/06/2013	Entrevista
O PT não vai perder o bonde, diz Haddad	30/06/2013	Entrevista
Objetivo de manifestações é nova forma de democracia	08/07/2013	Entrevista
Atos atingem 12 capitais e tem cenas de violência	18/06/2013	Notícia
Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e a paulista	12/06/2013	Notícia
Novo protesto tem reação violenta da PM	14/06/2014	Notícia
PM diz que PSOL 'recruta' punks	16/06/2013	Notícia
Exército monitora crise por meio das redes sociais	22/06/2013	Notícia
Ato tem violência, saque e depredação; PM demora a agir	19/06/2013	Notícia
Cai a tarifa - Quem vai pagar?	20/06/2013	Notícia
Dilma cancela viagem ao Japão e marca reunião emergencial	21/06/2013	Notícia
Grupo Passe Livre foi apoiado por petistas em 2011	08/06/2013	Reportagem
Haddad defende ação da PM para tirar protestos de vias	10/06/2013	Reportagem
Promotor se desculpa após incitar PM a ser violenta	10/06/2013	Reportagem
Perfil dos detidos vai de Poá a Alphaville	13/06/2013	Reportagem
Descolados criam movimento antiviolaência	14/06/2013	Reportagem
Depredação Livre	20/06/2013	Reportagem

PM diz que grupo quebrou acordo de não ir à Paulista	15/06/2013	Reportagem
Ato contra tarifa une punks a ativistas do paz e amor	16/06/2013	Reportagem
Serviço secreto da PM diz que PSOL 'recruta' punks para protestos	16/06/2013	Reportagem
Manifestantes fazem intercâmbio para trocar experiências	16/06/2013	Reportagem
PM diz que PSOL recruta punks	16/06/2013	Reportagem
Avaliação é totalmente equivocada, diz deputado	16/06/2013	Reportagem
Lojas fecham mais cedo e comerciantes criticam passeata	18/06/2013	Reportagem
Por que fui? Por direitos e pelas manifestações, virgens de protesto e habitués de marchas se reuniram no lago da Batata	17/06/2013	Reportagem
Grupo condena violência e fala em 'revolta popular'	19/06/2013	Reportagem
Fernando Haddad admite rever o aumento da tarifa de ônibus	19/06/2013	Reportagem
Saqueadores trocam tênis velho por novo e esvaziam joalheria	20/06/2013	Reportagem
Passe Livre prega 'expropriação' do transporte coletivo	21/06/2013	Reportagem
DNA trotskista 'Embrião' do Movimento Passe Livre começou há 13 anos, em Florianópolis, com integrantes do PT desiludidos com o partido	27/06/2013	Reportagem
Folha debate cobertura de protestos de rua	07/07/2013	Reportagem

CORPUS AMPLIADO

ANEXO 1

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

07/06/2013 -1551

Notícia

Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP

Manifestação liderada por estudantes reuniu ao menos 2.000 pessoas e fechou a avenida Paulista

A PM utilizou balas de borracha e gás para tentar conter depredação; houve 15 detidos e 3 feridos

DE SÃO PAULO

Em protesto contra a elevação da tarifa de ônibus, metrô e trens em São Paulo, manifestantes entraram em confronto com a Polícia Militar, interditaram vias e provocaram cenas de vandalismo ontem à noite na região central.

O ato levou à interdição de vias como 23 de Maio, Nove de Julho e Paulista na hora de pico. Estações de metrô foram depredadas e fecharam.

No centro e na Paulista, quebraram placas, picharam muros e ônibus, atearam fogo, provocaram danos a um shopping e ao Masp.

Os manifestantes são ligados ao Movimento Passe Livre, liderado por estudantes e alas radicais de partidos.

Eles marcaram novo protesto para hoje às 17h no largo da Batata, em Pinheiros.

O reajuste da tarifa de ônibus, metrô e trens, de R\$ 3 para R\$ 3,20, vale desde domingo e ficou bem abaixo da inflação. A alta dos ônibus foi de 6,7%, contra 15,5% do IPCA. O aumento foi decidido pelo prefeito Fernando Haddad (PT) e pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB).

O ato, diz a PM, reuniu cerca de 2.000 pessoas --organizadores falavam em 6.000.

Eles saíram em passeata às 18h do centro até a Paulista.

Houve ao menos 15 detidos, incluindo Altino de Melo Prazeres, presidente do sindicato dos metroviários. Segundo a polícia, dois PMs e um manifestante se feriram.

A PM utilizou bombas de gás e balas de borracha.

O Metrô disse lamentar os "fatos violentos" e que estuda responsabilizar autores. A assessoria de Haddad afirmou que "a prefeitura entende a manifestação", mas que lamenta que ela "tenha tomado proporções violentas".

Organizadores argumentaram que não era possível controlar toda a multidão.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

08/06/2013 -1351

Carta do leitor

Protestos

Fico pensando no sentimento do prefeito Haddad ao ver as cenas de anteontem ("Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP", "Cotidiano", ontem), em que provavelmente manifestantes que já foram seus alunos ou que já leram os livros que escreveu foram dispersados com balas de borracha e gás lacrimogêneo. É possível que o "lamento" do companheiro Haddad seja fruto da percepção de que agora ele está do outro lado da trincheira.

Luis Gustavo Reis (São Paulo, SP)



Há inúmeros protestos na avenida Paulista, que quase sempre levam a uma grande piora no já caótico trânsito da cidade. E, não raramente, os protestos acabam em depredações e vandalismo, inclusive com confrontos com a PM. Entendo que tenha havido avanços, segundo a polícia, com algumas regras sobre os dias em que esses protestos poderiam ocorrer e com a coleta de imagens dos manifestantes.

Gostaria de saber, e aí vai uma sugestão de reportagem, se essas organizações que protestam pagam os prejuízos que causam, se os manifestantes são processados, se pagam indenizações, se os sindicatos e os líderes envolvidos nesses prejuízos pagam a conta ou se essas ações são simplesmente toleradas. Nos últimos anos, quanto se recebeu para pagar essa conta? Conhecendo o Brasil, já tenho um palpite.

Fábio Paschoal (Campinas, SP)

08/06/2013 - 13h51

Reportagem

Novo ato contra tarifa faz até colégio fechar mais cedo

Pelo segundo dia, grupo sai às ruas, picha ônibus, fecha vias e assusta comércio

Marginal Pinheiros foi interditada e lentidão chegou a 226 km em SP; PM usou bombas de gás para dispensar protesto

DE SÃO PAULO

O segundo dia de protestos contra a elevação da tarifa de ônibus, metrô e trens voltou a interditar vias importantes de São Paulo e a provocar tensão em áreas nobres --a ponto de um colégio particular encerrar as aulas mais cedo.

Após cenas de vandalismo anteontem na região central, uma nova passeata levou comerciantes a baixarem portas, empresas a dispensarem funcionários e uma escola de Pinheiros a convocar os pais para buscar os alunos antes.

Durante mais de cinco horas, os manifestantes saíram do largo da Batata e chegaram a bloquear vias como a Brigadeiro Faria Lima e até a marginal Pinheiros, agravando os congestionamentos --que atingiram 226 km, terceira maior lentidão do ano.

Eles também voltaram a ocupar faixas da avenida Paulista e a repetir cenas de vandalismo como pichação de ônibus e pontos --sem a mesma intensidade da destruição do dia anterior, quando entradas de estações foram apedrejadas e lixeiras foram incendiadas.

A PM jogou bombas de gás para dispersar os manifestantes da marginal Pinheiros, onde eles ocuparam as duas vias, sentido Castelo Branco.

Mas também chegou a negociar com líderes para a ocupação parcial de vias, com escolta da PM, quando a passeata chegou à Paulista, às 22h.

No percurso do ato, estabelecimentos como a pizzaria Bráz e os restaurantes Ruella e América baixaram as portas. Segundo a PM, a manifestação ontem reuniu em torno de 5.000 pessoas.

O reajuste da tarifa do transporte, de R\$ 3 para R\$ 3,20, entrou em vigor no domingo e ficou abaixo da inflação. O aumento foi decidido pelo prefeito Fernando Haddad (PT) e pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB).

O protesto foi organizado pelo Movimento Passe Livre, liderado por estudantes e com integrantes de alas de partidos de extrema esquerda.

Eles prometem um novo protesto na cidade na próxima terça-feira, às 15h, novamente na avenida Paulista.

AULAS

Hélio Marcos Toscano, diretor do colégio Palmares, de Pinheiros, contou que decidiu antecipar em uma hora a saída dos alunos pelo temor de que cenas de confronto do dia anterior se repetissem.

"Como não tínhamos segurança da dimensão que isso poderia tomar, resolvemos garantir tranquilidade de pais e alunos", afirmou.

A fonoaudióloga Ana Barion, 39, só conseguiu buscar a filha de nove anos às 17h, pouco antes do protesto. "Fiquei preocupada. Protestar é justo. Quebrar tudo, não."

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

08/06/2013 - 13h51

Reportagem

Grupo Passe Livre foi apoiado por petistas em 2011

Antônio Donato, então vereador e hoje secretário de Governo de Haddad, defendeu o movimento em discurso

Movimento é o mesmo que organizou o "Churrascão da gente diferenciada" em Higienópolis, em 2011

DE SÃO PAULO

O grupo responsável pelo protesto mais violento até agora contra uma medida da gestão Fernando Haddad (PT) na Prefeitura de São Paulo era apoiado, em 2011, por vereadores petistas que hoje têm posição-chave na articulação política do prefeito.

José Américo e Antônio Donato, então na oposição a Gilberto Kassab (PSD), defenderam o Movimento Passe Livre na Câmara e chegaram a participar de protestos em 2011, após a tarifa de ônibus subir de R\$ 2,70 para R\$ 3.

"A bandeira do movimento [transporte gratuito] é absolutamente correta", disse Donato em discurso na Câmara em fevereiro daquele ano.

Na ocasião, ele defendeu um debate sobre o fim da tarifa. "Tratar o transporte como um direito das pessoas. É isso que o movimento pautou, tem lutado e tem feito da melhor forma possível, que é ir às ruas dialogar com a população e mostrar a insatisfação do povo", disse o atual secretário de Governo.

Américo, hoje presidente da Câmara, chegou a ter um dedo quebrado durante protesto que terminou em confronto com a polícia.

Ontem, em nota, a presidência da Câmara informou que o apoio da bancada do PT ao Passe Livre no passado foi devido "ao aumento exorbitante da passagem de ônibus ocorrido na gestão Gilberto Kassab". Acrescentou que o PT nunca defendeu a tarifa zero para o transporte público.

BASES

O Passe Livre reúne jovens militantes e mistura integrantes do movimento estudantil, de grupos punk e membros de partidos de esquerda.

"Não temos presidentes, dirigentes, chefes ou secretários, todos têm a mesma voz e poder de decisão", afirma o grupo no Facebook. Seus membros relutam em dizer nomes completos quando abordados.

O movimento diz ser "independente e apartidário", apesar de não ser contra partidos. Na prática, três partidos políticos apoiam e dão orientação aos manifestantes: PSOL, PSTU e PCO.

O grupo é o mesmo que ajudou a organizar o "Churrascão da gente diferenciada", em Higienópolis, em 2011. A manifestação foi feita após moradores do bairro nobre se colocaram contra a construção de um metrô na região.

Na terça, eles prometem outro protesto, às 17h, na av. Paulista.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Protesto contra aumento do ônibus termina em confronto no centro de SP

PUBLICIDADE

09/06/2013

Notícia

DE SÃO PAULO

Atualizado às 21h01.

Segundo a Polícia Militar, os manifestantes atearam fogo em caixas de madeira em três pontos da 23 de Maio, quebraram placas de sinalização, invadiram o terminal Bandeira e picharam ônibus. Houve ainda atos de vandalismo contra ao menos uma banca de jornal na avenida Paulista. Parte das bancas foram destruídas e revistas e jornais foram espalhados pela calçada.

Essas manifestações são em protesto contra o aumento das tarifas do transporte público em São Paulo. 9 manifestantes chegaram a fechar por cerca de 5 minutos a pista local marginal Pinheiros, no sentido Castello Branco, na tarde deste sábado (8).

Usando máscaras e carregando cartazes, os participantes do ato estenderam uma faixa bloqueando o tráfego na região da estação Berrini da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). A Polícia Militar interveio e liberou a pista minutos depois. Um dos manifestantes foi detido por desacato.

A manifestação, organizada pelos grupos Anonymous, punks e Movimento Mudança Já, foi divulgada nas redes sociais, em que os grupos sugerem também uma campanha de boicote que consiste em pagar as passagens de ônibus, trem ou metrô com notas de R\$ 20 e R\$ 50, com o intuito de deixar a bilheteria sem troco e "passar de graça". A atuação desses grupos é "semelhantes a atos de guerrilha".

As passagens que eram R\$ 3,00 foram reajustadas para R\$ 3,20 no último domingo (2). O reajuste foi de 6,7%. No caso do ônibus, cujo valor da passagem não era corrigida desde janeiro de 2011, o valor ficou bem abaixo da inflação acumulada no período.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES

10/06/2013

Passe livre

Artigo de Opinião

Pressionar a área de transporte é salutar, mas o maior problema não é o valor das tarifas

A garota pegou o trem na estação Sumaré, entrou, procurou um assento com os olhos, hesitou por um instante, e acabou sentando-se num banco lateral, perto de onde eu estava. À nossa frente, num quadro vazio, feito para cartaz de publicidade, uma pichação reclamava do aumento da tarifa.

Como se sabe, governo tucano e prefeitura petista se acertaram para alinhar as passagens de ônibus e metrô em R\$ 3,20 --num percentual, diga-se, abaixo da inflação. A medida gerou uma onda de protestos capitaneada pelo Movimento Passe Livre.

A garota sorriu quando viu a pichação. Sacou um tablet da bolsa e tirou uma foto. Descemos juntos na estação Consolação. Pensei em falar alguma coisa, mas ela saiu apressada e sumiu na esteira rolante apinhada de gente, a caminho da linha amarela. Será que ela era do MPL?

Não sei, mas me lembrei das meninas que conhecia nos tempos de movimento estudantil, quando exigíamos zero de aumento nas mensalidades da PUC, queríamos ensino gratuito para todos e acreditávamos que pedir liberdades democráticas era um desvio burguês, já que a ditadura seria derrubada para dar lugar a um governo de transição para o socialismo.

O movimento estudantil tem grande capacidade de irritar os adultos, mesmo aqueles que no passado fizeram parte dele. É que boa parte dos estudantes universitários estão naquela situação invejável da criança crescida, que ainda não é inteiramente responsável por sua vida. Ganha dinheiro da família, usufrui de benefícios públicos, tem um engajamento frouxo --quando tem-- com a esfera da produção e acredita que pode consertar o mundo com meia dúzia de clichês irrealistas de esquerda.

Também irrita-me às vezes com tudo isso, mas tendo a ser tolerante. Não apenas porque são situações que fizeram parte de minha própria formação, mas porque acredito que faça bem à sociedade a existência de instâncias que se mobilizam por reivindicações utópicas --ou que assim possam parecer.

Depredações e vandalismos à parte, não creio que faça mal a São Paulo a existência de um movimento que pressione a área de transporte. É verdade que de anos para cá houve ampliação, melhoria e modernização da rede, mas estamos muito aquém de atender às exigências de quem precisa se deslocar por essa megacapital da imobilidade urbana. O aumento da tarifa é sempre uma boa oportunidade para protestar. No mínimo pode-se dizer que o serviço não vale o preço do bilhete.

É um argumento, mas na realidade o maior problema não está no valor tarifa, e sim nas condições de oferta. Ou seja, não é bilhete menos alto que vai resolver, mas investimento em novas linhas, na redução do intervalo entre os trens e na construção de novos corredores de ônibus. Subsidiar tarifa é, em tese, possível, mas significa retirar dinheiro de outras áreas. E da própria expansão do sistema. Detesto dizer isso, mas não tem almoço grátis.

Já que os nossos militantes do Passe Livre estão dispostos a protestar, poderiam ter uma pauta menos elementar e pressionar governo e prefeitura para que mexam o traseiro e ampliem as linhas de metrô, modernizem as de trem, abram novos corredores, ofereçam ônibus automáticos que não andem aos saltos e eliminem a catraca humilhante que trata passageiro como gado.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Reportagem

Haddad defende ação da PM para retirar protestos de vias em SP

GIBA BERGAMIM JR.
DE SÃO PAULO

10/06/2013 @ 03h00

O prefeito Fernando Haddad (PT) impôs uma condição para dialogar com os manifestantes que já fizeram dois protestos contra a alta das tarifas de transporte em São Paulo: diz que eles precisam "mudar de estratégia" e "renunciar à violência".

Para ele, a PM, que reprimiu os protestos de quinta e sexta-feira com bombas de gás e balas de borracha, agiu para manter ruas livres e garantir a integridade de quem não participava do ato.

"O problema é que a Polícia Militar tem que seguir protocolos e um deles é manter vias expressas desimpedidas, porque isso coloca pessoas que estão circulando em risco", disse ele em entrevista à **Folha** anteontem, antes de embarcar para Paris -onde defenderá a candidatura da cidade à Expo 2020.

"A [região da] Paulista tem hospitais que atendem boa parte da população. Se estiver obstruída, haverá risco. Se amanhã alguém morre numa ambulância, vão dizer que a PM não agiu conforme o protocolo", afirmou o petista, sobre a atuação da polícia comandada pelo governo Geraldo Alckmin (PSDB).

O Movimento Passe Livre, responsável pelos protestos, promete nova manifestação amanhã à tarde na Paulista. Ele é liderado por estudantes e alas radicais de esquerda.

"O patamar de civilidade é admitir a manifestação, ordená-la para que o direito das pessoas que não participam da manifestação esteja tão assegurado quanto o de quem participa", afirmou Haddad.

Segundo o prefeito, havia interlocutores dele à disposição quando os protestos iniciaram. "Imaginávamos que haveria um contato deles até para esclarecermos nossa política tarifária, e não houve desejo de interlocução."

Na quinta-feira, os manifestantes quebraram a entrada de estações na Paulista, após confronto com a PM.

"Uma pessoa eleita tem que estar aberta ao diálogo, mas o pressuposto disso é a renúncia à violência. Esses atos são incompatíveis com o debate", afirmou.

Na gestão Gilberto Kassab (PSD), líderes do PT apoiaram o Passe Livre. Questionado, Haddad nega contradição.

"No passado, o estopim do protesto foram reajustes acima da inflação", disse.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Reportagem

10/06/2013

Promotor se desculpa após incitar PM a ser violenta

Texto publicado por Rogério Zagallo chama manifestantes de 'bugios'

Comentário no Facebook foi feito em meio a manifestação contra tarifa; foi apenas um desabafo, diz promotor

DE SÃO PAULO

O promotor Rogério Zagallo, da 5ª Vara do Júri de São Paulo, publicou texto no Facebook, na sexta-feira, com xingamentos a manifestantes do Movimento Passe Livre e incitando a violência.

Ontem, ele apagou o comentário, pediu desculpas e disse à **Folha** que foi apenas um desabafo.

"Estou há duas horas tentando voltar para casa, mas tem um bando de bugios revoltados parando a Faria Lima e a Marginal Pinheiros. Por favor alguém pode avisar a Tropa de Choque que essa região faz parte do meu Tribunal do Júri e que se eles matarem esses filhos da puta eu arquivarei o inquérito policial", diz o texto.

"Que saudades do tempo em que esse tipo de merda era resolvida com borrachada nas costas dos medras (sic)", continua. Zagallo afirmou ontem que publicou o texto, mas que só mal-intencionados achariam que as declarações são sua opinião.

"Entendo como lícita e válida toda forma de protesto, debate e discussão sobre temas que estão na pauta da administração...o Movimento Passe Livre exercitou seu legítimo direito", escreveu ontem, ao se desculpar.

Segundo ele, o texto "foi fruto de desabafo feito por pessoas que estavam há muito tempo paradas no trânsito, mas que tinham compromisso com seus filhos". Ele diz que se manifestou como cidadão. "Foi uma forma de expressão, jamais caracterizando aquiescência com execuções ou arbitrariedades".

Em março de 2011, ele escreveu num processo que um policial deveria melhorar sua mira. "Bandido que dá tiro para matar tem que tomar tiro para morrer. Lamento que tenha sido apenas um dos rapinantes enviado para o inferno. Fica o conselho: melhore sua mira". A Procuradoria-Geral de Justiça avaliará a publicação.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

11/06/2013 -

Reportagem

Haddad atribui rejeição ao aumento da tarifa de ônibus

Prefeito e Alckmin vão acompanhar de Paris novo protesto contra passagem

Manifestantes farão hoje, na av. Paulista, terceiro ato por passe livre; vice-prefeita teve viagem cancelada

DE PARIS
DE SÃO PAULO

O prefeito Fernando Haddad (PT) atribuiu ao aumento da tarifa de ônibus --de R\$ 3 para R\$ 3,20-- a piora em sua avaliação à frente da administração municipal.

Pesquisa Datafolha mostrou que, entre abril e junho, subiu de 14% para 21% a proporção de moradores de São Paulo que considera ruim ou péssima a gestão Haddad.

Ele disse que vai monitorar de Paris (onde está ao lado do governador tucano Geraldo Alckmin) a terceira manifestação em seis dias contra a elevação das tarifas do transporte, marcada para hoje à tarde na av. Paulista.

Segundo ele, a Polícia Militar e a GCM (Guarda Civil Metropolitana) estão acionadas para tentar impedir novas depredações e congestionamentos, como os ocorridos na semana passada.

Haddad e Alckmin estão na capital francesa para apresentar a candidatura de São Paulo à sede da Expo 2020, terceiro maior evento do mundo em atração de turistas, depois da Copa do Mundo e da Olimpíada.

Com a viagem de Alckmin, Guilherme Afif Domingos (PSD) assumiu a cadeira.

Haddad anunciou um esquema especial da prefeitura para acompanhar o ato.

"Temos uma sala de situação montada. A vice-prefeita [Nádia Campeão, do PCdoB] permaneceu em São Paulo para acompanhar o evento em tempo real, caso seja necessária alguma tomada de decisão. (!) Vou acompanhar permanentemente", disse.

Indagado sobre a viagem coincidir com o novo protesto organizado pelo Movimento Passe Livre, afirmou que a cidade poderia ter prejuízo se as autoridades não defendessem a candidatura à Expo 2020.

Nádia Campeão cancelou sua ida a Paris por causa do protesto. A ida dela havia sido anunciada no "Diário Oficial" da semana passada.

Na ausência dela, o presidente da Câmara, José Américo (PT), seria o prefeito entre hoje e amanhã. Américo deu apoio ao Passe Livre na gestão Gilberto Kassab (PSD), quando o grupo também protestou contra a tarifa.

12/06/2013

Notícia

Contra tarifa, manifestantes vandalizam centro e Paulista

*** MANIFESTANTES QUEIMAM ÔNIBUS E DEPREDEM BANCOS E METRÔ NO CENTRO * 20 SÃO DETIDOS**

Grupo culpa violência da polícia e admite que perdeu controle; PM diz ter sido alvo de coquetéis molotov

DE SÃO PAULO

As ruas da região central de São Paulo viveram ontem um clima de guerra durante o mais violento protesto contra a alta da tarifa do transporte coletivo, que durou mais de cinco horas.

O ato resultou em uma série de confrontos entre manifestantes e policiais militares em maior proporção do que nos dois protestos anteriores, na semana passada.

O dia terminou com saldo de 20 detidos, ônibus parcialmente incendiados, vitrines de lojas e de bancos quebradas e ao menos duas estações de metrô (Brigadeiro e Trianon-Masp) depredadas.

Os manifestantes lançaram pedras e paus contra a PM, que atirou balas de borracha, bombas de efeito moral e gás de pimenta. Segundo a polícia, grupos atiraram até coquetéis molotov.

A **Folha** presenciou a agressão contra um PM que tentava evitar que o prédio do Tribunal de Justiça fosse pichado. Cercado, ele apontou uma arma para os manifestantes.

Essa atuação violenta foi organizada pelo Movimento Passe Livre, que se diz apartidário. Mas contou com a participação de partidos políticos de esquerda e movimentos anarquistas.

O grupo se diz contrário à violência e admite que não conseguiu controlar os manifestantes. Em sua avaliação, o confronto foi resultado de uma "revolta popular" e da violência excessiva da PM.

A polícia estimou em mais de 5.000 os participantes. A prefeitura, por meio da Guarda Civil Metropolitana, afirmou serem 2.500.

O grupo protesta contra a alta de R\$ 3 para R\$ 3,20 nas passagens, mas tem como bandeira a adoção da gratuidade no transporte público.

A manifestação de ontem ocorreu sem a presença na cidade do prefeito Fernando Haddad (PT) e do governador Geraldo Alckmin (PSDB), que monitoraram de Paris, onde apresentam a candidatura de São Paulo para a Expo 2020.

Eles não se pronunciaram.

'Lincha, mata', ouviu policial apedrejado durante protesto em SP

13/06/2013 © 03h40

"Lincha, lincha. Tira a arma dele. Mata", foram as frases ditas por manifestantes, segundo o soldado Wanderlei Paulo Vignoli, 42, que foi cercado e agredido durante protestos na Sé, anteontem.

Ele escapou de ser linchado após se atracar com um jovem que pichava o prédio do Tribunal de Justiça, como mostra vídeo publicado no site da **Folha**.

Ferido, apontou sua arma para os manifestantes para tentar contê-los, sem atirar. Depois, foi ajudado por outros integrantes do protesto e conseguiu fugir. Dois suspeitos de atacá-lo foram detidos.

Vignoli teve um dia de popstar entre os colegas. Deu entrevistas, recebeu elogios públicos do governador Geraldo Alckmin (PSDB), de Paris, e foi convidado para almoçar com o comandante da PM.

Solteiro e sem filhos, ele mora no centro, diz não ter carro e andar de ônibus e metrô. "Só não pago tarifa quando estou fardado."

Folha - O que aconteceu?

Soldado Wanderlei Paulo Vignoli - Atuo na segurança do Tribunal de Justiça e nosso dever ali é proteger a saída de funcionários, desembargadores e juízes e também a população que sai do metrô e passa pela região.

Em terceiro, evitar danos ao patrimônio. Quando tentava impedir que uma pessoa pichasse o muro do TJ, 20 ou 30 pessoas começaram a jogar pedras e objetos em mim.

Quando levei a pancada, fiquei meio atordoado, sem saber o que estava acontecendo. Logo eu escutei: "Lincha, lincha, toma arma dele. Mata".

Você pensou em atirar?

Somos treinados para manter o autocontrole, só atirar no limite. Entendi que, mesmo tendo sido atingido com pedradas, não era o limite para usar arma de fogo, até porque nenhum manifestante usou arma de fogo. Temos que usar a voz, a intimidação, foi o que eu procurei usar.

Teve medo de morrer?

Com certeza. Essa foi a situação de maior gravidade pela qual passei. Quando escutei "lincha e mata", pensei que estava complicado.

Você chegou a apontar a arma.

Isso, para dizer: "Não se aproxime". E também pensei que no meio daquela manifestação estavam passando diversas pessoas que voltavam do trabalho e que não tinham nada a ver com ela.

Acredito que a grande maioria foi ali para depredar os prédios públicos, o comércio e até as pessoas que tentaram impedir a ação deles.

Você estava sozinho.

O treinamento que temos é que o PM não deve ficar só, mas acabou sendo uma situação atípica. Pensei que, se corresse, levaria chutes. Se caísse, ficaria mais difícil conter.

Você se atracou com o rapaz?

O rapaz que estava pichando ficou assustado. Quando percebeu que levei a pedrada, ficou sem reação. Não percebi agressão dele contra mim.

Você percebeu que outro grupo de manifestantes o ajudou?

Percebi que os PMs que fazem parte do TJ me cercaram com mais umas três pessoas. Mas acredito que pode ter havido, sim, uma meia dúzia de manifestantes que viu que acabou saindo do limite e tentou, sim, me ajudar.

O que acha dos protestos?

Nem a instituição nem eu somos contra manifestação. Quando a PM segue o protesto não é para reprimir, mas para manter a segurança. Mas há pessoas maldosas no meio que estão subvertendo esse direito.

Você anda de ônibus?

Uso ônibus ou metrô. Moro aqui na região central e não tenho carro, mas sei dirigir.

Você paga condução?

Pago. O PM só não paga fardado.

O que você acha da passagem a R\$ 3,20?

Quem pode dizer isso é especialista.

Os manifestantes pedem tarifa zero. O que você acha?

Eu também gostaria, né? Mas acho que nem os países de Primeiro Mundo chegaram a esse patamar. A restauração do TJ custou mais de milhões e demorou um ano. Eles têm que entender que esse dinheiro [para restaurar] vai sair do bolso da população. ★ ★ ★

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Editorial: Retomar a Paulista

13/06/2013 © 03h30

Oito policiais militares e um número desconhecido de manifestantes feridos, 87 ônibus danificados, R\$ 100 mil de prejuízos em estações de metrô e milhões de paulistanos reféns do trânsito. Eis o saldo do terceiro protesto do Movimento Passe Livre (MPL), que se vangloria de parar São Paulo --e chega perto demais de consegui-lo.

Sua reivindicação de reverter o aumento da tarifa de ônibus e metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20 --abaixo da inflação, é útil assinalar-- não passa de pretexto, e dos mais vis. São jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados.

Pior que isso, só o declarado objetivo central do grupelho: transporte público de graça. O irrealismo da bandeira já trai a intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos e o que se toma por símbolos do poder capitalista. O que vidraças de agências bancárias têm a ver com ônibus?

Os poucos manifestantes que parecem ter algo na cabeça além de capuzes justificam a violência como reação à suposta brutalidade da polícia, que acusam de reprimir o direito constitucional de manifestação. Demonstram, com isso, a ignorância de um preceito básico do convívio democrático: cabe ao poder público impor regras e limites ao exercício de direitos por grupos e pessoas quando há conflito entre prerrogativas.

O direito de manifestação é sagrado, mas não está acima da liberdade de ir e vir --menos ainda quando o primeiro é reclamado por poucos milhares de manifestantes e a segunda é negada a milhões.

Cientes de sua condição marginal e sectária, os militantes lançam mão de expediente consagrado pelo oportunismo corporativista: marcar protestos em horário de pico de trânsito na avenida Paulista, artéria vital da cidade. Sua estratégia para atrair a atenção pública é prejudicar o número máximo de pessoas.

É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista, em cujas imediações estão sete grandes hospitais.

Não basta, porém, exigir que organizadores informem à Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), 30 dias antes, o local da manifestação. A depender de horário e número previsto de participantes, o poder público deveria vetar as potencialmente mais perturbadoras e indicar locais alternativos.

No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei. Cumpre investigar, identificar e processar os responsáveis. Como em toda forma de criminalidade, aqui também a impunidade é o maior incentivo à reincidência. ★ ★ ★

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

13/06/2013 - 03h51

Análise

ALENCAR IZIDORO

Tarifa zero significa abrir mão de investimentos

O lema do Movimento Passe Livre é tarifa zero, transporte público gratuito para todos. Uma bandeira que parece utópica numa cidade como São Paulo, onde, só para os ônibus, significaria consumir perto de R\$ 6 bilhões por ano dos cofres públicos --mais de 14% do Orçamento do município. Em tese, fazer essa opção seria abrir mão, durante um mandato, de recursos equivalentes ao plano de metas completo da gestão Haddad, para todas as áreas (da construção de 150 km de corredores de ônibus à de 43 Unidades Básicas de Saúde).

Mas a bandeira do grupo tem, como mérito, provocar um debate pertinente: prefeituras, Estados e União não deveriam dar mais subsídios a ônibus, metrô e trens?

A subvenção ao transporte público no Brasil sempre carregou uma imagem pejorativa, como se fosse jogar dinheiro no lixo. Tanto que é uma política minoritária em grandes municípios, embora seja amplamente adotada em países desenvolvidos, com destaque para a Europa.

Subsidiar é tirar verba pública para cobrir parte dos custos do sistema e, com isso, permitir uma tarifa menor.

A medida costuma ser considerada socialmente justa, não apenas por beneficiar os mais pobres como por favorecer um tipo de deslocamento mais vantajoso para toda a sociedade. Um contraponto aos subsídios indiretos aos carros, com a construção de avenidas, por exemplo.

O problema é que, por trás do conceito favorável do subsídio há armadilhas.

Uma delas é que, atualmente, esses recursos não financiam apenas quem mais precisa.

Exemplo: as empresas que pagam vale-transporte dos seus empregados.

Ou estudantes de classe média ou alta, que pagam meia tarifa, parcialmente às custas do trabalhador informal que não ganha desconto.

Ou seja, subsidiar mais, sem critérios de renda, significa acentuar distorções.

Outro obstáculo é que, com mais subsídios, sobra menos dinheiro para investir. Neste ano, a prefeitura já vai gastar R\$ 1,2 bilhão com subvenção aos ônibus. Em um mandato de quatro anos, só isso já significa abrir mão de dinheiro suficiente para uma nova linha de metrô com 10km.

Por mais justo que seja baratear a tarifa, suas vantagens são questionáveis se for para ter menos, mais lentos, precários e superlotados serviços de transporte coletivo.

13/06/2013

Artigo de Opinião

Por que estamos nas ruas

O impacto violento do aumento das tarifas no bolso da população faz as manifestações extrapolarem os limites do movimento

O modelo de transporte coletivo baseado em concessões para exploração privada e cobrança de tarifa está esgotado. E continuará em crise enquanto o deslocamento urbano seguir a lógica da mercadoria, oposta à noção de direito fundamental para todas e todos.

Essa lógica, cujo norte é o lucro, leva as empresas, com a conivência do poder público, a aumentar repetidamente as tarifas. O aumento faz com que mais usuários do sistema deixem de usá-lo, e, com menos passageiros, as empresas aplicam novos reajustes.

Isso é uma violência contra a maior parte da população, que como evidencia a matéria publicada ontem pelo portal UOL, chega a deixar de se alimentar para pagar a passagem. Calcula-se que são 37 milhões de brasileiros excluídos do sistema de transporte por não ter como pagar. Esse número, já defasado, não surgiu do nada: de 20 em 20 centavos, o transporte se tornou, de acordo com o IBGE, o terceiro maior gasto da família brasileira, retirando da população o direito de se locomover.

População que se desloca na maioria das vezes para trabalhar e que, no entanto, paga quase sozinha essa conta, sem a contribuição dos setores que verdadeiramente se beneficiam dos deslocamentos. Por isso defendemos a tarifa zero, que nada mais é do que uma forma indireta de bancar os custos do sistema, dividindo a conta entre todos, já que todos são beneficiados por ele.

Esse é o contexto que fez surgir o Movimento Passe Livre em diversas cidades do Brasil. Por isso há anos estamos empenhando lutas por melhorias e por outro paradigma de transporte coletivo. Neste momento, em que nos manifestamos em São Paulo pela revogação do aumento nas passagens, milhares protestam no Rio de Janeiro, além de Goiânia, onde a luta obteve vitória, assim como venceram os manifestantes de Porto Alegre há dois meses.

O impacto violento do aumento no bolso da população faz as manifestações extrapolarem os limites do próprio movimento. E as ações violentas da Polícia Militar, acirrando os ânimos e provocando os manifestantes, levaram os protestos a se transformar em uma revolta popular.

O prefeito Fernando Haddad, direto de Paris, ao lado do governador Geraldo Alckmin, exige que o movimento assuma uma responsabilidade que não nos cabe. Não somos nós os que assinam os contratos e determinamos os custos do transporte repassados aos mais pobres. Não somos nós que afirmamos que o aumento está abaixo da inflação sem considerar que, de 1994 para cá, com uma inflação acumulada em 332%, a tarifa deveria custar R\$ 2,16 e o metrô, R\$ 2,59.

Além disso, perguntamos: e os salários da maior parte da população, acompanharam a inflação?

A discrepância entre o custo do sistema e o quanto, como e quando se cobra por ele evidenciam que as decisões devem estar no campo político, não técnico. É uma questão de escolha: se nossa sociedade decidir que sim, o transporte é um direito e deve estar disponível a todos, sem distinção ou tarifa, então ela achará meios para tal. Isso parcialmente foi feito com a saúde e a educação. Mas sem transporte público, o cidadão vê seu acesso a essas áreas fundamentais limitado. Alguém acharia certo um aluno pagar uma tarifa qualquer antes de entrar em sala de aula? Ou para ser atendido em um posto de saúde?

Haddad não pode fugir de sua responsabilidade e se esconder atrás do bilhete mensal, proposta que beneficiará poucos usuários e aumentará em mais de 50% o subsídio que poderia ser revertido para reduzir a tarifa.

A demanda popular imediata é a revogação do aumento, e é nesses termos que qualquer diálogo deve ser estabelecido. A população já conquistou a revogação do aumento da tarifa em Natal, Porto Alegre e Goiânia. Falta São Paulo.

NINA CAPPELLO, 23, estudante de direito da USP, ERICA DE OLIVEIRA, 22, estudante de história da USP, DANIEL GUIMARÃES, 29, jornalista, e RAFAEL SIQUEIRA, 38, professor de música, são militantes do Movimento Passe Livre

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

13/06/2013

Reportagem

Perfil dos detidos vai de Poá a Alphaville

Dos 19 manifestantes contra o aumento da tarifa detidos pela polícia na terça-feira, 13 continuavam presos ontem

Grupo inclui artista, metalúrgico, dois professores; apenas três se identificaram como estudantes

DE SÃO PAULO

De Alphaville, o enclave de classe média alta, a Pirituba, o bairro pobre da zona oeste. De Perdizes, a região de classe média na zona oeste, a Poá, a cidade operária nas franjas do ABC paulista.

São nesses locais nada homogêneos que moram 13 das 19 pessoas detidas anteontem nas manifestações contra o aumento das tarifas, de acordo com documentos da polícia obtidos pela **Folha** --as demais foram liberadas após serem ouvidas na delegacia.

Acusados de crime inafiançável (formação de quadrilha) ou com fianças a pagar (R\$ 6.000 em dois casos e R\$ 20 mil em outro), esses 13 detidos têm profissões também heterogêneas, contrariando o senso comum de que são todos estudantes.

Há jornalistas (dois), metalúrgico, professores (também dois), publicitário e artista. Os estudantes são apenas três dentre os 13.

O grupo foi preso em duas situações diferentes: 11 são acusados de depredar e atear fogo numa guarita da PM na região da avenida Paulista.

Os outros dois são apontados como agressores do PM Wanderlei Vignoli, que foi encurralado por manifestantes e escapou de ser linchado.

Dos clichês das manifestações anarquistas, a polícia só achou uma peça que já virou sinônimo de ação direta no mundo inteiro, usada pelo grupo Anonymous: a máscara do personagem de "V de Vingança", o filme baseado nas novelas gráficas de Alan Moore, considerado pelos jovens um marco anarquista.

Ela estava com Clodoaldo Almeida Silva, um publicitário de Diadema acusado de participar do ataque contra a guarita da PM.

Silva, aliás, carregava duas máscaras, segundo a polícia: a outra tinha proteção de filtro, para evitar o efeito das bombas de gás lacrimogêneo.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

13/06/2013

Alckmin quer cobrar prejuízos de 'vândalos'

Reportagem

Governador afirma que polícia vai identificar responsáveis por depredações ocorridas durante manifestação

Movimento Passe Livre é monitorado pela PM; segundo coronel, manifestantes não ficarão mais 'à vontade'

Em Paris, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) condenaram as depredações ocorridas durante o protesto contra o aumento da tarifa do transporte, organizado pelo Movimento Passe Livre.

O governador chamou de "baderneiros" e "vândalos" os manifestantes que incendiaram ônibus e prometeu identificar os responsáveis e fazê-los pagar pelos prejuízos.

"A polícia vai responsabilizar e exigir o ressarcimento de patrimônio destruído, seja ele público, seja ele privado. Isso extrapola o direito de expressão. Isso é absoluta violência, vandalismo, baderna e é inaceitável", disse Alckmin.

O governador, o prefeito e o vice-presidente Michel Temer (PMDB) participaram, ontem, em Paris, da apresentação da candidatura de São Paulo para sediar a Expo 2020.

Haddad também culpou os manifestantes. "Quando a manifestação já se diluía, é que começa uma ação de outra natureza, não mais associada à liberdade de se expressar mas depredar, intimidar e provocar os tumultos."

Os manifestantes, porém, dizem que as ações violentas partiram dos policiais e apenas reagiram às agressões.

Hoje, às 17h, uma nova manifestação está marcada na região central e a Polícia Militar promete ser mais dura para reprimir vandalismos.

A corporação afirma que, ao contrário do que diz ter feito nas últimas manifestações, não irá relevar nem atos isolados de depredação.

O comandante das operações policiais na região central, tenente-coronel Marcelo Pignatari, diz que a PM não vai deixar os manifestantes "à vontade pela cidade".

"Vamos agir para evitar qualquer tipo de ação que quebre a ordem, que rompa os limites legais", disse.

Anteontem, 400 policiais acompanharam os manifestantes. Para hoje o efetivo foi reforçado até com policiais da Tropa de Choque, para evitar que grupos se dispersem por muitas ruas do centro.

A PM monitora, há pelo menos quatro anos, o Movimento pelo Passe Livre. As ações nas redes sociais e as assembleias do grupo são monitoradas. "É tudo feito dentro da lei. É acompanhamento, não espionagem", afirmou o vereador Coronel Camilo (PSD), ex-comandante-geral da PM.

Além disso, as manifestações também são filmadas.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

13/06/2013

Depoimento

A PM começou a batalha na Maria Antonia

13/06/2013 @ 22h19

Quem acompanhou a manifestação contra o aumento das tarifas de ônibus ao longo dos dois quilômetros que vão do Theatro Municipal à esquina da rua da Consolação com a Maria Antônia pode assegurar: os distúrbios começaram às 19h10, pela ação da polícia, mais precisamente por um grupo de uns 20 homens da Tropa de Choque, com suas fardas cinzentas que, a olho nu, chegaram com esse propósito.

Pelo seguinte: Desde as 17h, quando começou a manifestação na escadaria do teatro, podia-se pensar que a cena ocorria em Londres. Só uma hora depois, quando a multidão engordou, os manifestantes fecharam o cruzamento da rua Xavier de Toledo.

Nesse cenário havia uns dez policiais. Nem eles hostilizaram a manifestação, nem foram por ela hostilizados.

Cerca das 18h30 a passeata foi em direção à praça da República. Havia uns poucos grupos de PMs guarnecendo agências bancárias, mais nada. Em nenhum momento foram bloqueados.

Numa das transversais, uns 20 PMs postaram-se na Consolação, tentando fechá-la, mas deixando uma passagem lateral. Ficaram ali menos de dois minutos e retiraram-se. Esse grupo de policiais subiu a avenida até a Maria Antonia, caminhando no mesmo sentido da passeata. Parecia Londres.

Voltaram a fechá-la e, de novo, deixaram uma passagem. Tudo o que alguns manifestantes faziam era gritar: "Você é soldado, você também é explorado" ou "Sem violência." Alguns deles colavam cartazes brancos com o rosto do prefeito de São Paulo, "Maldad".

Num átimo, às 19h10, surgiu do nada um grupo de uns 20 PMs da Tropa de Choque, cinzentos, com viseiras e escudos. Formaram um bloco no meio da pista. Ninguém parlamentou. Nenhum megafone mandando a passeata parar. Nenhuma advertência. Nenhum bloqueio, sem disparos, coisa possível em diversos trechos do percurso.

Em menos de um minuto esse núcleo começou a atirar rojões e bombas de gás lacrimogêneo. Chegara-se a Istambul.

Atiravam não só na direção da avenida, como também na transversal. Eram granadas Condor. Uma delas ficou na rua que em 1968 presenciou a pancadaria conhecida como "Batalha da Maria Antonia". Alguns sobreviventes da primeira batalha, sexagenários, não cheiram mais gás (suave em relação ao da época), mas o bouquet de vinhos.

Seguramente a PM queria impedir que a passeata chegasse à avenida Paulista. Conseguiu, mas conseguiu que a manifestação se dividisse em duas. Uma, grande, recuou. Outra, menor, conseguiu subir a Consolação.

Eram pessoas perfeitamente identificáveis. A maioria mascarada. Buscaram pedras e também conseguiram o que queriam: uma batalha campal.

Foi um cena típica de um conflito de canibais com os antropófagos. ★ ★ ★

14/06/2013

Notícia

Novo protesto tem reação violenta da PM

Quarto ato contra reajuste no transporte deixa dezenas de feridos no centro de SP; 192 são detidos

O quarto dia de protestos contra a alta da tarifa de transporte em São Paulo foi marcado pela repressão violenta da Polícia Militar, que deixou feridos manifestantes, jornalistas --sete deles da **Folha**-- e pessoas que não tinham qualquer relação com os atos.

O confronto teve início quando manifestantes tentaram subir a rua da Consolação, em direção à avenida Paulista, onde havia um bloqueio policial. Sem ter sido agredida, a Tropa de Choque cercou os manifestantes e disparou bombas de efeito moral e balas de borracha. Assustados, motoristas abandonaram os carros.

Depois, manifestantes repetiram as cenas de depredação dos protestos anteriores, danificando ônibus e uma agência bancária na avenida Angélica. Ao todo, 192 manifestantes foram detidos. Segundo o Movimento Passe Livre, cem pessoas ficaram feridas.

O prefeito Fernando Haddad (PT) disse que o ato de ontem foi marcado pela violência policial. O governador Geraldo Alckmin (PSDB) disse que a PM não vai tolerar "depredação, violência e obstrução de vias públicas". O secretário da Segurança, Fernando Grella, afirmou que a polícia agiu para "garantir a ordem", mas ordenou que a Corregedoria apure relatos de abuso.

14/06/2013

Notícia

Bombas e balas de borracha deixam centro em pânico

Motoristas abandonaram carros nas ruas, e até prédio da PUC foi alvo de gás; manifestantes estimavam cem feridos

PM diz que só atua após agressões e crimes; protesto voltou a ter vandalismo, como pichação e depredação

DE SÃO PAULO

Com balas de borracha e bombas de efeito moral, policiais militares agiram com violência para reprimir a quarta manifestação contra a alta da tarifa de transporte em São Paulo em uma semana.

A PM promoveu um cerco ao centro e à avenida Paulista, agravando os confrontos e deixando em pânico pedestres e motoristas, que, no meio da confusão, chegaram a abandonar carros na rua.

À noite, havia 192 detidos. A polícia não informou sobre feridos. O Movimento Passe Livre, que organiza os protestos, afirma que cem manifestantes se machucaram. Eles programam novo ato na segunda, às 17h, em frente à estação Faria Lima do Metrô.

O protesto também voltou a ter cenas de vandalismo e depredação, embora com menor intensidade que nos anteriores. Uma agência bancária e um hotel tiveram vidros quebrados. Ônibus foram apedrejados e, assim como muros, pichados. Lixeiras foram incendiadas e utilizadas como barreira contra a PM.

A manifestação saiu por volta das 18h30 do Theatro Municipal, no centro, em direção à praça Roosevelt, onde terminaria, após acordo entre manifestantes e polícia. Havia 5.000 pessoas, diz a PM. O grupo fala em 20 mil.

O ato era pacífico até chegar à esquina das ruas da Consolação e Maria Antônia.

O confronto começou quando um grupo tentou furar um bloqueio policial para seguir em direção à Paulista.

Policiais da Tropa de Choque passaram a dar tiros de borracha para todos os lados e a lançar bombas. Manifestantes revidaram com pedras.

Bombas de gás chegaram a ser lançadas até dentro de um prédio da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica).

Um aluno relatou à **Folha** que professores se trancaram em salas para se protegerem.

"Parecia que estávamos na ditadura militar", disse a arquiteta Isabelly Frederico, 36, que assistiu ao início da confusão de cima de um prédio.

Centenas de jovens, muitos chorando, correram para se refugiar nos fundos de um posto de combustível --também alvo de bombas da PM.

A ação da polícia, seguida de confrontos, se repetiu em ruas como Augusta, Angélica, Frei Caneca e Bela Cintra.

Houve detenção de manifestantes que carregavam vinagre --para amenizar efeitos do gás-- ou máscaras.

No final da noite, os manifestantes chegaram à Paulista, bloqueada pela PM e novamente palco de confronto.

Ao menos 55 pessoas foram atendidas em um posto de emergência montado no espaço independente Matilha Cultural, disse Pedro Campana, 26, médico responsável.

A **Folha** presenciou um PM agredindo, com chutes, um manifestante imobilizado, no chão, em frente à prefeitura.

Nina Cappello, do Passe Livre, diz que "houve abuso" da polícia. O tenente-coronel Marcelo Pignatari, comandante da PM na Paulista, disse achar "impossível que a PM tenha agido sem ter sido agredida ou presenciado crimes".

'Descolados' criam movimento antiviolença em São Paulo

ROBERTO DE OLIVEIRA
DE SÃO PAULO

14/06/2013 @ 03h00

Pelo número de voluntários que apareceu ontem na hora do almoço nas escadarias do Masp, dá para arriscar um palpite: esse grupo parece que vai fazer barulho.

Cerca de 200 pessoas, que atuam nas mais variadas áreas, foram ao Museu de Arte de São Paulo prestar solidariedade ao mais recente movimento da cidade, o "Juntos pela Vida: Acorda Brasil" - é verdade que tinha muita gente que não sabia exatamente o porquê de estar ali.

Recém-criado, o grupo é a cara de São Paulo. Nasceu cosmopolita e diversificado em reação à onda de violência que assusta a cidade - e a classe média paulistana ultimamente, em especial.

Danielle Dahoui, chef do restaurante Ruella (vítima de arrastão no mês passado, no Itaim), Yael Steiner, diretora do Centro da Cultura Judaica, e a empresária Jessica Markus formam o "batalhão de frente" do movimento.

Há ainda apoio de ONGs, como a Fundação Gol de Letra (do ex-craque Raí) e a Doutores da Alegria (Wellington Nogueira), além de associações, empresários e representantes de bairros. Reforçam o time nomes como o do ativista José Júnior, do AfroReggae, reconhecido pelo trabalho de mediação de conflitos em comunidades do Rio, e o do chef Alex Atala.

As líderes negam que o movimento seja elitista. "Temos que sair dessa zona de conforto. Não adianta só posar para fotos", avisa Yael, 38.

A segunda manifestação que pretende "acordar" a cidade de São Paulo tem nome e data: 1ª Passeata Pacífica pela Segurança, na praça da Sé, no dia 4 de agosto, às 11h, com todos de branco.

O aviso já corre em redes sociais como o Facebook.

Danielle, 44, faz questão de avisar que não se trata de um movimento de chefs estrelados de São Paulo contra arrastões em restaurantes. "É um movimento pró-vida. Não dá para ser feliz sozinho."

As líderes dizem que trabalham numa pauta de assuntos urgentes que afligem a população. Depois de mapear os problemas, "vamos buscar sugestões que deram certo em outros bairros, cidades e países", explica Danielle.

Meta ambiciosa, não é mesmo? Yael diz que o primeiro passo, prático, será dado na próxima quarta-feira, quando as líderes do movimento vão se reunir com o secretário da Segurança Pública do Estado, Fernando Grella Vieira - o próprio já se manifestou disposto a atender aos movimentos sociais.

O encontro "servirá para traçarmos um diagnóstico dos problemas de segurança e oferecermos colaboração", diz Yael. "Não só os que atingem os bairros de elite."

As líderes do "Acorda" rechaçam qualquer semelhança com o "Cansei", movimento de vida curta que surgiu e ganhou fama em 2007.

"Somos apolíticos", afirma a empresária Jessica. Diz mais: "Queremos envolver bairros distantes e classes sociais diferentes, todo paulistano em prol da paz". ★ ★ ★

Protestos em série

14/06/2013 © 03h30

SÃO PAULO - É verdade que essas manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus em São Paulo conturbam a cidade. Vou um pouco mais longe e afirmo que há algo de egoísta nos protestos, já que impingem a todos as reverberações de uma agenda que não é consensual.

Uma sociedade democrática, entretanto, precisa aprender a conviver com esse contratempo. A alternativa, que é impedir a realização de atos públicos ou de condicioná-los ao beneplácito das autoridades, me parece incomensuravelmente pior.

E a Constituição (art. 5º, XVI) assegura que todos podem reunir-se sem armas em locais abertos ao público independentemente de autorização. Alguém poderia argumentar que o constituinte exagerou, já que o dispositivo permite a pequenas minorias impor grandes aborrecimentos à maioria, mas agora Inês é morta. Em 1988, após mais de 20 anos de ditadura, consagrar a liberdade de reunião era a coisa certa a fazer.

É claro que não existem direitos absolutos. Se é líquido e certo que cidadãos podem protestar, também é fato que a propriedade, pública ou privada, precisa ser preservada. Um manifestante tem o direito de resistir a agressões policiais que considere injustas. Isso pode até envolver socos e pontapés, mas é difícil perceber como o legítimo exercício da autodefesa passe por queimar ônibus e destruir vitrines. Não há o que objetar na intenção do governador Geraldo Alckmin de identificar os responsáveis por tais atos e de processá-los.

Mesmo rejeitando os exageros e os atos de vandalismo, deve-se reconhecer que protestos por vezes tonificam a democracia. E, para que funcionem assim, é preciso garantir que movimentos reivindicatórios possam ter lugar sem julgar o que os motiva. Não dá para criar uma lei que permita manifestações como as das praças Taksim e Tahrir, mas não as da avenida Paulista, só porque combater a tirania é uma causa mais nobre do que demandar subsídios. ★ ★ ★

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

15/06/2013

Entrevista

É necessário ter preparo para não reagir, diz Haddad

Prefeito citou descumprimento de 'protocolos' na ação policial de quinta e disse que convidou Movimento Passe Livre para reunião

LEANDRO COLON
DE SÃO PAULO

O prefeito Fernando Haddad (PT) afirmou, em entrevista à **Folha**, que manter um discurso semelhante ao do governador Geraldo Alckmin não significa alinhamento com o partido dele, o PSDB.

"Mesmo não sendo do meu partido, não posso desconhecer o esforço que os dois governos fizeram desde o começo", afirmou.

Num discurso moderado, o petista disse que a polícia paulista descumpriu "protocolos" no controle da manifestação de quinta-feira. Mas acrescentou: "Você tem que ter preparo para não reagir, do prefeito ao governador, ao presidente da República".

Haddad revelou na entrevista o convite ao Movimento Passe Livre, que lidera os protestos contra a tarifa, para uma reunião extraordinária do Conselho da Cidade (órgão consultivo da prefeitura) na próxima terça. Ele, porém, diz que não há margem para negociar a redução da tarifa.

No último sábado, Haddad disse que o pressuposto para negociar com o grupo era eles renunciarem à violência:

Folha - Há uma solução a curto prazo?

Fernando Haddad - Eu acredito no melhor argumento, nós temos o melhor argumento. Fizemos o esforço possível para que o reajuste ficasse muito aquém da inflação acumulada.

O movimento tem dificuldade de dialogar, pela natureza dele, tem pouca permeabilidade, temos que procurar oferecer alternativas de abordagem. O movimento afirma que a tarifa deveria ser de R\$ 2,16 e esquece do Bilhete Único.

Por que chegou-se a uma situação quase irreversível?

Neste caso, tenho que ser pouco condescendente com o setor público. Acho que a classe política, o funcionalismo público, não podemos errar. Não podemos adotar qualquer prática que coloque em risco a convivência pacífica. Isso vale para mim e para todo mundo. Você tem que ter preparo para não reagir, do prefeito ao governador, ao presidente da República, ao servidor mais humilde.

O senhor não acha que a polícia foi violenta demais?

A polícia, nos primeiros atos, procurou se conduzir pelos protocolos estabelecidos. E, a julgar pelas imagens, relatos, esse protocolos não foram observados, razão pela qual a Secretaria de Segurança abriu apuração.

O senhor convidou os manifestantes para reunião do Conselho da Cidade, mas avisa que não negocia redução. O que adianta o encontro?

Estou convidando para a reunião, debater não é ruim. Não entendo que os objetivos desse movimento sejam de curto prazo.

Nós temos um conselho da cidade com mais de cem integrantes, queremos abrir uma interlocução numa arena mais ampla.

Quando o senhor os chama para o debate é uma forma de reconhecimento de que houve algum erro de estratégia por parte de vocês?

Em hipótese nenhuma.

O Datafolha mostrou que 67% dos paulistanos consideraram o reajuste alto. Se fosse 1 centavo, também achariam alto. Há perguntas cuja resposta se conhece.

Setores do PT e da esquerda dizem que o senhor se alinhou demais ao governador Alckmin.

Mesmo não sendo do meu partido, não posso desconhecer o esforço que os dois governos fizeram desde o começo do ano para atender dois pleitos do governo federal, adiar ao máximo o aumento tarifário e que fosse o menor possível. Posso desconhecer o que presenciei? Conseguimos pactuar que fosse para junho e abaixo da inflação.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

15/06/2013

Carta do leitor

Protestos em SP

Quero expressar total solidariedade aos sete jornalistas da **Folha** alvos da brutalidade da PM e cumprimentar o jornal pelo caderno “Cotidiano”, que cobriu a barbárie da repressão. A PM usou balas de borracha, que podem ser letais, em guerra contra os cidadãos de São Paulo. Elio Gaspari demonstrou limpidamente o seguinte: os distúrbios começaram pela ação da Tropa de Choque. Faz 28 anos que terminou a ditadura e a PM em São Paulo, na democracia, não aprendeu ainda a lidar dentro da lei com protestos populares.

PAULO SÉRGIO PINHEIRO, presidente da Comissão Internacional Independente de Inquérito da ONU sobre a Síria (São Paulo, SP)

15/06/2013

Reportagem

Alckmin defende ação da polícia; para Grella, PM 'protegeu' manifestantes

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), saiu em defesa da ação de sua polícia militar durante as manifestações no dia 12, abertura da Copa do Mundo, na zona leste da capital paulista. Na ação, segundo balanço divulgado ontem (13), 46 pessoas foram detidas. Quinze pessoas foram feridas, das quais cinco jornalistas, quatro de veículos internacionais. O Grupo de Apoio ao Protesto Popular (GAPP), no entanto, fala em 37 feridos. A ONG enviou observadores para acompanhar as manifestações.

De acordo com Alckmin, a ação da PM foi necessária para evitar um problema maior e disse que o direito dos jornalistas foi preservado. O secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, negou que a PM tenha vetado a manifestação: "É tradição da PM paulista proteger protestos", afirmou. O comandante da corporação, coronel Benedito Roberto Meira, recomendou que quem quiser mudar o país pode fazer isso nas eleições.

Outras ONGs manifestaram-se contra a repressão da polícia paulista. Para a Conectas, que mencionou "estado de exceção", a ação policial atropela a Constituição. O Artigo 19 considera "perceptível a intensificação do uso desmedido das forças de segurança" em protestos. O diretor da Anistia Internacional no Brasil, Átila Roque, deu "cartão amarelo para a PM de São Paulo". A ministra da Secretaria de Direitos Humanos, Ideli Salvatti, criticou ontem, no Rio, a repressão, dizendo que há um protocolo de atuação que deve ser seguido pelas forças policiais.

O uso de balas de borracha e spray de gás pimenta foi defendido por Grella e Meira. "A polícia agiu corretamente. Usou força proporcional aos eventos e atos de violência para manter a ordem pública", disse o secretário de Segurança Pública. O comandante-geral da PM disse que averiguar excessos dos agentes é difícil, porque as pessoas não comparecem às audiências para fazer o reconhecimento fotográfico dos PMs. Alckmin, porém, disse que todas as ações da polícia são filmadas.

A Defensoria Pública do Estado de São Paulo avalia como ilegal a atuação da PM e disse que vai acompanhar outras manifestações até o fim da Copa. O material, segundo a Defensoria, vai compor um relatório com todos os abusos. Disso pode resultar uma ação civil contra o Estado. Para o defensor Carlos Weis, a ação "foi uma violação por parte do Estado do direito à livre manifestação".

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

15/06/2013

Reportagem

PM diz que grupo quebrou acordo de não ir à Paulista

Benedito Meira, comandante da força, diz que soldados foram atacados antes

Ativista do Movimento Passe Livre afirma que o comando da polícia não foi mais localizado para negociar o trajeto

DE SÃO PAULO

O comandante-geral da Polícia Militar de São Paulo, coronel Benedito Roberto Meira, disse que os policiais só dispararam bombas e balas de borracha porque reagiram aos ataques de manifestantes --que teriam atirado pedras e outros objetos.

Meira afirmou que o grupo que protestou anteontem quebrou o acordo firmado de não seguir para a Paulista.

O temor era que se repetissem as cenas de terça-feira, quando os manifestantes quebraram lixeiras, picharam ônibus e destruíram vidros de comércios, agências bancárias e de estações do Metrô.

"A polícia tem o papel constitucional de manter a ordem pública. Quando essa ordem for rompida, precisamos agir. Não foi a polícia quem quebrou a ordem. Foram os manifestantes."

Segundo Meira, um grupo agrediu os PMs que faziam um bloqueio na esquina das ruas da Consolação e Maria Antônia. "Fomos atacados antes e reagimos. Eles usaram pedras, rojões, morteiros. Por isso, houve uma reação da PM."

Nina Cappello, 23, estudante de direito da USP e ativista do Movimento Passe Livre, disse que o comando não foi mais localizado após o início da passeata.

"A ideia era ir para a praça Roosevelt e a gente avaliaria com a polícia para onde seguiria. Mas eles desapareceram e a gente não conseguiu mais conversar com o comando, que se isolou."

A avaliação de Meira é que "o resultado não foi bom para ninguém". "Nem para os policiais nem para os manifestantes", acrescentou.

O secretário de Segurança Pública, Fernando Grella Vieira, também disse que o governo não encontrou erros na estratégia da PM.

PALCO DISPUTADO

A Paulista se tornou questão de honra tanto para manifestantes que querem chamar atenção do público para a sua causa como para a polícia, que não admite o bloqueio da avenida.

"A Paulista é um lugar simbólico. Muita gente sai do trabalho e acaba se juntando ao protesto. Tem maior visibilidade", diz Nina Cappello, do Movimento Passe Livre.

Além da questão simbólica, ao bloquear a via os manifestantes ampliam o impacto do protesto. A Paulista é um dos principais centros financeiros e de serviços da cidade, uma das ligações mais importantes do trânsito e um dos locais mais vigiados.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

15/06/2013

Agentes do caos

Editorial

Contra manifestantes, PM paulista agiu com inaceitável violência, que lhe cumpria coibir; paradoxalmente, ajudou a parar São Paulo

A Polícia Militar do Estado de São Paulo protagonizou, na noite de anteontem, um espetáculo de despreparo, truculência e falta de controle ainda mais grave que o vandalismo e a violência dos manifestantes, que tinha por missão coibir. Cabe à PM impor a ordem, e não contribuir para a desordem.

O Movimento Passe Livre preconiza a paralisação de São Paulo em nome da irreal reivindicação de tarifa zero para os transportes públicos. Tolerar, se não acolher, facções interessadas apenas em depredar equipamentos públicos, que num intervalo de seis dias transformaram áreas centrais da capital, por três vezes, em praças de guerra.

No quarto protesto, a responsável maior pela violência passou a ser a própria PM. Pessoas sem envolvimento no confronto foram vítimas da brutalidade policial. Transeuntes, funcionários do comércio, manifestantes pacíficos e até frequentadores de bar foram atacados com cassetetes e bombas.

Sete repórteres da **Folha** terminaram atingidos, quatro deles com balas de borracha, em meio à violência indiscriminada da polícia. A jornalista Giuliana Vallone foi alvejada no olho e recebeu 15 pontos no rosto. O comandante da PM diz que o disparo foi feito para o chão.

Não é só por solidariedade profissional que se mencionam, neste espaço, as agressões sofridas por repórteres desta Folha --e de outros órgãos de imprensa. Antes de mais nada, como qualquer cidadão, eles não poderiam ser atacados por policiais cuja ação não parecia obedecer a qualquer plano ou estratégia.

Há uma razão adicional para a força policial não tomar jornalistas por alvo: o trabalho da imprensa oferece um testemunho expurgado do radicalismo sectário que se impregnou nas manifestações contra o aumento das tarifas.

As arbitrariedades cometidas pela polícia no quarto protesto não poderiam contrastar de modo mais nitido com a exemplar disciplina exibida pelo PM Wanderlei Vignoli, na terceira manifestação. Ele sacou a arma, mas não disparou, mesmo isolado e ferido por manifestantes. "Somos treinados para manter o autocontrole", declarou.

Lamentavelmente, o comportamento da PM na quinta-feira veio impugnar a expectativa de que a tropa revelasse o mesmo senso de equilíbrio e, por que não, de coragem. Pois há coragem em manter a calma e o discernimento sob ameaça de uma multidão. Revela-se despreparo --e covardia--, entretanto, quando se ataca indiscriminadamente a população indefesa, ainda que sob a justificativa de defender a liberdade de ir e vir dos prejudicados pela manifestação.

Nem mesmo o saldo de 13 PMs feridos justifica o emprego de meios excessivos pela polícia. Tampouco foi eficaz a ação da PM, afinal ela acabou contribuindo para paralisar a cidade, mais até do que o próprio protesto.

De promotores da paz pública, policiais transformaram-se em agentes do caos e da truculência que lhes cabia reprimir, dentro da lei, da legitimidade e da razão.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

16/06/2013

Reportagem

Ato contra tarifa une punks a ativistas do 'paz e amor'

Protestos contra preço do transporte reúne diferentes perfis

Em São Paulo, foram quatro atos; 131.246 pessoas já confirmaram presença no quinto, marcado para amanhã

TALITA BEDINELLI
DE SÃO PAULO

Com flores amarelas e brancas nos cabelos, um grupo se reunia aos pés da escadaria do Theatro Municipal de São Paulo na última quinta-feira.

No topo da escada, conversava uma turma de cortes moicanos, jaquetas pretas com símbolos anarquistas e toucas cobrindo todo o rosto.

Do outro lado, jovens com bandeiras e camisetas amarelas, tênis e cabelos desgrehados pintavam cartazes.

Eram da juventude do PSOL e estavam próximos de militantes do PT e do PSTU, parecidos --ao menos nas roupas.

Não muito longe, meninos do Anonymous, hackers que protestam invadindo sites do poder público, irritavam-se com a ostentação partidária.

"Tenho vontade de rasgar as bandeiras. Os caras estão fazendo propaganda. Só não rasgo para não criar briga no movimento", dizia um deles, um estudante de 26 anos que se identificou como Fênix.

Foi do Theatro Municipal que essas trupes diversas saíram em marcha. Uniram ali suas diferenças para lutar contra ao menos uma coisa em comum: o aumento na tarifa dos transportes públicos.

Para o Movimento Passe Livre, que convoca os atos, 20 mil pessoas participaram. Para a PM, 5.000. Foi o quarto protesto --três deles acabaram em confronto com a PM. Neste dia não seria diferente.

"Tem que haver amor", dizia Abner Mendonça, 20, estudante de história na PUC-SP.

Ele e amigos compunham a ala "paz e amor", que distribuía flores, iguais as que enfeitavam seus cabelos. Estavam preocupados com declarações do governo de que a polícia, agora, seria "mais dura".

"Não tem que haver violência de nenhuma parte", dizia Elisabeth Costa, 27, estudante de história da arte, na Unifesp.

Apontados como membros da ala violenta, os punks do topo da escada se defendiam.

"Quando a gente faz algo pacifista, a polícia reprime logo com bombas. Toda ação atrai uma reação", dizia um, que não quis ser identificado.

Mas o grupo reconhecia ter realizado em outros atos o Black Bloc --uma forma de ativismo que defende ações "para causar danos materiais às instituições opressivas". Na prática, picham paredes e quebram vidros de bancos.

Na multidão, um dos punks antifascistas acabava de ver um grupo de skinheads. Eles são inimigos e em dias comuns o encontro acabaria em briga. Naquele dia, se ignoraram.

A diversidade de manifestantes promete aumentar em novo ato amanhã, em Pinheiros. Até a madrugada de ontem, 131.246 pessoas confirmavam presença no evento pelo Facebook. Entre eles, um bancário, a gerente de uma multinacional e um guitarrista.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Reportagem

Serviço secreto da PM diz que PSOL 'recruta' punks para protestos

MÁRIO CESAR CARVALHO
DE SÃO PAULO

16/06/2013 @ 03h15

O serviço secreto da Polícia Militar afirma em relatórios sobre as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte em São Paulo que os grupos mais violentos nem sempre agem de maneira espontânea.

Punks que partem para o quebra-quebra são arregimentados por militantes do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) com o objetivo de desgastar o PT do prefeito Fernando Haddad e o PSDB do governador Geraldo Alckmin, de acordo com documentos sigilosos aos quais a **Folha** teve acesso.

Para a polícia, a forma de ação desses supostos punk é "semelhante a atos de guerrilha". Seria também uma forma que integrantes do PSOL teriam encontrado de constranger os dois governantes sem aparecer numa situação que poderia desgastar a imagem do partido, de acordo com esses relatórios.

Um dos relatórios do P2, sigla pela qual é conhecido o serviço reservado da PM, frisa que não há envolvimento do PSOL como partido, mas de militantes avulsos. A avaliação foi feita por policiais militares infiltrados.

Os punks e anarquistas partem para o que a polícia chama de "atuações paralelas" sempre que suas propostas são rejeitadas pelo Movimento Passe Livre, que convoca as manifestações.

O presidente nacional do PSOL, o deputado federal Ivan Valente, diz que a avaliação é completamente equivocada. "Os arapongas sempre cometem erros crassos de avaliação política. O

PSOL nunca apoiaria esse tipo de comportamento. Não precisamos utilizar ninguém para criticar governos".

PINGA ANTES E DEPOIS

O monitoramento mostrou que os punks seguem um ritual que se repete nas manifestações, segundo os relatos feitos. Tomam pinga antes de começar os protestos, esperam o movimento atingir o seu ápice para começar a agir e comemoram os resultados com mais pinga depois que o corre-corre acaba.

Para destruir vitrines e janelas, eles usam uma meia recheada com ferro e pregos, segundo o relato dos PMs.

A polícia diz que os punks que seriam recrutados por militantes do PSOL já acreditavam na violência como forma de protesto. Parte deles é ligada ao Black Bloc (Bloco Negro), uma estratégia anticapitalista que nasceu na Alemanha, nos anos 70.

Os black blocs pregam o ataque a símbolos como o McDonald's como uma forma de combate ao capitalismo. Todos usam máscaras e roupas pretas, tida pelos anarquistas como a cor da negação.

A avaliação da polícia é que o Movimento Passe Livre tem intenções "sinceras" ao defender a redução da tarifa de R\$ 3,20 para R\$ 3,00 e não tem orientações violentas. Mas, como não aceita lideranças, permite que esse tipo de comportamento violento explore o movimento.

A inexistência de lideranças é considerada o pior pesadelo para a polícia porque não há alvos claros. Outra dificuldade é separar a ação política dos atos criminosos.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Reportagem

Manifestantes fazem 'intercâmbio' para trocar experiências

WILHAN SANTIN
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

16/06/2013 @ 03h25

A articulação entre integrantes de movimentos contra o aumento de tarifas de transporte público pelo Brasil já extrapola a internet e suas redes sociais.

Organizadores de protestos recentes têm se mobilizado para trocar experiências pessoalmente e participar de atos em diferentes cidades.

"Nosso movimento em São Paulo se inspira em Porto Alegre e em Goiânia", afirmou Pedro Serrano, 21, diretor do DCE (Diretório Central dos Estudantes) da USP.

Serrano identifica uma conexão nacional entre líderes de movimentos que estiveram à frente dos atos que ocorreram em várias capitais do país e que devem se repetir nesta semana.

Exemplo desse vínculo que supera o intercâmbio virtual, a estudante de jornalismo Nathália Bittencourt, 23, viajou de Porto Alegre para São Paulo para participar do protesto da última quinta-feira.

Para fazer a viagem, de avião, Nathália contou com apoio do Juntos!, movimento nacional que reúne jovens de vários Estados. "Vendemos cervejas e bombons em festas de estudantes, o jornal impresso que produzimos. Foi feita uma contribuição nacional para que eu pudesse vir."

"A vinda da colega do Rio Grande do Sul foi muito boa para nos inspirar. Nossas lideranças só não viajam mais por falta de recursos financeiros", disse Serrano.

'DO PRÓPRIO BOLSO'

Antes mesmo de se mobilizar em sua cidade pela redução nas tarifas, o estudante de direito Pedro Josephi, 23, do Recife, já havia protestado em Goiânia e em São Paulo.

Aluno da Universidade Católica de Pernambuco e filiado ao PSOL, ele é um dos organizadores no Recife do protesto nacional previsto para a próxima quinta. E nega ser financiado pelo partido. "Pago [as viagens] do próprio bolso."

Em Goiânia, outra capital em que houve redução de tarifa após protestos, a PM diz ter identificado um rapaz de Porto Alegre entre os líderes de um dos protestos.

"Nos protestos eles enfatizam que não há líder, o que dificulta nosso trabalho, pois ficamos sem ter com quem negociar. Mas percebemos que o movimento é organizado demais para não ter líderes estabelecidos", disse o tenente-coronel Carlos Henrique da Silva, comandante do 1º Batalhão da PM de Goiás.

O presidente da União Estadual dos Estudantes de Goiás, Lucas Marques, 25, afirmou que uma "frente com diversas orientações ideológicas" foi montada para coordenar os protestos na cidade. Ele é membro do PC do B.

"Daqui, compartilhamos experiências com outras cidades, pois o transporte coletivo é um problema de todas as capitais. Um de nossos protestos, no qual houve repressão da polícia, foi às vésperas do congresso da UNE, em Goiânia."

"Havia gente de outros lugares que testemunhou a situação. Isso ajudou a disseminar as ideias", disse.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

16/06/2013

Notícia

PM diz que PSOL 'recruta' punks

O serviço secreto da Polícia Militar afirma em relatórios sobre as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte em São Paulo que os grupos mais violentos nem sempre agem de maneira espontânea.

Punks que partem para o quebra-quebra são arregimentados por militantes do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) com o objetivo de desgastar o PT do prefeito Fernando Haddad e o PSDB do governador Geraldo Alckmin, de acordo com documentos sigilosos aos quais a **Folha** teve acesso.

A forma de ação dessas manifestações é "semelhante a atos de guerrilha". Seria também uma forma que integrantes do PSOL teriam encontrado de constranger os dois governantes sem aparecer numa situação que poderia desgastar a imagem do partido, de acordo com esses relatórios.

16/06/2013

Reportagem

'Avaliação é totalmente equivocada', diz deputado

Ivan Valente, presidente do PSOL, afirma que há 'incongruência política' no relatório, punks 'não aceitariam orientação'

DE SÃO PAULO

O deputado federal Ivan Valente, presidente nacional do PSOL, diz que "é totalmente equivocada" a avaliação da Polícia Militar de que militantes do seu partido estariam incitando supostos punks a praticar atos violentos para constranger o PT e o PSDB.

"O PSOL vai nas manifestações de forma bem explícita, com camiseta da juventude do partido. Não utilizamos ninguém para atacar governantes", afirma.

Segundo Valente, o partido defende a política de tarifa zero nos transportes públicos porque acredita que o direito a locomoção tem o mesmo valor que o direito à moradia e o direito à educação.

"A tarifa zero já era parte do nosso programa em 2008, quando fui candidato a prefeito de São Paulo."

O PSOL, de acordo com Valente, não aprova o uso da violência nem a tática de recorrer a grupos camuflados. "Se algum militante tivesse esse tipo de comportamento, nós reprovamos."

Outro problema da interpretação da polícia, de acordo com o deputado, é o tamanho do PSOL.

"Nós conhecemos nossos militantes. Não somos tão grande a ponto de perder o controle sobre a militância e o que eles fazem nessas manifestações."

O deputado vê até uma incongruência política nos relatórios da Polícia Militar. Para ele, os grupos que são chamados de punks não aceitam orientação partidária e repudiam o militante organizado. "Eles nos acham reformistas, não revolucionários. Não sei por que aceitariam orientação de nossos militantes. Não faz o menor sentido do ponto de vista político."

O que os militantes do PSOL têm notado nas manifestações, segundo ele, é a presença de "pessoas estranhas ao movimento".

"Me contaram que tem umas figuras bem bombadas provocando violência nas manifestações. Pode até ser da Polícia Militar."

A historiadora Monique Félix, 26, que faz parte do MPL (Movimento Passe Livre), diz que o grupo ainda não discutiu se há infiltrados provocando violência e, portanto, não pode se posicionar sobre essa questão.

O que ela diz ter visto são policiais a paisana ajudando a prender manifestantes e entregando-os para a polícia.

Na visão do movimento, segundo Monique, é a polícia que tem provocado a violência, não o comportamento dos manifestantes.

"Depois de ontem [quinta-feira] ficou muito claro que foi a polícia que começou o confronto. Os atos só começaram depois da repressão brutal da polícia", afirma a historiadora.

17/06/2013

Análise

Gays, trabalhadores e até mães de manifestantes aderem ao protesto

DE SÃO PAULO

Os protestos contra o aumento das tarifas de transporte público devem ganhar reforço do movimento gay, de trabalhadores e até de mães de manifestantes.

As mães estão se mobilizando para comparecer hoje ao quinto ato que pede revogação do aumento das passagens do transporte público em São Paulo. A concentração será às 16h, em frente ao Instituto Tomie Ohtake.

O evento, criado no Facebook para organizar o encontro, contava com mais de 1.500 confirmações até a tarde de ontem. "Acho importante que não seja um movimento caracterizado como só de jovens", diz Noemi Jaffe, mãe de dois manifestantes.

A ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) também divulgou apoio à manifestação e convocou todos os associados e entidades filiadas a "somarem-se nas ruas nessa luta que também é nossa".

Metalúrgicos de São José dos Campos, trabalhadores rurais do interior paulista, operários da construção civil e funcionários do comércio também integram algumas das categorias que devem engrossar os protestos a partir da semana que vem.

A CUT (Central Única de Trabalhadores) e Força Sindical se posicionaram contra a repressão policial nas manifestações. Mas não está certo a participação de seus sindicatos no protesto de hoje.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

17/06/2013

Editorial

Ricardo Balthazar: O que eles querem

17/06/2013 © 03h00

SÃO PAULO - Passou dos 200 mil o número de pessoas que visitaram a página do Movimento Passe Livre no Facebook nos últimos dias e disseram que irão à nova manifestação convocada pelo grupo para hoje à tarde, em São Paulo. É improvável que tanta gente apareça, mas o que elas escreveram ali ajuda a entender um pouco melhor o que há por trás de sua inquietação.

A garotada tinha três grandes preocupações ontem. A mais urgente era se preparar para a possibilidade de outro confronto violento com a polícia. Veteranos das manifestações anteriores distribuíram dicas para se proteger contra bombas de gás e balas de borracha e orientações para conseguir ajuda em caso de prisão.

A segunda questão, certamente mais complicada, é como encontrar meios de evitar que a energia do movimento se dissipe por falta de clareza sobre seus objetivos. Participantes do grupo organizaram dezenas de enquetes sobre o assunto durante o fim de semana. Não chegaram a grandes conclusões, mas deixaram evidente que o aumento da tarifa de ônibus na cidade não é mais o único motivo que têm para protestar.

A segunda questão, certamente mais complicada, é como encontrar meios de evitar que a energia do movimento se dissipe por falta de clareza sobre seus objetivos. Participantes do grupo organizaram dezenas de enquetes sobre o assunto durante o fim de semana. Não chegaram a grandes conclusões, mas deixaram evidente que o aumento da tarifa de ônibus na cidade não é mais o único motivo que têm para protestar.

Além de melhorias no sistema de transporte público, sua lista de reivindicações passou a incluir nas últimas horas investimentos em educação, o combate à corrupção e o fim dos privilégios dos políticos, para ficar só nos mais votados. Parece o tipo de coisa que as pessoas escrevem num cartaz e depois esquecem de cobrar, mas seria um erro menosprezar o recado dos manifestantes.

A terceira preocupação do grupo é manter distância dos partidos políticos, e não apenas de petistas e tucanos. No fim de semana, houve sugestões para que bandeiras do PSOL e do PSTU, as siglas de esquerda que marcaram presença nas primeiras manifestações, sejam queimadas se aparecerem hoje de novo. É um sinal de alerta para quem está no aquecimento para a campanha eleitoral do ano que vem: vai ser muito difícil conquistar o voto desse pessoal.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

17/06/2013

Carta do leitor

Protestos

As manifestações públicas em São Paulo nada têm a ver com o aumento de tarifa de ônibus. Os 20 centavos foram apenas a gota d'água. O mundo mudou. A garotada está acostumada com a transparência, o diálogo e a porosidade da internet.

Os modelos democráticos de representação atuais não acompanharam este modo de vida.

O próprio método de passeata mudou. É multilocalizado. A burguesia se une à favela contra o castelo de corrupção, de autoritarismo e de surdez.

O vandalismo vem do grupo em luta e do anonimato da massa. Nada parece planejado. É preciso abrir o diálogo.

TADEU JUNGLE (São Paulo, SP)

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

17/06/2013

Análise

ANÁLISE

Movimento está divorciado dos políticos tradicionais

FERNANDO RODRIGUES
DE BRASÍLIA

Os milhares de manifestantes que marcharam ontem nas ruas de grandes metrópoles estão divorciados dos grandes partidos políticos.

Nenhuma legenda conseguiu ainda capitalizar a seu favor os protestos. Por essa razão, torna-se imprevisível o desfecho do movimento. Pode resultar em algumas mudanças ou dar em nada.

Até o início da noite de ontem, apesar da invasão da cobertura do prédio do Congresso Nacional, o nível de violência havia caído em relação aos dias anteriores.

É um sinal de que talvez novos líderes estejam surgindo e exercendo influência.

Esse é o primeiro passo para que um movimento espontâneo se torne orgânico.

Só que até agora não há vasos comunicantes com o establishment da política. Dos quatro principais pré-candidatos a presidente em 2014, três são de agremiações tradicionais --Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e Eduardo Campos (PSB).

A última vez que estiveram a favor de um ato público de alguma magnitude foi em 1992, contra o então presidente Fernando Collor.

Já a pré-candidata à Presidência Marina Silva, que está organizando a Rede, é a única cujo discurso flerta com os manifestantes.

Assim como ela, os que marcham não apresentam com grande clareza propostas do ponto de vista prático. Apenas querem um mundo melhor.

Seria arriscado para Marina se aproximar dos manifestantes e tentar faturar algum apoio para o seu novo partido. Movimentos horizontais e espontâneos tendem a rejeitar essas abordagens.

Dilma, Aécio e Eduardo Campos teriam ainda mais dificuldade. Há, portanto, tendência não desprezível de os protestos ficarem órfãos por algum tempo de um representante político. Até despontar um nome novo.

Nunca é demais lembrar que, em 1988, ninguém sabia quem seria eleito presidente no ano seguinte. Mas havia uma insatisfação difusa no Brasil. As pessoas pareciam insatisfeitas com tudo, ainda mais com a hiperinflação.

Emergiu um político alagoano desconhecido, jovem, cuja proposta principal era combater a corrupção e os marajás. Fernando Collor de Mello ganhou o Palácio do Planalto em 1989 com amplo apoio das ruas. Caiu em 1992 da mesma forma.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

18/06/2013

Notícia

Teto do Congresso é ocupado; grupo tenta invadir sede do governo de SP

No Rio, manifestantes entraram por alguns minutos na Assembleia Legislativa, mas foram expulsos

Palácio dos Bandeirantes teve portão derrubado; prédios públicos também foram alvo em Curitiba e Porto Alegre

DE BRÁSILIA
DO RIO
DE SÃO PAULO
DE CURITIBA
DE PORTO ALEGRE

As manifestações que tomaram as ruas do país na noite de ontem tiveram invasões e tentativas de entrada em sedes dos poderes Legislativos e Executivos. Em Brasília, onde milhares de jovens se concentraram na Esplanada dos Ministérios, houve ocupação do teto do Congresso.

No Rio, um grupo conseguiu entrar ontem à noite, por alguns minutos pouco antes das 23h, no prédio da Assembleia Legislativa, no centro.

A manifestação, que começara às 17h de forma tranquila, reunindo 100 mil pessoas, terminou de forma violenta.

Desde as 20h30 um grupo de 80 policiais, vinte deles feridos, estava encurralado por cerca de 300 manifestantes no prédio da Alerj.

A Polícia Militar usou bombas de gás lacrimogêneo para conter os invasores.

A organização do ato atribuiu a violência a um grupo de "10 a 15 punks" que estariam tentando retirar a credibilidade do protesto. Antes de a tropa de choque aparecer, também estimulavam as pessoas a deixarem o local.

Pedras e garrafas foram atiradas dentro da sede do governo. Uma vidraça do prédio foi quebrada, e um ônibus, que passava em frente ao local, foi depredado.

Fábio Guimarães, 34, membro do Movimento Passe Livre, tentou negociar a entrada de uma comissão de negociação, mas acabou levando uma pedrada e foi socorrido pelo médico do Palácio.

Em Curitiba (PR), um grupo de manifestantes invadiu e depredou parte das instalações do Palácio Iguaçu, sede do governo do Estado.

Uma antessala na entrada lateral do palácio, usada para atendimento ao público, foi invadida por cerca de 20 pessoas. No local, três computadores e uma mangueira de incêndio foram quebrados. Depois, um grupo derrubou o portão que dá acesso à garagem do palácio, onde já havia policiais da tropa de choque posicionados.

Eles impediram o avanço dos manifestantes usando bombas de gás e balas de borracha. Pelo menos cinco pessoas foram presas.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

18/06/2013

Carta do leitor

Protestos

Os manifestantes estão focando a consequência, e não a causa. O alvo dos protestos deveria ser a relação entre o poder público, os sindicatos, os políticos e as empresas de ônibus com suas famosas planilhas, que se transformaram em caixas-pretas dentro de outras caixas-pretas. É imperativo decodificar o enigma, ou as caixas-pretas continuarão engolindo o dinheiro de todo aquele que passa pela catraca.

FÁBIO SIQUEIRA (Uberaba, MG)

Apesar da barbárie e da violência, os protestos em São Paulo e em outras capitais brasileiras contra o aumento das passagens do transporte público têm fácil explicação: o povo não suporta mais pagar impostos altíssimos e andar pendurado e amassado nos trens e ônibus. E ainda temos de sustentar uma horda de políticos que pouco ou nada fazem.

RAFAEL OLIVEIRA (Porto Alegre, RS)

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

18/06/2013

Notícia

Atos atingem 12 capitais e têm cenas de violência

Mais de 215 mil pessoas vão às ruas; políticos são alvo de repúdio popular

Quantidade de manifestantes é a maior desde a mobilização pelo impeachment de Collor, em 1992

DE SÃO PAULO
DO RIO
DE BRASÍLIA
DE NOVA YORK

Os protestos pelo país atingiram 12 capitais, reuniram mais de 215 mil pessoas e tiveram cenas de violência em sete delas: Rio, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, Porto Alegre, Maceió e Curitiba.

Eles reuniram a maior quantidade de manifestantes desde a mobilização dos carapintadas pelo impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992.

Embora tenha havido atos que concentraram mais gente desde então, não tinham esse caráter de protesto.

As manifestações de ontem carregaram diversas bandeiras além de questionar as tarifas do transporte coletivo - da ética na política a investimentos em saúde e contra gastos da Copa de 2014.

Muitos políticos foram alvos de repúdio, como a presidente Dilma Rousseff (PT), os governadores Sérgio Cabral (PMDB-RJ) e Geraldo Alckmin (PSDB-SP) e o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT-SP).

Na Esplanada dos Ministérios, houve ocupação do teto do Congresso. Sedes do Executivo ou Legislativo também foram alvo em São Paulo, Porto Alegre, Rio e Curitiba.

Apesar de as manifestações terem sido pacíficas em parte das 12 capitais, cenas de caos chamaram a atenção principalmente no Rio.

O ato na capital fluminense reuniu 100 mil pessoas e teve um dos confrontos mais violentos do país - com invasão da Assembleia, veículos incendiados e depredados.

Em Maceió, um adolescente de 16 anos foi atingido no rosto por um tiro. Hospitalizado tinha estado estável à noite. O disparo, segundo a polícia, foi feito por um motorista que tentou furar um bloqueio dos manifestantes.

Em Belo Horizonte, a marcha rumo ao Mineirão, onde Nigéria e Taiti se enfrentaram pela Copa das Confederações, reuniu 15 mil pessoas.

Um grupo furou um bloqueio nas proximidades da UFMG e foi recebido com gás lacrimogêneo e balas de borracha. Manifestantes jogavam pedras.

Gustavo Magalhães Justino, 18, caiu de um viaduto e teve que ser hospitalizado.

Em Porto Alegre, um ônibus foi queimado, houve dezenas de lojas depredadas e saques em um escritório do Estado. Um confronto com a Brigada Militar (a PM gaúcha), que usou bombas de gás lacrimogêneo, ocorreu após a depredação de uma concessionária de veículos.

Em São Paulo, a travessia por balsas entre Santos (SP) e Guarujá (SP) chegou a ser interrompida por uma hora.

NOVA YORK

Atos de apoio também se espalharam por outras cidades do mundo - o principal deles em Nova York.

Cerca de 300 manifestantes se reuniram e dividiram espaço, na Union Square, com apoiadores dos protestos na Turquia.

Também se uniram ao evento brasileiro participantes do Occupy Wall Street, movimento que faz críticas ao capitalismo há dois anos.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

18/06/2013

Reportagem

Lojas fecham mais cedo e comerciantes criticam passeata

Com antecipação de expediente, fila para pegar metrô no largo da Batata, onde ato teve início, chegou a 100 metros

'Não adianta ficar aberto porque não vai ter clientela, vou perder quatro horas de venda', diz dono de banca

DE SÃO PAULO

A manifestação contra o aumento na tarifa dos ônibus, que reuniu ontem 65 mil pessoas nas ruas de São Paulo, segundo o Datafolha, fez com que empresas na região do largo da Batata, na zona oeste da capital, fechassem mais cedo com medo de quebra-quebra.

Trabalhadores andavam apressados a caminho de casa na altura da Faria Lima com a Rebouças, e alguns comerciantes criticaram o protesto.

Com a antecipação do fim do expediente no local, as filas para entrar na estação Faria Lima, da linha 4-amarela do metrô, chegavam a 100 metros de extensão por volta das 16h40 de ontem. A concessionária Via Quatro liberou um número maior de catracas para aumentar a vazão.

Funcionário de um escritório de um fundos de investimento, Gabriel da Rocha Melo, 24, disse que foi liberado às 15h30 "por precaução".

Para o instrutor de academia Pedro Ricardo, 21, o expediente foi antecipado das 22h para as 17h de ontem.

Vizinha à estação do metrô, uma loja da rede Magazine Luiza fechou mais cedo com medo de confusões.

"Não adianta ficar aberto porque não vai ter clientela", disse o proprietário de uma banca de jornais. "Vou perder umas quatro horas de venda." Em um dia comum, ele fecharia em torno de 20h.

A reportagem também encontrou a proprietária de uma banca de salgados na Faria Lima fechando as portas. "Estou indignada por ter de fechar mais cedo. Quem vai pagar as minhas contas amanhã?", disse Regiane Vieira Alves. "Se uma pedra atinge a minha geladeira, o que eu vou fazer? Estou revoltada."

Para Anthony Martins de Lima, 35, que trabalha com restaurantes na região, manifestação é "coisa de jovem". Ele ia para a casa quando conversou com a reportagem. "Só quero chegar em casa logo."

Impedido de seguir de carro por causa da aglomeração, o motorista Claudio Souza, 39, ficou parado na esquina da Faria Lima com a Benedito Chaves. "Palhaçada. Estou há 40 minutos tentando cruzar e não consigo. Uma vez, tudo bem, mas toda semana, só pode ser piada", reclamou.

IGUATEMI

No shopping Iguatemi, na avenida Faria Lima, onde as portas foram abaixadas, a equipe de segurança formou um cordão de isolamento na entrada, onde duas caminhonetes ficaram em transversal.

Lojistas disseram ter sido orientados pelos seguranças a fechar as portas, o que a assessoria do shopping negou.

Fechado com alguns frequentadores dentro, o centro comercial foi ficando deserto, mas voltou a reabrir por volta das 20h50 de ontem.

Cynara Ribeiro, 31, comerciária de Goiânia, que veio conhecer o shopping, afirmou ter ficado com muita raiva com o fechamento das lojas.

"Não quero ficar presa aqui dentro. Assisti pela TV uma coisa grotesca", disse sobre os protestos na última quinta. Segundo ela, parentes ligaram para ela preocupados.

A comerciante criticou a manifestação. "Cada um tem o direito de reivindicar, desde que não atrole meu direito de ir e vir." A advogada Damila Roldão, 27, de Uberlândia, que a acompanhava, também se dizia indignada.

"Essa briga é de quem pode [políticos] com quem não pode [manifestantes], mas quem paga somos nós." "Que horas vou conseguir sair daqui?", questionou.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Análise

Análise: Atônitos, governos não conseguem entender atos

IGOR GIELOW
DIRETOR DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

18/06/2013 @ 03h10

À falta de uma Bastilha, para ficar na pretensão das alas autointituladas revolucionárias dos protestos Brasil afora, temos a laje do Congresso Nacional.

Às cenas de aglomeração, vandalismo e repressão policial somaram-se imagens simbólicas da "ocupação" do símbolo do poder central.

Enquanto isso, os governantes demonstram sua dificuldade de compreender a natureza dos atos. Estão atônitos com a marcha.

A frase divulgada pela presidente Dilma Rousseff é reveladora. São apoiadas, diz Dilma, manifestações pacíficas --típicas de "jovens".

O problema dessa leitura, além de óbvia, é que ela não encontra destinatário. Quem são esses "jovens"? A própria cena no Congresso ontem demonstrava isso: havia queixas sobre praticamente tudo, inclusive o nada.

Isso dificulta a vida do negociador-em-chefe do governo, Gilberto Carvalho, que também havia falado algo genérico sobre a importância de ouvir as "angústias". Acostumado a lidar com movimentos sociais, ele falou para o éter, para o ciberespaço de onde as forças que demonstram parecem ter vindo.

Há o cálculo político. Se em São Paulo o prefeito Fernando Haddad (PT) e, principalmente, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) saem chamuscados do episódio, o Planalto ainda tenta dar um jeito de escapar da linha de tiro dos manifestantes.

Afinal de contas, lidar com os atos é, até aqui, problema dos Estados. Não por acaso, a violenta repressão de quinta em São Paulo deixou atordoado o governo Alckmin, que alterna pregações pela ordem com tentativas de contemporização.

Ao dizer que apoia manifestantes pacíficos, Dilma no limite evita pintar um alvo no rosto --embora não irão faltar acusações de uso político visando a conquista de São Paulo no ano que vem; o embate de tucanos com o pré-candidato José Eduardo Cardozo, ministro da Justiça, não é nada casual.

Mas parece difícil: sem uma pauta específica, protestos difusos pelo país tendem a mirar o "Grande Outro", para ficar em linguagem psicanalítica. E o "Grande Outro", no Brasil, trabalha lá mesmo, na praça dos Três Poderes.

★ ★ ★

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

17/06/2013

Reportagem

POR QUE FUI?

Por direitos e pela livre manifestação, 'virgens de protesto' e 'habitués' de marchas se reuniram no largo da Batata

PATRICIA CAMPOS MELLO
DE SÃO PAULO

Maiara Cesário, 22, enfrentou sua primeira manifestação vestindo calça de ginástica justinha, tênis Nike rosa-choque, mochila Nike, batom e rimel. No seu kit protesto, também tinha uma máscara de pintor (R\$ 17) contra o gás lacrimogêneo, óculos de proteção (R\$ 13) e vinagre (pegou da sua mãe, em casa). Estudante de direito da Univap, Maiara veio de Campinas em um ônibus fretado. "Eu represento você aí sentado no sofá", dizia o cartaz que carregava.

"Estou aqui contra as corrupções e pelos direitos", disse. Quais? "Ah, todos." E o preço da passagem de ônibus em Campinas, também é alto? "Camila, quanto custa mesmo o ônibus?", perguntou para a amiga. "R\$ 3,30", foi a resposta.

O protesto foi eclético. Como dizia o cartaz do sociólogo Igor Disco, 27, "somos todos passageiros".

Tinha desde patricinhas desgarradas até "habitués" de passeatas, integrantes do PSOL e PSTU, membros dos movimentos idealizadores do protesto, como o Movimento Passe Livre, aposentados, sindicalistas, famílias, punks, anarquistas e anarcopunks.

Gil, 27, "anarcopunk" de Mogi, acredita que o protesto vai funcionar. "Lá em Mogi protestamos e conseguimos uma redução de R\$ 0,10 no preço da passagem", disse. Ele ganha R\$ 670 trabalhando numa empresa de telemarketing em São Paulo.

Na quinta-feira, não teve como vir para a capital, porque não tinha com quem deixar as filhas gêmeas de 3 anos. Hoje, ganhou "alvará da patroa".

"Está cheio de partido querendo se promover com o ato, mas esse movimento é livre", contou. "Sou anarcopunk, mas não sou violento. Sei como a passagem de ônibus pesa pra gente. Eu moro em Mogi e tomo dois trens e dois ônibus todo dia para vir trabalhar em São Paulo."

DE VOLTA

A última vez que o metalúrgico aposentado Ivo Cardoso de Andrade, 64, foi para as ruas foi em 1979, na greve no estádio de Vila Euclides, em São Bernardo do Campo. "Naquela época eu gostava muito do Lula. Mas a esquerda chega ao poder e vira burguesia", disse ele, que hoje passa a maior parte do tempo em uma comunidade de idosos em Barueri. Por que veio? "Quero muito ver a nova presidente da UNE, ver quem será a nova José Dirceu", contou Ivo, que veio de trem lendo Dom Casmurro, obra de Machado de Assis.

ESTOPIM

Abaixar o preço da passagem era o grito de guerra, mas o objetivo era mais amplo.

"A passagem de ônibus foi o estopim. Depois da violência da polícia na quinta, o objetivo do protesto passou a ser o direito de se manifestar. Cada vez que venho a um protesto destes, me sinto um cidadão um pouco menos idiota", disse o mestrando em antropologia David Reichhardt, 24, que sofreu bastante com gás lacrimogêneo na quinta. "Mesmo se baixarem as tarifas, vamos continuar protestando."

No largo da Batata, na concentração para o início da caminhada, participantes tocavam um sambinha, alguns poucos tomavam cerveja e o clima era descontraído, com a polícia bastante discreta, longe dos manifestantes. "Que vergonha, o busão tá mais caro que a maconha", gritavam alguns. Maconha, aliás, não faltou: por todo lado tinha gente enrolando um cigarro.

O ambiente era bastante familiar --o único momento de tensão foi quando o repórter da TV Globo Caco Barcellos foi expulso pela multidão aos gritos de "Fora, Globo".

Ana Massochi, dona do restaurante La Frontera, foi com o filho, a nora, uma sobrinha e amigos. "Fiquei indignada com as pessoas chamando os manifestantes de vândalos e, depois que vi a violência da polícia no último protesto, decidi que tinha de vir", disse. "Precisamos ocupar o espaço público, é um absurdo essa cidade ter tão poucos metrô."

Mariano Mattos Martins, 29, ator e designer, aproveitou o cocar de canudinhos que usou na Virada Cultural para compor seu look "pró-verde". "A revolução é verde, além de baixar o preço da passagem, precisamos ter mais áreas verdes na cidade", dizia.

Ele carregava um ramo de planta "abre caminho, que é sagrada no candomblé". Veterano das marchas da maconha, acha que, nesse protesto, é a primeira vez em que realmente as pessoas têm um propósito firme. "É uma coisa muito concreta. Estamos juntos descobrindo o poder de mobilização que temos", dizia, enquanto conversava com o namorado ao celular.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Editorial: Incógnita nas ruas

19/06/2013 © 03h30

Quando se iniciaram os protestos contra o aumento das tarifas de transporte em São Paulo, com seus episódios de vandalismo dos manifestantes e de violência policial, um equívoco comum foi subestimar a ressonância que o Movimento Passe Livre (MPL) poderia alcançar no meio social.

O porte dos protestos dos últimos dias, por todo o país, e o caráter em geral pacífico das marchas deixaram patente que a depredação partiu de grupos minoritários.

Por mais que a ação truculenta da Polícia Militar paulista, na quinta-feira, tenha sido decisiva para engrossar a multidão nas ruas, está claro que a reivindicação de reverter os aumentos de tarifa se tornou o veículo de uma insatisfação profunda, ainda que difusa, sem dúvida insuflada pela mordida da inflação nos salários.

"Não são só 20 centavos" foi uma das palavras de ordem da passeata de segunda-feira em São Paulo. De fato, eram muitas as bandeiras: de críticas aos gastos com a Copa à defesa de investigações pelo Ministério Público, passando por vagos pedidos por "mais direitos".

Políticos, como seria de prever, tornaram-se alvos dos manifestantes. A presidente Dilma Rousseff (PT), os governadores Geraldo Alckmin (PSDB-SP) e Sérgio Cabral (PMDB-RJ) e o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), foram criticados nos maiores protestos.

Nada disso torna menos irrealista a demanda maior do movimento, tarifa zero. Para tanto, em São Paulo, seria preciso agregar ao subsídio anual de R\$ 1 bilhão outros R\$ 4,6 bilhões --92% do que se arrecada com o IPTU.

Com a capacidade de investimento do Estado --em todos os níveis de governo-- reduzida a quase nada por anos de estreiteza e inépcia na condução da economia, aumentar o subsídio ao transporte nessa proporção é impraticável.

Por outro lado, suspender o reajuste (em São Paulo, de R\$ 3 a R\$ 3,20) é decisão política extremamente custosa, na medida em que possa traduzir capitulação do poder público perante atos violentos.

O tamanho das marchas se impôs como índice de mudança de qualidade dos protestos. Mal ou bem, a massa falou pela maioria e falou contra os poderes instituídos.

São decerto condenáveis, até criminalmente, os atos de vandalismo e a depredação a palácios (a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro foi o pior exemplo). É positivo que o MPL tente isolar e conter manifestantes violentos, como diante da prefeitura paulistana.

Registre-se também que, nos protestos desta semana em São Paulo, a Polícia Militar se redimiu dos abusos cometidos dias antes. Mesmo diante da ameaça de invasão do Palácio dos Bandeirantes (sede do governo estadual), logrou manter conduta apaziguadora.

Há muitas diferenças com as mobilizações dos anos 1980 e 1990, contudo. Esta agora tem muito de espontâneo e descentralizado, definindo-se mais pelo recurso a meios tecnológicos (redes sociais e telefonia celular) do que pela liderança exercida por organizações.

Até aqui, o movimento rejeitou a instrumentalização por partidos políticos (84% declararam ao Datafolha não ter preferência partidária). Mas só os ingênuos deixarão de reconhecer que leva água para correntes à esquerda do PT, como PSOL e PSTU --ou que possa, principalmente, vir a engrossar o apoio a Marina Silva e sua Rede.

A fluidez e a desorganização dos protestos tornam sua pauta caleidoscópica, multifacetada e cambiante. Essa é a sua força, e também sua vulnerabilidade.

Em primeiro lugar, a ausência de uma voz unificada torna a interlocução com o poder público muito difícil. Depois, a direção fragmentada abre inúmeras oportunidades para a ação de grupos arruaceiros. A falta de foco, por fim, tende a multiplicar as demandas, o que também serve para diluí-las.

Não será surpresa se o movimento acabar por esvair-se e ser eclipsado na campanha eleitoral de 2014, cuja antecipação pode agora ser vista como um sintoma de falência da política atual, tão bem representada pelo comportamento do Congresso Nacional.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

19/06/2013

Reportagem

Grupo condena violência e fala em 'revolta popular'

DE SÃO PAULO

O MPL (Movimento Passe Livre) disse condenar a violência, mas classificou como "revolta popular" os atos de vandalismo e saque ocorridos ontem em São Paulo.

Marcelo Hotimsky, um dos líderes do MPL, disse que os episódios registrados ontem são a prova de que "o prefeito vai ter que baixar a tarifa".

"Tudo o que aconteceu é a revolta popular. Se quiser manter a cidade em ordem, vai ter que mudar para conter esse sentimento de revolta", afirmou Hotimsky em entrevista à Folha.

Ele afirmou que não há o que comentar sobre os saques. Hotimsky afirmou que o grupo condena a violência, mas entende que o que ocorreu é fruto da revolta.

Para o secretário da Casa Civil do governador Geraldo Alckmin, Edson Aparecido (PSDB-SP), no entanto, as lideranças do MPL não podem ficar alheias aos atos de vandalismo nas manifestações.

"A liderança de um movimento tem que ter responsabilidade. Eu sou responsável pelo que acontece de bom e pelo que acontece de ruim também." Para Aparecido, "estão romantizando muito as coisas; nós vamos ter que abrir esse debate a partir de agora."

NOVOS PROTESTOS

O MPL volta a realizar um protesto amanhã no centro de São Paulo. A manifestação está marcada para a praça do Ciclista, na Paulista, às 17h.

Hoje, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e o Movimento Periferia Ativa planejam parar ruas da periferia da Grande São Paulo para protestar por moradia, entre outras coisas. O MPL vai apoiar.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Reportagem

Movimento Passe Livre condena violência e fala em 'revolta popular'

DE SÃO PAULO

19/06/2013 © 03h10

O MPL (Movimento Passe Livre) condenou os episódios de violência da noite de ontem durante as manifestações pela redução da tarifa do transporte público na capital e classificou o movimento como "revolta popular".

"Se quiser manter a cidade em ordem e conter esse sentimento de revolta, vai ter de mudar", disse à Folha um dos líderes do MPL, Marcelo Hotimsky

Segundo o MPL, os atos organizados pelo movimento nunca tem como alvo final sedes do poder executivo, como a prefeitura.

"A gente prefere passar pela frente para mostrar a força da população, mas encerrar em locais populares como terminais de ônibus."

Para o secretário da Casa Civil do governador Geraldo Alckmin, Edson Aparecido (PSDB-SP), no entanto, as lideranças do MPL não podem ficar alheias aos atos de vandalismo nas manifestações.

"Eu sou responsável pelo que acontece de bom e pelo que acontece de ruim também." Para ele, "estão romantizando muito as coisas."

O MPL volta a realizar um protesto amanhã no centro de São Paulo. A manifestação está marcada para a praça do Ciclista, na Paulista, às 17h.

Hoje, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e o Movimento Periferia Ativa planejam parar ruas da periferia da Grande São Paulo para um protesto a favor das demandas dos trabalhadores. ★ ★ ★

19/06/2013

Reportagem

Fernando Haddad admite rever o aumento da tarifa de ônibus

Bruno Ribeiro

Marcelo Camargo/ABr

Numa reunião convocada para a manhã desta terça-feira (18) do Conselho da Cidade de São Paulo - órgão sem caráter decisório que reúne 136 notáveis da capital paulista -, com presença de integrantes do Movimento Passe Livre (MPL), o prefeito Fernando Haddad (PT) admitiu, pela primeira vez, a possibilidade de reduzir a tarifa de ônibus na cidade. Mas isso só depois de uma "ampla discussão" que resulte num apoio popular para a causa.

"Se as pessoas me ajudarem a tomar uma decisão nessa direção, eu vou me subordinar à vontade das pessoas porque eu sou prefeito da cidade", disse. A frase foi no fim de uma reunião de três horas, que começou às 10 horas desta terça-feira, em que Haddad ouviu forte apoio, por parte do conselho, no sentido de revogar o aumento da tarifa. "'Vou fazer uma reflexão sobre os números, sobre o que ouvi e vou dar uma resposta para o movimento."

Ele, no entanto, afirmou que o apoio que espera à reivindicação teria de vir após entendimento da população de que o preço a ser pago para revogar o aumento de 3 para 3,20 reais seria grande. Para isso, comentou tabelas com os valores dos subsídios pagos às empresas de ônibus para manter o sistema de transportes. "Se não houver reajuste, até 2016 o custo do subsídio das tarifas seria de R\$ 2,7 bilhões", afirmou. Os valores apresentados por Haddad indicam que a diferença dos 20 centavos representam, nas contas, um acréscimo de cerca de R\$ 200 milhões nos gastos da Prefeitura, isso apenas no orçamento deste ano.

De acordo com as tabelas da administração municipal, sem aumento na tarifa, o subsídio para os ônibus chegaria a R\$ 1,425 bilhão em 2013. Com aumento, será de pelo menos R\$ 1,250 bilhão. "O problema é que o orçamento aprovado para este ano previa um gasto de R\$ 600 milhões com o subsídio", disse o secretário municipal de Transportes, Jilmar Tatto.

Propostas

O prefeito de São Paulo disse que estará nesta quarta-feira, 19, em Brasília com o objetivo de acompanhar discussões da Comissão de Assuntos Econômicas (CAE) do Senado para aprovação de um novo pacote de desoneração de impostos do setor de transporte público. Se for aprovado, disse, o regime especial de incentivos em discussão poderia representar 7 dos 20 centavos de aumento na passagem - mas não sinalizou que, se o benefício for aprovado, a redução das tarifas seria automática. No lugar disso, disse que a pauta é importante dada a onda de protestos pelo País.

Nesta terça-feira, prefeituras de cidades como João Pessoa e Recife, além do governo de Pernambuco, revogaram os aumentos da tarifa. "Essa é, agora, uma demanda de várias cidades. Nessa marcha (se os Executivos municipais cederem sem ter incentivos), elas quebram", alegou.

O pacote isenta de Programa de Integração Social (PIS)/Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep) a compra dos insumos necessários à operação dos transportes, como óleo diesel e peças, e de novos ônibus. Como o projeto é de caráter terminativo, se for

aprovado pela CAE, será enviado à Câmara sem precisar passar pelo plenário do Senado.

Mais

impostos

Haddad argumentou, por outro lado, que apenas esse pacote não é suficiente para reduzir as despesas extras advindas da revogação do aumento. Por isso que, segundo o prefeito, a sociedade tem de ter ideia clara do tamanho dos recursos que o poder público teria de arrecadar para custear a tarifa zero reivindicada pelo Passe Livre.

Haddad afirmou que, pessoalmente, é favorável a um mecanismo fiscal que faça com que o transporte particular financie o custeio do transporte público. Citou, como ideias a serem discutidas, a criação de um imposto municipal para o combustível - nos moldes da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), que é federal -, o pedágio urbano e até aumento do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Nesse último, lembrou de proposta da gestão Luiza Erundina (1989-1992), que classificou como um "fracasso" por falta de apoio popular. Para reforçar os argumentos de que a discussão é mais ampla, Haddad ressaltou que a reivindicação do MPL não seria a revogação do aumento, mas sim o congelamento da tarifa - porque um eventual aumento em 2014 renderia protestos.

Futuro

A integrante do MPL no evento, Mayara Vivian, retrucou dizendo que a pauta imediata é a revogação da tarifa. "As pessoas estão nas ruas para revogar o aumento de agora", disse. Eles discutiram durante a reunião e o prefeito disse que não usaria "truques" para falar com os manifestantes, antes de comentar o aumento de gastos que a medida causará.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

19/06/2013

Carta do leitor

Entendo que as manifestações espelham o descontentamento da população com os desmandos em geral, especialmente com a falta de saúde, segurança, transporte e outros serviços essenciais para a sociedade, além da inflação em crescimento, da alta do dólar e dos gastos descontrolados dos governos federal, estaduais e municipais. Legítima reivindicação do povo brasileiro.

RAIMUNDO HERMES BARBOSA, presidente da Federação das Associações dos Advogados do Estado de São Paulo (São Paulo, SP)

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

19/06/2013

Carta do leitor

O que falta no debate público sobre o aumento da tarifa nos transportes é um contexto mais amplo. Não se trata de exigir gratuidade nos transportes, mas de buscar uma política abrangente, eficaz e inclusiva para tudo o que é público na cidade.

O aumento do custo do transporte público deve ser repassado ao privado. Em vez de aumentar o preço da passagem de ônibus, deve-se criar um imposto municipal para os automóveis privados.

MARANA BORGES (Lisboa, Portugal)

19/06/2013

Notícia

Ato tem violência, saque e depredação; PM demora a agir

Manifestantes tentam invadir Prefeitura de São Paulo, colocam fogo em carro de TV e roubam lojas no centro

Protesto reuniu 50 mil pessoas na praça da Sé, segundo Datafolha; maioria se manifestou de forma pacífica

DE SÃO PAULO

A sexta manifestação contra a elevação das tarifas de transporte em São Paulo começou em clima de paz na praça da Sé, mas acabou marcada por cenas de violência e vandalismo que se espalharam pelo centro da cidade.

Desta vez, o alvo principal foi a prefeitura, onde guardas municipais ficaram encurralados por manifestantes que tentavam invadir o prédio.

Um carro da TV Record foi queimado, dezenas de lojas foram saqueadas, entradas de bancos foram destruídas e uma agência teve princípio de incêndio. A Polícia Militar só começou a agir três horas após a tentativa de invasão da prefeitura.

Por volta das 17h, o marco zero da cidade já estava tomado por manifestantes que carregavam faixas e cartazes.

Da redução da tarifa a críticas ao prefeito Fernando Haddad (PT) e ao governador Geraldo Alckmin (PSDB), as queixas eram variadas.

Ao menos 50 mil pessoas estavam na Sé por volta das 17h50, segundo o Datafolha.

O protesto rumou para a prefeitura a partir daí. A segurança do prédio estava a cargo da Guarda Civil Municipal.

Pouco depois, Haddad deixou o local para se encontrar com a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula no aeroporto de Congonhas.

Em pouco tempo os manifestantes lotaram a frente do prédio. Um boneco de Haddad foi queimado e, às 18h50, a entrada começou a ser forçada.

Enquanto alguns quebravam vidros, pichavam a fachada e arremessavam objetos nos guardas civis que faziam um cordão de isolamento, outras pessoas tentavam contê-los. Dois guardas foram feridos.

Adriano Santos, 26, apedrejava as janelas do prédio. "Isso aqui é a revolução. Não sou ligado a movimento nenhum. O povo está cansado de pagar caro para ficar espremido dentro de ônibus e metrô", afirmou.

Integrante do Movimento Passe Livre, Amanda Cimeco, 37, quis impedir os atos de vandalismo. "Éramos minoria. Nós gritávamos sem vandalismo' e eles gritavam com vandalismo'", afirmou.

Os manifestantes não conseguiram entrar, mas novos atos de vandalismo se sucederam. Uma base da PM em frente à prefeitura e um carro da TV Record foram queimados. Ninguém se feriu.

Duas bandeiras, do Estado de São Paulo e do município, foram arrancadas da frente da sede do Executivo.

A violência assustou quem estava no Theatro Municipal, onde uma ópera era apresentada para 300 pessoas. "Ficamos com muito medo", disse a professora aposentada Eunice Alves da Silva Neves, 89.

Às 20h, um grupo passou a saquear o comércio da região. Dezenas de lojas das ruas Direita e São Bento foram invadidas. A eles se juntaram menores, moradores de rua e pessoas que não estavam na manifestação. Saqueadores eram vistos carregando eletrodomésticos.

Por volta das 21h, a PM passou a agir de forma ostensiva na região. Ao menos 30 pessoas foram detidas.

PAULISTA

Enquanto o clima era de tensão no centro, o protesto seguia pacificamente pela cidade. A maior parte dos manifestantes que saiu da praça da Sé rumou para a Paulista.

O clima na região era de tranquilidade até as 21h30.

Por volta das 23h, novos casos de depredação foram registrados. Policiais não reagiram a provocações.

Já na rua Augusta, bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas pelos policiais. Também houve interdições na marginal Pinheiros, rodovia Raposo Tavares, av. Interlagos e av. Senador Teotônio Vilela.

Hoje, novas manifestações estão marcadas. O Movimento dos Trabalhadores Sem Teto e o Movimento Periferia Ativa prometem atos na periferia.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

19/06/2013

Carta do leitor

Protestos pelo Brasil

Seguramente, não é este o Brasil que sonho para meus netos: o da baderna, da barbárie, da covardia, do ódio e da estupidez açoitando aqueles que realmente lutam, trabalham e reivindicam dias melhores, mais justiça social, empregos, segurança e saúde. O bom-senso não pode tolerar que arruaceiros e vândalos dominem as manifestações, sob pena delas perderem a grandeza, os altos sentimentos e os objetivos pelos quais nasceram.

Os governantes já sentiram a pressão. Não são tolos de não adotar providências urgentes e firmes, que sensibilizem a população, demonstrando que o povo e os seus governantes caminham juntos por um Brasil mais digno e com melhores condições de vida.

VICENTE LIMONGI NETTO
(Brasília, DF)

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANÁLISE

20/06/2013

Manifestações refletem crises de representação e representatividade

EM PESQUISAS, JOVENS DEIXAM CLARAS SUAS INSATISFAÇÕES

MAURO PAULINO
DIRETOR-GERAL DO DATAFOLHA
ALESSANDRO JANONI
DIRETOR DE PESQUISAS DO DATAFOLHA

Pesquisa do Datafolha realizada no final de 2011 sobre os protestos de alunos da USP contra a presença da Polícia Militar no campus mostrava que o conflito na universidade era um sintoma de crise democrática.

Em análise publicada na época, o Datafolha apontou que o distanciamento dos canais tradicionais de participação política era preocupante.

Várias pesquisas do instituto junto ao universo dos jovens deixavam claras suas frustrações em relação aos seus representantes. O texto citava a "internet como arma política desse segmento em uma mobilização que dispensa intermediários e que encontra base no grau de identificação social entre os usuários da rede".

Dados divulgados nos últimos dias comprovam o agravamento dessa crise de representação. O prestígio das instituições políticas, especialmente as dos Três Poderes, caiu significativamente nos últimos dez anos entre os paulistanos e a grande maioria dos participantes das manifestações declara-se apartidária.

Em tendência oposta, as redes sociais na internet figuram como instrumentos supervalorizados e de grande credibilidade principalmente entre os jovens.

Os R\$ 0,20 de aumento do transporte público foi o gatilho nesse processo de deterioração nas relações entre representantes e representados. Mais uma dentre tantas outras demandas sociais feridas pelo poder público ao longo de anos. Até aí, nenhuma novidade.

Mas foi o suficiente para fertilizar um campo minado. Ao deixar o virtual para protestar no mundo real, da universidade às ruas, provocou a identificação imediata dos mais diferentes estratos sociais.

A imagem da repressão policial contra os jovens escolarizados despertou o apoio tanto de setores conservadores da classe média, que sofrem de insegurança crônica quanto, ainda que timidamente, quanto dos moradores da periferia, já familiarizados com a violência da instituição. Nesse momento o apoio aos protestos atinge patamar semelhante ao do início da campanha das Diretas, acima de 70%, conferindo-lhe legitimidade.

Se esse apoio amplo torna as manifestações heterogêneas como a realidade de São Paulo, por outro lado podem levá-las a um grau de complexidade intratável --como a representatividade por espelho, não refletirão apenas demandas, mas, principalmente, o desequilíbrio, as diferenças e os conflitos sociais típicos de uma cidade mal tratada e desigual. Foi o que se viu nos confrontos internos entre manifestantes nas tentativas de invasão da prefeitura e nos saques às lojas.

Esses episódios alertam o poder público para a urgência da criação de canais de participação adequados aos contrastes da cidade. É preciso ouvir a população, antes que ela grite.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

20/06/2013

Editorial: Vitória das ruas

Editorial

20/06/2013 @ 03h30

A revogação do aumento das tarifas de transportes em São Paulo e no Rio é uma vitória indiscutível do Movimento Passe Livre. Já os prefeitos Fernando Haddad (PT) e Eduardo Paes (PMDB), bem como os governadores Geraldo Alckmin (PSDB) e Sérgio Cabral (PMDB), saem atônitos das manifestações que os encurralaram.

Menos mal que tenham demonstrado realismo. O movimento adquiriu tamanha repercussão no tecido social que ceder já se tornava imperativo de bom-senso. Agora lhes cabe enunciar de onde sairão as verbas para pagar a conta.

Não é fácil aquilatar, contudo, como o episódio reverberará no panorama partidário e eleitoral. Da revolta com a qualidade da saúde e da educação à crítica aos gastos com a Copa do Mundo, várias insatisfações vieram à tona durante os protestos.

No momento, nenhuma das forças políticas majoritárias no país pode colher benefícios do que acontece. Ao contrário: acumulam derrotas, sem exceção.

Haddad tornou-se, naturalmente, um alvo preferencial do movimento após anunciar decisão que, pela lógica administrativa, nada mais era do que um ato de rotina, apesar de seu caráter impopular.

A prefeitura confiou, e tinha motivos para isso, na possibilidade de que os protestos pudessem esgotar-se sem maior esforço de negociação. Pressionado, o prefeito paulistano terminou obrigado a rever uma medida que apresentava como positiva --o reajuste revogado em São Paulo, afinal, ficara abaixo da inflação.

O enfraquecimento de seu cacife político encontra paralelo no campo do governo estadual. Em tese representando uma força oposta ao PT de Haddad, o tucano Alckmin paga um duplo preço.

De um lado, a truculência policial verificada na quinta-feira passada despertou largos contingentes da classe média para o movimento. De outro, novos e repetidos atos de vandalismo se registraram. Entre o excesso e a omissão policial, o comando do Estado parecia oscilar, incapaz de definir-se quanto à alternativa de menor custo eleitoral.

Ironicamente, para uma administração que conta com índices de popularidade ainda altos, embora em queda, também o governo da presidente Dilma Rousseff (PT) se viu atingido por um sentimento de insatisfação difuso, expressado nas maiores cidades do país.

PT e PSDB se veem lado a lado, como faces da mesma moeda, diante de uma sensação de inconformismo geral. Nenhuma agremiação política parece dar conta, por enquanto, de fenômeno tão multifacetado e amplo.

Até o Congresso dá sinais de incômodo com a revolta. Cogita acelerar a votação de projeto para desonerar os transportes urbanos. Políticos tradicionais sentem a exigência de reinventar-se, mas para tanto as manifestações ainda não parecem ter força bastante.

É mais fácil parar metrópoles, como São Paulo e Rio, do que tirar do atraso a política nacional. ★ ★ ★

20/06/2013

Notícia

CAI A TARIFA - Quem vai pagar?

* APÓS CENTENAS DE MILHARES IREM ÀS RUAS, HADDAD E ALCKMIN REDUZEM TARIFAS DE ÔNIBUS, TRENS E METRÔ * CONTA SERÁ PAGA COM CORTE DE INVESTIMENTOS * GRUPO PROMETE MANTER PROTESTOS

Após 13 dias de protestos, que reuniram centenas de milhares de pessoas nas ruas de São Paulo em atos ora pacíficos ora violentos, o prefeito Fernando Haddad (PT) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB) cederam à pressão e anunciaram a redução nas tarifas de ônibus, metrô e trens, de R\$ 3,20 para R\$ 3. O reajuste vigorava desde 2 de junho. O Rio e outras seis capitais também decidiram baixar as passagens.

A histórica redução vem acompanhada de duas perguntas. A primeira: a medida será capaz de conter a onda de manifestações pelo país? O Movimento Passe Livre, responsável pelos atos, afirma que os protestos continuarão, agora pela tarifa zero e por causas como a reforma agrária. Durante comemoração na avenida Paulista, o grupo confirmou manifestações que estão marcadas para hoje.

A segunda: quem pagará a conta? Segundo Haddad e Alckmin, que enfrentam problemas financeiros, o dinheiro virá do corte de investimentos. A conta será de cerca de R\$ 385 milhões só em 2013. Isolado pelo governo federal, Haddad havia dito horas antes que reduzir a tarifa poderia ser "populismo".

Segundo a polícia de São Paulo, 14 dos 69 detidos anteontem por depredações e saques no centro têm passagem por roubo, furto ou tráfico de drogas. Ontem, protestos fecharam cinco rodovias do Estado. Em Fortaleza, houve confronto antes do jogo do Brasil contra o México, pela Copa das Confederações.

Depredação livre

20/06/2013 © 03h30

SÃO PAULO - A redução no preço da tarifa não pode encobrir o fato de que o centro de São Paulo virou terra sem lei na noite de anteontem, tomada por vândalos vestidos de manifestantes e abandonada pela polícia. Houve ataques a prédios públicos, saques a lojas e depredações.

A escalada da insensatez começou na quinta-feira passada, quando a polícia "arreprou" um protesto pacífico. Todo o mundo apanhou: manifestantes bem-intencionados, manifestantes mal-intencionados e até mesmo não manifestantes.

Até então, embora a maioria da população simpatizasse com a causa original dos protestos (a redução das tarifas), havia uma ampla crítica às cenas de vandalismo protagonizadas dias antes por mal-intencionados, que, destruindo ônibus, metrô e pichando muros, imaginam estar promovendo a "revolução". Pois Alckmin conseguiu perder a opinião pública. A pancadaria da polícia acabou por criar um sentimento generalizado de indignação, destampou insatisfações, ampliou muito a adesão ao movimento e o exportou para várias cidades.

E isso nitidamente acuou autoridades, que, desde segunda-feira, permitiram, não apenas em São Paulo, que os protestos avançassem para além do que pode se considerar aceitável numa democracia. A Assembleia do Rio foi depredada, o diretor-geral da Câmara dos Deputados foi agredido, agências bancárias foram quebradas em Porto Alegre e a Prefeitura de Belo Horizonte foi atacada.

Apesar de toda a poetização em torno do Movimento Passe Livre, e da efetiva redução na tarifa, é necessário registrar que seus líderes não condenaram enfaticamente os atos de vandalismo. Muito pelo contrário, os justificaram com o argumento de que eram fruto da "revolta popular" ou resultado da "intransigência" do poder público. Resta saber se o recuo de Alckmin e Haddad, um dia após a vandalização do centro, não servirá de estímulo para esse tipo de "método" de negociação. ★ ★ ★

ANÁLISE

Silêncio de presidente resume ausência de ação dos políticos

FERNANDO RODRIGUES
DE BRASÍLIA

No dia em que o Brasil e Brasília protagonizaram os mais abrangentes protestos de rua das últimas décadas, a presidente da República ficou muda no Palácio do Planalto e o governador do Distrito Federal foi a um evento na Embaixada da França.

Dilma Rousseff e Agnelo Queiroz (PT) são o epitome dos governantes brasileiros. Resumem a perplexidade e falta de capacidade de liderança dos políticos de vários partidos diante do novo fenômeno de protestos sem líderes nem propostas definidas.

Tanto a presidente como a maioria dos governadores formataram um discurso com três componentes. Primeiro, elogiam a democracia. Segundo, enaltecem os atos pacíficos. Terceiro, condenam as ações de vandalismo.

Para uma onda moderada de protestos, esse tipo de abordagem funciona. O político fica bem com a opinião pública e com a parte "domesticada" das manifestações. Os custos de eventuais depredações são moderados. O transtorno é passageiro.

Mas no caso da avalanche atual de manifestações, a presidente e vários governadores não explicam o que pretendem fazer se os protestos continuarem. Parecem, a rigor, estar apenas torcendo para o tsunami passar.

Só que os protestos são resilientes. Os governantes estão aprisionados a um estado de catatonia. Nesse cenário, passam a ser normais as cenas de fogueiras na Esplanada dos Ministérios como as de ontem à noite.

Com passado de esquerda, Dilma sente dificuldades para adotar um discurso crítico aos efeitos dos protestos. Ela teme ser interpretada como autoritária e a favor do que estão combatendo na rua.

Ocorre que as principais cidades estão com suas vidas semiparalisadas há quase duas semanas. Haverá prejuízos econômicos. Dilma não sabe qual resposta oferecer. Quando a onda passar, há um risco enorme de a conta acabar espetada na taxa de popularidade da presidente e de seus colegas governadores.

20/06/2013

Editorial

Milhares nas ruas obrigam Alckmin e Haddad a recuar

Após jogo, torcedores assistem ao anúncio de redução de tarifas em SP (Eduardo Knapp/Folhapress)

Rio e outras 6 capitais também terão redução de passagem de ônibus; mobilização foi a maior desde queda de Collor

Após protestos que levaram centenas de milhares de pessoas às ruas do país, os governadores e prefeitos de São Paulo e do Rio cederam e decidiram reduzir as tarifas do transporte coletivo.

A decisão dos governadores Geraldo Alckmin (PSDB) e Sérgio Cabral (PMDB) e dos prefeitos Fernando Haddad (PT) e Eduardo Paes (PMDB) já se repetiu em diversas cidades nas últimas semanas, incluindo outras cinco capitais --Cuiabá, Recife, João Pessoa, Porto Alegre e Aracaju. Natal também irá anunciar redução da tarifa hoje.

As manifestações pelo Brasil reuniram mais de 215 mil pessoas só na última segunda --na maior mobilização desde a queda do presidente Fernando Collor, em 1992.

Em São Paulo, a redução das passagens de ônibus, metrô e trens, de R\$ 3,20 para R\$ 3, começa a valer na próxima segunda-feira --três semanas depois do reajuste.

No Rio, a queda das tarifas de R\$ 2,95 para R\$ 2,75 será válida a partir de amanhã.

As negociações envolveram governantes dos principais partidos do país (como PT, PSDB e PMDB), além da presidente Dilma Rousseff.

Alckmin e Haddad dizem que, com a decisão, terão que cortar investimentos --para aumentar as subvenções à tarifa, que, só para os ônibus, já consumiriam um recorde de R\$ 1,25 bilhão este ano.

Eles estimam um gasto extra de R\$ 385 milhões para os meses restantes de 2013 --R\$ 210 milhões no Estado e R\$ 175 milhões na prefeitura.

A pressão ganhou corpo com uma sequência de manifestações em São Paulo a partir do último dia 6. De lá para cá, houve seis grandes atos do Movimento Passe Livre, que interditaram vias importantes como avenida Paulista e marginal Pinheiros.

Apesar do teor pacífico da maioria dos manifestantes, eles acabaram com cenas de violência e pânico --como incêndios, pichações e saques.

A bandeira da tarifa zero, que originou os protestos, acabou incorporando diversas outras reivindicações.

No Rio, Eduardo Paes disse que estimado em R\$ 200 milhões por ano, "terá que ser arcado pelo poder público". Afirmou que as prefeituras terão que pressionar o Congresso e o governo para repartir o custo.

O prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda (PSB), também deve apresentar hoje à Câmara um projeto de lei de isenção do ISS para baratear a passagem.

APERTANDO O CINTO

O anúncio feito em conjunto ontem em São Paulo por Alckmin e Haddad ocorreu na véspera de mais um ato do Passe Livre, marcado para as 17h de hoje, na av. Paulista.

No começo do ano, os dois haviam postergado a elevação das passagens, atendendo a pedido de Dilma para ajudar a conter a inflação.

Além da tarifa comum, a integrada (entre ônibus e trens e metrô) também cairá, de R\$ 5 para R\$ 4,65.

O rombo deve ser mais sentido por Haddad, que já enfrenta dificuldade em obter dinheiro para financiar suas promessas de campanha. Pela projeção da gestão, caso a tarifa fique congelada até 2016, o impacto será de R\$ 2,6 bilhões --11% do necessário para seu plano de metas.

No caso do Estado, os R\$ 210 milhões representam 6% dos investimentos do governo no Metrô, conforme o Orçamento de 2013. "Vamos arcar com os custos apertando o cinto", disse Alckmin.

GOL DA SELEÇÃO

A redução das passagens foi comemorada como um gol da seleção brasileira por 10 mil torcedores que, do Vale do Anhangabaú (centro), assistiram ao jogo do Brasil pela Copa das Confederações. O público havia vaiado antes, quando Alckmin e Haddad apareceram no telão da TV.

Alckmin declarou que a queda de R\$ 0,20 na tarifa é um "sacrifício grande".

Destacou ainda a necessidade de São Paulo voltar à rotina depois dos protestos. "Queremos tranquilidade para que a cidade funcione, para que os temas legitimamente levantados possam ser debatidos com tranquilidade."

O tucano enfatizou também que cerca de dois terços da população não paga a tarifa completa --segundo ele, 38% têm vale-transporte subsidiado por empregadores, 10% têm gratuidade total (como idosos) e 12%, descontos.

Haddad disse que a prefeitura conversou não só com o Estado, mas com outros prefeitos de capitais, como o Rio.

"É um gesto de manutenção de espírito da democracia, de convívio pacífico que continuaremos a fazer com a cidade. E agora com mais responsabilidade, porque temos que explicar as consequências desse gesto para o futuro da cidade."

Tarifa zero, um delírio?

21/06/2013 © 03h30

SÃO PAULO - O ônibus deve ser grátis? Embora a proposta de tarifa zero seja, muitas vezes, pintada como uma utopia de jovens desmiolados ou radicais, a pergunta faz sentido.

Metrópoles desenvolvidas arcam com parte do custo do transporte público. Fazem-no não só por populismo dos políticos locais mas também para imprimir mais eficiência ao sistema. E, se a discussão se dá em termos de definir o nível ideal de subsídio, a gratuidade deixa de ser um delírio para tornar-se a posição mais extrema num leque de possibilidades.

Defendo o realismo tarifário para quase tudo, mas há casos em que ele não funciona. O ônibus é um deles. Se o passageiro tivesse de pagar integralmente o valor da viagem, a tarifa aumentaria sempre que os custos subissem por fatores tão diversos como o dissídio dos motoristas e a piora do trânsito. Isso seria um incentivo a mais para o cidadão trocar o transporte público pelo carro particular, com impacto negativo sobre o tráfego. O resultado é um círculo vicioso em que todos andamos mais devagar.

O remédio é criar estímulos para as pessoas deixarem o carro em casa e usarem o transporte coletivo. O mais óbvio deles é o preço. Viajar de ônibus tem de ser bem mais barato do que de carro. Se for mais rápido também, melhor, daí a necessidade dos corredores exclusivos. Outro mecanismo eficaz é o pedágio urbano, mas ainda não surgiu prefeito macho o bastante para adotá-lo.

Apesar dessas considerações, sou contra a tarifa zero, porque ela traz uma outra classe de problemas que já foi bem analisada pelo pessoal da teoria dos jogos: se não houver pagamento individual, aumenta a tendência de as pessoas usarem ônibus até para andar uma esquina, o que é ruim para o sistema e para a saúde. A passagem barata é preferível à grátis.

Para complicar mais, vale lembrar que a discussão surge no contexto de prefeituras com Orçamentos apertados e áreas ainda mais prioritárias como educação e saúde para atender. ★ ★ ★

21/06/2013

Notícia

Ministérios são alvo de vandalismo e ataques em Brasília

Capital tem o ato mais violento de sua história; sedes do Executivo e Legislativo sofrem tentativa de invasão

Manifestação reuniu 30 mil pessoas, de acordo com a PM; chanceler Antonio Patriota diz estar 'indignado'

DE BRASÍLIA

Brasília teve ontem o protesto mais tenso e violento de sua história, quando a manifestação que reuniu 30 mil pessoas descambou para uma batalha campal na Esplanada dos Ministérios.

Houve ameaça de invasão do Palácio do Planalto e do Congresso Nacional, e depredação de órgãos como o Itamaraty e o Banco Central, além de três ministérios e a Catedral de Brasília.

A presidente Dilma Rousseff, alvo dos manifestantes pela primeira vez, não se pronunciou, assim como o governador Agnelo Queiroz (PT) --que estava em um evento na Embaixada da França.

O saldo de vítimas, até a conclusão desta edição, era de 55 feridos, nenhum com gravidade, segundo o Samu (serviço de emergências).

Houve três detidos, segundo a Polícia Militar, que calculou a multidão.

O protesto começou por volta das 16h, e havia uma combinação prévia com a polícia de que os manifestantes não iriam ultrapassar o espelho d'água do Congresso --cujo teto havia sido ocupado no protesto de segunda-feira.

PM, cavalaria e o Batalhão de Operações, com cães, armaram um forte esquema de segurança para conter os manifestantes. Eles formaram um cordão de isolamento para impedir a passagem da multidão às proximidades do Palácio do Planalto e do Congresso.

O ato começou pacífico. Um pequeno grupo chegou a ser recebido para falar com o presidente do Congresso, senador Renan Calheiros (PMDB-AL), mas o encontro fracassou pois não ficou claro quem eles representavam.

Isso até às 18h30, quando cerca de mil manifestantes tentaram marchar para o Palácio do Planalto, que fica atrás do Parlamento, na praça dos Três Poderes.

Policiais e militares, que já reforçavam a segurança do palácio em que Dilma trabalha, contiveram os manifestantes com sprays de pimenta, bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral.

Em seguida, outro grupo forçou a barreira no Congresso. Os manifestantes atiraram artefatos explosivos contra os PMs, que responderam com ao menos dez bombas de gás.

A partir daí, a situação saiu de controle. Um grande grupo marchou à direita, visando o Palácio do Itamaraty, que estava apenas com o contingente normal de segurança feita por fuzileiros navais.

Um dos principais monumentos de Brasília, o ministério teve várias paredes envidraçadas quebradas e um princípio de incêndio na sua entrada, controlado por PMs.

Alguns manifestantes entraram rapidamente no prédio, mas foram expulsos. Antes picharam "corrupção" numa parede interna.

"Foi um ato de vandalismo que não pode se repetir. Eu conclamaria a todos os manifestantes que observassem a calma e que respeitassem o patrimônio da nação", disse o chanceler Antonio Patriota à rádio CBN. "Fiquei muito indignado com o que ocorreu."

BANCO CENTRAL

Um grupo menor ainda caminhou em direção ao Banco Central, distante 2 km dali. Uma vidraça do prédio foi quebrada, mas a polícia conteve a tentativa de invasão.

No final da noite, o cenário na Esplanada era de destruição. Fogueiras se espalharam ao longo da avenida.

Três outros ministérios foram pichados. A Catedral de Brasília teve vitrais quebrados e a inscrição "666, o número da besta" pichada em inglês.

No final da tarde, quando a manifestação ganhava corpo, a Câmara dos Deputados divulgou uma nota de apoio ao movimento. "Esse movimento da cidadania é legítimo e gera esperanças de um revigoramento republicano".

A nota foi costurada pelo presidente interino da Câmara, André Vargas (PT-PR), e líderes partidários. Mais à noite, o presidente Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), de volta da Rússia, passou pelo local e chamou de "minorias" os violentos.

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

21/06/2013

Reportagem

Dilma cancela viagem ao Japão e marca reunião emergencial

Segundo assessores, governo está 'atônito'; ela deve decidir hoje pela manhã se faz ou não pronunciamento

Ontem, a presidente manteve contato com governadores e prefeitos de cidades onde houve protestos

VALDO CRUZ
DE BRASÍLIA
ANDRÉIA SADI
DO PAINEL, EM BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff decidiu cancelar sua viagem ao Japão e a Salvador e convocou reunião de emergência hoje pela manhã com sua equipe para avaliar a situação do país diante da onda de manifestações.

Na reunião, a presidente vai fazer um balanço dos protestos e analisar se faz ou não um pronunciamento em cadeia nacional de rádio e TV.

Dilma determinou que seus principais ministros estejam hoje em Brasília. Guido Mantega (Fazenda), que viajou ontem à noite a São Paulo, também foi chamado e vai retornar pela manhã para seu gabinete na capital do país.

Assessores presidenciais disseram ontem reservadamente que o governo estava "atônito" e "perplexo" com as manifestações em todo o país, mas monitorava a evolução dos protestos para tomar medidas de emergência em caso de necessidade.

Segundo auxiliares, o governo estava também "preocupado" com o impacto das manifestações sobre os investidores internacionais e na imagem do país no exterior.

Esse temor decorre em particular do fato de o país estar sediando a Copa das Confederações, atraindo atenção da mídia internacional.

Além disso, o governo enfrenta no mesmo momento turbulências na área econômica, com a cotação do dólar em alta e o Banco Central sendo obrigado a fazer intervenções no mercado cambial.

Dilma ficou reunida no Planalto até as 20h30, depois que os manifestantes já não ameaçavam mais chegar ao local --eles concentravam seus ataques ao Itamaraty, seguindo depois para o Palácio da Alvorada.

Ela manteve contato por telefone com governadores, como Sérgio Cabral (PMDB-RJ), e prefeitos de capitais atingidas pelos protestos.

A reunião de hoje está marcada para as 9h30 no Palácio do Planalto. Assessores comentavam ontem que ainda não havia decisão sobre um eventual pronunciamento porque o governo temia trazer para dentro do Planalto a responsabilidade pelos tumultos no país.

O cancelamento da viagem ao Japão --que estava marcada para a próxima semana-- decorreu da avaliação de que Dilma não podia se ausentar do país neste momento.

A visita a Salvador, onde a presidente lançaria o Plano Safra do Semiárido, foi suspensa para que ela pudesse se reunir com sua equipe.

A orientação da equipe de segurança do Planalto também é evitar excesso de exposição pública neste momento em que a tensão está elevada no país, o que poderia fazer da presidente alvo de hostilidade por parte dos manifestantes.

CONGRESSO

Em passagem pelo Congresso, Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara dos Deputados (PMDB-RN), disse, ontem, que "aqui ou acolá minorias que não representam a vontade do povo brasileiro praticam algumas lesões".

Ele estava na Rússia e antecipou em um dia a sua volta.

Na Câmara, ele se reuniu com diretores da Casa e com a equipe de segurança.

Do lado de fora, cerca de 3.500 policiais militares acompanham a movimentação dos manifestantes. O protesto chegou a reunir 30.000 pessoas, de acordo com a PM.

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

21/06/2013

Reportagem

Passe Livre prega 'expropriação' do transporte coletivo

Movimento se diz apartidário, mas não antipartidário, e dá apoio a grupos de sem-teto e rádios comunitárias

Integrantes veem a 'Revolta da Catraca' de Florianópolis, em 2004, como marco do 'processo histórico'

FABIANO MAISONNAVE
DE SÃO PAULO

Organizado nacionalmente desde 2005, o Movimento Passe Livre se define como "apartidário, mas não antipartidário". Defende a "expropriação do transporte coletivo" sem indenização e apoia "movimentos revolucionários que contestam a ordem vigente".

Essas diretrizes constam da Carta de Princípios, documento aprovado em paralelo ao 5º Fórum Social Mundial, ocorrido em janeiro de 2005, em Porto Alegre (RS).

A única modificação feita desde então foi aumentar o objetivo do movimento: de passe livre estudantil para passe livre "irrestrito".

De hierarquia "horizontal", o MPL evita lideranças individuais. Os documentos, aprovados são assinados apenas pelo movimento.

Outra orientação é ser "ser cauteloso" com a "mídia corporativa", pois é ligada "às oligarquias do transporte e do poder público".

Sobre as "perspectivas estratégicas", o MPL diz que não tem "fim em si mesmo". A meta é "fomentar a discussão sobre aspectos urbanos como crescimento desordenado das metrópoles, especulação imobiliária e a relação entre drogas, violência e desigualdade social".

Além de São Paulo, o MPL, formado principalmente por universitários, está organizado pelo menos em outras seis cidades brasileiras, incluindo as capitais Brasília, Vitória, Florianópolis e Goiânia.

"Trata-se, em certo sentido, de algo, se não inédito, ao menos relativamente novo no âmbito das lutas urbanas das últimas décadas", afirma o geógrafo Marcelo Lopes de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e simpatizante do MPL.

"O predomínio sempre foi de formas de organização vertical e mais ou menos centralizada", completou.

GUERRA DA CATRACA

Um dos integrantes do MPL em São Paulo, Caio Martins, 19, afirma que o movimento tem inspiração anarquista e autônoma e é resultado de um "processo histórico" iniciado em Florianópolis, em 2004, na "Revolta da Catraca".

Naquela época, protestos de estudantes catarinenses ao longo de três semanas levaram a Justiça a derrubar um aumento por liminar.

A estratégia foi semelhante ao que vem ocorrendo: participação majoritária de estudantes, bloqueios de vias e episódios violentos, incluindo a queima de três ônibus.

Na época, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) entrou na Justiça pedindo a suspensão do reajuste de 15,6%. A justificativa foi de que os protestos "instalaram em Florianópolis um verdadeiro caos". Mas a OAB via como "justa a revolta em decorrência dos exorbitantes preços".

Em São Paulo, as primeiras manifestações organizadas pelo MPL foram em novembro de 2006. Houve confrontos com a polícia quando ativistas forçaram portas de ônibus -- foram repelidos com bombas de efeito moral.

Em 30 de novembro daquele ano, quando a tarifa subiu de R\$ 2 para R\$ 2,30, cerca de 1.200 pessoas se reuniram diante do Theatro Municipal.

Além da diferença de tamanho, a manifestação de 2006 trazia bandeiras dos partidos de esquerda PSTU e PSOL, o que não foi tolerado nos protestos mais recentes.

Martins afirma que a decisão de proibir bandeiras de partidos não veio do MPL, mas dos manifestantes que aderiram. Ele diz que o movimento não proíbe a filiação, mas que há "pouquíssimos" militantes ligados a partidos.

Sobre a articulação com outros movimentos, o estudante diz que o MPL apoia organizações como o Fórum Popular de Saúde, o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e o MNRC (Movimento Nacional das Rádios Comunitárias).

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

22/06/2013

Notícia

Dilma promete ouvir ‘voz das ruas’ e coibir ‘arruaça’

Em reação à onda de protestos no país, a presidente Dilma (PT) disse em discurso na TV que vai receber os líderes das manifestações pacíficas e ouvir a “voz das ruas”. Ela criticou “uma minoria violenta e autoritária” e prometeu coibir “arruaça”.

Dilma propôs discutir com presidentes de outros Poderes, governadores e prefeitos um pacto para a melhoria de serviços públicos, que incluiria a reforma do transporte coletivo, o repasse da receita de royalties do petróleo para educação e o aumento do número de médicos estrangeiros no SUS.

Dilma defendeu ainda “a construção de uma ampla e profunda reforma política”.

Ela confirmou a realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil e disse que os gastos com arenas serão pagos por Estados e empresas responsáveis pelos projetos.

A presidente decidiu ir à TV após reunião emergencial com a cúpula do governo.

Pesquisa Datafolha realizada antes do discurso mostra que 55% dos paulistanos avaliaram como ruim ou péssima a atuação de Dilma nos protestos. **Cotidiano C1**

Políticos fracassarão se tentarem capitalizar movimento, diz FHC. **Poder A4**

É viável zerar a tarifa do transporte público?

22/06/2013 © 03h30

As manifestações das últimas semanas fizeram da mobilidade pauta nacional. O Movimento Passe Livre brigou pela revogação do aumento das passagens do transporte público como o primeiro passo para a tarifa zero, ou seja, a não cobrança pelo uso do serviço.

Mas isso é viável? O autor do conceito, o engenheiro Lúcio Gregori, acredita que sim.

"A tarifa zero pode ser implantada ao longo do tempo, a partir de subsídios crescentes e seguindo variadas estratégias. Algumas cidades no mundo têm um sistema seletivo, adotando-a apenas em áreas críticas. Em São Paulo, poder-se-ia iniciar a implantação nos corredores de ônibus. Seria um avanço de agilidade e inteligência no uso dos mesmos."

Já Jaime Lerner, urbanista, ex-prefeito de Curitiba e ex-governador do Paraná, rejeita a proposta.

"Não cobrar pela passagem exigiria subsídios gigantescos (e por parte de quem?), pioraria a qualidade do serviço e, ainda assim, não resolveria a questão. Proponho outro modelo, que permite reduzir o impacto das tarifas nos salários e ainda melhorar a qualidade dos serviços prestados. Investir a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) na melhoria dos transportes coletivos."

Exército monitora crise por meio das redes sociais

ELIANE CANTANHÊDE
COLUNISTA DA FOLHA

22/06/2013 © 03h30

O Alto Comando do Exército, que reúne os generais mais graduados da ativa, encontrou-se ontem para um balanço das manifestações com a área de inteligência da força e concluiu que não existe segurança de que haverá um arrefecimento daqui em diante.

A reunião foi presidida pelo comandante do Exército, general Enzo Martins Peri, com a participação dos comandantes das oito regiões militares do país.

Eles fizeram um balanço das suas regiões e deram subsídios para que o ministro da Defesa, Celso Amorim, repasse à presidente Dilma.

Como as manifestações não têm líderes assumidos nem organicidade, o trabalho de infiltração fica prejudicado e todo o trabalho de inteligência do Exército está focado nas redes sociais, 24 horas por dia.

É com base nesse monitoramento que o Comando do Exército avalia que não há como tranquilizar o ministro e a presidente de que o pior já passou. Ou seja, não descarta novo recrudesimento.

Apesar de insistir em negar o termo "prontidão", que significa aquartelamento excepcional de oficiais e soldados, o Exército diz que há "acompanhamento ininterrupto".

EVENTOS

Os militares estão preocupados também com a Copa das Confederações e já se dizem preparados para dois novos eventos.

O primeiro é o Dia Nacional de Greve, que está sendo convocado pelas redes sociais para 1º de julho.

O outro é a Jornada Mundial da Juventude, que terá a presença do papa Francisco, no final daquele mês. ★ ★ ★

FOLHA DE S. PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

23/06/2013

Análise

Após queda da tarifa, qualidade dos ônibus é colocada em xeque

Nova licitação de R\$ 45 bilhões é a oportunidade para a prefeitura fazer exigências e selecionar novas empresas

ALENCAR IZIDORO
EDITOR-ADJUNTO DE "COTIDIANO"

Duas semanas de protestos forçaram a redução das tarifas de ônibus, trens e metrô de R\$ 3,20 para R\$ 3.

O que está em xeque agora é a qualidade do serviço. Afinal, de que adianta um ônibus mais barato, mas que circula a 13 km/h mesmo em pistas exclusivas, metade da velocidade que seria ideal?

Ou, então, uma rede de metrô limitada a 74 km, pouco mais de um terço da que existe na Cidade do México, que começou a implantá-la na mesma época que São Paulo?

Com a redução da tarifa, os subsídios dos cofres do Estado e da prefeitura para bancar a operação de ônibus, metrô e trens vão aumentar R\$ 385 milhões só em 2013.

Esse dinheiro não significa muito se a intenção é construir metrô --não tem sido suficiente nem para 1 km.

Mas faz diferença se a meta é construir corredores de ônibus --daria para fazer um semelhante aos 9 km do Vereador José Diniz/Ibirapuera.

TRILHOS E PNEUS

Na Grande São Paulo, perto de dois terços dos passageiros ainda se deslocam sobre pneus, em ônibus municipais e intermunicipais.

Em tese, seria ideal que mais gente fosse transportada sobre trilhos, por ter maior capacidade e não sofrer as mesmas interferências dos ônibus no tráfego urbano.

Mas essa meta esbarra em ao menos três fatores: 1) a superlotação da rede atual; 2) a demora para tirar linhas de metrô do papel, que tem passado de oito anos; 3) os custos, entre R\$ 400 milhões e R\$ 500 milhões por km.

Tudo isso reforça a necessidade de apostar em corredores de ônibus, como opções mais baratas --entre R\$ 40 milhões e R\$ 50 milhões por km-- e possíveis de implantar em até dois anos.

OPORTUNIDADE

Não bastam, porém, as pistas exclusivas. A qualidade também depende da empresa que prestará os serviços.

O futuro dos ônibus paulistanos estará em jogo por uma licitação da Prefeitura de São Paulo que vai selecionar novas viações e cooperativas por até 15 anos.

O negócio, estimado em mais de R\$ 45 bilhões, será definido no segundo semestre deste ano.

Essa é a oportunidade para assinar contratos com novos parâmetros de qualidade. Por exemplo, prevendo mais descontos nos pagamentos de quem não cumprir intervalos mínimos ou mantiver ônibus superlotados.

Também é a chance de discutir a lucratividade dos chamados "barões do asfalto".

A prefeitura pode fazer mais exigências e tentar pagar uma remuneração menor que a atual --que varia pelo número de passageiros.

São medidas que devem ser encampadas pelos manifestantes que conseguiram a redução da tarifa para R\$ 3.

O mistério é saber se haverá interessados --já que, na última grande licitação, há dez anos, praticamente não houve disputa.

27/06/2013

Reportagem

DNA trotskista

'Embrião' do Movimento Passe Livre começou há 13 anos, em Florianópolis, com integrantes do PT desiludidos com o partido

FABIANO MAISONNAVE
DE SÃO PAULO

Marco zero das manifestações que tomaram o país, os recentes protestos do Movimento Passe Livre em São Paulo são fruto de uma experiência iniciada há 13 anos.

Começou com trotskistas do PT que, desiludidos com a política partidária e influenciados pelos movimentos antiglobalização, passaram a agir de forma autônoma.

O embrião, segundo militantes, surgiu em Florianópolis. Em 2000, esses petistas fizeram uma consulta nas escolas de ensino médio para definir uma "pauta de luta". A opção mais votada foi a do passe livre para estudantes.

"Essa campanha foi sendo tocada de maneira bem modesta", conta o jornalista catarinense Daniel Guimarães, que, aos 29 anos, é um veterano --milita há uma década. Nos primeiros passos, a opção foi impulsionar um projeto de lei na Câmara de de Florianópolis, sem sucesso.

A mudança na forma de atuação ocorreu em 2003, quando estudantes de ensino médio de Salvador bloquearam ruas da cidade durante vários dias contra o aumento da tarifa -- episódio que ficou conhecido como a Revolta do Buzu.

A experiência, divulgada principalmente pelo site Centro de Mídia Independente (CMI), rendeu duas lições.

A primeira, explica o militante do MPL e estudante de história da USP Caio Martins, 19, foi que, por ter sido espontâneo, o protesto não tinha representantes, e a negociação caiu no colo de entidades estudantis como a UNE (União Nacional dos Estudantes), que não participaram diretamente dos protestos.

Aparelhadas por partidos, assinaram um acordo que excluiu a revogação do aumento, principal reivindicação.

Outra lição foi o método: "Salvador ensina que é possível uma luta mais radicalizada, para tensionar o poder público", afirma Guimarães.

O exemplo foi colocado em prática nas ruas de Florianópolis em 2004, quando, pela primeira vez, aparece o nome como é conhecido hoje. Na época, o movimento já era apartidário, reunindo trotskistas, anarquistas e militantes sem ideologia definida.

O roteiro, que seria repetido novamente em 2005, seguiu um roteiro semelhante ao de São Paulo: manifestações de estudantes no final da tarde com bloqueio de ruas e ataques a terminais.

A repressão policial também exagerou, mas os protestos continuaram, ganharam adesões e obtiveram a revogação da medida.

Guimarães afirma que os protestos no final da tarde são tanto para parar a cidade como para conseguir a simpatia de trabalhadores no final do expediente.

Já a ausência de carro de som e discursos é uma característica de São Paulo e serve para "rechaçar a história de usar o protesto como massa de manobra", diz ele.

O movimento hoje está em cinco cidades: Goiânia, Brasília e Joinville (SC), além de Salvador e São Paulo, onde tem 80 militantes --de classe média e de média-baixa e idade média de 23 anos, de acordo com Guimarães.

"O MPL tem hoje uma visão madura, que entende apartidarismo como não antipartidário e dialoga bem com os partidos", diz Pablo Ortellado, do curso de gestão de políticas públicas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP.

O sucesso recente criará "Lindberghs Farias"? "Duvido", diz Ortellado, que escreve sobre o MPL desde 2004. "Eles são ideologicamente contra a forma Estado."

Editorial: Não é só pelo dinheiro

29/06/2013 © 03h30

Os movimentos de rua que eclodiram nas últimas semanas aparentam ter destravado o impulso para que algo de mais profundo comece a mudar no país. Se ele conduzirá a algum lugar, e quando, ainda é difícil prever.

É particularmente animador que a melhoria da educação e da saúde públicas tenha encontrado espaço entre as bandeiras. Ao lado de segurança e transporte, elas fecham o quadrilátero de agruras sociais do Brasil, porém na condição de fatores com maior potencial para alavancar a massa crítica de que o país precisa para se desenvolver.

A prioridade para a educação é um consenso. Mas a sociedade brasileira ainda tateia na busca de meios para traduzir as melhores intenções em resultados palpáveis.

A métrica criada em 2007 pelo governo federal, o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), indica que as metas bienais traçadas vêm sendo cumpridas. Só que elas são tímidas demais.

Para escapar desse avanço apenas incremental --e insuficiente--, ganha cada vez mais apoio a proposta de destinar ao setor parcelas crescentes do PIB, até alcançar 10% em 2020. Hoje se investe algo entre 5% e 6% (a depender de como se faz a conta), nível similar ao de países desenvolvidos.

Para ter uma ideia, com o PIB de 2013 estimado em R\$ 4,9 trilhões, é como se o gasto anual com educação saltasse de menos de R\$ 300 bilhões anuais para R\$ 490 bilhões.

O candidato indicado para tentar cobrir esse acréscimo bilionário é o ainda intangível petróleo do pré-sal. A Câmara já aprovou projeto que destina para a educação 75% das receitas com royalties dos novos campos --o governo preferiria repassar 100% desses recursos para o setor. Em qualquer dos casos, o valor é insuficiente.

Mesmo nas contas hiperbólicas do deputado federal André Figueiredo (PDT-CE), relator da proposta, o pré-sal carregaria em dez anos recursos acumulados de R\$ 295 bilhões para educação e saúde (esta destinatária dos outros 25%). Ou seja, menos de R\$ 25 bilhões a mais para o ensino, na média anual. Nem de longe o necessário para atingir os 10% do PIB.

Especialistas em petróleo afirmam que uma estimativa mais realista seria de R\$ 180 bilhões acumulados ao longo da década, chegando ao ápice de renda anual (R\$ 60 bilhões) apenas em 2022.

Editoria de arte/Folhapress

PRIORIDADES



EDUCAÇÃO

- Elevar despesa sem criar nova taxa
- Todas as crianças alfabetizadas até os 8 anos
- Acabar com a fila por vagas nas creches
- Definir padrão nacional mínimo de aprendizado



SAÚDE

- Elevar despesa sem criar nova taxa
- Ampliar Programa Saúde da Família
- Melhorar gestão de unidades de saúde
- Fixar padrões mínimos de atendimento no SUS

Em todo caso, seria mais prudente aumentar o dispêndio com educação de forma escalonada, sem fixar um número mágico como meta inarredável. Aliás, exatamente em qual projeto educacional se despejariam tantos bilhões? Como de hábito, o poder público se preocupa mais com o aumento de verbas do que com mecanismos para tornar seu uso mais eficiente.

A educação não vai melhorar sem bons professores. Mas, hoje, os docentes já são formados e recrutados num sistema deficiente. Pior, os baixos salários e o desprestígio da carreira não atraem as melhores cabeças para o magistério.

Não há como escapar de uma paulatina valorização salarial, desde que atrelada a compromissos dos professores com metas de qualidade e assiduidade.

Diretores de escola e supervisores de ensino também precisam passar pelo mesmo processo de incentivo (que deveria generalizar o bônus por desempenho), reciclagem e cobrança, pois são muitas as deficiências de gestão que transformam várias escolas em antros.

A situação da saúde não destoa muito: seria uma irresponsabilidade multiplicar de afogadilho as verbas para uma estrutura confusa e desarticulada como é hoje o SUS (Sistema Único de Saúde).

A proposta em debate no Congresso se limita a vincular, no papel, outra cifra de 10% --neste caso, sobre as receitas da União (e não sobre o PIB). A parcela atual (R\$ 79 bilhões) não chega a 7%. Como a previsão de receitas para este ano é de R\$ 1,2 trilhão, os 10% demandariam acrescentar R\$ 41 bilhões ao dispêndio.

Os 25% dos royalties do pré-sal tampouco serão suficientes para a saúde. Ficará, para o poder público, o risco de ceder à tentação de criar ou aumentar tributos. Seria um resultado ruim para a justa mobilização por mais verbas. Assim como na educação, não é possível avançar de forma consistente na saúde sem um programa de reforma gerencial. Organizações sociais, desde que devidamente fiscalizadas, decerto têm muito a contribuir nesse sentido. Além disso, metas claras e monitoráveis de melhora no atendimento, por exemplo, deveriam ser fixadas.

Nenhum processo de mudança do Brasil pode deixar saúde e educação em segundo plano. Pouco adiantará torná-las prioridades, no entanto, se o poder público não abandonar a leviandade com que trata os recursos do contribuinte. ★ ★ ★

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

28/06/2013

Artigo de opinião

Muito além das catracas

A sabatina **Folha**/UOL com membros do Movimento Passe Livre foi uma boa ocasião para conhecer melhor o pensamento dos que, para sua própria surpresa, iniciaram uma onda de manifestações capaz de ir muito além da questão do transporte público gratuito

A essa bandeira --e praticamente a nada mais-- os dois entrevistados dedicaram suas intervenções. Empenhavam-se em ostentar um movimento desatrelado de partidos políticos e em resguardar sua autonomia.

Em alguns aspectos, todavia, podem-se notar os limites de tão notável purismo reivindicativo. Se se trata de dar expressão ao que os militantes consideram um direito essencial --o transporte gratuito se equipara, nessa visão, à educação e à saúde--, impõe-se o problema de como assegurá-lo na prática.

Sabemos, disseram os entrevistados, que não existe almoço grátis. Cabe perguntar, então, como esse direito deve ser financiado. Mais impostos? Quais? Sobre o quê?

São perguntas a que o Movimento Passe Livre (MPL) não se sente obrigado a responder em detalhes. Talvez não seja, de fato, sua função --abolicionistas do século 19 não precisavam dar soluções pormenorizadas para a produção cafeeira.

Mesmo a reivindicação mais pertinente, contudo, implica desdobramentos técnicos que devem ser enfrentados. É razoável a demanda do MPL? O direito de todos à alimentação, por exemplo, poderia justificar o movimento pelo almoço grátis --mas deste não há notícia, por enquanto.

A estratégia política minimalista dos representantes do MPL foi inepta ainda em outro aspecto. Mostraram-se evasivas suas respostas sobre questões relativas ao vandalismo e às depredações.

Não queremos congelar, declararam na sabatina, a definição de quem é vândalo e de quem é manifestante pacífico. Atribuições desse tipo, segundo seu raciocínio, mudam conforme os interesses de quem as emite.

Isso não exime qualquer movimento --se quer de fato ter responsabilidade e compromisso com a democracia-- de respeitar as demarcações já consagradas em lei sobre quais comportamentos são admissíveis nesse tipo de protesto. Os membros do Movimento Passe Livre não foram taxativos a esse respeito.

Transmitiram, entretanto, sua mensagem: a de que o transporte gratuito seja considerado um direito da população. Resta saber se, diante do contraditório técnico ou político, estarão dispostos a reagir com o espírito pacífico que pautou sua participação na sabatina.

O PT não vai perder o bonde, diz Haddad

Para prefeito, partido é a maior máquina popular do país; mas ele afirma entender quem "teme pelo pior"

MÔNICA BERGAMO
COLUNISTA DA FOLHA
EDUARDO GERAQUE
DE SÃO PAULO

Uma semana depois de anunciar que baixaria as tarifas de ônibus na cidade, o prefeito Fernando Haddad recebeu a **Folha** em seu gabinete para um balanço.

Disse que a prefeitura está "insolvente" e que seu problema agora é fechar as contas até dezembro. Afirmou que não pode "desperdiçar" a energia das ruas e que pretende, se necessário, "comprar briga" com os usuários de carro para melhorar o transporte público.

Para Haddad, que é professor de ciência política, ainda não está clara a agenda das manifestações que tomaram conta do país. Tanto podem ser "progressistas" quanto "desaguar em retrocessos". Leia abaixo os principais trechos da entrevista:

Folha - O senhor foi insensível e tratou como técnico um problema que era político, inclusive demorando para receber os manifestantes?

Fernando Haddad - Discordo. Os fatos não são esses. Nas duas primeiras manifestações aqui na Prefeitura, nós tínhamos uma comissão para receber aqueles jovens [do Movimento Passe Livre]. E eles disseram que não havia o que negociar. Era baixar ou baixar [a tarifa de ônibus]. Os jornalistas registraram a recusa [de diálogo]. E escreveram inclusive que eu não deveria negociar com vândalos. Fui criticado por abrir diálogo com aqueles que eram considerados vândalos. E que hoje são festejados pela mesma imprensa que os acusou.

E o que diria a eles?

Eu queria explicar que a tarifa estava defasada há dois anos e que toda a região metropolitana tinha feito o reajuste, em janeiro, para R\$ 3,30. E que em SP ele seria menor do que a inflação. Mas só houve o pedido de diálogo [dos manifestantes] no dia em que eu e o governador Geraldo Alckmin estávamos em Paris, por causa da Expo 2020. O município e o Estado foram pegos no contrapé por atenderem ao pedido do governo federal para não dar o aumento antes, aguardando as desonerações. E ficaram isoladamente como aqueles que estavam aumentando.

Por que relutou tanto em baixar a tarifa?

Porque isso vai ter consequências de médio e longo prazo imprevisíveis. Não estamos falando só de 2013.

Será impossível um aumento em 2014?

Não vou nem discutir esse tema. Tenho que fechar as contas de 2013. Meu longo prazo é dezembro.

A prefeitura quebrou?

Você quer uma palavra [rindo]... A posição da prefeitura é de insolvente.

São R\$ 200 milhões para cobrir a baixa da tarifa em 2013?

Que nós não tínhamos. Mas tem uma boa notícia: o sucesso do programa de parcelamento do governo estadual, que aumenta o repasse do ICMS para o município na ordem de R\$ 276 milhões. A repactuação da dívida com a União, no Congresso, se tornou premente. SP é hoje a cidade mais debilitada do país em função da dívida e dos precatórios, questão em aberto [no STF], com repercussões desastrosas sobre as finanças municipais.

E para investir?

Temos cerca de R\$ 3 bilhões. Que para SP não é nada. Precisaríamos de R\$ 6 [bilhões] para chegar em um patamar mínimo. Por isso fiz questão de deixar claro as consequências desse gesto [de baixar a tarifa]. Em termos per capita, SP investe menos da metade do Rio. Os contratos de terceirização tiveram aumento vertiginoso, muito acima da inflação nos últimos três anos. Fizemos um enorme esforço e conseguimos economizar R\$ 500 milhões. Para fechar a conta.

E quando decidiu baixar?

Foram três fatores. A decisão da prefeitura do Rio, que estava com uma mega manifestação prevista para o dia seguinte, a decisão do governo [de não votar novas desonerações] e relatos sobre a segurança pública [em SP]. Não havia resposta das forças de segurança em relação aos saques e depredações. Diante das circunstâncias e dos riscos para a população, eu tomei a decisão. Para mim, o mais importante é que não terei falseado para a população as consequências. Nunca faltei com a verdade nem soneguei informação. Eu vou para onde me convidarem, rádio, televisão. É claro que, quando você convoca manifestação, aparecem 50 mil. Quando fala "vamos discutir", 40 mil somem.

Sempre se discute desonerações. Mas pouco se fala das empresas. Elas lucram muito? São máfias, cartéis?

Se há uma coisa que eu não temo é a abertura de qualquer dado ou documento sobre isso. Nós cancelamos a licitação [para renovar os contratos com as companhias de ônibus, por 15 anos e R\$ 46 bilhões]. Entendemos que eles vão superar três, quatro administrações. Neste contexto, não podem ser feitos sem muita participação.

Mas iam ser feitos caso não houvesse passeatas.

Eles estavam em consulta pública. O contexto mudou. Ninguém pediu para... Ninguém participa dessas coisas. Fizemos reunião com milhares de pessoas nas 31 subprefeituras para discutir um programa de metas. Das 9.000 propostas que recebemos, três referem-se ao preço da passagem. Três! E nenhuma pedia o passe livre.

Essa é uma pauta de estudantes de classe média?

Do meu ponto de vista, uma pauta de todos é a da qualidade. Por isso que o edital [para a renovação dos contratos com as empresas] alterava regras como o pagamento por passageiro. Hoje, não importa se o ônibus carrega 50 ou 150 pessoas. E muitas vezes o empresário prefere pagar multa do que botar o ônibus para circular.

Mas o cancelamento só ocorreu depois das manifestações.

Mas é evidente que tenho que usar isso. Não posso desperdiçar a energia das ruas. Agora, assumi em janeiro, com contratos vencendo. Se não faço a licitação, sou acusado de forçar um contrato de emergência [sem concorrência] e favorecer empresário. Se faço, sou açodado. Você não escapa. Hoje vocês publicam notícia de que a CPI [da Câmara, que investigará o sistema de transporte] é governista. Ela não é governista nem deixa de ser. Todos os partidos têm o direito de participar. E ainda, desculpa, têm o disparate de dizer que são ínfimas as chances de [a CPI] me atingir. Como assim? Qual é a acusação?

A CPI vai ser transparente?

É problema da Câmara. A minha administração vai ser. Considero quase um desrespeito dizer "são ínfimas as chances..." Estamos chegando, abrindo números, discutindo com a sociedade. Do que estamos falando, afinal?

Com a criação das faixas para ônibus, pode haver conflito com os usuários de carro.

A faixa exclusiva é uma decisão política, é comprar briga [com carro]. Uma decisão difícil de ser tomada. Tanto é que ninguém tomou. Estou cumprindo exatamente o meu programa de governo. Porque agora também virou pecado cumprir compromisso de campanha.

E o pedágio urbano?

Não simpatizo. Operacionalmente, é complexo. A chance de injustiça é grande. O transporte como um todo financiar o transporte público me parece mais engenhoso. É até paradigmático, até como política pública tipo exportação. Padrão Fifa, como se diz.

O plano de implantação do bilhete único foi afetado?

Nós temos aí o desafio de fazer essa transição na ponta do dedo. Você gerou uma instabilidade em um sistema que é muito frágil, muito delicado. Tem insegurança.

Não há uma certa letargia do poder público, que foi chacoalhada pelas passeatas?

Sinceramente, a energia da rua é boa, se bem canalizada, bem utilizada. Mas a administração pública tem que cumprir o seu dever com ou sem passeata. Estávamos cumprindo sem, e vamos continuar cumprindo com. O corte do meio bilhão de reais em contratos não dependeu de passeata para ser feito.

O PT está perdendo o bonde dos movimentos sociais?

Não tem hipótese. O PT é a maior e mais eficiente máquina de organização popular já criada no país. Quem não quiser ver isso vai se surpreender. Em nenhum tempo houve isso. E isso não vai se perder. O PT é um patrimônio da democracia. Nasceu da base, do cortador de cana, do metalúrgico. Agora, outros movimentos surgirão.

A inflação pode estar levando as pessoas para as ruas?

A conjuntura pode afetar. O PT tem entre 25 e 30% de preferência partidária. Se nós somarmos com outras legendas, chega a 50% do eleitorado. Ou seja, tem um povo aí que talvez não esteja conseguindo fazer sua voz chegar nesses canais institucionais. Tem um povo apartidário na rua, e curiosamente é de esquerda e de direita.

O país não tem tradição de manifestações.

Em Caracas [Venezuela], em Buenos Aires [Argentina], Santa Cruz de La Sierra [Bolívia], em Quito [Equador] é normal ter manifestação. E aqui, não. Parece que agora você vai ter uma democracia de pessoas querendo se manifestar. Contra a intolerância, o preconceito, a Copa, as tarifas. Também nos países ricos o povo não sai da rua, até com pautas conservadoras, contra a união civil de pessoas do mesmo sexo. Não precisa estar em crise. A pergunta que cabia era: por que o Brasil é o único país do mundo que não se manifesta?

Talvez por isso tanto susto.

Tem uma disputa. E tem gente que, conhecendo o perfil conservador da sociedade brasileira, teme pelo pior.

E o senhor?

Não. As bandeiras conservadoras já vinham se expressando no Brasil, sobretudo nas eleições. E agora elas ganharam expressão fora do período eleitoral, o que é uma novidade. Nas manifestações das Diretas Já [em 1984] ou pelo impeachment [de Fernando Collor, em 1992], você tinha uma pauta homogênea e progressista.

E agora?

E eu diria que isso não está definido em relação, hoje, à agenda da rua. Se ela é progressista. Ou se revelará contradições e tensões que podem desaguar em retrocessos. É uma preocupação razoável de pensadores que têm distanciamento para analisar. O Brasil vai ser um país mais provinciano, mais atrasado, mais conservador, fechado? Ou é uma energia que vai ajudá-lo a se abrir mais? A sociedade abriu a discussão. E, quando isso ocorre, você não sabe o fim da história. Não tem segurança sobre o fim do processo.

E o ex-presidente Lula?

Lula é muito diferenciado. Ele se sente sempre estimulado por esse tipo de ebulição. Não se deixa acuar.

07/07/2013

Reportagem

Folha debate cobertura de protestos de rua

Jornal envolveu 185 profissionais no relato de manifestações; experiência foi tema de seminário interno na quinta

Entre 7 e 30 de junho, foram publicadas 198 páginas cuja reportagem principal era sobre as passeatas

DE SÃO PAULO

Numa das mais extensivas coberturas de sua história, a **Folha** envolveu 185 jornalistas para trabalhar no relato dos protestos de rua pelo país durante o mês de junho.

Foram montadas equipes especiais e quase todas as unidades editoriais do jornal, em São Paulo e em outras cidades, cederam profissionais para reforçar a operação.

Depois dessa experiência, os profissionais da Redação da **Folha** participaram na última quinta do seminário "País em protesto" análise da cobertura". O objetivo foi debater aspectos negativos e positivos da cobertura jornalística dos protestos de rua.

Tradicionalmente, a **Folha** organiza seminários internos como esse para avaliar coberturas de grande impacto ou que tenham provocado controvérsia. Encontros anteriores debateram o caso escola Base, cujos donos foram acusados em 1994 de terem abusado sexualmente de alunos, e o caso de Paula Oliveira, a brasileira que em 2009 simulou ter sofrido um ataque de neonazistas na Suíça.

O editor de Cotidiano, Alan Gripp, relator do encontro da semana passada, detalhou como foi a rotina dos profissionais, os procedimentos adotados e as dificuldades para produzir o noticiário sobre um fenômeno raro no país.

Gripp lembrou que um dos organizadores iniciais dos atos, o Movimento Passe Livre, já havia estado nas páginas da **Folha**: "Desde 2004, o MPL foi citado ao menos dez vezes no noticiário do jornal".

Líderes do movimento publicaram dois artigos na seção "Tendências / Debates" da **Folha**, o primeiro em 2011 e o segundo em 13 de junho, dia em que a Polícia Militar reprimiu com violência uma manifestação em São Paulo.

REDES SOCIAIS

Um dos tópicos mais debatidos no seminário foi a capacidade que os jornalistas precisam desenvolver para captar o que se passa nas redes sociais na internet -- "ecossistema" no qual brotaram os atos e de onde vieram as convocações para a ida às ruas.

Para Gripp, a dificuldade de captar o início do movimento com clareza foi um dos obstáculos. Ele aponta o que teria sido o "principal acerto" da **Folha** na cobertura:

"Foi o tom assertivo, ao contrário da concorrência, em apontar a reação violenta da polícia ao terceiro protesto de São Paulo, na edição de 14 de junho. A **Folha** foi acusada de ter mudado de tom porque repórteres do jornal foram feridos, mas foi muito mais: o que nossos repórteres constataram é que até quem não participava nem cobria os protestos foi vítima da violência policial."

De 7 a 30 de junho, a **Folha** publicou 198 páginas cujas manchete principal era relacionada às manifestações. O concorrente local, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou 159 páginas dentro dessa mesma definição. No Rio, "O Globo" teve 158 páginas.

Durante momentos mais dramáticos, uma dificuldade enfrentada por repórteres foi o envio de vídeos para o site da **Folha**. A conexão à internet ficava congestionada. "Fomos procurar alternativas para que as imagens pudessem ser mostradas de forma rápida", disse Gripp.

Na avaliação do editor-executivo da **Folha**, Sérgio Dávila, "uma das conclusões do seminário é que a cobertura da **Folha** deve balancear melhor a atenção dada a assuntos de política palaciana e aquela dada ao que se passa nos novos movimentos sociais".

MOVIMENTO DAS RUAS

Sobre a dificuldade em ter detectado o movimento das ruas mais rapidamente, o secretário de Redação Rogério Gentile afirmou que esse é um desafio antigo do jornais.

"Só entendemos o efeito real do Bolsa Família quando o então presidente Lula já estava quase reeleito em 2006. Em 2012, a queda de Celso Russomanno na disputa pela Prefeitura de São Paulo só foi mesmo vista quando ele já estava liquidado", disse.

Para Gentile, "as redes sociais têm força de mobilização". "Mas não podemos subestimar a força do jornalismo. Até aquele grande primeiro protesto, o movimento tinha conseguido reunir 1.000 pessoas. Só depois de a imprensa mostrar a violência exacerbada da polícia a população se indignou e foi para as ruas".

Dávila perguntou se "isso tudo era previsível". E, se fosse, se o jornal faria "um caderno sobre as manifestações que vem por aí?".

O colunista da **Folha** Marcelo Coelho disse ter considerado a cobertura dos protestos "muito bonita, bem feita".

Apontou, entretanto, alguns problemas, entre eles, o fato de o jornal às vezes ficar "um pouco preso a planilhas e tabelas" e a declarações oficiais sobre custos e receitas públicas. "Não digo que a reivindicação do passe livre esteja correta, mas falta um pouco ceticismo e a desconfiança quando eles [governo] falam que não dá."

Ainda assim, uma das conclusões do seminário foi que a **Folha** precisa modular melhor a energia que gasta cobrindo o establishment e a política tradicional e quanto passará a investir para conhecer melhor o que se passa na internet. "Talvez seja mais importante cobrir mais as redes sociais e menos o PR ou outros partidos", resumiu o repórter Mario Cesar Carvalho.

08/07/2013

Entrevista

Objetivo de manifestações é nova forma de democracia

Sociólogo italiano critica presidente Dilma e diz que protestos voltarão em "novas ondas e novas formas"

BERNARDO MELLO FRANCO
DE LONDRES

Desde que a Primavera Árabe estourou, em 2011, o sociólogo e jornalista italiano Paolo Gerbaudo viaja o mundo para estudar protestos que tomaram as ruas de grandes cidades da África, da Europa e dos Estados Unidos.

Professor da universidade britânica King's College, ele se tornou um dos principais pesquisadores da onda de manifestações organizadas nas redes sociais, que chegou ao Brasil com força em junho.

No livro "Tweets and the streets" (Pluto, 2012; sem tradução em português), Gerbaudo aponta semelhanças entre movimentos de diferentes países como o Occupy Wall Street, nos EUA, e os indignados, na Espanha.

Convidado a falar sobre o caso brasileiro, Gerbaudo diz que os manifestantes cobram um novo tipo de democracia, com mais transparência e participação popular, e que os partidos que não souberem se renovar podem caminhar para a extinção.

Ele critica a resposta da presidente Dilma Rousseff às bandeiras do movimento e prevê que os protestos, que esfriaram nos últimos dias, voltarão em "novas ondas e novas formas". Leia a seguir alguns trechos da entrevista:

Folha - O sr. estudou manifestações impulsionadas pelas redes sociais em países como Egito, Espanha e Turquia. O que elas têm em comum com os protestos no Brasil?

Paolo Gerbaudo - Da Primavera Árabe ao Occupy Wall Street, os ativistas se definem como integrantes de movimentos de praças. Eles veem praças e ruas como pontos de encontro da sociedade para protestar contra as instituições. O caso brasileiro é mais complexo, porque envolveu várias cidades, mas também houve a ocupação de lugares que simbolizam a nação, como o Congresso.

A noção de povo é a chave para entender esses novos movimentos. A alegação básica deles é que representam todo o povo, e não apenas uma classe, na luta contra um Estado visto como corrupto. Isso os diferencia dos movimentos antiglobalização, que reuniam minorias e tinham um espírito global.

Esses novos movimentos são nacionais, dirigem suas reivindicações a cada país. Isso fica claro numa frase que foi muito usada nos cartazes brasileiros: "Desculpe o transtorno, estamos construindo um novo país."

Redes sociais como o Facebook têm papel importante nessas mobilizações. O que elas mudam no jogo político?

A ascensão das redes sociais permite que a sociedade se organize de forma mais difusa, especialmente as classes médias emergentes e a juventude das cidades. Isso desorientou os políticos e os velhos partidos, que estavam acostumados a buscar consensos através dos meios de comunicação de massa.

Os partidos têm pouco a fazer diante das novas formas de comunicação mediadas pelas redes sociais. A não ser que mudem completamente as suas práticas, baseadas no velho sistema de quadros e caciques locais, e se abram para novas formas de participação popular.

No Brasil, militantes com bandeiras de partidos foram expulsos de vários protestos.

Isso é muito comum nesses movimentos, porque os manifestantes querem ser vistos como uma onda única. No Egito, os militantes de partidos também foram impedidos de mostrar suas bandeiras na praça. Só permitiam o uso da bandeira nacional.

Como eles dizem representar toda a nação, são contra todos os elementos que podem dividir as pessoas na luta contra um inimigo comum, representado pelo aparato repressivo do Estado.

Em geral, eles dizem que não há ideia de esquerda ou de direita, o que existe são ideias boas e ideias ruins. Sonham com uma política sem partidos políticos.

Qual é o significado disso?

É um discurso populista. Isso emerge em alguns momentos na história que Antonio Gramsci [1891-1937] chamava de "interregnum". É quando um sistema de poder está em colapso, mas seu sucessor ainda não se formou.

Nesses momentos, aparecem o que Gramsci chamava de sintomas mórbidos. Fenômenos estranhos, criaturas monstruosas e difíceis de serem decifradas. Hoje, as criaturas estranhas são esses movimentos populares.

Para eles, a classe política rompeu o contrato social que sustenta o sistema representativo. O acordo era: Vocês, o povo, nos concedem o poder. Em troca, nós atendemos às suas demandas'. Agora, as pessoas percebem que a classe política só está atendendo à sua própria agenda.

Há um problema fundamental na democracia representativa como ela existe hoje. Ou os partidos encontram um caminho para reconquistar legitimidade, ou vão ser superados por novos partidos sintonizados com as demandas da sociedade pós-industrial de hoje.

A crítica à partidocracia é legítima. Por outro lado, às vezes parece haver nos movimentos uma crença quase religiosa de que é preciso eliminar todas as mediações.

Em que sentido?

Eles parecem ter a ilusão de que a solução é eliminar os partidos, os sindicatos. Essa ideia em si é muito problemática e ingênua. É uma ideia religiosa, absolutista, que compete com a democracia. A política é uma obra coletiva, não um agregado de indivíduos. São blocos diferentes que interagem. Para isso, você precisa dos partidos. Eles sempre existiram e sempre vão existir.

Este sentimento contra os partidos pode ameaçar a democracia como a conhecemos?

Existe um risco. Os momentos de "interregnum" oferecem bifurcações. Estamos num momento de crise sistêmica mundial. O Brasil está melhor que outros países, mas também está desacelerando. Nesses momentos, podem emergir forças progressistas ou reacionárias. É preciso ver se a esquerda vai saber interpretar o espírito do tempo ou se vai adotar uma postura defensiva.

Como os protestos afetam a esquerda brasileira, que está há 10 anos no poder com o PT?

Em tese, o que está sendo cobrado no Brasil não precisaria estar sendo cobrado de um governo do PT. As pessoas estão pedindo escolas, hospitais. Para um governo de esquerda, é constrangedor estar sendo pressionado com pedidos de coisas que ele já devia estar fazendo.

O aumento da tarifa dos ônibus não foi tão grande, mas se tornou um símbolo de outros problemas. Foi a gota que fez o copo transbordar.

Há outro problema. Os governos do PT proporcionaram muitos avanços na área social, mas os casos de corrupção, clientelismo e compra de votos minaram a legitimidade moral do partido.

Também há um problema de representação. O PT foi criado para representar os metalúrgicos das fábricas. Nós agora vivemos numa sociedade pós-industrial. Há uma nova classe média cheia de designers e trabalhadores criativos, por exemplo, e eles não têm uma rede de proteção que os atenda. Há uma mudança histórica, mas os partidos e sindicatos tradicionais não têm demonstrado capacidade para entendê-la.

Na tentativa de responder aos protestos, a presidente Dilma Rousseff já propôs uma constituinte exclusiva e um plebiscito para fazer a chamada reforma política. Isso é suficiente?

Eu duvido que as promessas de Dilma sejam suficientes para acalmar a ira popular. Ela pode atender a pedidos específicos, mas a essência das manifestações vai além de demandas concretas. A luta principal é por uma nova forma de democracia, na qual os partidos não poderão mais lidar com os cidadãos apenas de quatro em quatro anos.

A solução para isso seria uma mudança constitucional ampla, bem além da que Dilma propõe. É preciso abrir espaço a novas formas de controle popular sobre os políticos, mais transparência contra a corrupção, novos instrumentos de democracia direta e consulta popular.

As manifestações no Brasil esfriaram nos últimos dias. Com base no que aconteceu em outros países, elas estão fadadas a desaparecer?

Devido à ausência de uma estrutura formal, esses novos movimentos populares tendem a sumir com a mesma velocidade com que aparecem. É impossível manter uma mobilização de massa a longo prazo, como se viu nos indignados da Espanha ou no Occupy Wall Street.

Mas, assim como aconteceu lá, é de se apostar que o outono brasileiro vai ressurgir em novas ondas e novas formas. Estamos vivendo tempos revolucionários, em que as pessoas voltaram a sentir que podem mudar o mundo. Veja o que está acontecendo agora no Egito.